

Colóquio Internacional: Enunciação e Argumentação

A Semântica Argumentativa em diálogo

Dias 07, 08 e 09 de outubro de 2021 | O N L I N E

L'ECOLE
DES HAUTES
ETUDES
SCIENCES
SOCIALES


UPF
UNIVERSIDADE
DE PASSO FUNDO


UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA



Colloque International : Énonciation et Argumentation

La Sémantique Argumentative en dialogue

Les 07, 08 e 09 Octobre 2021 | E N L I G N E

www.colenarg.paginas.ufsc.br

L'ECOLE
DES HAUTES
ETUDES EN
SCIENCES
SOCIALES


UPF
UNIVERSIDADE
DE PASSO FUNDO


UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA



A Semântica Argumentativa em diálogo La Sémantique Argumentative en dialogue

Colóquio Internacional Enunciação e Argumentação
Colloque International Énonciation et Argumentation

Caderno de Resumos Cahier de Résumés

Florianópolis – Santa Catarina – Brasil

Passo Fundo – Rio Grande do Sul – Brasil

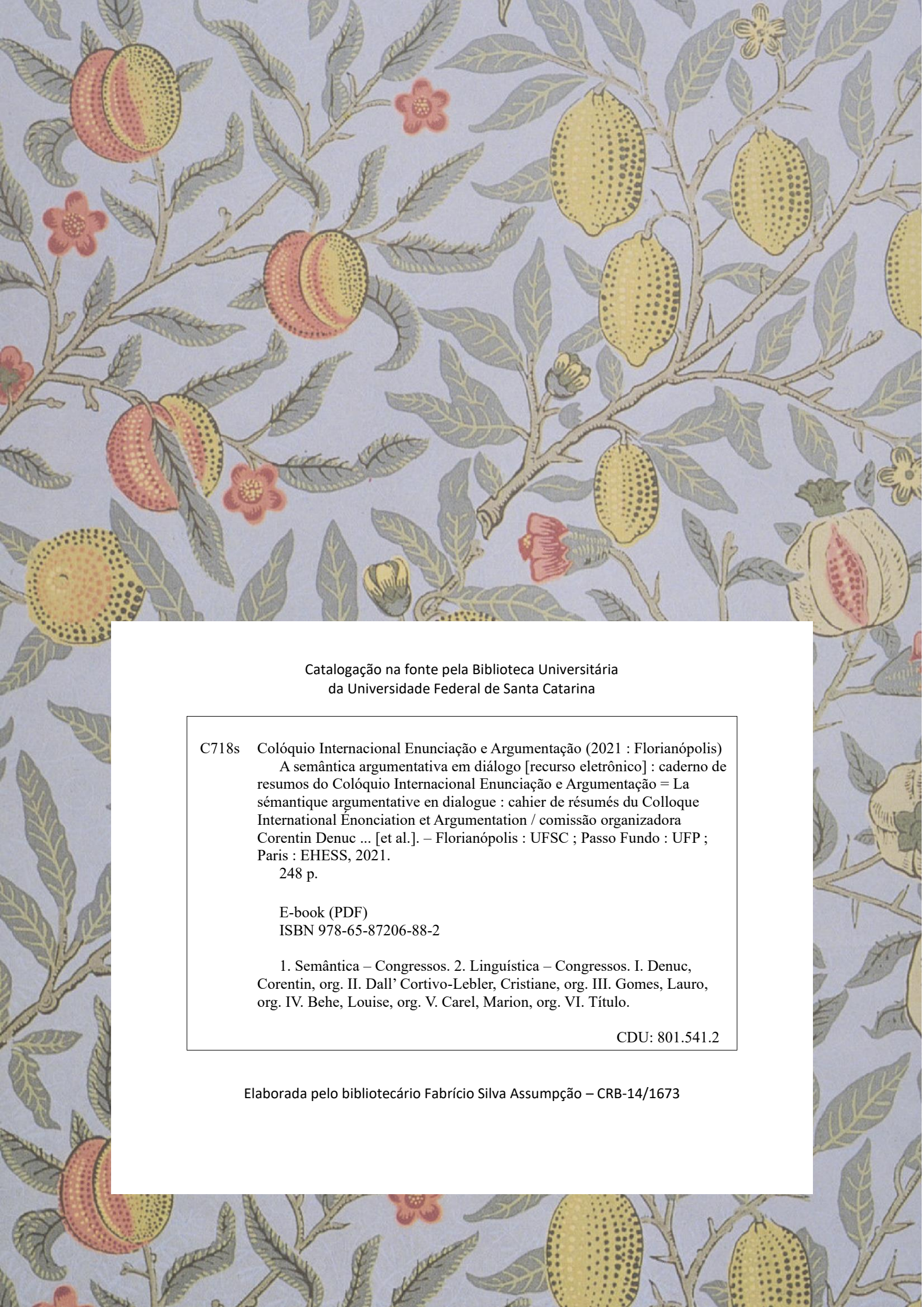
Paris – França

Florianópolis – Santa Catarina – Brésil

Passo Fundo – Rio Grande do Sul – Brésil

Paris – France

2021



Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária
da Universidade Federal de Santa Catarina

C718s Colóquio Internacional Enunciação e Argumentação (2021 : Florianópolis)
A semântica argumentativa em diálogo [recurso eletrônico] : caderno de resumos do Colóquio Internacional Enunciação e Argumentação = La sémantique argumentative en dialogue : cahier de résumés du Colloque International Enonciation et Argumentation / comissão organizadora Corentin Denuc ... [et al.]. – Florianópolis : UFSC ; Passo Fundo : UFP ; Paris : EHESS, 2021.
248 p.

E-book (PDF)
ISBN 978-65-87206-88-2

1. Semântica – Congressos. 2. Linguística – Congressos. I. Denuc, Corentin, org. II. Dall' Cortivo-Lebler, Cristiane, org. III. Gomes, Lauro, org. IV. Behe, Louise, org. V. Carel, Marion, org. VI. Título.

CDU: 801.541.2

Elaborada pelo bibliotecário Fabrício Silva Assumpção – CRB-14/1673



APRESENTAÇÃO

O Colóquio Enunciação e Argumentação, organizado pelos grupos de pesquisa em semântica argumentativa da Universidade de Passo Fundo, da Universidade Federal de Santa Catarina e da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais, acontecerá nos dias 7, 8 e 9 de outubro de 2021. As reflexões sobre a enunciação e a argumentação estão reunidas nas obras de Anscombre e Ducrot sobre a polifonia e a argumentação na língua, mas, durante este colóquio, trata-se de instalar um diálogo entre as diferentes abordagens desses dois temas no interior e para além da semântica argumentativa. Realizar-se-á a distância e girará em torno de conferências e grupos de trabalho que acontecerão em português ou em francês. Você encontrará neste site as diversas informações relativas a este colóquio nos dois idiomas.



PRÉSENTATION

Le colloque Énonciation et Argumentation, organisé par les groupes de recherche en sémantique argumentative de l'Université de Passo Fundo, de l'Université Fédérale de Santa Catarina et de l'École des Hautes Etudes en Sciences Sociales, se tiendra les 7, 8 et 9 octobre 2021. Les réflexions sur l'énonciation et l'argumentation ont été réunies dans les travaux d'Anscombe et Ducrot sur la polyphonie et l'argumentation dans la langue, mais durant ce colloque, il s'agirait d'installer un dialogue entre les différentes approches de ces deux thèmes à l'intérieur et au-delà de la sémantique argumentative. Il aura lieu en distanciel et s'articulera autour de conférences et de groupes de travail qui se dérouleront en portugais ou en français. Vous trouverez sur ce site les différentes informations relatives à ce colloque dans les deux langues.

COMISSÃO ORGANIZADORA


Corentin Denuc – Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais (EHESS) – França
Cristiane Dall’ Cortivo Lebler – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) – Brasil
Lauro Gomes – Universidade de Passo Fundo (UPF) – Brasil
Louise Behe – Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais (EHESS) – França
Marion Carel – Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais (EHESS) – França

COMITÉ D’ORGANISATION

Louise Behe – École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS) – France
Marion Carel – École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS) – France
Cristiane Dall’ Cortivo Lebler – Université Fédérale de Santa Catarina (UFSC) – Brésil
Corentin Denuc – École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS) – France
Lauro Gomes – Université de Passo Fundo (UPF) – Brésil

COMITÊ CIENTÍFICO

Alfredo Lescano – Universidade de Toulouse
Carlos Vogt – Universidade de Campinas (UNICAMP)
Corentin Denuc – Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais (EHESS)
Cristiane Dall’ Cortivo Lebler – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
Cristina Altman – Universidade de São Paulo (USP)
Diana Luz Pessoa de Barros – Universidade Presbiteriana Mackenzie (MACKENZIE)
Eduardo Guimarães – Universidade de Campinas (UNICAMP)
Kohei Kida – Universidade Keio
Lauro Gomes – Universidade de Passo Fundo (UPF)
Louise Behe – Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais (EHESS)
Maria Marta García Negroni – Universidade de San Andrés (UdeSA)
Márcia Romero – Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)



Marion Carel – Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais (EHESS)
Sonia Gomez Jordana – Universidade Complutense de Madrid
Valdir Do Nascimento Flores – Universidade federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

COMITÉ SCIENTIFIQUE

Cristina Altman – Université de São Paulo (USP)
Louise Behe – École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS)
Marion Carel – École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS)
Cristiane Dall’ Cortivo Lebler – Université Fédérale de Santa Catarina (UFSC)
Corentin Denuc – École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS)
Valdir Do Nascimento Flores – Université Fédérale du Rio Grande do Sul (UFRGS)
Maria Marta García Negroni – Université de San Andrés (UdeSA)
Lauro Gomes – Université de Passo Fundo (UPF)
Sonia Gomez Jordana – Université Complutense de Madrid
Eduardo Guimarães – Université de Campinas (UNICAMP)
Kohei Kida – Université Keio
Alfredo Lescano – Université de Toulouse
Diana Luz Pessoa de Barros – Université Presbiteriana Mackenzie (MACKENZIE)
Márcia Romero – Université Fédérale de São Paulo (UNIFESP)
Carlos Vogt – Université de Campinas (UNICAMP)

PROMOÇÃO E REALIZAÇÃO:

Grupos de Pesquisa em Semântica Argumentativa

Universidade Federal de Santa Catarina – Florianópolis – Santa Catarina/Brasil
Universidade de Passo Fundo – Passo Fundo – Rio Grande do Sul/Brasil
Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais – Paris/França



PROMOTION ET REALISATION

Groupes de Recherche en Sémantique Argumentative

Université Fédérale de Santa Catarina Florianópolis – Santa Catarina/Brésil

Université de Passo Fundo – Passo Fundo – Rio Grande do Sul/Brésil

École des Hautes Études en Sciences Sociales – Paris/France





COLÓQUIO INTERNACIONAL ENUNCIÇÃO E ARGUMENTAÇÃO
COLLOQUE INTERNACIONAL ÉNONCIATION ET ARGUMENTATION

A Semântica Argumentativa em diálogo
La Sémantique Argumentative en dialogue

SUMÁRIO

Programação Geral

Resumos – Conferências

Resumos – Mesa-Redonda

Resumos – Grupos De Trabalho



7, 8 e 9 de outubro de 2021
Les 7, 8 et 9 Octobre 2021

www.colenarg.paginas.ufsc.br



COLÓQUIO INTERNACIONAL ENUNCIÇÃO E ARGUMENTAÇÃO
COLLOQUE INTERNACIONAL ÉNONCIATION ET ARGUMENTATION

A Semântica Argumentativa em diálogo
La Sémantique Argumentative en dialogue

SOMMAIRE

Programme

Résumés – Conférences

Résumés – Panel

Résumés – Groupes De Travail



7, 8 e 9 de outubro de 2021
Les 7, 8 et 9 Octobre 2021

www.colenarg.paginas.ufsc.br

PROGRAMAÇÃO GERAL

07 DE OUTUBRO/ 07 OCTOBRE

8h30 (Brasil)/13h30 (France) – Abertura/Ouverture

Louise Behe (École des Hautes Études en Sciences Sociales – France)

Marion Carel (École des Hautes Études en Sciences Sociales – France)

Cristiane Dall' Cortivo Lebler (Universidade Federal de Santa Catarina – Brasil)

Corentin Denuc (École des Hautes Études en Sciences Sociales – France)

Lauro Gomes (Universidade de Passo Fundo – Brasil)

9h (Brasil)/14h (France) – Argumenter en poésie

Michèle Monte (Université de Toulon – France)

Présentation : Marion Carel

9h (Brasil)/14h (France) – Esboço de uma Pragmática das representações

Carlos Vogt (Universidade Estadual de Campinas – Brasil)

Mediadora : Sheila Elias de Oliveira

10h (Brasil)/15h (France) – Pour une extension du domaine de la sémantique argumentative

Alfredo Lescano (Université de Toulouse – France)

Présentation : Marion Carel

10h (Brasil)/15h (France) – Argumentação e Acontecimento

Eduardo Guimarães (Universidade de Campinas – Brasil)

Mediador : Luiz Francisco Dias

11h – 13h30 (Brasil): Intervalo

16h – 17h30 (France): Pause

12h30-15h (Brasil)/17h30-20h (France): Panel présidé par Corinne Rossari

12h30-15h (Brasil)/17h30-20h (France) : Groupes de travail francophones

13h30-16h (Brasil)/18h30-21h (France) : Grupos de trabalho brasileiros

COLÓQUIO INTERNACIONAL ENUNCIÇÃO E ARGUMENTAÇÃO COLLOQUE INTERNACIONAL ÉNONCIATION ET ARGUMENTATION

A Semântica Argumentativa em diálogo
La Sémantique Argumentative en dialogue

08 DE OUTUBRO/08 OCTOBRE

5h-7h30 (Brasil)/10h – 12h30 (France) : Groupes de travail francophones

9h (Brasil)/14h (France) – L'argumentation, entre langue et texte

Kohei Kida (Université Keio – Japon)

Présentation : Dinah Ribard

9h (Brasil)/14h (France) – A prospecção de novas interpretações de Benveniste: a enunciação

Valdir do Nascimento Flores (Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Brasil)

Mediadora: Claudia Stumpf Oudeste Toldo

10h (Brasil)/15h (France) – A propos des causes dialogico-argumentatives de l'énonciation. Le cas de énonciations miratives avec l'imparfait et le plus-que-parfait de surprise en espagnol

María Marta García Negroni (Universidad de Buenos Aires – Argentina)

Présentation : Dinah Ribard

10h (Brasil)/15h (France) – Atividade de linguagem, invariância e dinâmica criadora

Márcia Romero (Universidade Federal de São Paulo – Brasil)

Mediadora : Elisa Marchioro Stumpf

11h – 13h30 (Brasil): Intervalo

16h – 17h30 (France) : Pause

13h30 – 15h30 (Brasil)/18h30-20h30 (France) : Mesa redonda – Texto e argumentação

Mônica Cavalcante (Universidade Federal do Ceará – Brasil)

Ana Lúcia Tinoco Cabral (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – Brasil)

Leonor Werneck dos Santos (Universidade Federal do Rio de Janeiro – Brasil)

Mediadores: Cristiane Dall' Cortivo Lebler e Lauro Gomes

16h-18h30 (Brasil)/21h – 23h30 (France) : Grupos de trabalho brasileiros

7, 8 e 9 de outubro de 2021
Les 7, 8 et 9 Octobre 2021

www.colenarg.paginas.ufsc.br

COLÓQUIO INTERNACIONAL ENUNCIÇÃO E ARGUMENTAÇÃO COLLOQUE INTERNACIONAL ÉNONCIATION ET ARGUMENTATION

A Semântica Argumentativa em diálogo
La Sémantique Argumentative en dialogue

09 DE OUTUBRO/ 09 OCTOBRE

9h (Brasil)/14h (France) – La perception n’est pas toujours sous nos yeux : étude énonciative et diachronique du marqueur voyons voir

Sonia Gomez Jordana (Universidad Complutense de Madrid – Espagne)

Présentation : Elisabeth Miche

9h (Brasil)/14h (France) – Semiótica e enunciação

Diana Luz Pessoa de Barros (Universidade Presbiterana Mackenzie)

Mediador: José Gaston Hilgert

10h (Brasil)/15h (France) – L’homme de paille : (re)formulation du discours adverse, disqualification, évaluation

Marianne Doury (Université de Paris – France)

Présentation : Elisabeth Miche

10h (Brasil)/15h (France) – O viés do historiógrafo: enunciado e enunciação em Historiografia Linguística

Cristina Altman (Universidade de São Paulo – Brasil)

Mediador : Ronaldo de Oliveira Batista

11h – 13h30 (Brasil): Intervalo

16h – 17h30 (France) : Pause

12h30-15h (Brasil)/17h30 – 20h (France) : Groupes de travail francophones:

13h30-16h (Brasil)/18h30 – 21h (France): Grupos de trabalho brasileiros

16h (Brasil) : Encerramento do evento no Brasil

20h (France) : Clôture de l’événement en France

7, 8 e 9 de outubro de 2021
Les 7, 8 et 9 Octobre 2021

www.colenarg.paginas.ufsc.br



COLÓQUIO INTERNACIONAL ENUNCIÇÃO E ARGUMENTAÇÃO
COLLOQUE INTERNACIONAL ÉNONCIATION ET ARGUMENTATION

A Semântica Argumentativa em diálogo
La Sémantique Argumentative en dialogue

RESUMOS – CONFERÊNCIAS
RÉSUMÉS – CONFÉRENCES



7, 8 e 9 de outubro de 2021
Les 7, 8 et 9 Octobre 2021

www.colenarg.paginas.ufsc.br

CONFERÊNCIA

ARGUMENTAÇÃO E ACONTECIMENTO

Eduardo Guimarães

Resumo: O objetivo deste texto é apresentar uma reflexão sobre a argumentação considerada como significação, a partir da mudança de terreno efetuada por Ducrot em 1973 (*Les échelles argumentatives*). Tomando a enunciação como acontecimento, caracterizado por uma temporalidade de sentidos (um passado, um presente, um futuro), e a cena enunciativa como constituída por uma pluralidade de lugares de enunciação, defino a argumentação como a sustentação, na alocução, pelo alocutor, para o alocutário, de uma relação argumento – conclusão. Definir a enunciação como acontecimento leva, de um lado, a se considerar a linguagem no plano do vivido, fora do dilema posto pelo mundo platônica aristotélico (a racionalidade de um lado e a imperfeição do vivido de outro), e de outro, a se considerar, da minha perspectiva, que os enunciados são enunciados somente enquanto integrados a um texto, o que coloca a questão da argumentação como uma relação de enunciados relativamente ao texto. Afasta-se assim das posições lógicas e retóricas da persuasão ou do convencimento. Para esta reflexão nos valem de uma análise de um trecho do capítulo, “Do gentio”, de Gandavo, para apresentar a cena enunciativa como uma relação de lugares de enunciação cuja dinâmica interna entre o Locutor, alocutário e enunciador significa por relações de alocução que a cena significa, expressamente ou não. Com isto é possível analisar a natureza política da argumentação, como litígio enunciativo.

CONFERÊNCIA

A PROSPECÇÃO DE NOVAS INTERPRETAÇÕES DE BENVENISTE:
A ENUNCIÇÃO

Valdir do Nascimento Flores

Resumo: Pretendo mostrar nesta palestra que a teoria da linguagem desenvolvida por Benveniste, embora inclua a teoria da enunciação, não se limita a esta. Pode-se dizer que uma implica a outra, no entanto uma não pode ser reduzida à outra. A abordagem da enunciação cobre uma questão geral (a dimensão de uma verdadeira teoria da linguagem) e uma questão específica relativa às formas linguísticas (verbos, pronomes, advérbios, etc.). Entretanto, essa abordagem não pode ser reduzida a uma linguística de formas. Restringir a abordagem enunciativa às análises dos índices da língua arrisca reduzir as perspectivas abertas por uma teoria geral da linguagem.

CONFERÊNCIA

ATIVIDADE DE LINGUAGEM, INVARIÂNCIA E DINÂMICA
CRIADORA

Márcia Romero

Resumo A pesquisa de Antoine Culioli desenvolve-se em torno de duas questões fundamentais, muitas vezes retomadas em seus diferentes trabalhos e que são motivadas por seu interesse pela atividade de linguagem como atividade simbólica: como articular linguagem e línguas; como tratar da relação entre a materialidade do texto e a imaterialidade da atividade significativa dos sujeitos. Essas questões evidenciam a complexidade de teorizar a variação constitutiva das línguas e, no que me interessa mais precisamente, a variação relacionada aos empregos de uma unidade lexical. O objetivo dessa apresentação é o de refletir sobre o conceito de invariância, espécie de coerência reguladora que está no próprio fundamento da atividade de linguagem e da criatividade enunciativa. Para tanto, apresentarei dados do português brasileiro pertencentes ao projeto Léxico e Enunciação para mostrar que a variação de unidades verbais e nominais, de um lado, se produz segundo princípios gerais que organizam o modo como elas variam independentemente de seu pertencimento categorial, de outro, se explica por meio de um esquema invariante constitutivo de sua identidade semântica.

CONFERÊNCIA

SEMIÓTICA E ENUNCIÇÃO

Diana Luz Pessoa de Barros

Resumo: Esta conferência tratará de questões de enunciação no quadro de um dos estudos do texto e do discurso, o da semiótica discursiva. Para a semiótica, a instância de enunciação de um discurso (ou enunciado) está sempre pressuposta e nunca presente nesse discurso. Seu estudo se faz, portanto, em dois planos: no nível da sintaxe discursiva, tanto com o exame das categorias de tempo, de espaço e de pessoa que produzem efeitos de proximidade e de distanciamento da enunciação, quanto com o estudo das relações narratológicas do sujeito da enunciação, articulado em enunciador e enunciatário, e em que a enunciação é concebida como um “espetáculo” que se organiza narrativamente; no nível da semântica discursiva, pela construção do ator da enunciação, com identidade, estilo e corpo, preenchido por crenças e valores, modos de ser e de fazer, decorrentes de papéis temáticos e figurativos. Para a determinação desse ator da enunciação, é preciso considerar ainda as relações entre discursos, que permitem diferenciar o ator da enunciação do ator da narração de um dado discurso.

CONFERÊNCIA

O VIÉS DO HISTORIÓGRAFO: ENUNCIADO E ENUNCIÇÃO

Cristina Altman

Resumo: Historiografia Linguística é um termo ambíguo. Nomeia o estudo (teórico e metodológico) do conhecimento produzido sobre a linguagem e as línguas através do tempo, ao mesmo tempo em que designa o texto que registra este estudo. Deste ponto de vista, a construção da narrativa feita pelo historiógrafo varia conforme a modalidade enunciativa escolhida, o tipo de apresentação dos dados selecionados e a força e o efeito ilocucionário pretendidos. Através de alguns exemplos retirados da historiografia linguística brasileira, reflete-se sobre essas variáveis.



COLÓQUIO INTERNACIONAL ENUNCIÇÃO E ARGUMENTAÇÃO
COLLOQUE INTERNACIONAL ÉNONCIATION ET ARGUMENTATION

A Semântica Argumentativa em diálogo
La Sémantique Argumentative en dialogue

CONFERENCE

ARGUMENTER EN POÉSIE

Michèle Monte

Résumé : J'envisage les textes comme des lieux où le locuteur/énonciateur principal construit un ou plusieurs points de vue en confrontation dont le repérage est essentiel à l'interprétation. Je considère par ailleurs que, dans le texte littéraire, ces points de vue et les positionnements qui en découlent s'expriment à la fois par le choix d'une forme spécifique puisant dans un répertoire disponible et en constant renouvellement et par des partis pris de référenciation. J'exemplifierai ces choix théoriques en étudiant les confrontations de points de vue au sein du poème dialogal ou monologal, puis les évolutions de la topique dans les poèmes descriptifs.



7, 8 e 9 de outubro de 2021
Les 7, 8 et 9 Octobre 2021

www.colenarg.paginas.ufsc.br



COLÓQUIO INTERNACIONAL ENUNCIÇÃO E ARGUMENTAÇÃO
COLLOQUE INTERNACIONAL ÉNONCIATION ET ARGUMENTATION

A Semântica Argumentativa em diálogo
La Sémantique Argumentative en dialogue

CONFERENCE

POUR UNE EXTENSION DU DOMAINE DE LA SÉMANTIQUE
ARGUMENTATIVE

Alfredo Lescano

Résumé : Les principes qui définissent la sémantique argumentative permettent d'aller bien au-delà de la langue et des énoncés isolés : ils permettent de décrire une part essentielle des dynamiques sociales conflictuelles, c'est-à-dire le travail antagonique que les groupes mènent pour rendre disponibles ou indisponibles des puissances d'agir. Cette conférence explorera cette problématique et le changement de perspective qu'elle entraîne.



7, 8 e 9 de outubro de 2021
Les 7, 8 et 9 Octobre 2021

www.colenarg.paginas.ufsc.br



COLÓQUIO INTERNACIONAL ENUNCIÇÃO E ARGUMENTAÇÃO
COLLOQUE INTERNACIONAL ÉNONCIATION ET ARGUMENTATION

A Semântica Argumentativa em diálogo
La Sémantique Argumentative en dialogue

CONFERENCE

L'ARGUMENTATION, ENTRE LANGUE ET TEXTE

Kohei Kida

Résumé : L'exposé entend montrer que la description sémantique des langues réalisée dans le cadre de la théorie des blocs sémantiques permet par ailleurs de rendre compte d'un certain nombre de faits textuels. À cet effet seront traités les trois thèmes suivants : l'énoncé conditionnel, l'anaphore conceptuelle et la description définie.



7, 8 e 9 de outubro de 2021
Les 7, 8 et 9 Octobre 2021

www.colenarg.paginas.ufsc.br

CONFERENCE

A PROPOS DES CAUSES DIALOGICO-ARGUMENTATIVES DE
L'ÉNONCIATION. LE CAS DE ÉNONCIATIONS MIRATIVES AVEC
L'IMPARFAIT ET LE PLUS-QUE-PARFAIT DE SURPRISE EN
ESPAGNOL

María Marta García Negroni

Résumé : Dans cette intervention, je cherche à mettre en évidence que toute énonciation donne une représentation d'elle-même comme dialogiquement motivée par un cadre de discours, c'est-à-dire par un enchaînement argumentatif montré qui doit être récupéré comme la cause de l'énonciation et qui explique le positionnement subjectif de réponse qui s'y manifeste. Pour le montrer, j'analyse le cas des énonciatives miratives avec l'imparfait et le plus-que-parfait de surprise en espagnol d'argentine (cf. (1) et (2)) : 1. (al abrir la puerta) "¡ay! ¡eras vos !" / (en ouvrant la porte) « ah ! C'était toi ! » 2. (al ver que el interlocutor utiliza el brazo izquierdo para defenderse) "¡así que habías sido zurdo!" / (en voyant que son interlocuteur se sert du bras gauche pour se défendre) « tiens, t'étais gaucher ! » (littéralement « tu avais été gaucher »).

CONFERENCE

LA PERCEPTION N'EST PAS TOUJOURS NOS YEUX : ÉTUDE
ÉNONCIATIVE ET DIACHRONIQUE DUMARQUEUR VOYONS
VOIR

Sonia Gomez Jordana

Résumé : Le but de notre conférence est d'apporter une description sémantique de voyons voir afin de vérifier son évolution. Voyons voir est une locution verbale transitive depuis la fin du XVIème siècle et devient, surtout à partir du XIXème siècle, un marqueur de perception. Voyons voir a subi un processus de pragmatization où la valeur impérative et la transitivité de la locution se sont perdus. Nous passerons en revue la diachronie de la locution verbale, depuis le français pré classique jusqu'à nos jours, puis nous présenterons les propriétés sémantiques de voyons voir soutenues par des critères linguistiques opératoires, afin de définir un marqueur de perception non nécessairement visuelle."

CONFERENCE

L'HOMME DE PAILLE : (RE)FORMULATION DU DISCOURS
ADVERSE, DISQUALIFICATION, ÉVALUATION

Marianne Doury

Résumé : Parmi les catégories d'analyse argumentative proposées essentiellement dans les travaux anglo-saxons, on trouve la catégorie de l'homme de paille, qui y est traitée comme un parallogisme (strawman fallacy). Outre les problèmes de traduction de la catégorie en français (homme de paille ? Épouvantail ?), elle soulève des questionnements très sensibles dans le champ de l'argumentation. Considérée comme une stratégie, elle suppose une manipulation consciente du discours adverse; elle suggère implicitement qu'il existerait un discours « source » à l'aune duquel un écart pourrait être mesuré ; enfin, elle s'inscrit dans une approche évaluative des procédés argumentatifs. Pourtant, on défendra l'idée que cette catégorie invite à des questionnements éclairants devant certains échanges argumentatifs. On illustrera cette position à partir d'un extrait de l'« émission politique » (France 2) du 15 septembre 2016 (accessible en ligne à l'adresse <https://www.youtube.com/watch?v=29g3rnembmc>) au cours de laquelle Nicolas Sarkozy, invité principal, entre en dialogue, en duplex, avec Marlène Lecefel, enseignante et secrétaire générale du syndicat des enseignants de l'uns a – Section Martinique, qui se trouve à fort-de-France."



COLÓQUIO INTERNACIONAL ENUNCIÇÃO E ARGUMENTAÇÃO
COLLOQUE INTERNACIONAL ÉNONCIATION ET ARGUMENTATION

A Semântica Argumentativa em diálogo
La Sémantique Argumentative en dialogue

RESUMOS – MESA-REDONDA
RÉSUMÉS – PANEL



7, 8 e 9 de outubro de 2021
Les 7, 8 et 9 Octobre 2021

www.colenarg.paginas.ufsc.br

MESA-REDONDA

TEXTO E ARGUMENTAÇÃO

O PRESSUPOSTO DA ARGUMENTATIVIDADE NAS ANÁLISES EM LINGUÍSTICA TEXTUAL

Mônica Magalhães Cavalcante

Resumo: A linguística textual se apoia numa perspectiva de argumentação inspirada na teoria da argumentação nos discursos, em que Amossy articula a análise de discurso “francesa” e a retórica (clássica e nova) redefinida. Essa redefinição supõe um sujeito intencional, com livre arbítrio, mas também socioculturalmente constrangido. Todas as decisões composicionais, temáticas e estilísticas de um texto são motivadas, na visão da linguística textual, pela negociação de sujeitos estratégicos que, nos papéis sociais que desempenham no circuito comunicativo, tentam persuadir um outro a modificar, mesmo sem garantia de êxito, seu modo de ver e de sentir os objetos de discurso.

ESCOLHAS LINGUÍSTICAS PARA CONSTRUÇÃO TEXTUAL ARGUMENTATIVAMENTE ORIENTADA

Ana Lúcia Tinoco Cabral

Resumo: Neste trabalho, buscamos verificar a importância de escolhas linguística, especificamente os verbos, para a construção argumentativa em textos da mídia digital. Analisamos enunciados relativos à fala dada a indígenas em reportagens sobre a Pandemia em comunidades indígenas, procurando identificar a orientação argumentativa presente na voz dos indígenas e os efeitos de sentido dessas vozes nos textos jornalísticos. Esperamos, com as análises, explicitar a importância das escolhas linguísticas na construção textual argumentativamente orientada.

REFERENCIAÇÃO E ARGUMENTAÇÃO EM ARTIGOS DE OPINIÃO
BRASILEIROS E PORTUGUESES

Leonor Werneck dos Santos

Resumo: Propomos analisar artigos de opinião publicados em Portugal e no Brasil, em 2018, a respeito da morte da vereadora carioca Marielle Franco. Nosso objetivo é mostrar como a referenciação colabora na condução argumentativa dos textos com temática política, polarizando a complexa rede de poder que se formou em torno do assassinato da vereadora.

PANEL

STRUCTURES ARGUMENTATIVES ET ANALYSES STATISTIQUES :
ÉTUDE DES COMBINATOIRES ENTRE CONNECTEURS ET
INDICATIONS ÉNONCIATIVES

Corinne Rossari

Linda Sanvido

Claudia Ricci Messina

Aylin Pamusksaçe

Cyrielle Montrichard

Résumé : Les connecteurs constituent des enjeux pour transmettre outre des indications argumentatives, des indications énonciatives. Leur emploi sollicite plus ou moins visiblement la présence du locuteur dans son dire. Leur étude dans ce panel sera menée dans une perspective alliant étude qualitative et étude quantitative dans le but de faire ressortir les formes avec lesquelles ils se combinent de façon privilégiée dans de grands corpus représentant deux genres à vocation informative, la presse et l'encyclopédie et un genre de nature intrinsèquement argumentative, le discours politique.

Dario Compagno

L'argumentation se construit dans le discours, en enchaînant des énoncés selon un'intention. La logique a bien identifié les règles formelles qui conduisent à la constitution d'arguments valides. Or, à ces règles s'en ajoutent d'autres d'ordre pragmatique : on ne peut pas enchaîner n'importe quel énoncé à n'importe quel autre. Nous explorons, à travers l'application de méthodes computationnelles à des corpus variés, quelles règles d'enchaînement suivent les parlants dans leurs tours de parole.



COLÓQUIO INTERNACIONAL ENUNCIÇÃO E ARGUMENTAÇÃO
COLLOQUE INTERNACIONAL ÉNONCIATION ET ARGUMENTATION

A Semântica Argumentativa em diálogo
La Sémantique Argumentative en dialogue

RESUMOS – GRUPOS DE TRABALHO
RÉSUMÉS – GROUPES DE TRAVAIL



7, 8 e 9 de outubro de 2021
Les 7, 8 et 9 Octobre 2021

www.colenarg.paginas.ufsc.br

NÃO HÁ SIGNIFICAÇÃO SEM FORMA, NÃO HÁ SEMÂNTICA SEM SINTAXE.

Sebastião Elias Milani

Resumo: O texto é o objeto em análise. Ele tem necessariamente uma estrutura física que estimula os sentidos, que produzem as sensações, que o pensamento transforma em linguagem e a memória preenche de significado. Esse modelo de análise foi estruturado de muitas maneiras em metodologias que visavam a descrição da forma para alcançar a significação. As práticas teóricas, metodologias de análise sintático-semântica do texto, foram todas desenvolvidas durante o século XX, quando a linguística alcançou um modelo completo, aplicável a todos os níveis de segmentação do texto. Entre elas estão as metodologias de análise sintática para a descrição do plano de expressão: a estrutural, a funcional e a gerativa e também outras metodologias como a pragmática, a semiótica, a linguística textual etc. Nos séculos anteriores, as diferentes concepções para língua produziram conceitos variados para a existência da significação.

Semântica é o nome que na teoria linguística foi dado aos estudos teóricos que visam a demonstrar como a imaginação pelo pensamento é formada valendo-se das formas disponíveis na realidade material que se apresenta aos sentidos. Desde o início do registro escrito existem reflexões sobre como esse processo acontece. Sempre esteve claro para todos os pensadores de todos os tempos que a língua verbal é o método criado pela natureza do ser humano, na verdade, é o único método, porque todos os outros são secundários e dependentes da língua para serem adquiridos e para continuarem a se desenvolver.

Muitas ciências se desenvolveram durante o século XX com papéis semelhantes ou de ampliação do método de leitura da semântica, a pragmática, a linguística textual, a semiótica etc. são exemplos, todas com múltiplos estudiosos. Quando se trata de falar especificamente de cada uma dessas teorias de práticas linguísticas, o método fica especificado, cabe à semântica e à linguística textual um método restrito ao texto verbal, enquanto à pragmática e à semiótica, outros tipos de texto, feitos de outras materialidades também podem ser analisados. Assim, a diferenciação está muito mais para o objeto específico delas que para o método de leitura dos

textos. Em todos os métodos, a leitura do objeto texto segue a estrutura básica de verificar a sintaxe dos elementos, produzindo divisões na superfície concreta do texto, para demonstrar as possibilidades para a imaginação.

As teorias da linguística se desenvolveram a partir do século XIX, os estudos da significação ou semânticos também. Todas as teorias linguísticas começaram e começam a partir dos estudos anteriores, inevitavelmente sempre são encontrados estudos teóricos nos diálogos de Platão e nos escritos de Aristóteles, como os primeiros, junto com outros autores da Grécia Antiga, a produzirem uma herança teórica. No século XXI, qualquer leitura que se faça de um texto verbal e não-verbal, extremamente comum a quase todos os sujeitos do planeta, as sociedades deste século são profundamente preenchidas de textos escritos e de sujeitos capacitados para leitura, sempre é feita pelo método universal de dividir a superfície formal do texto em partes cada vez menores até alcançar uma significação exaustiva e satisfatória.

Todas as teorias da linguística estudam o texto, estruturado pela forma sonora da fala ou visual da escrita, e a língua como construída dos elementos verbalizados. O resultado é: o pensamento (discurso/ articulação cognitiva/substância amorfa) encontra as formas na língua-cultura e se manifesta em texto (construção fonológica, morfológica e sintática) pela articulação motora. O pensamento somente entende o que tem forma, e as formas devem ser em matéria física que possa ser percebida, como sensações, pelos cinco sentidos do corpo físico. As análises, em todas as teorias, são sempre aplicadas sobre o plano de expressão e sempre têm o objetivo de revelar a fórmula do plano de conteúdo. O conteúdo só se manifesta por meio das regras de construção da forma presentes na língua, qualquer desarranjo dessa estruturação, dita sintática, impede a plena absorção do conteúdo. Quanto mais a forma do texto for plenamente ajustada ao sistema linguístico, muito mais significação será absorvida por ela.

Palavras-chave: Língua; Texto; Forma; Significação.

Bibliografia:

Hjelmslev. L. T. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 1975.

Saussure, F. de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2012.

**RITMO, DISCURSO, ENUNCIÇÃO: UMA ANÁLISE DE
BANGLADESH 24042013**

Daiane Neumann e Lourenço Chacon

Resumo: A noção de “ritmo” proposta por Meschonnic (2009 [1982]) permite que se elabore uma reflexão sobre linguagem relacionando a linguística, a literatura e a tradução. Tal como a concebemos aqui, a noção de ritmo promove discussões a partir da organização linguística do discurso, que apontam para a necessidade de colocar-se à escuta da enunciação, o que transforma o modo de ler, particularmente poemas. Compreender, no entanto, um texto, uma obra, a partir do ritmo, não significa apenas considerar mais um nível de significação, mas alterar o ponto de vista dessa compreensão. Significa deixar, metodologicamente, o domínio do signo, das unidades discretas, que considera o discurso enquanto combinação de unidades, e passar a conceber o discurso a partir de seu contínuo. Considerá-lo em seu continuum significa “[...] que não é uma adição de signos que produz o sentido, é, ao contrário, o sentido (o ‘intencionado’), concebido globalmente que se realiza e se divide em ‘signos’ particulares, que são as PALAVRAS” (BENVENISTE, 2006 [1974], p. 65, grifos do autor). É a partir do primado do ritmo, do primado da subjetividade, concebida como globalidade do discurso, que se pode analisar os textos e as obras, considerando, transversalmente, todos os níveis da linguagem, como o acentual, o prosódico, o sintático, o morfológico, o lexical. O ritmo é, assim, alçado a um interpretante antropológico, na medida em que analisar a subjetividade de um texto, de uma obra, significa analisar o ritmo do texto, da obra. O ritmo é, portanto, o sujeito na linguagem. Trata-se, pois, de considerar, na análise do ritmo do discurso, o que Meschonnic (2009 [1982]) denominou uma antropologia histórica da linguagem, segundo a qual “[...] o homem se constitui historicamente como um ser de linguagem, fazendo do uso da linguagem seu modo de individuação” (DESSONS; NEUMANN; OLIVEIRA; 2020, p. 376). Assim, parte-se da noção de discurso, tal como é pensada por Benveniste, “[...] como um processo de subjetivação, [que] implica a linguagem como um processo de hominização” (DESSONS; NEUMANN; OLIVEIRA; 2020, p. 376). Discutir, teoricamente, sobre as proposições gerais aqui apresentadas e, empiricamente, por meio da análise do poema “Bangladesh 24042013”, de

Tarso de Melo, é objetivo geral desta comunicação. Para fazê-lo, lançaremos mão da construção teórica elaborada por Meschonnic (2009[1982]) para a noção de ritmo, bem como da reflexão acerca da mudança de ponto de vista propulsionada por tal abordagem, tanto em relação à noção, quanto à análise linguística que dessa teorização deriva. Em um segundo momento, a partir da reflexão apresentada em Dessons (2011) acerca do que foi denominado acento sintático e acento prosódico para a análise de poemas em francês, discutiremos sobre tais acentos, considerando as características da língua portuguesa. Por fim, será analisado o poema “Bangladesh24042013”, a partir da sua organização rítmica, que se estabelece na relação entre dois eixos, o sintagmático e o paradigmático, em que os valores de discurso se constroem nas múltiplas relações estabelecidas na tessitura do poema.

Palavras-chave: Ritmo; Discurso, Enunciação.

Bibliografia:

Benveniste, É. **Problemas de linguística geral II**. Pontes Editores: São Paulo, 2006 [1974];

Dessons, G. **Le poème**. Armand Colin: Paris, 2011.

Melo, T. de. **Íntimo desabrigo**. Dobradura Editorial e Alpharrabio Edições: São Paulo, 2017.

Meschonnic, H. **Critique du rythme – anthropologie historique du langage**. Édition Verdier: France, 2009 [1982].

CONCEPÇÃO DE UM PROCESSO DE FIGURAÇÃO EM UMA
PERSPECTIVA POLIFÔNICA DA ARGUMENTAÇÃO: HIPÓTESE
ANALÍTICA E PROPOSTA DE INVESTIGAÇÃO

Silvana Silva

Resumo: No texto *A polifonia linguística* (2011), Carel conclui seu texto dizendo que a descrição da polifonia linguística, seja de base semântica ou intertextual, ainda persiste como tarefa do linguista. Considera que a importação teoria das imagens pela linguística permitirá a ela compreender a relação entre o pano de fundo e a inscrição subjetiva do locutor na argumentação. Nesse sentido, consideramos importante revisar a definição de *figura de linguagem* para além de “ornamento de linguagem” (Plantin, 2009). Para essa comunicação, consideraremos dois aportes teóricos conjuntos: a primeira, a teoria da figura na linguagem de Lyotard (1971), a partir de sua leitura de *A interpretação de sonhos*, de Freud; a segunda, o estudo da negação como fator de figuração em *Fragments do Discurso Amoroso*, de Barthes (Badir e Franck, 2019). Levantamos a hipótese de que a figura de linguagem é fator de argumentação nos discursos, pois participa de processos primários de formação da instância de discurso do locutor no discurso e de concessão de lugares aos chamados enunciadorees. Lyotard (1971), em especial nos capítulos “Le travail du rêve ne pense pas” e “Connivences du désir avec le figural”, nos apresenta três aspectos do figural: a *figura-image*, da ordem do visível, a *figura-forma*, da ordem do contorno ou do quase visível, e a *figura-matriz*, da ordem do invisível mas estrutural. Tais aspectos derivam de sua leitura do *trabalho do sonho* e seus quatro fatores, a saber, trabalho de condensação, trabalho de deslocamento, representabilidade e elaboração secundária ou formação da fantasia (Freud, 1900/2019). Abordaremos a configuração figural assim tripartida para dar conta do efeito do “trabalho do sonho” na linguagem e na argumentação, como algo não exatamente apropriado pelo locutor mas que insiste em se inscrever. De Badir e Franck (2019) retomamos a ideia de que uma análise transversal da obra de Barthes permite reconhecer uma certa retórica singular, a de uma retórica positiva da negatividade. Para fins de análise, elegemos a obra *A vida que ninguém vê*, da escritora e jornalista Eliane Brum (2006). Dessa obra, destacamos a recorrência da figuratização das personagens a partir da determinação por meio de artigos definidos (o/a) antecedendo denominação

mais ou menos genérica, procedimento estilístico presente em 13 das 21 crônicas da obra. Para fins metodológicos, elaboramos uma análise prévia de um parágrafo de caracterização de cada um dos treze personagens da obra, considerando a elaboração polifônica produzida a partir da recorrência de figuração da “invisibilidade social”. Dos 13 capítulos, 6 deles, isto é, “quase” metade, recorrem a uma figuratização que não destaca o personagem plenamente do fundo invisível, uma vez que permanecem descrevendo-o por meio de descrições definidas. Dos demais textos, apenas um deles, (“A voz”), apela para o tom cômico, apresentando o sujeito com algum colorido e desdobramento ou aprofundamento de personalidade. Analisando tal recorrência ao longo da narrativa, constatamos que ela atende a um duplo objetivo, paradoxal: destacar o personagem do plano de fundo da invisibilidade social a que é relegado; relegar tal destaque a um espaço enunciativo restrito. Os demais apresentam o sujeito circunscrito a uma restrita atuação, a uma *figura-matriz* vinculada a um espaço geográfico, por exemplo, o centro de Porto Alegre, ou circunstancial, a cadeira de rodas: a matriz paralisa o sujeito. Compreendemos que tal paradoxo revela um conflito ético que atravessa o discurso-denúncia da jornalista: o dilema entre dar visibilidade aos invisíveis e a impossibilidade de integrar os invisíveis plenamente ao discurso social para garantir o efeito de denúncia e exclusão. A partir da teorização de Lyotard (1971), percebemos aí duas *figuras-matrizes* principais: uma figura, predominante, que apresenta o sujeito como estereótipo da invisibilidade; outra, que apresenta um certo “destacamento” do sujeito, pela efêmera via do riso e do cômico, desse fundo de invisibilidade que o circunda. Com isso, avaliamos que a teoria polifônica da argumentação pode avançar teoricamente se incluir uma teorização das relações entre figura e discurso, ou, nas palavras de Lyotard (1971, p. 268), entre visível e legível, entre razão figurativa e razão lógica e na consequente “divisão de trabalho do sonho” que os enunciadores representam, na constituição primordial de textos e discursos ditos “racionais”. É também tarefa do linguista que Benveniste denominou processos típicos da subjetividade ou, em termos mais acabados, *processos estilísticos do discurso* (1989, p. 93).

Palavras-chave: Teoria Polifônica da Argumentação; Figuratização; Lyotard; Freud.

Bibliografia:

7, 8 e 9 de outubro de 2021
Les 7, 8 et 9 Octobre 2021

www.colenarg.paginas.ufsc.br

COLÓQUIO INTERNACIONAL ENUNCIÇÃO E ARGUMENTAÇÃO COLLOQUE INTERNACIONAL ÉNONCIATION ET ARGUMENTATION

A Semântica Argumentativa em diálogo
La Sémantique Argumentative en dialogue

Benveniste, E. Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana. IN:__. **Problemas de Linguística Geral I**. Campinas, SP: Pontes, 1989, p. 81-96.

Badir, S. Franck, T. Rhétorique de la négation dans l'oeuvre de Roland Barthes. **La négation à l'ocorrunce dans les textes**. Colloques Cerisy, 2019 (22 a 29 de julho de 2019). Université de Lyon.

Brum, E. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.

Carel, M. A polifonia linguística. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 46, n. 1, p. 27-36, jan./mar. 2011.

Freud, S. **A interpretação dos sonhos**. Obras completas. Volume 4. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2019

Lyotard, J-F. “Le travail du rêve ne pense pas”. IN:__. **Discours, figure**. Paris: Klincksieck, 1971, p. 239-270.

____. Connivences du désir avec le figural. IN:__. **Discours, figure**. Paris: Klincksieck, 1971, p. 271-280.

Plantin, C. Un lieu pour les figures dans la théorie de l'argumentation. **Argumentation et Analysis du Discours** [en-ligne], 2, 2009. Disponível em: <https://journals.openedition.org/aad/215>

7, 8 e 9 de outubro de 2021
Les 7, 8 et 9 Octobre 2021

www.colenarg.paginas.ufsc.br

ANÁLISE E COMPREENSÃO DE TEXTOS ORAIS RADIOFÔNICOS SOB A PERSPECTIVA DA TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO DA LÍNGUA

Geane C. A. Sena

Resumo: A Teoria da Argumentação na Língua possui fundamentos capazes de favorecer uma análise mais complexa e "profunda" de textos que circulam na sociedade, ou seja, possibilita localizar não só as informações que estão evidentes, na superfície do texto, mas também aquelas que estão subentendidas, presentes nas entrelinhas. Diante disso, esta pesquisa tem como objetivo principal mostrar como a Teoria da Argumentação na Língua (TAL) pode colaborar para a análise e construção do sentido de textos que circulam na sociedade, como os comentários veiculados pelo rádio. O texto radiofônico, devido ao seu estilo "oral-auditivo", organiza-se de maneira bastante diferente dos textos impressos, pois é construído para ser falado e tem apenas uma chance de ser ouvido. Sendo assim, requer bastante atenção do leitor que, além de ouvir, deve posicionar-se diante do texto radiofônico como um pesquisador que busca, por meio das marcas deixadas pelo locutor, reconstruir o sentido do texto; não sendo apenas um mero destinatário ou um "leitor comum". Apesar de não ter sido pensada para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita de textos, a Teoria da Argumentação na Língua possui preceitos teóricos que podem ser utilizados durante o processo de leitura para auxiliar o resgate do sentido de textos, como será mostrado neste trabalho. Para tanto, o nosso corpus é composto por um texto oral veiculado pela rádio CBN, classificado como comentário — por ser um texto que possui grande força argumentativa— produzido pelo jornalista Carlos Sardenberg. Após a seleção do corpus, realizamos a gravação e, em seguida, transcrição do texto oral radiofônico selecionado. Depois, analisamos o comentário selecionado com base nos fundamentos da Teoria da Argumentação na Língua propostos por Carel (2002), Ducrot (2002), Carel e Ducrot (2005), a saber: construção de blocos semânticos, encadeamentos argumentativos, força argumentativa, orientação argumentativa, conectores, articuladores e operadores argumentativos (modalizadores e internalizadores). A análise mostrou-nos como certos fundamentos da Teoria da Argumentação na Língua foram capazes de evidenciar a força argumentativa dentro do texto analisado e construir o sentido apresentado

pelo locutor no decorrer do comentário. Desse modo, foi possível percebermos quais os argumentos presentes dentro do comentário que possuíam uma maior força argumentativa, o que se tornou possível a partir dos articuladores textuais utilizados pelo locutor do texto. Quanto à Teoria da Argumentação na Língua — que serviu de base para este trabalho — possibilitou-nos perceber que na língua existem palavras, ou marcas linguísticas, capazes de favorecer a construção da argumentatividade dentro de um texto, pois, como afirma Ducrot, a argumentação está inscrita dentro da própria língua. Um exemplo são os modalizadores que permitem ao locutor expressar uma avaliação acerca de determinado assunto. Ressaltamos que aqui contemplamos apenas alguns aspectos da Teoria da Argumentação na Língua capazes de favorecer a análise e compreensão de textos, como do comentário analisado. Lembrando que um texto, a cada nova leitura e análise, mostra-nos novos sentidos.

Palavras-chave: Construção de sentido; Teoria da Argumentação na Língua; Gêneros orais radiofônicos.

Bibliografia:

Carel, M. **Argumentação interna aos enunciados**. Letras de Hoje. Porto Alegre: EDIPUCRS, v. 37, n. 3, p. 27-43, set. 2002.

Carel, M.; Ducrot, O. **La semántica argumentativa**: una introducción a la teoría de los bloques semánticos. Edición literaria a cargo de María Marta Negroni y Alfredo M. Lescano. Buenos Aires: Colihue, 2005.

Ducrot, O. Os internalizadores. **Letras de Hoje** (A Teoria da Argumentação na Língua: estudos e aplicações), Porto Alegre, v. 37, n. 3, p. 7-26, set. 2002.

SEMIOSE DA LIBRAS: TRANSGRESSÕES SEMISSIMBÓLICAS DO
TEXTO SINALIZADO

Suelismar Mariano Florêncio

Resumo: O desdobramento poético que a linguagem faz sobre si mesma projeta também articulações de sentido sobre textos sinalizados em Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Com o intuito de compreender o que há de valorizações fóricas em textos sinalizados e como tais determinações são constituídas, pretende-se considerar a motivação poética estudada por Greimas (1975), na esteira da tese do paralelismo entre som e sentido de Roman Jakobson (1985), que torna a expressão em si mesma – para além de apenas um veículo da semiose – uma semiótica denotativa (pela relação ERC) sobre a qual as redundâncias nos macrossegmentos Mão, Locação e Movimento (LESSA-DE-OLIVEIRA, 2012) constituem, a partir de oposições oposições plásticas previstas pelos semioticistas do visual como Jean-Marie Floch (1985), uma outra semiótica, agora conotativa ((ERC) R C) de acordo com os postulados de Hjelmlev (1975, p. 121). Assim, categorias tais quais a topológica no segmento Movimento (PARA CIMA versus PARA BAIXO, ESQUERDA versus DIREITA) e no segmento Locação (ANTERIOR versus POSTERIOR), e a eidética no segmento Mão (CONTRAÍDO versus ALONGADO) correlacionam-se com novos conteúdos valorizados estritamente no texto em análise como positivos (eufóricos) ou negativos (disfóricos), instaurando o sistema semissimbólico na linguagem. Por hipótese, tais conotações organizam e determinam a escolha de elementos lexicais oposicionais que são projetados no desenrolar sintagmático (apresenta-se um segmento em detrimento de outro e o intersecciona a outros segmentos da expressão) operando isotopias que se relacionam com a coesão geral do percurso gerativo de sentido do texto então sinalizado. Tais relações podem, a priori, ser analisadas em suas implicações tensivas (Zilberberg, 2012) na medida em que estabelecem certa extensão de dado valor fórico, ao longo dos percursos narrativos, que pode - ou não – ser descontinuada por acontecimentos de valorização contrária. Nestas implicações afetivas, a semiótica conotativa apresentada acima como “produto complementar” ao sentido do texto, enquanto fatos estilísticos (BAKHTIN, 2016, p. 18), pode ainda exigir o porquê desta constante necessidade de valorização do mundo



COLÓQUIO INTERNACIONAL ENUNCIÇÃO E ARGUMENTAÇÃO COLLOQUE INTERNACIONAL ÉNONCIATION ET ARGUMENTATION

A Semântica Argumentativa em diálogo
La Sémantique Argumentative en dialogue

pelo sujeito, o que pode ser esclarecido a partir pelo componente axiológico para a existência colocado por Bakhtin (1997) em que o Viver é sustentar emocional e volitivamente sua vivência, seu pensamento entonado, ou seja, não estar indiferente ao mundo, logo que o modo como vê e valoriza o mundo permite ao sujeito manifestar sua singularidade. Assim, a linguagem reafirma sua importância para o acontecimento do ser, revelando-lhe o que lhe é único e irrepitível, de forma participativa e responsiva. O objetivo é demonstrar como as relações semissimbólicas orientam o sentido dos discursos em LIBRAS e as consequências discursivas destes fenômenos, no contexto da semiótica poética greimasiana e da arquitectónica bakhtiniana. a partir da obra escolhida como corpus para aplicação “Vamos ficar em casa”, história de Ilvan Filho publicada no ano de 2020, permitindo assim articulare a aproximações entre LIBRAS e Semiótica, observando os procedimentos do sistema semissimbólico para a ampliação das investigações sobre conceitos abstratos manifestados no signo-texto sinalizado.

Palavras-chave: LIBRAS; Semissimbolismo; Volitivo-emocional.



7, 8 e 9 de outubro de 2021
Les 7, 8 et 9 Octobre 2021

www.colenarg.paginas.ufsc.br

ENUNCIÇÃO E ARGUMENTAÇÃO: QUESTÕES DE ESTILO

Norma Discini de Campos

Resumo: Partindo da tríade *ethos/ logos/ pathos*, tal como apresentada na retórica clássica (Aristóteles, 1991), esbarramos em questões sobre a argumentação, pois deparamos com um orador, cuja imagem a ser reconhecida como digna de confiança pelo “auditório”, faz cumprir-se “a arte da persuasão”. Ainda no âmbito da retórica, o orador, concebido como *ethos*, é orientado a projetar a imagem do auditório, tido como *pathos*. Entre ambos, *ethos* e *pathos*, fica estabelecida a função mediadora do *logos*, a “palavra” composta para ser persuasiva.

A semiótica discursiva, por sua vez, destaca a argumentação na fronteira com a persuasão. Argumenta-se para convencer. Para essa semiótica, que cuida da construção do sentido conforme um percurso gerativo tripartido em níveis, o fundamental, o narrativo e o discursivo, a argumentação, alinhada com o fazer persuasivo (GREIMAS, 2008), está instalada no último desses níveis (BARROS, 2002). Tido como aquele do qual desponta a enunciação enunciada, o nível discursivo – ou simplesmente *o discurso* – apresenta, na sua dimensão sintática, as três categorias da enunciação – a pessoa, o tempo e o espaço – trazidas à luz conforme os processos de actorialização, temporalização e espacialização (FIORIN, 1996). Na fronteira com o pensamento de Bakhtin (1992), e apoiado em especial no conceito de dialogismo postulado pelo filósofo russo, Fiorin (2015, p. 9) declara que “todo discurso tem uma dimensão argumentativa”. O semioticista acrescenta: “Todos os discursos são argumentativos, pois são uma reação responsiva a outro discurso.” (*Idem*, p. 29).

A partir de tais premissas emerge o conceito semiótico de estilo. Trata-se, do lado da produção do sentido, da imagem do ator da enunciação que, como *ethos*, é considerado junto à totalidade de seus discursos. O enunciador, ao desenvolver papéis actanciais, entre os quais se sobressai aquele de destinador de valores a ser partilhados com o enunciatário, e papéis temáticos, que dizem respeito ao tratamento ético conferido aos temas, toma corpo – um corpo que é sintático e é semântico. Associado a um modo próprio de dizer, que implica um modo próprio de fazer o enunciatário crer naquilo que é veiculado pelo discurso – e um dizer recorrente junto a uma totalidade

de textos – emerge, conforme uma voz responsiva a outros discursos, o *ethos* como estilo. O gesto de fazer o enunciatário crer em algo, emparelhado com o gesto de *fazer-saber* e até de *fazer-fazer*, pautam-se todos pela “persuasão manipuladora” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 368). Tal persuasão, respaldada por procedimentos argumentativos, assenta a tomada de posição do sujeito, que, histórica e ideológica, é base da argumentação desenvolvida no discurso.

Se, de um lado, os procedimentos argumentativos respaldam o processo de actorialização enunciativa, de outro, eles não se isentam de um acento de emoção. Tido como o viés patêmico reconhecível na “imbricação do *logos* e do *pathos* no discurso” (AMOSSY, 2018, p. 215), o acento de emoção – nos seus diferentes graus de impacto (ZILBERBERG, 2011) – constitui um dos componentes do estilo autoral.

Para operacionalizar tais ideias traremos à luz pinturas de um artista do interior do Estado de São Paulo, José Antonio da Silva (1909 – 1996). Das pinturas de Silva, estudadas e divulgadas por Sant’Anna (1993), escolhemos duas, que, compostas como obras sincréticas, oferecem uma denúncia contra os críticos da Bienal de Arte. Nas telas, que têm inscritas em sua superfície frases cujo teor se aproxima do que Plantin (2008, p. 86) designa “o discurso contra”, o pintor promove a união indissolúvel entre o verbal e o visual. De um lado, está o sentido das frases, e, de outro, o sentido produzido pela orientação topológica, eidética e cromática conferida à superfície plástica. Por meio do sincretismo das diferentes linguagens de manifestação (a verbal e a visual), o enunciado sincrético (FLOCH, 1986) compõe recursos para a identificação de uma enunciação que faz valer, de modo próprio, o argumento “contra a autoridade” (PLANTIN, *Ibid.*). Silva constrói de si a imagem de um injustiçado por supostamente ter sido preterido em algum processo de seleção, e, do “auditório”, a imagem de seu cúmplice. Deparamos com o contemplador dos quadros como o sujeito a ser convencido e a ser abalado pela argumentação que permeia o enunciado sincrético.

Se a semiótica entende a paixão como efeito de sentido produzido pelos discursos, não fica difícil identificar nas telas os procedimentos argumentativos que, não isentos de emoção, são transpassados pela cólera. Como efeito de sentido, a cólera desponta do conteúdo e da expressão dos quadros de Silva, enquanto a argumentação se alinha a um discurso apaixonado (GREIMAS, 2014). O *pathos*, tido como imbricado ao *logos*, não escapa ao exame da formação semiótica do *ethos*, fundamento do estilo.

Palavras-chave: Argumentação; Discurso; Estilo.

Bibliografia:

Amossy, R. **A argumentação no discurso**. São Paulo: Contexto, 2018.

Aristote. **Rhétorique**. Paris: Gallimard, 1991.

Bakhtin, M. **Estética da criação verbal**, 1992.

Barros, D. L. P. de. **Teoria do discurso: fundamentos semióticos**. São Paulo: Humanitas, 2002.

Fiorin, J. L. **As astúcias da enunciação**. As categorias de pessoa, espaço e tempo. São Paulo: Ática, 1996.

Fiorin, J. L. **Argumentação**. São Paulo: Contexto, 2015.

Floch, J. M.. Sincrétiques (sémiotiques). In: Greimas, A. J.; Courtés, J. **Sémiotique. Dictionnaire raisonné de la théorie du langage**, 1986, p. 217 – 219.

Greimas, A. J.; Courtés, J.. **Dicionário de Semiótica**. São Paulo: Contexto, 2008.

Greimas, A. J.; Courtés, J. **Sobre o sentido II**. Ensaio semióticos. São Paulo: Nankin Editorial/ Edusp, 2014.

Plantin, C. **A argumentação**. História, teorias, perspectivas. São Paulo: Parábola, 2008. Sant'Anna, R. **Silva: quadros e livros: um artista caipira**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

Zilberberg, C. **Elementos de semiótica tensiva**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.

FENÔMENOS DE ARGUMENTAÇÃO NO GÊNERO PETIÇÃO: A
POLIFONIA ENUNCIATIVA E OS MODALIZADORES
ARGUMENTATIVOS

Erivaldo Pereira do Nascimento

Maria Eduarda de Oliveira Alves

Vanessa Santos da Silva

Resumo: Este trabalho apresenta resultados de uma investigação sobre a argumentação linguística no gênero petição, vinculada ao projeto ESAELD (Estudos Semântico-Argumentativos e Enunciativos na Língua e no Discurso: marcas de (inter)subjetividade e de orientação argumentativa), que investiga o funcionamento de diferentes estruturas e fenômenos semântico-argumentativos e enunciativos, tanto no âmbito da língua como do discurso, a partir de diferentes gêneros discursivos e em diversos contextos de uso da língua. Para tanto, objetivou-se identificar e analisar o funcionamento semântico-argumentativo e enunciativo dos modalizadores discursivos e da polifonia enunciativa presentes no gênero petição, nesse sentido, o fenômeno da modalização é visto como uma estratégia semântica-argumentativa e pragmática que muitas vezes funciona em conjunto com diferentes fenômenos polifônicos para imprimir orientação discursiva. A petição é um gênero discursivo do universo jurídico que compõe o processo judicial, geralmente introduzindo um processo (petição inicial). Trata-se de um documento de extrema importância, não apenas por introduzir e permitir a inferência do que se trata o processo como um todo, mas também porque apresenta ao juiz o pedido (a petição) em prol de alguma ação danosa à pessoa física (ou jurídica), que recorre à justiça como único meio de solução de uma causa. Adotamos como referencial teórico aos nossos estudos, teorias como: a Teoria da Argumentação na Língua, da Modalização discursiva, dos Gêneros discursivos e autores e legislação que tratam do gênero em discussão, a petição. No tocante à natureza dessa pesquisa, ela é de cunho descritivo e de caráter interpretativista, uma vez que foi investigada e analisada a ocorrência de modalizadores presentes no gênero petição, apontando também os fenômenos polifônicos que atuam em conjunto com esses elementos linguístico-discursivos, imprimindo orientação argumentativa, à luz do referencial teórico adotado. O corpus é constituído por 8 petições relativas a

demandas cíveis por danos morais e materiais advindas de todo o Estado da Paraíba e coletadas nas comarcas das cidades de Rio Tinto e Mamanguape, além da rede mundial de computadores – internet – via site oficial do tribunal de Justiça da Paraíba (TJPB), em razão de esse documento ser de consulta pública. Com a catalogação dos fenômenos argumentativos presentes no corpus, observou-se a predominância da polifonia de locutores, do SE-Locutor e das aspas de diferenciação e de destaque, muitas vezes atuando em conjunto com os modalizadores discursivos. Tais fenômenos polifônicos funcionaram ora promovendo engajamento ou assimilação, ora promovendo distanciamento do locutor responsável pela petição (L1 - o advogado que assina a causa) com o dizer alheio. As estratégias polifônicas utilizadas pelo locutor na construção do documento além de revelar diferentes posições sobre o conteúdo, assinalam possibilidades de como o interlocutor (juiz que decidirá sobre a causa) deve se situar diante do dito. Na maioria das ocorrências, as vozes alheias (da jurisprudência, da lei, de autoridades ou da ré) são trazidas por L1 para sustentar (fundamentar) o seu dizer, de modo especial como argumento para que seja solicitado ou pedido ao interlocutor (juiz). Constituem-se, portanto, em um argumento de sustentação. No entanto, há casos de distanciamento, de não incorporação do dizer alheio. Isso ocorre especialmente quando L1 parece não querer se comprometer com o dito, provavelmente para preservar sua face diante do interlocutor. No que se refere aos modalizadores, a predominância foi dos modalizadores avaliativos frequentemente utilizados por L1 para apresentar sua avaliação sobre os fatos ocorridos, principalmente, na descrição dos fatos ocorridos aos requerentes, os quais levaram-no a elaborar a petição inicial. Eventualmente, as avaliações do locutor orientavam como a autoridade competente (juiz, o interlocutor) deveria ler o enunciado, evidenciando sempre que as causas que ocasionaram os autores a elaborarem a petição eram incontestáveis devido a conduta da ré. Mereceu destaque também a grande ocorrência de modalizadores deônticos de obrigatoriedade, utilizados geralmente para imprimir um tom de obrigação e dever, especificamente no que se refere à reparação dos danos causados à parte interessada. Desse modo, a função de obrigatoriedade geralmente apresentava-se na parte dos pedidos e suas especificações, na qual, a parte interessada manifesta o seu requerimento a autoridade competente, apresentando assim, o dever da demandada em assumir suas responsabilidades e reparar os danos causados à parte interessada. A análise dos dois fenômenos, atuando em conjunto, permitiu identificar o movimento argumentativo no gênero, desde a apresentação os

fatos, passando pela fundamentação jurídica e finalizando com o pedido propriamente dito, bem como mapear os diferentes efeitos de sentido gerado pelo uso da polifonia e dos modalizadores nos diferentes enunciados: engajamento, distanciamento, persuasão ou avaliação axiológica, obrigações e deveres, volição. Nesse sentido, é possível afirmar que os fenômenos estudados são elementos essenciais para a construção da funcionalidade do gênero, bem como são elementos de seu estilo linguístico, imprimindo orientação argumentativa no texto.

Palavras-chave: Polifonia; Modalização; Petição.

Bibliografia: Para embasar a nossa pesquisa, adotamos os estudos da Teoria da Argumentação na Língua - doravante TAL - proposta por autores como Ducrot (1987, 1988), Anscombre (2005, 2010), Espíndola (2003), Nascimento (2005, 2009, 2015), entre outros que consideram o funcionamento da língua a partir desta (inter)subjetividade discursiva; para embasar as pesquisas sobre os modalizadores argumentativos, utilizamos, principalmente, Nascimento e Silva (2012); nos estudos que se referem aos gêneros do discurso utilizamos como aporte teórico Bakhtin (2003) e Marcushi (2008); à luz dos estudos bakhtinianos, trazemos ao gênero petição o referencial da legislação específica - Lei nº 13.105/ 2015 - e de autores que se dedicam aos estudos desse documento, tais como Campestrini (2010), Matias (2007) e Miranda (2004), entre outros.

ARGUMENTAÇÃO MULTIMODAL EM TEXTOS MIDIÁTICOS

Welton Pereira e Silva

Amanda Heiderich Marchon

Resumo: pretende-se, nesta investigação, demonstrar que a dimensão argumentativa de um texto pode ser engendrada pelo emprego estratégico de diferentes modalidades. Assim, procura-se apresentar uma perspectiva teórica e metodológica para a análise de textos argumentativos multimodais. A esse fenômeno em que diferentes modalidades são empregadas no plano cotextual, visando ao convencimento e/ou persuasão do interlocutor, chamamos de “multimodalidade argumentativa”. A investigação baseia-se na Teoria Semiolinguística do Discurso (CHARAUDEAU, 2009) e na Teoria da Argumentação no Discurso (AMOSSY, 2018), associadas a estudos que tomam a imagem como objeto de análise (KRESS & VAN LEEUWEN, 1996; SANTAELLA, 2012). Procura-se evidenciar a forma como o material icônico, em textos midiáticos, não apenas ilustra o conteúdo verbal, mas veicula junto a ele um todo coeso e coerente com forte teor argumentativo, buscando orientar o leitor a determinadas conclusões, com exclusão de outras, evidenciando, no processo, o posicionamento subjetivo da instância de produção. Para este trabalho, de natureza qualitativa, efetuou-se uma revisão de literatura acerca da argumentação e da multimodalidade, unindo-se as duas noções em análises de textos midiáticos diversos que compõem o *corpus*. Ao final, demonstra-se como a multimodalidade pode se configurar uma estratégia argumentativa e descrevem-se três categorias analíticas que podem ser empregadas na análise de textos multimodais que apresentem uma dimensão argumentativa. Este trabalho não abarca a totalidade do fenômeno apresentado, afinal, debruça-se apenas sobre um tipo de multimodalidade, a que leva em conta a junção do material verbal com o material imagético. Mesmo que se tenha percebido três diferentes formas de relação entre essas duas modalidades para a construção da argumentação, vale saber, (i) a argumentação multimodal por focalização (ii), a argumentação multimodal por complementariedade e (iii) a argumentação multimodal por divergência, compreende-se que ainda falta muito a ser estudado e apresentado sobre esse fenômeno. Percebe-se, por meio da análise dos diferentes gêneros trazidos como *corpus*, que diferentes níveis de interação multimodal podem ser

empregados com finalidade argumentativa. Levando em conta o que Charaudeau (2020) chama de *persuasão*, bem como a noção de dimensão argumentativa de Amossy (2018), procura-se evidenciar que mesmo os textos que não seriam considerados explicitamente argumentativos podem apresentar a intencionalidade de influenciar o interlocutor em alguma medida. Demonstra-se, por meio da análise de um texto predominantemente descritivo, que imagens que parecem meramente ilustrar o material linguístico podem gerar efeitos de sentido que buscam atingir o leitor. De igual modo, mostra-se que, por vezes, a imagem parece não se relacionar diretamente ao material verbal, necessitando que diferentes graus de inferência sejam trazidos à tona pelo leitor para a compreensão adequada do texto, o que também evidencia uma estratégia de argumentação multimodal. Mendes (2013), trazendo o ponto de vista teórico de Ruth Amossy, postula que as imagens seriam detentoras de uma dimensão argumentativa, justamente por não apresentarem explicitamente mecanismos linguísticos que denotem a argumentação. Para pesquisas futuras, que partirão desta primeira delimitação do fenômeno chamado de “argumentação multimodal”, poder-se-á estudar a forma como os gestos corporais e as expressões faciais se relacionam com o que é dito em uma conversa espontânea, bem como a relação entre a empostação da voz e o enunciado linguístico, permitindo determinados efeitos de sentido engendrados por diferentes modalidades.

Palavras-chave: Multimodalidade; Argumentação; Discurso.

Bibliografia:

Amossy, R., & Zavaglia, A. O lugar da argumentação na análise do discurso: abordagens e desafios contemporâneos. **Filologia e Linguística Portuguesa**, (9), 121-146, 2007. Doi: 10.11606/issn.2176-9419.v0i9p121-146

Amossy, R. **A argumentação no discurso**. São Paulo, SP: Contexto, 2018.

Aristóteles. **Retórica** (2a ed.). Lisboa, PT: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2005.

bentes, a. c., & rezende, r. C. (2008). Texto: conceito, questões e fronteiras [con]textuais. In I. Signorini (Org.), **[Re]Discutir texto, gênero e discurso** (p. 19-46). São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2008.

Barthes, R. **O óbvio e o obtuso: ensaios críticos III** (L. Novaes, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1990.

Charaudeau, P. **Linguagem e Discurso: modos de organização**. São Paulo, SP: Contexto, 2009.

Charaudeau, P. A patemização na televisão como estratégia de autenticidade (R. d. Mello, Trad.). In E. Mendes & I. L. Machado (Orgs.), **As emoções no discurso** (Vol. 2, p.23-56). Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.

Charaudeau, P.. Maria Aparecida Lino Pauliukonis entrevista Patrick Charaudeau. **Matraga - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ**, 27(50), 487-495, 2020. Doi: [10.12957/matraga.2020.51171](https://doi.org/10.12957/matraga.2020.51171)

Fiorin, J. L. Argumentação e discurso. **Bakhtiniana Revista de Estudos do discurso**, 9(1), 53-70, 2014.

Galinari, M. M. Hipóteses para uma análise discursiva das imagens. In E. Mendes (Coord.), I. L. Machado, H. Lima & D. Lysardo-Dias (Orgs.), **Imagem e Discurso** (p. 357-369). Belo Horizonte, MG: FALE, 2013.

Kress, G., & Van Leeuwen, T. **Multimodal discourse: the modes and media of contemporary communication**. New York, NY: Oxford University Press, 2001.

Kress, G., & Van Leeuwen, T. **Reading images: the grammar of visual design**. New York, NY: Routledge, (2006 [1996]).

Mendes, E. Análise do Discurso e iconicidade: uma proposta teórico-metodológica. In E. MENDES, E. (Coord.), I. L. Machado, H. Lima & D. Lysardo-Dias (Orgs.), **Imagem e Discurso** (p. 125-156). Belo Horizonte, MG: FALE, (2013).

Reboul, O. **Introdução à Retórica** (I. C. Benedetti, Trad.). São Paulo, SP: Martins Fontes, (2004).

Santaella, L. **Leitura de imagens** (Coleção Como eu ensino). São Paulo, SP: Melhoramentos, (2012).

**PUNTOS DE VISTA TONALES Y GRADUALIDAD EN LAS
ENUNCIACIONES INSTRUCCIONALES CON MARCAS DE LA
PREVENCIÓN**

Giselle Brenda Pernuzzi

Resumen: El presente trabajo se enmarca en el enfoque dialógico de la argumentación y de la polifonía (García Negroni, 2016, 2018a, 2018b, 2019; García Negroni y Libenson, 2020a, 2020b; Martínez Levy, 2017; García Negroni y Hall, 2020). Es una teoría no referencialista del sentido y no unicista ni intencionalista del sujeto que articula de manera novedosa varios de los principios de la semántica argumentativa (Ducrot, 2004; Carel y Ducrot, 2005), la teoría de la polifonía (Ducrot, 1986) y la teoría del dialogismo (Bajtín, 2002). A la luz del enfoque dialógico de la argumentación y de la polifonía, este trabajo propone una caracterización semántica y discursiva de las marcas de la prevención que codifican *puntos de vista tonales* y que se entienden en términos de gradualidad (Ducrot, 2005). Puntualmente, el presente trabajo se centra en las enunciaciones propias del discurso instruccional (Silvestri, 1995) con marcas de la instrucción que evocan precauciones exigidas por el peligro. Mediante este estudio se busca, primero, poner de manifiesto que tales enunciaciones se presentan como desencadenadas por distintos *marcos de discurso* (García Negroni, 2018a) previos que evocan decires eventuales de posibles alocutarios y que justifican diferentes posicionamientos subjetivos tonales de respuesta y de anticipación configurados argumentativamente en esas enunciaciones. Luego, mostrar que esos posicionamientos dan cuenta de distintas tonalidades de la voz del locutor L (Ducrot, 1986) que quedan representadas en la enunciación como una gradualidad. Para llevar a cabo el presente estudio descriptivo y cualitativo, que forma parte de una investigación en curso en el marco del Doctorado en Ciencias del Lenguaje con mención en Traductología de la Facultad de Lenguas de la Universidad Nacional de Córdoba (Argentina), se elaboró un corpus conformado por manuales de instrucciones en italiano destinados a expertos y las correspondientes traducciones publicadas en español. El análisis efectuado pone en evidencia que en las enunciaciones instruccionales con marcas lingüísticas evocadoras de precauciones exigidas por el peligro quedan configurados posicionamientos subjetivos con

tonalidades de la voz del locutor L diferentes, según sea el alocutario previsto potencial usuario del manual en cuestión. Asimismo, revela que la gradualidad manifestada discursivamente en esas marcas da cuenta de distintos matices tonales. Los resultados obtenidos posibilitarán proseguir con el trabajo de investigación a los fines de poner en relación esas enunciaciones instruccionales con el *ethos* (Amossy, 1999; Maingueneau, 2002) técnico-pedagógico que queda configurado en el discurso preventivo. Además, posibilitarán emprender un estudio contrastivo entre italiano y traducción al español con el propósito de especificar cuáles son las huellas del traductor técnico que impactan sobre el sentido de prevención que queda representado en dichas enunciaciones. De esta manera, en el marco de la traductología en tanto campo de conocimiento interdisciplinario, se considera que los resultados de esta investigación aportan conocimientos que contribuyen al desarrollo del enfoque dialógico de la argumentación y de la polifonía, como asimismo a los estudios sobre el discurso instruccional; también se espera que, en futuros trabajos, colaboren en la generación de conocimientos en lo que respecta a los estudios descriptivos sobre la traducción técnica del italiano al español.

Palabras clave: Discurso instruccional; Gradualidad; Puntos de vista tonales.

Bibliografía:

Amossy, R. (1999). “La notion *d’ethos* de la rhétorique à l’analyse du discours”. En Amossy, R. (dir.), **Images de soi dans le discours**. Lausanne, Delachaux et Niestlé. Juan Dothas trad.

Bajtín, M.M. (2002, [1979]). El problema de los géneros discursivos. En **Estética de la creación verbal** (1a ed.) (250-293). Buenos Aires: Siglo XXI.

Carel, M. y O. Ducrot (2005). **La semántica argumentativa. Una introducción a la teoría de los bloques semánticos**. Buenos Aires: Colihue.

Ducrot, O. (1986). **El decir y lo dicho. Polifonía de la enunciación**. Barcelona: Paidós.

Ducrot, O. (2004). Sentido y argumentación. En Arnoux, E. y M.M. García Negroni (comps.), **Homenaje a Oswald Ducrot** (359-370). Buenos Aires: Eudeba.

Ducrot, O. (2005). Los internalizadores. En Carel, M. y O. Ducrot, **La semántica argumentativa. Una introducción a la teoría de los bloques semánticos** (163-186). Buenos Aires: Colihue.

García Negroni, M. M. (2016). Polifonía, evidencialidad citativa y tiempos verbales. Acerca de los usos citativos del futuro morfológico y del futuro perifrástico. En González Ruiz, R., D. Izquierdo Alegría y O. Loureda Lamas (eds.), **La evidencialidad en español: teoría y descripción** (279-302). Madrid / Frankfurt am Main: Editorial Vervuert / Iberoamericana.

García Negroni, M. M. (2018a). Argumentación y puntos de vista evidenciales: acerca del condicional citativo en el discurso periodístico y en el discurso científico. En M. Shiro y A. Bolívar (coords.), **Boletín de Lingüística**, 30(49-50), 86-109. Caracas: FACES-UCV.

García Negroni, M. M. (2018b). Argumentación y puntos de vista evidenciales citativos: acerca de la negación metadiscursiva en el discurso político. En **Oralia**, 21(2), 223-242. Madrid: Arco/Libros.

García Negroni, M. M. (2019). El enfoque dialógico de la argumentación y la polifonía, puntos de vista evidenciales y puntos de vista alusivos. En **RILCE (Revista de Filología Hispánica)**, 35 (2), 521-549. Pamplona: Universidad de Navarra. doi: <https://doi.org/10.15581/008.35.2.521-49>

García Negroni, M. M. y B. Hall (2020). Procesos de subjetivación y lenguaje inclusivo. En **Literatura y Lingüística**, 42, 275-301. Santiago de Chile. doi: <https://doi.org/10.29344/0717621X.42.2597>

García Negroni, M. M. y Libenson M. (2020a). La evidencialidad desde el enfoque dialógico de la argumentación y de la polifonía. Un estudio contrastivo de los empleos inferencial y citativo del marcador evidencial *así que*. En Ó. Loureda Lamas, M. Rudka y G. Parodi (eds.), **Marcadores del discurso y lingüística contrastiva en las lenguas románicas** (41-62). Madrid: Iberoamericana.

García Negroni, M. M. y Libenson M. (2020b). Aportes del enfoque dialógico de la argumentación y de la polifonía al estudio del significado evidencial: ¿Y (tono circunflejo)...X? y ¿Así que X? en contraste. En C. Fuentes Rodríguez, A. Messias Nogueira y M. Martí (coords.), **Nuevas perspectivas sobre los marcadores del discurso: descripción y contraste** (77-100). Sevilla: Editorial de la Universidad de Sevilla.

COLÓQUIO INTERNACIONAL ENUNCIÇÃO E ARGUMENTAÇÃO COLLOQUE INTERNACIONAL ÉNONCIATION ET ARGUMENTATION

A Semântica Argumentativa em diálogo
La Sémantique Argumentative en dialogue

Maingueneau, D. (2002). **Problemas de ethos**. M. Eugenia Contursi, trad. Recuperado el 15/05/2014 de: <https://es.scribd.com/doc/15238597/Ethos-Maingueneau>

Martínez Levy, A. (2017). “Joder a México”. Hacia una lectura polifónico-argumentativa en clave dialógica de continuaciones discursivas gestadas a partir de un comentario del presidente mexicano Enrique Peña Nieto. En Revista **ALED**, 17 (1), 53-75. Recuperado el 22/02/2021 de: <https://raled.comunidadeled.org/index.php/raled/article/view/241/234>

Silvestri, A. (1995). **Discurso Instruccional**. Buenos Aires: Oficina de Publicación Cielo Básico Común.

7, 8 e 9 de outubro de 2021
Les 7, 8 et 9 Octobre 2021

www.colenarg.paginas.ufsc.br

**O USO DOS MODALIZADORES DISCURSIVOS NO PRIMEIRO
DEPOIMENTO DO EX-PRESIDENTE LULA AO JUIZ SÉRGIO
MORO: MARCAS ARGUMENTATIVAS**

Maria Eliane Gomes Morais

Erivaldo Pereira Nascimento

Resumo: O usuário da língua, ao materializar seu discurso, apropria-se de recursos argumentativos diversos, e com isso, muitas vezes, imprime aspectos de sua subjetividade no que foi enunciado. Um desses recursos são os modalizadores discursivos que podem marcar o posicionamento de determinado locutor em relação à sua própria voz ou ainda à voz do outro. Assim, considerando a modalização como estratégia argumentativa, este artigo objetiva identificar e analisar o comportamento argumentativo de modalizadores discursivos presentes em recortes do primeiro depoimento do Ex-presidente Lula ao juiz Sérgio Moro. Para isso, discorreremos sobre Modalização Discursiva, a partir dos teóricos que se debruçam sobre o fenômeno da modalização, bem como descreveremos os tipos de modalizadores e seus efeitos de sentido, uma vez que na perspectiva da modalização enquanto fenômeno semântico-argumentativo, o locutor também deixa marcas de sua subjetividade no discurso proferido e revela, por meio de determinados elementos linguísticos, a maneira como o interlocutor deve ler esse discurso. Desse modo, nessa pesquisa, consideramos não só a noção de Ducrot (1988) para quem a argumentação é um fenômeno inerente à língua, mas também a contribuição de Espíndola (2004), que afirma não ser só a língua argumentativa, mas também seu uso. Convém ressaltar que este trabalho é parte de uma investigação de doutoramento em Linguística, em fase de andamento, ligado ao projeto “Estudos Semântico- Argumentativos e Enunciativos na Língua e no Discurso”, desenvolvido no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFPB, e apresenta resultados parciais da pesquisa. O caráter metodológico do estudo em questão é de cunho descritivo-interpretativista, baseado nos postulados teóricos de Adelino (2016); Castilho e Castilho (2002); Cervoni (1989); Ducrot (1988); Espíndola (2004); Koch (2011); Nascimento e Silva (2012); Neves (2013); entre outros

estudiosos. Como procedimento metodológico, inicialmente ouvimos na íntegra o primeiro depoimento do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva que ocorreu no dia 10 de maio de 2017, em Curitiba/PR. Em seguida, fizemos a transcrição de todo o depoimento, considerando as falas do depoente, do juiz Sérgio Moro, advogados e representantes do Ministério Público. Feito isso, identificamos os modalizadores presentes nas falas dos que participaram da audiência. Por fim, realizamos a análise descritivo-interpretativista desses fenômenos, evidenciando seus efeitos de sentido. A análise, propriamente dita, considerou a classificação dos modalizadores proposta por Nascimento e Silva (2012), tendo em vista que nos parece melhor delimitada. Esses autores tratam o fenômeno da modalização apresentando-a como uma estratégia semântico-argumentativa e pragmática, que se materializa em diferentes gêneros discursivos. Assim, para Nascimento e Silva (2012), a modalização é concebida como um ato particular que permite ao locutor, além de deixar marcas de suas intenções, agir em função do seu interlocutor. De acordo com Adelino (2016, p. 183), no gênero oral, como foi o caso do depoimento, *corpus* dessa pesquisa, o “uso da entonação de ênfase; da repetição; de marcadores conversacionais de concordância e de construções frasais na interrogativa” também funcionam como modalizadores do discurso, revelando o posicionamento do locutor. Embora a investigação ainda não esteja concluída, a análise parcial realizada nos permite apontar alguns elementos importantes sobre o funcionamento da modalização no *corpus*. O primeiro diz respeito ao fato de que a modalização tem sido utilizada, principalmente, como uma estratégia que permite o locutor responsável pelo discurso (L1) avaliar o discurso de outros locutores (L2, L3, Se-Locutor etc), imprimindo certeza, emitindo posicionamento axiológico ou ainda levantando hipóteses a respeito do dito alheio. Assim, funciona em concomitância com a polifonia enunciativa, permitindo a avaliação, o julgamento ou a utilização do dizer alheio (de terceiros) como elemento determinante tanto no processo de questionamento ou inquirição (questionamento ao interlocutor – especialmente quando na fala no juiz), como no processo de fundamentação do próprio dizer (especialmente na fala do depoente ou de sua defesa). Os principais modalizadores observados nos trechos analisados, e que desempenham as funções supramencionadas são os modalizadores epistêmico-asseverativos, os avaliativos e os epistêmico-quase-asseverativos. Nesse sentido os resultados parciais dessa pesquisa têm revelado que a modalização é utilizada pelo locutor expressa seu posicionamento acerca do conteúdo enunciado, especialmente sobre o dito

alheio. Sendo assim, consideramos que, de alguma maneira, o locutor marca em seu discurso, por meio de determinadas estratégias linguísticas, como o interlocutor deve ler ou (re)agir diante do dito.

Palavras-chave: Modalização; Estratégia Argumentativa; Depoimento Judicial.

Bibliografia:

Adelino, F. J. da S. **Na trilha dos modalizadores:** perscrutando os jogos argumentativos no gênero entrevista de seleção de emprego. 2014. 332 f. Tese (Doutorado em letras) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

Castilho, A. T.; Castilho, C. M. M. de. Advérbios Modalizadores. IN: Ilari, R. (org.) **Gramática do Português Falado**. Vol. II: Níveis de Análise Lingüística. 4ª Edição. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002.

Ducrot, O. **Polifonia y argumentacion**. Universidade del Valle - Cali. 1988.

Espíndola, L. C. **A entrevista:** um olhar argumentativo. João Pessoa: EDUFPPB, 2004.

Koch, I. G. V. **Argumentação e linguagem**. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

Nascimento; Silva, J. M. O fenômeno da modalização: estratégia semântico-argumentativa e pragmática. In: Nascimento, E. P. (Org.) **A Argumentação na redação comercial e oficial:** estratégias semântico-discursivas em gêneros formulaicos. João Pessoa: Editora Universitária, 2012.

Neves, M. H. de M. **Texto e Gramática**. 2. ed. São Paulo. Contexto, 2013.

**POLIFONIA DUCROTIANA 'REVISITADA' EM TEXTOS
EMPÍRICOS MULTISSEMIÓTICOS: CONTRIBUIÇÕES DA
PRAGMÁTICA E DA TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO**

Rosalice Pinto

Resumo: É consensual que foram os trabalhos de Ducrot (1980, 1984) que trouxeram para o âmbito da Linguística a noção de polifonia. Para esse autor, em um enunciado, podem ser identificados: um sujeito 'falante' (sujeito empírico).; o locutor propriamente dito (L) e o locutor enquanto ser do mundo (L'). Contudo, vale ressaltar que essa polifonia ainda pode ser complexificada no caso particular de uma pressuposição. Esta, como parte de um conhecimento mútuo ou comum, pode ser considerada como um ponto de vista específico, sendo um conteúdo atribuído a uma voz que pertence a uma "voz coletiva" (Ducrot 1984). De acordo com essa perspectiva, o uso (inevitável) de uma pressuposição não pode ser considerado como resultante da responsabilidade direta (enquanto engajamento) do enunciador. Na verdade, ela pertence a um enunciador indefinido, denominado de "ON" por Ducrot - (Ducrot 1980, 1984). Nesse sentido, o uso de uma pressuposição introduz uma polifonia implícita num enunciado, sendo que neste o locutor divide as vozes e os engajamentos (pontos de vista) entre dois enunciadores, tomando a responsabilidade relativamente apenas ao que é dito, mas não ao que é pressuposto (Ducrot 1984). A partir dessas considerações iniciais, este trabalho visa a mostrar de que forma a noção da polifonia ducrotiana pode vir a ser re(atualizada) com estudos atuais da Teoria da Argumentação e da Pragmática para o estudo de textos multissemióticos. Para atingir o objetivo proposto, apresentar-se-á a análise de anúncios publicitários veiculados à temática da COVID-19, que circularam durante o ano de 2020, no Brasil e em Portugal. Resultados preliminares demonstram que trabalhos de Sperber e Wilson (1995) relativo às explicaturas e a noção de esquemas argumentativos aportada de Walton et al (2008) podem vir a contribuir para complexificar a análise de textos plurissemióticos (MACAGNO e PINTO, 2021).

Palavras-chave: Polifonia; Argumentação; Textos multissemióticos; Pragmática.



COLÓQUIO INTERNACIONAL ENUNCIÇÃO E ARGUMENTAÇÃO
COLLOQUE INTERNACIONAL ÉNONCIATION ET ARGUMENTATION

A Semântica Argumentativa em diálogo
La Sémantique Argumentative en dialogue

Bibliografia:

Ducrot, O. **Les mots du discours**. Paris: Minuit, 1980.

Ducrot, O. **Le dire et le dit**. Paris: Minuit, 1984.

Macagno, F.; Pinto, R. Reconstructing multimodal arguments in advertisements: Combining Pragmatics and Argumentation Theory. **Argumentation** 35, 141-176, 2021.

Sperber, D. ; Deirdre, W. **Relevance**: Communication and cognition. Oxford: Blackwell Publishing Ltd, 1995.

Walton, D.; Reed, C.; Macagno, F. **Argumentation schemes**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.



7, 8 e 9 de outubro de 2021
Les 7, 8 et 9 Octobre 2021

www.colenarg.paginas.ufsc.br

IMAGEM DO JECA CRIADA NA CULTURA BRASILEIRA DO SÉCULO XX, NA PERSPECTIVA DA SEMIÓTICA

Leandro Rocha Resende

Resumo: Como parte de um projeto de pesquisa, essa comunicação tem como objetivo compartilhar um estudo em andamento sobre a imagem do Jeca ou do Jecatatu. Essa imaginação será estudada na letra e na música (1918) *Tristeza do Jeca*, interpretada por Tônico e Tinoco, no filme *Tristeza do Jeca* (1961), protagonizado por Amácio Mazzaropi, e na revista *Jeca-Tatuzinho*, elaborada por Monteiro Lobato em 1966. Tem-se como proposta descrever as representações dos Jecas no século XX, haja vista que se considera possíveis os deslocamentos e modificações acerca da imagem do homem. O homem chamado caipira representa a cultura e história do Brasil ajudando a moldar parte da identidade nacional. Em seu modo de vida, não havia sentido a acumulação de capital, e a partir disso, uma de suas principais características centra-se na rusticidade. Esse estigma, posto como paradigma e protótipo de todos os caipiras, encontra-se modificado num processo constante de deslocamento de imagens diversas. O Brasil caracteriza-se cada vez mais como um produtor agropecuário de exportação tendo como consequência uma retomada mais intensa das relações coloniais. Isso pressupõe que o capital constrói parâmetros para toda relação social identificadora do trabalho, e no caso da figura do homem do campo, constrói subjetividades adequadas ao padrão de funcionamento das estruturas de poder. A partir da compreensão dessas subjetividades, estabelece-se como metodologia de estudo a teoria semiótica geral e a teoria semiótica semissimbólica em específico. A semiótica, teoria iniciada por Greimas e pelo Grupo de Investigações Semiolinguísticas da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais, estuda a significação, que é definida no texto. Para a semiótica, é necessário descrever e explicar “o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz” (BARROS, 1990), uma vez que a organização ou estruturação que produz sentido estabelece o objeto da comunicação entre um destinador e um destinatário. O texto existe na dualidade estabelecida entre o objeto de significação e o objeto de comunicação e, dessa forma, segundo Diana Barros, “o estudo do texto com vistas à construção de seu ou de seus sentidos só pode ser entrevisto como o exame tanto dos mecanismos internos quanto dos fatores contextuais ou sócio-

históricos de fabricação do sentido” (p. 12). Assim, é necessário considerar que as manifestações textuais acerca da imagem do Jeca serão definidas no processo de análise entre um plano de expressão e um plano de conteúdo. Antonio Vicente Pietroforte (2020, p.11), apresentando a teoria da semiótica semissimbólica de Jean-Marie Floch, explica que “o plano de conteúdo refere-se ao significado do texto, já o plano de expressão refere-se à manifestação desse conteúdo em um sistema de significação verbal, não verbal sincrético”, como é o caso dos textos que envolvem o plano de expressão a fim de uma descrição sobre os processos de significações relacionados à imagem do Jeca. Nesse sentido, uma descrição imanente do objeto significa reconhecer o texto como uma máscara, sob a qual é necessário descrever, por meio dos programas narrativos, no percurso gerativo de sentido, na sintaxe e na semântica, as leis que regem o discurso-texto. A metodologia terá um caráter qualitativo com o compromisso de descrever os objetos em todas as suas manifestações a fim de demonstrar a correlação entre o pensamento/discurso no indivíduo e a manifestação/texto na sociedade. O referencial bibliográfico será constituído pela teoria semiótica proposta por Algirdas Julien Greimas: Jean-Marie Floch, Diana Luz Pessoa de Barros, Antonio Vicente Pietroforte, Sebastião Elias Milani e José Luiz Fiorin. Outras fontes fundamentais são Amadeu Amaral, Émile Benveniste e Louis Troler Hjelmslev entre outros. Busca-se como tese central, portanto, demonstrar os deslocamentos, as continuidades e as descontinuidades acerca das representações do homem-Jeca, pois ainda se pode ver a imagem Jeca nos homens brasileiros.

Palavras-chave: Homem; Jeca; Texto; Semiótica; Semissimbolismo

Bibliografia:

Amaral, A. **O dialeto caipira**. 3. ed. São Paulo: Hucitec-SCET-CEC, 1976. [1920].

Barros, D. L. P.. **Teoria semiótica do texto**. São Paulo: Ática, 1990.

Benveniste, E. **Problemas de linguística geral I e II**. São Paulo: Pontes, 1974. Trad. de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri.

Bloomfield, L. **Language**. Londres: Copton, 1933.

Floch, J. M. **Petit mythologie de l'oil et de l'esprit**. Paris. John Benjamins Publishing Company, 1985

Fiorin, J. L. **As astúcias da enunciação**. São Paulo: Ática, 2004.

COLÓQUIO INTERNACIONAL ENUNCIÇÃO E ARGUMENTAÇÃO COLLOQUE INTERNACIONAL ÉNONCIATION ET ARGUMENTATION

A Semântica Argumentativa em diálogo
La Sémantique Argumentative en dialogue

Greimas, A. J. **Semântica estrutural**. São Paulo: Cultrix, 1966.

Hjelmslev, L. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. São Paulo: Perspectiva, [1939] 1975.

Martins, J. de S. **Capitalismo e tradicionalismo**. Estudo das contradições da sociedade agrária no Brasil. São Paulo: Pioneira, 1975.

Milani, S. E. **Aspectos Historiográfico-Linguísticos do século XIX: Humboldt, Whitney e Saussure**. São Paulo: Paco editorial, 2011.

_____. **Indivíduo Língua Sujeito**. São Paulo: Paco editorial, 2020.

Pietroforte, A. V. **Semiótica Visual: os percursos do olhar**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2020.

Saussure, F. de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1995 [1971], 18ª ed. Trad. de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein.

7, 8 e 9 de outubro de 2021
Les 7, 8 et 9 Octobre 2021

www.colenarg.paginas.ufsc.br

**PROSODIA Y MIRATIVIDAD, UN ANÁLISIS FUNDADO EN EL
ENFOQUE DIALÓGICO DE LA ARGUMENTACIÓN Y LA
POLIFONÍA (EDAP)**

Adriana Caldiz

Resumen: Con el sustento teórico del Enfoque Dialógico de la Argumentación y la Polifonía (EDAP) –García Negroni (2009, 2016, 2019, García Negroni y Libenson (2015, 2016, 2020, 2021); García Negroni y Hall (2020)–, el presente trabajo forma parte de una serie ininterrumpida de estudios sobre la puesta en relación de la prosodia con la argumentación, la polifonía y el dialogismo (Caldiz y Gnecco 2019; Caldiz 2020, 2021). Partimos de la base que todo discurso es eminentemente argumentativo (Ducrot y Carel 2004) y polifónico (Ducrot 1984) y adherimos a la idea Bahtiniana que sostiene que todo enunciado, lejos de producirse como el decir de un Adán bíblico, forma parte de una cadena discursiva y se relaciona con otros enunciados –ya sean estos reales o supuestos (Bahtín 1982). Es así que inmersos en el EDAP –enfoque teórico no referencialista, no veritativista ni intencionalista de la enunciación– nos proponemos ahondar sobre un tema poco desarrollado hasta el momento y así poner en evidencia la manera en que, en la oralidad, la entonación acompaña y acentúa los sentidos relativos a enunciaciones mirativas. Entendemos la miratividad o admiratividad como una categoría semántica que codifica una reacción de sorpresa ante evidencias contextuales inesperadas (DeLancey 1997, 2001). En este punto es preciso recordar que el EDAP mantiene la distinción ducrotiana entre L (el locutor en tanto tal) y λ (el locutor en tanto ser del mundo) pero prefiere hablar de puntos de vista (PdV) y no de enunciadores. Los PdV, no dichos pero sí mostrados, se expresan a través de encadenamientos argumentativos –ya sean estos normativos o transgresivos– e instan a identificar y recuperar en el interdiscurso los marcos de discurso (MD) que se presentan como la causa dialógica de la enunciación. Los MD que motivan enunciaciones mirativas encadenan el PdV de lo esperado en T-1 y el que se descubre a partir de la evidencia contextual en T0. En esta arena, y teniendo en cuenta la necesidad de continuar ampliando los estudios que relacionan la miratividad y la entonación, partimos de la hipótesis que sostiene que los diversos tipos de enunciaciones mirativas descriptos desde el EDAP –sorpresa por contra expectativa, alto

grado o deslumbramiento— podrían asociarse a formas prosódicas específicas y distintivas. Para ello se lleva a cabo un análisis cualitativo y cuantitativo de casos de discurso espontáneo obtenidos de la colección CordeBA perteneciente al portal ARCAS de la Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación de la Universidad Nacional de La Plata. Esta colección presenta un corpus de libre acceso con diálogos espontáneos en español de Buenos Aires. También se analizan casos de registros de audio grabados por actores y actrices a partir de la descripción de la situación de enunciación. Todos los casos considerados en este trabajo han sido objeto de análisis acústico por medio del software PRAAT. Esta herramienta para el análisis fonético del habla permite trabajar a nivel segmental y también suprasegmental. Para este trabajo ha sido de suma importancia la información sobre la curva melódica que refleja las variaciones de frecuencia fundamental (F0) a lo largo del tiempo que dura el enunciado como así también la curva de intensidad y demás visualizaciones de los diversos parámetros suprasegmentales.

Palabras clave: Miratividad; Prosodia, EDAP.

Bibliografía:

Bakhtin, M. (1982) **Estética de la creación verbal**. Buenos Aires: Siglo XXI.

Caldiz, A. (2020). “Puntos de vista evidenciales y entonación”..En: CALDIZ, A., Y RAFAELLI, V. **Exploraciones fonolingüísticas**. FAHCE. UNLP. <http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/libros/pm.4481/pm.4481.pdf>

Caldiz, A. (2021) “Puntos de vista mirativos y puntos de vista evidenciales mostrados y marcados por la prosodia: un análisis dialógico-polifónico”. En **Actas de XVII Congreso SAEL**. Universidad de Tucumán. En prensa.

Caldiz, A. Y Gnecco, V. (2019). “Puntos de vista (ad)mirativos y realce prosódico: un análisis del español coloquial de Buenos Aires”. Trabajo presentado en congreso ALFAL 2019. FAHCE. UNLP.

Delancey, S. (1997). “Mirativity: the grammatical marking of unexpected information”. **Linguistic typology** 1 (1) 33-52.

Delancey, S. (2001). “The mirative and evidentiality”. En: **Journal of Pragmatics** 33. 389-382. ELSEVIER.

Ducrot, O. (1984) **Le dire et le dit**. París: Minuit.

Ducrot, O. (2001). **El decir y lo dicho**. EDICIAL. Buenos Aires.

Ducrot, O. y Carel, M. (2004) **La Semántica Argumentativa. Una introducción a la teoría de los bloques semánticos**. Eds.: GARCÍA NEGRONI, M.M. Y LESCANO, A. COLIHUE. Buenos Aires.

García Negroni, M. M. (2009). “Dialogismo y polifonía enunciativa. Apuntes para una reelaboración de la distinción discurso / historia.” **Páginas de Guarda** 7:15-31.

García Negroni, M. M. (2016). “Polifonía, evidencialidad citativa y tiempos verbales. Acerca de los usos citativos del future morfológico y del future perifrástico”. En: González Ruiz, R., Izquierdo Alegría, D. y Loureda Lamas, O. (eds.): **La evidencialidad en español: teoría y descripción**, Madrid/Frankfurt: Iberoamericana/Vervuert, p. 279-302.

García Negroni, M.M. (2019). “El enfoque dialógico de la argumentación y la polifonía, puntos de vista evidenciales y puntos de vista alusivos”, **Rilce**.

GARCÍA NEGRONI, M.M. Y LIBENSON, M. (2015). “Para una descripción polifónica de la evidencialidad, subjetividad y estructuras evidenciales con pronombres demostrativos neutros”. García Negroni, **Sujeto(s), alteridad y polifonía. Acerca de la subjetividad en el lenguaje y el discurso**, pp 7-50. Ampersand. CABA.

García Negroni, M.M. y Libenson, M. (2016). “Argumentación, evidencialidad y marcadores del discurso. El caso de *por lo visto*”, **Tópicos del seminario**, 35, pp. 51-75. México.

García Negroni, M.M. y Libenson, M. (2020). “La evidencialidad desde el Enfoque dialógico de la argumentación y de la polifonía. Un estudio contrastivo de los empleos inferencial y citativo del amrcador evidencial *así que*”. En: Fuentes Rodríguez, C., Messias Nogueira, A. y Martí, M. (eds.): **Nuevas perspectivas sobre los marcadores del discurso: descripción y contraste**.

García Negroni, M.M. y Libenson, M. (2021). **A propósito de las causas dialógicas de la enunciación**. El caso de las enunciaciones mirativas con el amrcador *Mirá* (En prensa).

García Negroni, M. M. Y Hall, B. (2020) “Procesos de subjetivación y lenguaje inclusivo”. En: **Literatura y linguística** N° 42, pp.245-301.



COLÓQUIO INTERNACIONAL ENUNCIACÃO E ARGUMENTAÇÃO COLLOQUE INTERNACIONAL ÉNONCIATION ET ARGUMENTATION

A Semântica Argumentativa em diálogo
La Sémantique Argumentative en dialogue

CORDEBA, (2021) Corpus de Buenos Aires. Coordinadora: Caldiz, A. Curadoras.: Palmieri, M. Y Gneco, V. Colección de registros orales de conversaciones entre hablantes de la provincia de Buenos Aires, Argentina.

ARCAS.

FAHCE.

UNLP.

<http://arcasdev.fahce.unlp.edu.ar/arcas/portada/colecciones/cordeba/cordeba>

Registro de Audios Dirigidos: 100 enunciados grabados por actores y actrices argentinos a partir de la descripción de diferentes situaciones de enunciación.



7, 8 e 9 de outubro de 2021
Les 7, 8 et 9 Octobre 2021

www.colenarg.paginas.ufsc.br

**L'EXPRESSION DE LA MIRATIVITE ET LA PROSODIE, UNE
ETUDE A PARTIR DE L'APPROCHE DIALOGIQUE DE
L'ARGUMENTATION ET DE LA POLYPHONIE (EDAP)**

Adriana Caldiz

Résumé : C'est à partir de l'Approche Dialogique de l'Argumentation et de la Polyphonie (EDAP) –García Negroni (2009, 2016, 2019,); García Negroni et Libenson (2015, 2016, 2020, 2021); García Negroni et Hall (2020) –que ce travail fait partie d'une série ininterrompue d'études à propos de la relation entre la prosodie et l'argumentation, la polyphonie et le dialogisme (Caldiz et Gnecco 2019; Caldiz 2020, 2021). Nous présumons que tout discours est nécessairement argumentatif (Ducrot et Carel 2004) et polyphonique (Ducrot 1984) et nous adhérons à l'idée bahtinienne qui soutient que tout énoncé, loin de se produire comme le dire d'un Adam biblique, fait en réalité partie d'une chaîne discursive et il se trouve toujours en rapport avec d'autres énoncés réels ou supposés (Bahtín 1982). C'est ainsi que dans le cadre de l'EDAP – approche théorique non référentielle, non véridative ni intentionnaliste de l'énonciation– nous nous proposons d'approfondir sur un thème peu développé jusqu'à présent dans le but de mettre en évidence la manière dans laquelle dans l'oralité, l'intonation est susceptible de remarquer voir même ériger certaines significations associées aux points de vue miratifs. Nous comprenons la mirativité en tant que catégorie sémantique qui encode une réaction face à des évidences contextuelles inattendues (DeLancey 1997, 2001). A ce stade, il est nécessaire de rappeler que même si l'EDAP maintient la distinction ducrotienne entre L (le locuteur en tant que tel) et λ (le locuteur en tant qu'être du monde) cette approche préfère de parler de points de vue (PdV) et non pas d'énonciateurs. Les PdV s'expriment par des enchaînements argumentatifs –normatifs ou transgressifs- et incitent à identifier et récupérer dans l'interdiscours les cadres du discours (CD) qui se présentent comme étant la cause dialogique de l'énonciation. Les CD qui motivent des énonciations miratives enchaînent le PdV de ce qui est attendu en T-1 et celui qui est découvert à partir de l'évidence contextuelle en T0. A ce sujet, et en tenant compte de la nécessité de continuer à approfondir les études qui mettent en rapport la mirativité et l'intonation, nous partons de l'hypothèse que les divers types d'énoncés miratifs décrits à partir de l'EDAP –surprise

par contre attente, haut degré ou éblouissement— pourraient être associés à des formes prosodiques spécifiques et distinctives. Nous menons une analyse qualitative et quantitative basée sur des exemples de langue orale spontanée issus de la collection CordeBA du portail ARCAS de la Faculté des Humanités et des Sciences de l'Éducation de l'Université Nationale de La Plata. Cette collection comporte un corpus oral accessible au grand public avec des dialogues spontanés en espagnol de Buenos Aires. Nous avons également utilisé des exemples enregistrés par des acteurs et des actrices à partir de la description de la situation énonciative. Tous les exemples retenus pour ce travail ont été analysés acoustiquement sous Praat. Cet outil d'analyse phonétique de la parole permet de travailler au niveau segmental aussi bien que suprasegmental. L'information sur la courbe mélodique qui rend compte des variations de fréquence fondamentale (F0) ainsi que la courbe d'intensité et les visualisations sur les divers paramètres prosodiques ont été de la plus haute importance pour cette recherche.

Mots clés : Mirativité ; Prosodie ; EDAP.

Bibliographie :

Bakhtin, M. (1982) **Estética de la creación verbal**. Buenos Aires: Siglo XXI.

Caldiz, A. (2020). "Puntos de vista evidenciales y entonación"..En: CALDIZ, A., Y RAFAELLI, V. **Exploraciones fonolingüísticas**. FAHCE. UNLP. <http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/libros/pm.4481/pm.4481.pdf>

Caldiz, A. (2021) "Puntos de vista mirativos y puntos de vista evidenciales mostrados y marcados por la prosodia: un análisis dialógico-polifónico". En **Actas de XVII Congreso SAEL**. Universidad de Tucumán. En prensa.

Caldiz, A. Y Gnecco, V. (2019). "Puntos de vista (ad)mirativos y realce prosódico: un análisis del español coloquial de Buenos Aires". Trabajo presentado en congreso ALFAL 2019. FAHCE. UNLP.

Delancey, S. (1997). "Mirativity: the grammatical marking of unexpected information". **Linguistic typology** 1 (1) 33-52.

Delancey, S. (2001). "The mirative and evidentiality". En: **Journal of Pragmatics** 33. 389-382. ELSEVIER.

Ducrot, O. (1984) **Le dire et le dit**. París: Minuit.

Ducrot, O. (2001). **El decir y lo dicho**. EDICIAL. Buenos Aires.

Ducrot, O. y Carel, M. (2004) **La Semántica Argumentativa. Una introducción a la teoría de los bloques semánticos**. Eds.: GARCÍA NEGRONI, M.M. Y LESCANO, A. COLIHUE. Buenos Aires.

García Negroni, M. M. (2009). “Dialogismo y polifonía enunciativa. Apuntes para una reelaboración de la distinción discurso / historia.” **Páginas de Guarda** 7:15-31.

García Negroni, M. M. (2016). “Polifonía, evidencialidad citativa y tiempos verbales. Acerca de los usos citativos del future morfológico y del future perifrástico”. En: González Ruiz, R., Izquierdo Alegría, D. y Loureda Lamas, O. (eds.): **La evidencialidad en español: teoría y descripción**, Madrid/Frankfurt: Iberoamericana/Vervuert, p. 279-302.

García Negroni, M.M. (2019). “El enfoque dialógico de la argumentación y la polifonía, puntos de vista evidenciales y puntos de vista alusivos”, **Rilce**.

GARCÍA NEGRONI, M.M. Y LIBENSON, M. (2015). “Para una descripción polifónica de la evidencialidad, subjetividad y estructuras evidenciales con pronombres demostrativos neutros”. García Negroni, **Sujeto(s), alteridad y polifonía. Acerca de la subjetividad en el lenguaje y el discurso**, pp 7-50. Ampersand. CABA.

García Negroni, M.M. y Libenson, M. (2016). “Argumentación, evidencialidad y marcadores del discurso. El caso de *por lo visto*”, **Tópicos del seminario**, 35, pp. 51-75. México.

García Negroni, M.M. y Libenson, M. (2020). “La evidencialidad desde el Enfoque dialógico de la argumentación y de la polifonía. Un estudio contrastivo de los empleos inferencial y citativo del amrcador evidencial*así que*”. En: Fuentes Rodríguez, C., Messias Nogueira, A. y Martí, M. (eds.): **Nuevas perspectivas sobre los marcadores del discurso: descripción y contraste**.

García Negroni, M.M. y Libenson, M. (2021). **A propósito de las causas dialógicas de la enunciación**. El caso de las enunciaciones mirativas con el amrcador *Mirá* (En prensa).

García Negroni, M. M. Y Hall, B. (2020) “Procesos de subjetivación y lenguaje inclusivo”. En: **Literatura y linguística** N° 42, pp.245-301.

COLÓQUIO INTERNACIONAL ENUNCIACÃO E ARGUMENTAÇÃO COLLOQUE INTERNACIONAL ÉNONCIATION ET ARGUMENTATION

A Semântica Argumentativa em diálogo
La Sémantique Argumentative en dialogue

CORDEBA, (2021) Corpus de Buenos Aires. Coordinadora: Caldiz, A. Curadoras.: Palmieri, M. Y Gnecco, V. Colección de registros orales de conversaciones entre hablantes de la provincia de Buenos Aires, Argentina.

ARCAS.

FAHCE.

UNLP.

<http://arcasdev.fahce.unlp.edu.ar/arcas/portada/colecciones/cordeba/cordeba>

Registro de Audios Dirigidos: 100 enunciados grabados por actores y actrices argentinos a partir de la descripción de diferentes situaciones de enunciación.

7, 8 e 9 de outubro de 2021
Les 7, 8 et 9 Octobre 2021

www.colenarg.paginas.ufsc.br

**OPERADORES ARGUMENTATIVOS E MARCADORES
DISCURSIVOS QUE INDICIAM CRENÇAS E ATITUDES
LINGUÍSTICAS EM FALANTES BRASILEIROS COM RELAÇÃO AO
ALEMÃO EM MARECHAL CÂNDIDO RONDON-PR**

Renan Paulo Bini

Eviliane Bernardi

Aparecida Feola Sella

Resumo: Objetiva-se apresentar o funcionamento de operadores argumentativos e marcadores discursivos que indiciam avaliações ou mesmo atitudes linguísticas de falantes brasileiros com relação ao contato linguístico existente na localidade de Marechal Cândido Rondon-PR, a partir de dados do Projeto *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato* (Projeto CAL), coordenado por Aguilera (2009). Iniciado em janeiro de 2009, o Projeto CAL é vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Letras, área de concentração em Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste). Envolveu pesquisadores da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Universidade Estadual de Maringá (UEM), Universidade Estadual de Londrina (UEL) e Universidade Estadual do Centro Oeste (Unicentro), e possibilitou o desenvolvimento de pesquisas que mapearam a realidade multicultural de oito localidades paranaenses: Irati, Ponta Grossa, Santo Antônio do Sudoeste, Pranchita, Capanema, Marechal Cândido Rondon, Guaíra e Foz do Iguaçu. Localidade com pouco mais de cinquenta mil habitantes, Marechal Cândido Rondon situa-se na região Oeste do Paraná, faz fronteira com o Paraguai, por meio do Lago de Itaipu, sem ligação com ponte, e traz em sua composição étnica majoritária descendentes de alemães, constituindo, assim, um cenário multicultural e multilíngue complexo (LAMB FENNER, 2013). Especificamente, são analisados recortes de seis inquéritos do CAL, gerados por meio de questionário semiestruturado, em que o inquiridor (o que aplica o questionário) pede comentários aos informantes. Para esta pesquisa, foram selecionados depoimentos de três homens e três mulheres, brasileiros, que se colocam como monolíngues, cujos familiares falavam alemão no contexto familiar. Foram selecionadas respostas sobre como esses falantes concebem outras línguas faladas na localidade. As

respostas foram selecionadas porque contêm trechos em que se percebe a finalidade de avaliar as atitudes linguísticas em relação às línguas em contato, às línguas de herança e ao português, bem como em relação ao perfil cultural de seus falantes. Para o desenvolvimento da pesquisa, toma-se como base estudos da Semântica Argumentativa, da Análise da Conversação e da Sociolinguística. Parte-se da perspectiva de que a língua acomoda internamente orientações para determinadas conclusões e que esse processo representa uma das características da língua: a argumentação. Essa característica peculiar da língua é considerada a partir de Ducrot (1981, 1987 e 1989), Geraldi, Guimarães e Ilari (1985) e Guimarães (2013). Também se considera que as mobilizações argumentativas se articulam com marcas que orientam o próprio processo interativo. Neste caso, recorre-se às noções de atitudes linguísticas (AGUILERA, 2009) e dos componentes *cognoscitivo* (que se refere aos pensamentos e crenças); *afetivo* (que se refere aos sentimentos e emoções); e *conativo* (que se refere às tendências de reação) (MORENO FERNÁNDEZ, 1998). Ainda se considera a noção de marcador discursivo (SCHIFFRIN, 1987) em comparação com a noção de operador argumentativo de Ducrot (1987), uma vez que os depoimentos retratam um processo interativo. Sugere-se que os operadores argumentativos podem representar tanto posições possivelmente explícitas quanto tecer argumentos que podem proteger o informante com relação ao que pergunta o inquiridor. Neste caso, o operador argumentativo poderia ser orientador de índice cognitivo, afetivo e conativo, uma vez que a pauta de boa parte da entrevista, por vezes, retrata a língua de herança do falante. Evidenciam-se, por fim, nas respostas, que operadores argumentativos são utilizados como estratégias reveladoras de prestígio ou preconceito, como indícios de crenças e atitudes. No caso dos inquéritos selecionados para a análise, verifica-se que as respostas mobilizam, de forma recorrente, os operadores argumentativos “só”, “assim” e “então”, além do marcador discursivo “e”, em estruturas argumentativas favoráveis para o contorno interacional suscitado pelo inquiridor, o que propomos tratar-se de estratégias ora demarcadoras das crenças ora demarcadoras de ocultação das crenças.

Palavras-chave: Operadores argumentativos; Marcadores discursivos; Marechal Cândido Rondon.

Bibliografia:

Aguilera, V. A. **Crenças e atitudes linguísticas**: um estudo da relação do português com línguas de contato. 2009. [Projeto desenvolvido pela autora. Digitado].

Ducrot, O. **Provar e dizer**: leis lógicas e leis argumentativas. São Paulo: Global, 1991.

Ducrot, O. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987.

Ducrot, O. Argumentação e “Topoi” Argumentativos. *In*: GUIMARÃES, E. (org). **História e sentido na linguagem**. Campinas, São Paulo: Pontes, 1989.

Geraldi, J. W.; Guimarães, E.; Ilari, R. Operadores de argumentação e diálogo. **Caderno de Estudos Linguísticos**, n. 9, p. 143-157, 1985.

Guimarães, E. Argumentatividade e argumentação. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo**, v. 9, n. 2, p. 271-283, jul./dez. 2013.

Lamb Fenner, A. **Línguas em contato**: alemão e português numa comunidade urbana – Cascavel – Paraná. 2001. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2001.

Moreno Fernández, F. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje**. Barcelona: Ariel, 1998.

Sella, A. F. Marcas de conexão e indício de atitudes linguísticas. *In*: Sella, A. F.; Corbari, C. C.; Aguilera, V. A. **Dez anos do Projeto Crenças e atitudes linguísticas**: um estudo da relação do português com línguas em contato. Contatos linguísticos no Paraná. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019. p.197-207.

Schiffrin, D. **Discourse markers**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

**A CONSTRUÇÃO DE PONTOS DE VISTA NA ESCOLA: UM MEIO
PARA PROMOVER A ARGUMENTAÇÃO E A CRITICIDADE NO
ENSINO FUNDAMENTAL**

Jussara dos Santos Matos

Isabel Cristina Michelan de Azevedo

Resumo: No âmbito do GT de Argumentação da Anpoll, na linha de Argumentação e Ensino, temos discutido como as diferentes perspectivas dos estudos de argumentação podem sustentar práticas escolares que visam à formação discente quanto à leitura, produção textual e ao letramento. Assim, nesta comunicação optamos por discutir como a construção de pontos de vista (PDV) entre estudantes do 9º ano do ensino fundamental, na composição de uma carta aberta, pode promover a assunção de posicionamentos discursivos e apoiar a reivindicação, por parte dos estudantes, de mudanças na implantação do Ensino Médio Integral no CESWF, em 2018, um colégio ligado à DRE 01 de Estância-SE. Embora a carta aberta seja um gênero discursivo direcionado a um grande público, houve uma adaptação do gênero durante o desenvolvimento de uma pesquisa intervencionista, realizada no Profletras/UFS, *campus* São Cristóvão, no sentido de a carta chegar a diferentes autoridades ligadas à autorização do projeto nessa escola estadual. No início da investigação, os estudantes se posicionavam contra a proposta de mudança da modalidade de ensino, mas não sabiam como construir pontos de vista acertados. Assim, em primeiro lugar, foi preciso distinguir as relações existentes entre os sujeitos do mundo (sujeitos sociais), os locutores (aquele que toma a palavra ou sujeito falante) e os enunciadores (sujeitos apreendidos das posições demarcadas enunciativamente no discurso). No contexto interacional, observavam-se grupos sociais com posições diferentes em relação às propostas, representados por locutores distintos. A fim de auxiliar os estudantes a perceberem como os enunciadores assumiam responsabilidades pelos atos de linguagem, foram destacados alguns recursos linguísticos e enunciativos que permitem demarcar os julgamentos de valor, as opiniões, os pensamentos associados às questões em discussão etc. Por ser considerada uma categoria que se situa no centro do dialogismo, segundo Rabatel (2005), o PDV evidencia o cruzamento de perspectivas, por isso pode ser elaborado com base em diferentes recursos, entre os quais se encontram

as estratégias de construção de implícitos e o direcionamento de operadores argumentativos (KOCH, 2015), que podem ser colocados a serviço das subjetividades implicadas nos discursos. Tais recursos remetem à polifonia linguística que, segundo Barbisan e Teixeira (2002), possibilita entender como a expressão da subjetividade pode ser expressa por meio de posicionamentos articulados em textos e pode ser reconhecida pelas escolhas discursivas e lexicais identificadas na estruturação de sentenças, em associação com o uso de articuladores linguístico-argumentativos que colaboram com a composição de parágrafos dentro do gênero discursivo escolhido. Por proporcionar a compreensão do funcionamento de recursos linguístico-enunciativos, o PDV possibilitou aos estudantes entender as relações entre os pontos de vistas defendidos pelos diferentes grupos do CESWF (gestores, pais, professores contrários e favoráveis ao projeto, políticos etc.), além de permitir demarcar as posições dos estudantes da educação básica em relação às vantagens e desvantagens da implantação do Ensino Médio Integral. Embora tenha se configurado como uma pesquisa exploratória, as produções docentes, fundamentas principalmente nos estudos enunciativos, auxiliaram os estudantes na produção de uma carta aberta que reuniu as posições organizadas a partir do cruzamento de variados PDVs em circulação na escola. Ao final, foi possível observar que os estudantes conseguem articular diferentes conceitos e visões de mundo, quando passam a compreender e utilizar variados elementos linguísticos na produção de seus textos.

Palavras-chave: Argumentatividade; Produção textual; Implícitos; Operadores argumentativos.

Bibliografia:

Bakhtin, M. M. Os Gêneros do discurso. *In*: Bakhtin, M. M. **Estética da criação verbal**. Prefácio à edição Francesa Tzvetan Todorov; introdução e tradução Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2016 [1952-1953]. p. 261-269.

Barbisan, L.; Bocorny Finato M. J.; TeixeirA, M. Polifonia: origem e evolução do conceito em Oswald Ducrot. **Organon**, Porto Alegre, v. 16, n. 32/33, p. 161-180, 2002. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/viewfile/5215/3899>>. Acesso em: 25 jan. 2017.

COLÓQUIO INTERNACIONAL ENUNCIÇÃO E ARGUMENTAÇÃO COLLOQUE INTERNACIONAL ÉNONCIATION ET ARGUMENTATION

A Semântica Argumentativa em diálogo
La Sémantique Argumentative en dialogue

Grácio, R. A. Com que é que se parece uma argumentação? Representações sociais do argumentar. **Comunicação e sociedade**, v. 16, p. 101-122, 2009.

Koch, I. V.; Elias, V. M.. **Escrever e argumentar**. São Paulo: Contexto, 2016.

Rabatel, A. Os desafios das posturas enunciativas e de sua utilização em didática. Trad. Weslin de Jesus Santos Castro. **EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 12, p. 191-233, jul/dez.2016.

Rabatel, A.. **Homo Narrans**. Por uma abordagem enunciativa e interacionista da narrativa. São Paulo: Cortez, 2016.

Rabatel, A.. O papel do enunciador na construção interacional dos pontos de vista. In: Emedito, W. **A construção da opinião na mídia**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, Núcleo da Análise do discurso, 2013. p. 19-66.

7, 8 e 9 de outubro de 2021
Les 7, 8 et 9 Octobre 2021

www.colenarg.paginas.ufsc.br

A DIMENSÃO ARGUMENTATIVA NO ENSINO DE REDAÇÃO: UMA ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO

Maria Inês Batista Campos

Resumo: Este artigo está inscrito no campo da Linguística Aplicada e tem como objetivo discutir as propostas didáticas da escrita de dissertação em dois manuais de redação do 2º grau (ensino médio hoje), que circularam nas escolas na década de 1970. No ensino de língua portuguesa do ensino fundamental, a dificuldade dos alunos com a produção de textos dissertativos tem sido objeto de várias pesquisas na área de Linguística Aplicada e Estudos da linguagem como, por exemplo, Bonini, 1998, 2002; Jacobus, Mello, Giering, 2001; Bunzen, 2006; Lopes-Rossi, 2012, Vidon, 2014, 2018; Mendonça, 2015 entre outros. Esses estudos caracterizam a prática pedagógica com foco na dissertação a partir da década de 1970.

Alguns pesquisadores do assunto, entretanto, estabelecem diferença entre a dissertação e a argumentação. Para compreender essa distinção que traz a complexidade do uso de um e de outro termo, mostrando o quanto essas escolhas não são simples, retomamos o capítulo “Le genre dissertative”, de Delcambre: “[...] há um duplo interesse em distinguir dissertação e argumentação: de uma parte, a dimensão enunciativa não é da mesma natureza, de outra esses termos na instituição escolar designam objetos textuais diferentes, que não aparecem nos mesmos níveis de estudo, de modo que seria uma pena privar os jovens estudantes de um trabalho sobre argumentação em nome de uma confusão entre texto argumentativo e dissertação. A distinção enunciativa que se opera entre os dois textos ressalta as diferenças de centralização: o texto de argumentação se centraria sobre o destinatário, enquanto a dissertação estaria mais centrada no emissor, a operação dominante seria menos a dissertação/convicção e sim a justificativa”. (1997, p. 21-22). A partir dessa distinção, buscamos o verbete “argumentação” em dicionários especializados de estudos do discurso que definem “a argumentação como diálogo e interação”. Essa afirmação nos leva a colocar a argumentação no campo da interação e do diálogo como explica o linguista francês, Christian Plantin, no artigo “A argumentação biface: um diálogo orientado por uma pergunta” (PLANTIN, 2008, p.18), em que esclarece que “A argumentação se situa na divergência dos discursos

mantidos, por exemplo, sobre a qualificação de um acontecimento”. Na perspectiva bakhtiniana em torno da importância do diálogo nos diferentes gêneros do discurso, a argumentação faz parte de diferentes gêneros nas várias práticas sociais. No ensaio “O discurso na poesia e o discurso no romance”, Bakhtin aborda o discurso como uma réplica viva e dinâmica: “Todo discurso está voltado para uma resposta e não pode evitar a influência profunda do discurso responsivo antecipável. [...] Todas as formas retóricas, monológicas estão, por sua construção composicional, direcionadas para o ouvinte e sua resposta. Costuma-se até considerar essa diretriz fixada no ouvinte como peculiaridade constitutiva basilar do discurso retórico. [...] Aqui a diretriz fixada na resposta é aberta, desnudada e concreta”. (BAKHTIN, 2015, p. 52-53). A concepção de argumentação nessa perspectiva dialógica coloca o conceito da interação discursiva no projeto pedagógico, o que significa envolver uma atitude responsiva ativa no aluno: “concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc. [...] toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante” (BAKHTIN, 2016, p. 25). Nesse contrato de discurso situado e datado, é que o aluno organiza as diferentes formas de produção de texto dissertativo e argumentativo. Nessa perspectiva teórica, a argumentação é uma atividade de comunicação humana marcada pela construção de um ponto de vista a partir do discurso do outro.

A fim de compreender a construção dessas rupturas no ensino da dissertação, vamos recuperar as práticas didáticas sob concepções linguísticas diferentes nos manuais dentro de uma perspectiva histórico-discursiva e comparar duas obras escolares do 2º grau (atual ensino médio), produzidas no final da década de 1970.

Entre os vários compêndios publicados nesse período, selecionamos duas abordagens teórico-metodológicas distintas, mas representativas: uma baseada na Teoria da Comunicação, com foco no estudo do parágrafo (SOARES; CAMPOS, 1978, *Técnica de redação: as articulações linguísticas como técnica de pensamento*), e outra fundamentada no ensino-aprendizagem da norma culta, ensinando a dissertação pela imitação dos escritores clássicos da literatura (LIMA; BARBADINHO, 1979, *Manual de redação*). Ao comparar os dois manuais, identificam-se três aspectos comuns: a) motivação da produção de manuais no final da década de 1970 e início dos anos 1980 decorreu do Decreto Federal n. 79. 298 de 1977, que impôs uma prova de redação nos vestibulares; b) dificuldade apresentada pelos alunos quanto a

esse tipo de produção escrita; c) propostas de técnicas estruturais de escritas de linguagens. A partir desse período histórico, Soares e Campos trouxeram alguns conceitos advindos da análise linguística estruturalista dos anos 1960 e também a coletânea de leitura com temas significativos da área da Comunicação, transformando o ensino de redação. Lima e Barbadinho mantiveram a perspectiva da retórica clássica. Este artigo pretende mostrar como o ensino da dissertação está presente no ensino da dissertação escolar, distanciando-se da elaboração de um texto argumentativo com defesa de ponto de vista.

Palavras-chave: Argumentação; dissertação; memória.

Bibliografia:

Bakhtin, M. (1934-2935). **Teoria do romance I: a estilística**. Trad., prefácio, notas e glossário Paulo Bezerra. (org.). edição russa. Serguei Botcharov; Vadim Kójinov. São Paulo: 34, 2015.

_____. (1952-1953). **Os gêneros do discurso**. (org.). Trad. Posfácio e notas. Paulo Bezerra. Notas da edição russa Serguei Botcharov. São Paulo: 34, 2016.

BRASIL. Decreto Federal nº 79.298, de 24 de fevereiro de 1977. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1970-1979/decreto-79298-24-fevereiro-1977-428202-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 14 jun. 2019.

Bunzen, C. Da era da composição à era dos gêneros: o ensino de produção de texto no ensino médio. *In*: Bunzen, C. Mendonça, M. (org.). **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 139-161.

Charadeau, P.; Maingueneau, D. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.

Delcambre, I. **L'exemplification dans les dissertations: étude didactique des difficultés des élèves**. Villeneuve d'Ascq: Presses Universitaires du Septentrion, 1997.

Costa Val, M. G. **Redação e textualidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

Durigan, R. H. A.; Pereira, S. M.; Abreu, M. A. A dissertação no vestibular: um discurso de ninguém. *In*: Durigan, J. A.; Abaurre, M. B. M.; Vieira, Y. F.

A magia da mudança: vestibular Unicamp: língua e literatura. Campinas: Editora da Unicamp, 1987, p.11-29.

Ilari, R. [1976] Uma nota sobre redação escolar. *In: A linguística e o ensino da língua portuguesa*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 51-66.

Lopes-Rossi, M. A.G. A produção escrita de gêneros discursivos em sala de aula: aspectos teóricos e sequência didática. *In: SIGNUM: Estud. Ling.*, Londrina, n. 15/3 (esp), p. 223-245, dez. 2012.

Lima, C.H. Rocha; Barbadinho Neto, R. **Manual de redação**. Rio de Janeiro: Fename, 1979.

Mendonça, M. C. Práticas de escrita e subjetividade. *In: LETRAS & LETRAS* - v. 31, n. 3 (jul./dez. 2015) - ISSN 1981-5239. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/letraseletras>. Acesso em: 25 jul. 2018.

Mesquita, R. M.; Almeida, M. E. Manual de redação (Rocha Lima; Barbadinho Neto): uma proposta ensinando escrever textos. *In: Palma, D.V.; Bastos, N. B. (org.). Língua portuguesa na década de 1980: gramática, redação e educação*. São Paulo: Terracota, 2018, p. 161-178.

Palma, D. V.; Franco, M. I. S. M. O ensino de redação na década de 1970 sob múltiplo enfoque: um estudo na perspectiva da historiografia linguística. *In: Palma, D.V.; Bastos, N. B. (org.). Língua portuguesa na década de setenta: linguística, gramática e educação*. São Paulo: Terracota, 2016, p. 49-76.

Pécora, A. Problemas de redação. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

Plantin, C. Argumentação biface. *In: Lara, G., Machado, I. L. & Emediato, W. Análises do discurso hoje*. v. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 13-26.

Polachini, N. R. S. **Redações do Enem:** réplicas ativas nas múltiplas vozes. São Paulo: Porto de Ideias, 2016.

Rocco, M.T. **Crise na linguagem:** a redação no vestibular. São Paulo: Mestre Jou, 1981.

São Paulo. Secretaria da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. **Subsídios à proposta curricular de língua portuguesa para o 1º e 2º graus**. v. IV. Coord. Ataliba Teixeira de Castilho. Sec. Educação de São Paulo, 1978.

Saviani, D. O legado educacional do regime militar. *In: Cad. Cedes*, Campinas, vol. 28, n. 76, p. 291-312, set. /dez. 2008. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 10 nov. 2019.

Soares, M. Português na escola: história de uma disciplina curricular. *In: BAGNO, M. Linguística da norma*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2004, p. 155-177.

Soares, M. B.; Campos, E. N. **Técnica de redação**: as articulações linguísticas como técnica de pensamento. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.

Vidon, L. N. Letramento escolar: entre a tipologia textual e os gêneros do discurso. *In: Revista (Con) Textos Linguísticos*, Vitória, v. 8, n. 10.1, p. 328-343, 2014.

Vidon, L. N. A permanência da dissertação escolar nos exames vestibulares: o caso do Enem. *In: Azevedo, I. C. M.; Piries, E. L. Discurso e argumentação*: fotografias interdisciplinares. v. 2. Coimbra: Grácio, 2018, p. 31-44.

Silva, J. S. Trabalho, educação e sociedade: a lei 5.692/71 no município de Guarapuava. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014, p. 105.

Volóchinov, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Sheila Grillo; Ekaterina Vólkovan Américo. São Paulo: 34, 2017.

Winch, P. G.; Nascimento, S. S. A teoria da comunicação de Jakobson: suas marcas no ensino de Língua Portuguesa. *In: Estudos da Língua(gem)*. Vitória da Conquista. v. 10, n. 2 p. 219-236, dez. 2012. Disponível em: www.estudosdalinguagem.org/index.php/estudosdalinguagem/article/download/.../331. Acesso em: 29 jul. 2018.

PARANOIA OU MISTIFICAÇÃO?: UMA ANÁLISE BAKHTINIANA DA ENTONAÇÃO EM ENUNCIADO ESCRITO

Cláudio Primo Delanoy

Resumo : Este trabalho tem como tema o estudo da entonação em enunciados concretos escritos e a construção do sentido do discurso sob a perspectiva dialógica de Bakhtin e seu Círculo. A entonação, no âmbito das reflexões bakhtinianas, é fonte de sentido, estando intrinsecamente ligada à produção de qualquer enunciado concreto, seja ele de cunho artístico ou cotidiano. Não há produção efetiva de enunciado sem entonação. A entonação é a expressão de acentos valorativos sempre presentes em toda palavra ou signo ideológico, que pode se manifestar como um tom amistoso, agressivo, conciliador, autoritário, científico etc. Desta forma, todo signo ideológico veicula, além de seu tema, uma expressão avaliativa sobre um objeto, quer dizer, ao proferir discurso, o locutor expressa também um posicionamento avaliativo sobre o tema do enunciado. De acordo com Volóchinov, a expressão valorativa é sempre veiculada por um material, sendo o corpo sua fonte primeira: o gesto e a voz. Em interações verbais orais, o movimento corporal, a respiração, o fluxo sanguíneo, assim como naturalmente o colorido entonacional da voz compõem o sentido do enunciado. Logo, o discurso externalizado oral evidencia a presença de expressão valorativa. Falar, nesta perspectiva, mobiliza tanto o corpo quanto a voz, além do material verbal, para a construção de sentido. No entanto, ao tratarmos da escrita, o corpo não se faz presente. Seguindo a problemática levantada pela pesquisadora Véronique Dahlet em seu artigo *A entonação no dialogismo bakhtiniano*, no qual reflete sobre o lugar do corpo e da voz em enunciados escritos, sobretudo na poesia, juntamo-nos à autora para ampliarmos a discussão sobre a presença da entonação em enunciados escritos em prosa e como constroem o sentido do discurso. Apoiando-nos no pressuposto de que a entonação na escrita revela um “corpo” e uma “voz”, propomo-nos a analisar um texto argumentativo. Nesse âmbito, temos como objetivos identificar, descrever e analisar recursos linguísticos e enunciativos que revelam entonações no enunciado, bem como explicar a construção do sentido a partir desses recursos. Para tanto, em adiantamento à comemoração dos 100 anos da Semana da Arte Moderna, ocorrida de 11 a 18 de fevereiro de 1922 na capital paulista, usaremos como

texto de aplicação o artigo de Monteiro Lobato intitulado *A Propósito da Exposição Malfatti*, no qual há uma crítica ao trabalho da artista Anita Malfatti, expoente do Modernismo brasileiro. Publicado no jornal *O Estado de São Paulo* em 20 de dezembro de 1917, o artigo conhecido por *Paranoia ou Mistificação?* marcou o posicionamento anti-modernista de Monteiro Lobato, claro defensor dos modelos classicistas de manifestações artísticas. Em suas linhas, o crítico reconhece o talento da artista, mas a acusa de estar influenciada pela arte caricatural de Picasso e companhia. Ainda, traça um paralelo entre a estética modernista, associada a uma visão distorcida da natureza provocada por teorias efêmeras, e a estética clássica, defendida como um princípio a ser perpetuado. Seguiremos os passos metodológicos centrais para a análise dialógica de discurso conforme nos indica Volóchinov: primeiramente, localizamos nosso *corpus* em termos de situação sócio-histórica de produção; a seguir, levantamos as condições enunciativas do material, ou seja, em termos de gênero de discurso; após, analisamos o material linguístico. Nessa última etapa, focalizamos a importância da escolha lexical e da organização sintática dos enunciados, bem como do texto como um todo, enquanto portadores de expressões valorativas, ou seja, de entonações. Nesses termos, recorreremos a conceitos básicos das reflexões do Círculo, quer sejam: natureza dialógica do discurso, heterodiscursividade, gêneros do discurso, signo ideológico, responsividade, entonação, assim como seus desdobramentos. A análise do artigo de Monteiro Lobato revela certa ambiguidade de sua leitura quanto ao trabalho da artista modernista e aponta para a presença de uma entonação marcada por tons de agressividade, de superioridade intelectual, de intransigência, de menosprezo ao Modernismo, ao mesmo tempo em que procura amenizar as críticas a Malfatti e delas escusar-se com tom laudatório ao seu talento, como se sentisse na obrigação de alertá-la quanto ao seu desvio artístico.

Palavras-chave: Dialogismo; Modernismo; Expressões avaliativas.

Bibliografia:

Bakhtin, M. **Estética da criação verbal**. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Bakhtin, M. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: 34, 2017.

COLÓQUIO INTERNACIONAL ENUNCIÇÃO E ARGUMENTAÇÃO COLLOQUE INTERNACIONAL ÉNONCIATION ET ARGUMENTATION

A Semântica Argumentativa em diálogo
La Sémantique Argumentative en dialogue

Bakhtin, M. **Os gêneros do discurso**. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: 34, 2016.

Bakhtin, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

Bakhtin, M. **Teoria do Romance I: a estilística**. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: 34, 2015.

Dahlet, V. A entonação do dialogismo bakhtiniano. In BRAIT, B. (org.). **Bakhtin: dialogismo e construção do sentido**. Campinas, SP: Unicamp, 2005, p. 249-264.

Volóchinov, V. **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Tradução Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: 34, 2019.

Volóchinov, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: 34, 2017.

7, 8 e 9 de outubro de 2021
Les 7, 8 et 9 Octobre 2021

www.colenarg.paginas.ufsc.br

**A TRANSITIVIDADE VERBAL PENSADA POR MEIO DO VERBO
PASSAR: UM ESTUDO SEMÂNTICO-ENUNCIATIVO**

Alcenir de Sousa Luz

Resumo: Apoiamo-nos na Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE), desenvolvida por Antoine Culioli (1983; 1990; 1999a; 1999b) e continuamente estudada por Franckel, Paillard, De Vogüé e outros, para explorar a unidade lexical *passar* e, por meio dela, investigar o funcionamento da transitividade, pensando-a como um processo lexical, articulado com a variedade de sentido de suas ocorrências. A investigação foi originada a partir de algumas inquietações, como: de que modo a gramática tradicional e algumas teorias linguísticas veem a transitividade? A semanticidade do verbo interfere na transitividade? A semanticidade dos argumentos verbais (A1 e A2/A3) opera sobre a construção do valor e para o funcionamento verbal? Antes de prosseguir, é importante mencionar que usamos Argumento 1 (A1) para tratar de sujeito e Argumento 2/3 (A2/A3) para nos referirmos a elementos de natureza variada que, na relação com o verbo, funcionam para estabilizar o sentido de *passar*. Ao falar de A2/A3, não estamos fazendo referência a questões sintáticas, em termos de objeto direto e indireto; temos um interesse semântico perante essas unidades. A3 constitui um segundo elemento estabilizador, em casos que A2 não é suficiente para construir essa estabilidade (em *Joana passou a mão na cabeça do filho*, por exemplo, notamos que “a mão”, A2, não consegue estabilizar um valor, quer dizer, ainda se tem uma estrutura de sentido variável; logo, recorreremos a mais um elemento, “na cabeça do filho” para se dá a estabilidade de sentido do enunciado). Com a pretensão de explorar os questionamentos acima citados, fizemos um recorte de uma pesquisa maior desenvolvida no Mestrado (LUZ, 2021). Nesse recorte, dedicamo-nos a apresentar, em um primeiro momento, diferentes visões sobre a transitividade verbal – partindo de uma orientação gramatical para uma perspectiva linguística – discutindo alguns pontos pelo viés semântico-enunciativo; e, em um segundo momento, analisar alguns enunciados com o verbo *passar*, investigando a relação dessa unidade verbal com seus argumentos. Em meio ao processo de manipulação dos dados, recorreremos a duas noções operacionais que fundamentam a metodologia de análise para a TOPE, que são glosas e contextualizações. Os resultados

evidenciaram que as gramáticas veem a transitividade como uma propriedade do verbo, e não do enunciado em sua totalidade; além disso, a análise do enunciado é feita de forma metalinguística e restrita aos fatores sintáticos. Esse tipo de abordagem leva os alunos a vivenciarem, na escola, um estudo que compromete o entendimento do educando sobre a língua que ele usa, gerando uma sensação de distanciamento entre essa utilização da língua em situações reais do cotidiano e a língua que é ensinada na escola. A discussão proposta sob pressupostos da TOPE nos conduziu à constatação de que a unidade *passar* comporta uma diversidade de valores, os quais podem ser alterados à medida que *passar* entra em interação com A1 e com o A2/A3. Ocorre que a semanticidade dos nomes que funcionam como A1 e A2/A3 realiza uma operação de determinação sobre o verbo, estabilizando seu valor e seu modo de funcionamento no enunciado. É interessante ressaltar que, quando A1 e A2/A3 aparecem juntos no mesmo enunciado, é a semanticidade do A2/A3 que define o sentido do verbo. Portanto, o valor de *passar* só se estabiliza no enunciado no momento em que os argumentos operam sobre a unidade verbal. Esta discussão permite uma reflexão sobre o ensino de Língua Portuguesa pautado no trabalho com as unidades da língua como elementos mutáveis, os quais devem ser analisados em integração, vinculando aspectos morfológicos, sintáticos, semânticos, fonológicos, etc. Mais importante que ensinar a classificar, é ensinar a ver as unidades da línguas como elementos que se constroem, se desconstroem e se reconstroem.

Palavras-chave: Transitividade; *Passar*; Léxico e Gramática.

Bibliografia:

Culioli, A. **Notes du séminaire de D.E.A.** Université de Paris 7, Département de Recherches Linguistiques (D.R.L.), 1983.

Culioli, A. **Pour une linguistique de l'énonciation:** Opérations et représentations – Tome 1. Paris: Editions Ophrys, 1990.

Culioli, A. **Pour une linguistique de l'énonciation:** Formalization et opérations de repérage – Tome 2. Paris: Editions Ophrys, 1999a.

Culioli, A. **Pour une linguistique de l'énonciation:** Domaine notionnel – Tome 3. Paris: Editions Ophrys, 1999b.



COLÓQUIO INTERNACIONAL ENUNCIÇÃO E ARGUMENTAÇÃO
COLLOQUE INTERNACIONAL ÉNONCIATION ET ARGUMENTATION

A Semântica Argumentativa em diálogo
La Sémantique Argumentative en dialogue

Luz, A. de S.; Lima, M. A. F. **Entre o léxico e a gramática: a transitividade articulada ao sentido do verbo *passar***. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGeL-UFPI), 2021.



7, 8 e 9 de outubro de 2021
Les 7, 8 et 9 Octobre 2021

www.colenarg.paginas.ufsc.br

NEGRAS E NEGROS EM ESCRITAS DE SI: DESIGNAÇÃO E SENTIDOS¹

Florisbete de Jesus Silva

Resumo: O objetivo deste trabalho é analisar os sentidos construídos para negras e negros em escritas de si, tomando como aporte teórico de análise, a Semântica Enunciativa do Acontecimento (GUIMARÃES, [2002] 2005). O conceito de escrita de si foi criado por Michel Foucault (1983), para designar os registros de pensamentos e ações diárias, em cartas e cadernos de anotações, na Antiguidade Greco-Romana, os quais tinham a função de auxiliar o escritor a fazer reflexões sobre si mesmo, transformando atitudes por meio do autoconhecimento. No campo literário contemporâneo, é usado para nomear relatos de vida que têm se firmado cada vez mais com o avanço da cultura midiática, trazendo o privado para a visibilidade, por meio da proliferação de narrativas diversas, desde memórias a reality shows (KLINGER, 2006; ARFUCH, 2010). As obras que representam esse tipo de escrita, selecionadas nesta pesquisa, são: uma autobiografia, dois diários, uma coletânea de cartas e duas histórias infantis produzidas a partir de um relato de vida e de uma entrevista. Tais obras fazem parte do acervo selecionado pela equipe de avaliadores do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), nos anos de 2005, 2006, 2010, 2013 e 2014. Este programa foi criado no ano de 1997, com o objetivo de promover o acesso à cultura e o incentivo à leitura. Do ano da sua criação até o ano de 2014, quando o último acervo foi enviado, as escolas públicas brasileiras de Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA) receberam milhões de livros de literatura, segundo dados do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE)². A significação construída para negras e negros nas escritas de si, pelo modo como elas e eles são designadas/os, é analisada levando em consideração a sua relação com o enunciado e com o texto. A designação é uma relação linguística constituída de sentidos construídos no acontecimento, através da qual o real é significado

¹ Esta discussão faz parte da Tese de Doutorado, em processo de construção, orientada pela Professora Sheila Elias de Oliveira (IEL/UNICAMP).

² Fonte: Ministério da Educação. Disponível em: <https://www.fnde.gov.br/programas/programas-dolivro/legislacao/item/9698-dados-estatisticos>. Acesso em: 18 fev. 2020

na linguagem, mas essa projeção não se dá de forma direta, sua produção ocorre mediante relação entre as palavras (GUIMARÃES, 2007). Para identificar os sentidos que são construídos nas designações, é necessário analisar como as palavras se relacionam com outras no acontecimento de enunciação, e são essas relações que constituem o Domínio Semântico de Determinação (DSD). A análise dessas relações demonstra que os sentidos de um nome são construídos pelas articulações desse nome com outras palavras, nas enunciações. Nesta pesquisa, ainda em construção, as análises têm apontado para relações conflituosas no espaço de enunciação, o que mostra o político funcionando no acontecimento de linguagem, trazendo à tona as discrepâncias e exclusões, mas também produzindo condições de igualdade no jogo de embates pelo acesso à palavra, pela superação do racismo. De um lado, as análises identificam dizeres negando direitos, inferiorizando negras e negros, significando-os com sentidos marcados pela negatividade. Do outro lado, identificam dizeres afirmando o pertencimento de homens negros e de mulheres negras, reconhecendo sua verdadeira história, sua beleza, seus valores, sua cultura, apresentando-os como sujeitos que requerem seu lugar de fala em um espaço litigioso em que o combate ao racismo é a pauta constante do debate.

Palavras-chave: Sentidos; Negras e negros; Escritas de si.

Bibliografia:

Arfuch, L. **O espaço biográfico:** dilemas da subjetividade contemporânea. Tradução: Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

Foucault, M. [1983]. A escrita de si. In: Foucault, M. **O que é um autor?** 3. ed. Tradução: Antonio F. Cascais e Eduardo Cordeiro. Lisboa: Passagens, 1992. p. 129-160.

Guimarães, E. [2002]. **Semântica do acontecimento:** um estudo enunciativo da designação. 2.ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

Guimarães, E. Domínio semântico de determinação. In: Guimarães, E.; Mollica, M.C. **A palavra:** forma e sentido. Campinas: Pontes, RG Editores, 2007.

Klinger, D. I. **Escritas de si, escritas do outro:** autoficção e etnografia na narrativa latino-americana contemporânea. Orientador: Ítalo Moriconi Júnior. 2006. 204 f. Tese (Doutorado em Letras) - Instituto de Letras,



COLÓQUIO INTERNACIONAL ENUNCIÇÃO E ARGUMENTAÇÃO
COLLOQUE INTERNACIONAL ÉNONCIATION ET ARGUMENTATION

A Semântica Argumentativa em diálogo
La Sémantique Argumentative en dialogue

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: http://www.bdttd.uerj.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=124. Acesso em: 20 mar. 2020.



7, 8 e 9 de outubro de 2021
Les 7, 8 et 9 Octobre 2021

www.colenarg.paginas.ufsc.br

**A CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE NOS DISCURSOS:
UMA ANÁLISE DO *ETHOS* EM CARTAS DE MICHELANGELO
BUONARROTI**

Denise Durante

Resumo: Em 2009, a pesquisadora Maria Berbara organizou e trouxe à publicação, no Brasil, o livro *Michelangelo Buonarroti - Cartas escolhidas*. Nessa obra, Berbara realizou a seleção e a tradução para a língua portuguesa, a partir do original italiano, de 72 cartas do artista italiano Michelangelo Buonarroti (1475-1564), escritas entre 1496 e 1563. Berbara nos oferece a contextualização histórica e social do período renascentista em que se produziram as correspondências entre o escultor italiano e seus vários interlocutores (artistas, membros do clero, familiares, nobres, entre outros). Desse modo, a tradutora auxilia o leitor contemporâneo a compreender os variados sentidos das missivas contidas na obra. Esse aspecto do livro adquire relevância tendo-se em vista a distância temporal que nos afasta do período em que foram produzidas as mensagens do artista. Diante da notoriedade cultural que a figura de Michelangelo Buonarroti exerce ainda hoje e da importância do trabalho de tradução de Berbara, esta pesquisa tem como objetivo geral realizar a descrição e a análise da construção discursiva do *ethos* que emerge das cartas do arquiteto italiano. Busca-se identificar a construção discursiva da subjetividade de Buonarroti por meio dos discursos materializados nos textos de suas cartas e verificar como pode se caracterizar a imagem ética elaborada pelo artista em seus escritos. Torna-se importante igualmente atender, neste trabalho, para as estratégias argumentativas adotadas pelo artista para defender-se e combater seus vários adversários e opositores, visto que conflitos de várias ordens foram parte constante da vivência de Michelangelo Buonarroti no contexto cultural do Renascimento italiano. No que concerne à fundamentação teórica, propõe-se, neste estudo a retomada dos pressupostos teóricos da Análise do Discurso, desenvolvida por Maingueneau e Charaudeau, os quais se remetem aos conceitos de *ethos*, *pathos* e *logos* originários da retórica aristotélica. Sendo assim, embasamos nossa pesquisa na *Retórica*, de Aristóteles, e igualmente com o apoio dos pressupostos da Nova Retórica, desenvolvida nos trabalhos de Perelman e Olbrechts-Tyteca, bem como os trabalhos de Ducrot (1980) e Plantin (1990),

entre outros. Faz-se necessária igualmente a retomada da obra *Vidas dos artistas* (2011), de Giorgio Vasari, e a referência ao trabalho de Gaetano Milanesi, responsável pela primeira publicação das cartas buonarrotianas, conforme menciona Berbara (2009). No que concerne à metodologia, adotamos o método indutivo, com o recurso às pesquisas exploratória e descritiva, baseadas em levantamento bibliográfico e documental. Realiza-se a aplicação, ao *corpus* epistolar selecionado, dos conceitos teóricos acerca do *ethos*, na perspectiva de Aristóteles, das Teorias da Argumentação e da Análise do Discurso. Das 72 cartas de Michelangelo, apresentadas na obra de Berbara, são analisadas, nesta pesquisa, vinte missivas, as quais foram selecionadas por abordarem com maior expressividade as relações de conflito e de afeto do artista italiano. Ressalta-se que esta pesquisa é executada com a consulta aos textos originais italianos traduzidos por Berbara, de modo a se considerar as possíveis influências do processo de tradução nas versões em português das cartas examinadas. Espera-se, com este trabalho, contribuir para a ampliação das possibilidades de aplicação dos conceitos teóricos a textos empíricos, assim como ampliar a compreensão sobre os processos de construção do *ethos* de Michelangelo Buonarroti.

Palavras-chave: *Ethos*; Discurso; Cartas.

Bibliografia:

Amossy, R. **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2005.

Aristóteles. **Arte Retórica e Arte Poética**. Rio de Janeiro: Ediouro, [s/d].

Buonarroti, M. **Cartas escolhidas**. Prefácio, seleção, tradução, e notas de Maria Berbara. Campinas: Editora Unicamp, 2009.

_____. **Le lettere di Michelangelo Buonarroti**. Nova Iorque: Createspace Independent Publishing Platform, 2017.

Declerq, G. **L'art d'argumenter**. Structures rhétoriques et littéraires. Paris: Éditions Universitaires, 1992.

Ducrot, O. **Les Échelles Argumentatives**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1980.

Maingueneau, D. **Novas tendências em análise do discurso**. Tradução Freda Indursky. Campinas: Pontes, 1997.



COLÓQUIO INTERNACIONAL ENUNCIÇÃO E ARGUMENTAÇÃO
COLLOQUE INTERNACIONAL ÉNONCIATION ET ARGUMENTATION

A Semântica Argumentativa em diálogo
La Sémantique Argumentative en dialogue


_____. **Análise de textos de comunicação.** 2 ed. Tradução Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **Variações sobre o ethos.** São Paulo: Parábola, 2020.

Perelman, C.; Olbrechts-Tyteca, L. **Tratado da argumentação:** a nova retórica. Tradução Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

Plantin, C. **Essais sur l'Argumentation.** Paris: Kimé, 1990.

Vasari, G. **Vidas dos artistas.** Tradução Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Editora WMF, Martins Fontes, 2011.



7, 8 e 9 de outubro de 2021
Les 7, 8 et 9 Octobre 2021

www.colenarg.paginas.ufsc.br

ATIVIDADES SIMBÓLICAS DO HOMEM: O CASO DAS CONSTRUÇÕES METAFÓRICAS E METONÍMICAS

Marlete Sandra Diedrich

Resumo: Esta proposta se volta para o estudo da metáfora e da metonímia como transferências analógicas de denominações capazes de promover o enriquecimento conceitual na vivência humana na e pela linguagem. O objetivo do trabalho é refletir acerca da metáfora e da metonímia no escopo das atividades simbólicas do homem, as quais se constituem na vivência da tríade homem-linguagem-cultura. Parte-se do princípio advindo dos estudos de Émile Benveniste (1989, 2005), segundo o qual, por intermédio da linguagem, o homem torna-se capaz de operações intelectuais mais complexas, as quais são associadas, na reflexão que aqui se apresenta, aos movimentos linguístico-enunciativos de formas e expressões metafóricas e metonímicas vivenciadas pelo sujeito em sua historicidade na linguagem. Nessa associação, destaca-se a ideia de que a vivência das narrativas, em especial, as de caráter literário, permite ao homem a experiência subjetiva por meio da qual ele se situa na língua-discurso para se situar em relação aos elementos sociais e culturais que marcam sua existência. Segundo Dessons (2006), é possível assumir o ponto de vista de uma antropologia da linguagem nos estudos benvenistianos, tendo em vista que “a inclusão do falante em seu discurso”, a cada enunciação, também insere, a cada vez, a pessoa na sociedade. O estudo aqui proposto se volta para este ponto de vista. Sendo assim, analisam-se construções metafóricas e metonímicas em manifestações de linguagem ordinária, cotidiana, constituintes de fatos de linguagem de crianças e adultos. Tais fatos, embora produzidos em contextos cotidianos, evocam a vivência constituída anteriormente na linguagem literária, da qual as construções figuradas ressoam como ecos mediatizantes capazes de tornar “a experiência interior de um sujeito acessível a outro” (BENVENISTE, 2005, p. 30). Justifica-se a constituição do corpus de análise da investigação com fatos de linguagem de crianças e adultos em função das construções metafóricas e metonímicas serem assumidas neste trabalho como reveladoras do aparato simbólico aprendido, pelo ser humano, numa determinada língua, inseparável da particularidade de uma sociedade. Língua e sociedade, assim, dão-se a conhecer na vivência do simbólico da linguagem, experiência que

principia na aventura da aquisição, da qual a criança é o sujeito revelador; já o adulto protagoniza a continuidade dessa experiência, a qual não cessa, já que, pela linguagem, o homem assimila o aparato específico de símbolos pelo qual cada sociedade se identifica. Segundo Flores (2013), tais construções, analisadas à luz dos estudos benvenistianos, são evidências de subjetividade e marcam a presença do homem na língua. Metáfora e metonímia, dessa forma, são associadas à capacidade exclusivamente humana de empregar um símbolo, capacidade de “reter de um objeto a sua estrutura característica e de identificá-lo em conjuntos diferentes” (BENVENISTE, 2005, p. 27). Essa capacidade, sempre presente na linguagem humana, encontra na manifestação literária uma forma particular de organizar o mundo, capaz de encadear o raciocínio e o pensamento discursivo. O estudo desenvolvido até o momento permite afirmar que:

- a. a apropriação da linguagem é a apropriação da língua por todas as conquistas intelectuais que o manejo da língua permite; as construções metafóricas e metonímicas constituem importante experiência no simbólico da linguagem, o que permite ao homem operações intelectuais mais complexas;
- b. a vivência da manifestação literária revela um modo particular de o sujeito estar na linguagem, capaz de *re-novar* no homem a formalização do pensamento, o que se dá na mobilização de arranjos da língua-discurso, dos quais a metáfora e a metonímia se destacam.

Palavras-chave: Manifestação Literária; Simbólico; Pensamento.

Bibliografia:

Benveniste, É. (1966). **Problemas de Linguística Geral I**. Tradução por Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri; revisão pelo prof. Isaac Nicolau Salum. 5. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

Benveniste, É. (1974). **Problemas de Linguística Geral II**. Tradução por Eduardo Guimarães et al.; revisão técnica da tradução por Eduardo Guimarães. Campinas, SP: Pontes, 1989.

Flores, V. do N. Enunciação e metáfora na linguagem da criança: um esboço de estudo. **PROLÍNGUA**, v.8, n. 2, jul/dez de 2013.



COLÓQUIO INTERNACIONAL ENUNCIÇÃO E ARGUMENTAÇÃO
COLLOQUE INTERNACIONAL ÉNONCIATION ET ARGUMENTATION

A Semântica Argumentativa em diálogo
La Sémantique Argumentative en dialogue

Dessons, G. **Émile Benveniste**: l'inventions du discours. Éditions in Press:
Paris, 2006.



7, 8 e 9 de outubro de 2021
Les 7, 8 et 9 Octobre 2021

www.colenarg.paginas.ufsc.br

O VIR A SER ESCREVENTE: A CRIANÇA ENTRE AS CONVERSÕES LÍNGUA-ESCRITA E LÍNGUA DISCURSO NA AQUISIÇÃO DA ESCRITA

Giovane Fernandes Oliveira

Resumo: Esta proposta de comunicação, parte de uma pesquisa mais ampla que busca instalar uma abordagem da aquisição da escrita à luz da teoria da linguagem de Émile Benveniste, insere-se no eixo temático “Construção argumentativa e enunciativa do referente e da subjetividade”, do presente Colóquio. Como os termos *referente* e *subjetividade* circulam em muitas perspectivas enunciativas e argumentativas, convém explicitar os modos como tais termos são aqui compreendidos. Essa compreensão assenta-se numa dupla noção de *conversão*, a *conversão da língua em discurso* (problematizada por Benveniste em sua teorização enunciativa) e a *conversão da língua em escrita* (abordada em sua teorização semiológica).

Quanto à *conversão língua-discurso*, em “A natureza dos pronomes”, Benveniste discute a construção enunciativa da subjetividade e da referência a partir das categorias de pessoa e não pessoa. Na primeira categoria, estão os signos associados ao paradigma das pessoas *eu* e *tu* – pronomes de primeira e segunda pessoa, verbos, advérbios, locuções adverbiais. Trata-se de *signos vazios* (*auto-* ou *sui-*referenciais), pois adquirem referência apenas na enunciação que os contém e na qual se tornam indicadores de pessoa, tempo e espaço cada vez únicos, fornecendo o instrumento da conversão da língua – sistema virtual – em discurso – enunciado concreto. Na segunda categoria, estão os signos associados ao paradigma da não pessoa ele – todas as demais formas da língua, sobretudo os nomes e os chamados pronomes de terceira pessoa. Trata-se de *signos plenos* (referenciais), que possibilitam a *eu* e *tu* falarem sobre o mundo, de maneira que a categoria de não pessoa, sendo a matriz do processo de predicação linguística, não é menos essencial à comunicação humana do que a categoria de pessoa. Assim, há uma integração das duas categorias na conversão da língua em discurso, pois o sistema linguístico contém em potência os signos tanto vazios quanto plenos e o discurso, ao atualizar o sistema, preenche de referência as suas formas vazias e organiza, com o auxílio destas, as formas plenas no enunciado. Dessa conversão da língua em discurso, resulta um “sistema de referências internas

cuja chave é eu, e que define o indivíduo pela construção lingüística particular de que ele se serve quando se enuncia como locutor” (BENVENISTE, 2005 [1956], p. 281, itálico do original). O discurso é, pois, um índice global de subjetividade (DESSONS, 2006) e, também, de referência.

Quanto à *conversão língua-escrita*, em “Semiologia da língua” (1969) e nas *Últimas aulas no Collège de France* – 1968 e 1969, Benveniste reflete sobre as relações língua-escrita e língua-outros sistemas, apresentando três acepções da noção de *conversão*. Na primeira acepção, a conversão corresponde a uma relação simétrica de reversibilidade entre sistemas de mesma base semiológica e, por isso, conversíveis um no outro (como a relação entre o *alfabeto gráfico* e os *alfabetos Braille* e *Morse*, exemplo de “Semiologia da língua”, ou como a relação entre a fala e a escrita, exemplo da “Aula 5” das *Últimas aulas*, em que a *fala* e a *escrita* são situadas como sistemas distintos, embora de mesma base). Na segunda acepção, a conversão diz respeito a uma relação dissimétrica de não reversibilidade entre a língua e os demais sistemas por ela interpretados, vale dizer, convertidos em estruturas significantes (como a relação entre a *língua* e a *sociedade*, exemplo tanto de “Semiologia da língua” quanto da “Aula 5”, ou como a relação entre a *língua/fala* e a *música*, exemplo tanto do artigo de 1969 quanto das Aulas 5 e 7). Na terceira acepção, a conversão concerne a uma relação simétrica de reversibilidade, mas, distintamente da relação reversível da primeira acepção, essa não consiste em uma reversibilidade entre sistemas de mesma base semiológica (como os *alfabetos*), mas em uma reversibilidade entre partes de um mesmo sistema (como a *língua* e a *escrita*, que, na “Aula 7”, são caracterizadas não mais enquanto sistemas diferentes, a exemplo da *fala* e da *escrita* na “Aula 5”, e sim como partes de um único sistema).

A partir desse trajeto teórico, analisam-se recortes enunciativos resultantes de sessões de coleta naturalística e longitudinal, realizadas em ambiente doméstico, de uma a duas vezes por mês, ao longo de dois anos e seis meses, com duas crianças de classe média, falantes monolíngues do português brasileiro. A primeira criança é uma menina, acompanhada dos três anos e três meses aos cinco anos e nove meses, antes de alfabetizar-se. A segunda criança é um menino, acompanhado dos seis anos e três meses aos oito anos e nove meses, durante o ciclo da alfabetização.

A análise preliminar dos recortes indica que, em sua relação inicial com a escrita, dois grandes desafios se apresentam à criança:

(1) *A conversão da língua numa imagem da língua*, em que todos os fatores (inter)subjetivos e (co)referenciais que alimentam essa manifestação individual e coletiva que é o exercício do falar são substituídos pelo traçado manual de signos, o que exige da criança uma abstração do contexto de fala e um mergulho no contexto de escrita, com a reconfiguração tanto das categorias de pessoa, tempo e espaço quanto dos níveis e das unidades da língua na conversão desta em escrita.

(2) *A conversão do discurso falado em sistema de escrita*, em que a criança, no diálogo com o outro – inicialmente o ouvindo ler e o vendo escrever para ela e, em seguida, também “lendo” e “escrevendo” para ele –, descobre que a escrita representa não o mundo, mas o discurso falado que, por sua vez, representa o mundo, o que lhe permite realizar o salto da *palavra* ao *desenho da palavra*, do *falar* à *imagem simbólica do falar*, passando, então, a converter o sistema de escrita em discurso escrito. O vir a ser escrevente implica, portanto, um deslocamento da criança entre essas duas conversões – a conversão língua-escrita/escrita-língua e a conversão discurso-língua/língua-discurso –, por meio das quais a criança, na relação com a língua (subjetividade), com o outro (intersubjetividade) e com o mundo (referência), acede à condição de escrevente em sua língua materna.

Palavras-chave: Aquisição da escrita; Subjetividade; Referência.

Bibliografia:

Benveniste, É. A natureza dos pronomes. In: BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. 5. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005 [1956], p. 277-283.

Benveniste, É.. Aula 5. In: BENVENISTE, Émile. **Últimas aulas no Collège de France** – 1968 e 1969. 1.ed. São Paulo: Editora Unesp, 2014 [1968-1969/2012].

Dessons, G. **Émile Benveniste, l'invention du discours**. Paris: Éditions in Press, 2006.

ATIVIDADE DE LINGUAGEM NA PRODUÇÃO TEXTUAL: ENTRE O ERRO E A CRIATIVIDADE LINGUÍSTICA

Marilia Blundi Onofre

Cássia Regina Coutinho Sossolote

Resumo: A discussão ora proposta objetiva examinar as implicações no ensino-aprendizagem de produção textual ao assumirmos, de um lado, a concepção de linguagem como comunicação, princípio predominante nas propostas curriculares, e, de outro lado, a concepção de linguagem como atividade de construção de significação, perspectiva também presente em diretrizes curriculares, ainda que em teoria. A compreensão da linguagem a partir de sua funcionalidade, sustentando-se nos estudos sobre as funções da linguagem, os embreadores (shifters), os atos de fala, os gêneros discursivos, contribui para o ensino da produção textual por meio da apresentação de modelos, em geral, organizados em tipologias textuais e/ou gêneros discursivos, a partir dos quais os alunos são levados a identificar suas respectivas características bem como a empregá-las, quer estejam no exercício de interpretação ou de produção de texto. Essa perspectiva tem seu valor quando se trata de olhar para os lugares discursivos estabilizados, e até mesmo para aqueles, reconhecidamente, subvertidos. Em outra direção apresenta-se a linguagem concebida como atividade. Sustentando-se nos estudos linguístico-cognitivos, sob fundamentos construtivistas, essa concepção também figura em propostas curriculares, explicitando-se, por exemplo, quando se aponta a relevância de se considerarem as atividades epilinguísticas (conceito proposto pelo linguista francês Antoine Culioli) no ensino, como forma de valorizar o processo de representação mental desenvolvido pelos sujeitos na construção dialógica. Antes de discorrermos sobre essa última, é preciso considerar que as duas concepções a que nos referimos não se apresentam em continuidade, como possa parecer à medida que são propostas lado a lado. Faz-se uma “colcha de retalhos” em diretrizes curriculares, sem que se reconheça nenhuma polêmica entre perspectivas destoantes. Quando citamos que a concepção da linguagem como atividade aparece senão em teoria, queremos apontar que, se tal fundamentação se instaurasse de fato, o processo de avaliação sobre o exercício da produção textual no ensino seria questionado e revisto. Essa questão envolve os

parâmetros que se tem para as noções de erro e de criatividade, conforme se apresenta em Franchi (2006). Assim, ao assumirmos essa concepção, assumimos como princípio a relativa estabilidade-plasticidade no trabalho com produção-interpretação de texto no ensino de língua. Centrando-nos nesta articulação, pretendemos olhar para esse movimento, lugar em que é possível visualizar os sujeitos, ou enunciadores, operarem como tais, assumindo seus papéis, jogando entre o estável e o plástico, ainda que de forma não consciente. É esse lugar que nos interessa no trabalho com o ensino, por meio do qual é possível olhar para o aluno, vê-lo se constituindo como autor, fazendo valer sua criatividade, ainda que nessa criatividade esteja a não adequação ao considerado ideal, a um dado modelo (tipologia textual/gênero discursivo) a que se molda uma dada relação léxico-gramatical-enunciativa. Isso não significa propor um vale tudo, ou mesmo uma escrita/interpretação de texto genial ou original, e aqui nos referimos à criatividade segundo Rezende (2008). Significa, pois, trabalhar com a produção/interpretação de texto a partir das marcas léxico-gramaticais-enunciativas deslocadas (erradas?) presentes nas produções dos alunos, concebidas como ocorrências típicas, e propor um exercício parafrástico de modo que o aluno reflita sobre as possibilidades enunciativas uma vez envolvidas. A proposta está no exercício, para além dos resultados, objetivando que o aluno, ao produzir ou interpretar seus textos passe a observar as implicações léxico-gramaticais-enunciativas em questão, exercendo sua criatividade linguística. Essa reflexão referencia-se na Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE) cujos pressupostos levam em conta as operações linguístico-cognitivas observadas a partir das operações de representação mental, referência linguística e regulação intersubjetiva. Encontramos aí o sujeito em operação por meio das atividades epilinguísticas, linguísticas e metalinguísticas, entendidas, respectivamente, como atividade metalinguística não-consciente (do nível da linguagem), atividade de construção linguística (do nível da materialidade linguística) e metalinguística (do nível do analista/autor). Pautando-nos nesse contexto, discutiremos questões sobre erro e criatividade, por meio da análise de ocorrências selecionadas em produções textuais de alunos.

Palavras-chave: Enunciação; Produção textual; Erro e criatividade linguística.

Bibliografia:

7, 8 e 9 de outubro de 2021
Les 7, 8 et 9 Octobre 2021

www.colenarg.paginas.ufsc.br



COLÓQUIO INTERNACIONAL ENUNCIÇÃO E ARGUMENTAÇÃO
COLLOQUE INTERNACIONAL ÉNONCIATION ET ARGUMENTATION

A Semântica Argumentativa em diálogo
La Sémantique Argumentative en dialogue

Culioli, A. **Pour une linguistique de l'énonciation**: opérations et représentations. v.1. Paris: Ophrys, 1990. 223p.

Franchi, C. **Mas o que é mesmo "gramática"?** São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

Rezende, L. M. Atividade epilinguística e o ensino de língua portuguesa. **Revista do GEL**, S. J. do Rio Preto, v. 5, n. 1, p. 95-108, 2008.

Rezende, L.M. **Léxico e gramática: aproximação de problemas lingüísticos com educacionais**. v.1. Tese de Livre Docência. Araraquara, UNESP, Faculdade de Ciências e Letras, 2000.



7, 8 e 9 de outubro de 2021
Les 7, 8 et 9 Octobre 2021

www.colenarg.paginas.ufsc.br

ARGUMENTAÇÃO E ARGUMENTATIVIDADE NOS “DEVERES DO PROFESSOR” DO ESCOLA SEM PARTIDO: UMA ANÁLISE SEMÂNTICO-ENUNCIATIVA.

Danilo Sobral de Souza

Erica Costa Rego

Adilson Ventura da Silva

Resumo: O sistema educacional, sua organização e a práxis pedagógica são pautas constantes em embates políticos e jurídicos em casas legislativas no Brasil em diversas regiões e estados. Tais discussões mobilizam e transformam a legislação educacional, o que incide diretamente nas práticas que ocorrem em domínios diversos, sejam elas decorrentes da relação professor/aluno e suas implicações pedagógicas ou do âmbito administrativo escolar. Nesse sentido, surge o Programa Escola Sem Partido que é uma iniciativa que propõe, a partir de proposta de lei, a afixação de um cartaz com seis diretrizes em todas as salas de aula de escolas de ensino fundamental e médio, além de corredores, pátios e áreas de acesso comum dentro de unidades escolares. O cartaz apresenta enunciados intitulados de “Deveres do Professor”, que, enumerados, determinam como deve ser a prática docente. O projeto de lei 246/2019, o Escola Sem Partido 2.0, apresentado na Câmara dos Deputados pela Deputada Federal Bia Kicis, do PSL, propõe que este programa seja instituído em todo o território nacional. Neste trabalho, mobilizamos a Semântica do Acontecimento (GUIMARÃES, 2002, 2013, 2018), teoria semântica enunciativa, de caráter não referencialista, que entende a linguagem como não transparente e que sentidos são estabelecidos a partir de relações entre falante, língua e história, para analisar de que maneira a argumentatividade é estabelecida no texto do cartaz. Para atingir o objetivo proposto, discutiremos sobre a constituição da cena enunciativa no *corpus*, além de utilizarmos os procedimentos de análise da teoria supracitada, a saber: reescritura e articulação. Na teoria mobilizada, a reescritura é entendida como a maneira segundo a qual um termo é reescrito ao longo de um texto, e a articulação é compreendida como uma relação de contiguidade semântica, em nível local, interno ao enunciado. Já a cena enunciativa, para a mesma teoria, caracteriza-se, grosso modo, por constituir modos específicos de acesso à palavra, configurando uma divisão em lugares

de enunciação. Na Semântica do Acontecimento a argumentatividade é entendida como o processo pelo qual um lugar social de locutor sustenta uma posição na enunciação (GUIMARÃES, 2013). A partir da observação das relações de argumentatividade, o resultado das análises aponta para o fato de que os deveres do professor deixam de estar sediados no domínio do saber acadêmico e são movidos para o terreno da obediência àquilo que determinam os pais dos alunos. O professor, um dos pilares da estrutura educacional, tem posta à prova o seu papel e as suas atribuições. Qualquer autonomia relacionada à práxis docente é reduzida ao direito dos pais de decidir sobre o conteúdo da aprendizagem do aluno, o que estabelece enunciativamente um novo profissional da educação: o professor-súdito. Portanto, o alocutor-legislador sustenta argumentativamente para o alocutário-escolar sentidos que conduzem para uma conclusão de que o princípio da liberdade de ensino e aprendizagem tem como atores não mais professor e aluno, mas há a inserção dos pais enquanto juizes do saber: aqueles que dão o veredito sobre o que pode e deve ser ensinado aos filhos pelos professores.

Palavras-chave: Argumentatividade; Semântica do Acontecimento; Escola Sem Partido.

Bibliografia:

Guimarães, E. **Semântica do Acontecimento:** um estudo enunciativo da designação. Campinas, SP: Pontes, 2002.

Guimarães, E. Argumentatividade e argumentação. **Desenredo** (PPGL/UPF), v. 9, p. 271-283, 2013

Guimarães, E. **Semântica, enunciação e sentido.** Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

**QUESTÕES DE REGÊNCIA SOB A PERSPECTIVA DA GRAMÁTICA
OPERATÓRIA: *CHEGAR A X CHEGAR EM***

Elizabeth Gonçalves Lima Rocha

Resumo: Nessa apresentação, objetivamos problematizar a concepção de linguagem presente na metodologia gramatical usada na pedagogia do ensino do português, confrontando-a com a concepção construída pela Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas. Defendemos a ideia de que o ensino pautado exclusivamente sobre a norma linguística pode ser prejudicial, pois estigmatiza os usos comuns dos alunos, travando, assim, o aprendizado da língua. Defendemos que a concepção de uma linguagem normativa, que implica os critérios de “certo” e “errado”, deve ceder espaço à concepção da linguagem como atividade, cujo objetivo é o ajustamento intersubjetivo e transindividual. Assim considerada a linguagem, no ensino do português faz-se mister integrar a bagagem linguística do aluno. A necessidade dessa mudança é ilustrada aqui pela análise da concorrência entre os sintagmas *chegar em* e *chegar a*, a qual é exemplar na medida em que opõe norma gramatical e uso comum da língua. A partir, pois da discussão de questões que dizem respeito à regência verbal – *chegar em* e *chegar a* - vistas sob a ótica da gramática tradicional e da gramática operatória, propomos um ensino de base reflexiva em que as atividades propostas pelo professor realizadas em sala de aula propiciem o aluno a pensar sobre o seu próprio pensar uma vez que nossas práticas languageiras não estão subordinadas exclusivamente às regras que a gramática normativa preconiza e/ou descreve. Sabemos que o ensino de regras é ineficaz na medida em que não há reflexão, apenas memorização dessas regras para finalidades específicas como a avaliação. O ensino de base reflexiva, acreditamos, colabora para que o sujeito se perceba como origem do seu dizer. Um dos grandes paradoxos do ensino da língua é que, nas aulas de português, o aluno emudece ao perceber que existe entre a sua forma de se expressar – tão natural e tão fácil – um distanciamento relativamente ao que o professor expõe sobre a língua – tão artificial e tão difícil –, com suas regras e nomenclaturas. Esse cenário vai aos poucos gerando o sentimento de insegurança e de medo nos alunos, que se sentem incompetentes no uso da língua, passando, muitas vezes, a se esquivar, quando solicitados, de manifestar a sua opinião, seja através de

textos orais, seja através de textos escritos. Nas atividades de escrita, em especial, é relativamente comum vermos alunos reproduzindo a fala do professor ou de outrem, por se julgarem incapazes de pensar, de organizar suas ideias e escrevê-las no papel.

Palavras-chave: Regência verbal; Ensino; Atividade de linguagem.

Bibliografia :

Culioli, A. **Pour une linguistique de l'énonciation tome 1.** Opérations et représentations. Paris: Ophrys, 1990.

Culioli, A. **Pour une linguistique de l'énonciation tome 2.** Formalisation et opérations. Paris: Ophrys, 1999a.

Culioli, A. **Pour une linguistique de l'énonciation tome 3.** Domaine notionnel. Paris: Ophrys, 1999b.

Culioli, A. **Pour une linguistique de l'énonciation : tours et détours.** Limoges : Lambert-Lucas, 2018.

Culioli, A., Normand, C. **Onze rencontres sur le langage et les langues.** Paris: Ophrys, 2005.

Cunha, C., Cintra, L. **Nova gramática do português contemporâneo.** 3 ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2001.

De Vogüé, S., Franckel, J.-J., Paillard, D. **Linguagem e enunciação: representação, referenciação e regulação.** Org. de textos e de trad. por Márcia Romero e Milenne Biasotto-Holmo. São Paulo: Contexto, 2011a.

Franckel, J.-J., Paillard, D. **Grammaire des prépositions.** Paris: Ophrys, 2007.

Romero, M. Gramática operatória e ensino do léxico em língua portuguesa: fundamentos para uma prática reflexiva. In. Brocardo, M. T. & Caetano, M. C. (Eds.) **Estudos Linguísticos/Linguistic Studies**, n. 5, Lisboa: Colibri, 2010.

Romero, M. Epilinguismo: considerações acerca de sua conceitualização em Antoine Culioli e Carlos Franchi. **Revel**, v. 9, n. 16, 2011a

Romero, M. Le fonctionnement sémantique de la préposition POR en portugais brésilien. **Faits de Langues**, Les Cahiers, Paris: Ophrys, n. 3, p. 209-232, 2011b.



COLÓQUIO INTERNACIONAL ENUNCIÇÃO E ARGUMENTAÇÃO
COLLOQUE INTERNACIONAL ÉNONCIATION ET ARGUMENTATION

A Semântica Argumentativa em diálogo
La Sémantique Argumentative en dialogue

Romero, M. Processos enunciativos e identidade semântica da preposição
POR. In: **Cadernos do IL**. Porto Alegre, n. 46, p.149-170, 2013a.



7, 8 e 9 de outubro de 2021
Les 7, 8 et 9 Octobre 2021

www.colenarg.paginas.ufsc.br

ENUNCIÇÃO E ARGUMENTAÇÃO EM PROCESSOS CIVIS: IMPLÍCITOS NO CONFLITO ENTRE AS PARTES

Ana Lucia Tinoco Cabral

Resumo : Temos dedicado nossos estudos ao uso da linguagem verbal pelos profissionais da área jurídica, especialmente, à construção da argumentação em interações por escrito entre advogados em situação de litígio, observando as estratégias argumentativas utilizadas pelas partes em confronto para marcar tanto a aproximação relativamente o próprio discurso como o distanciamento em relação ao conteúdo do discurso da parte contrária. O discurso dos Processos Civis constitui assim foco de nossos interesses. Verificamos os usos efetivos da língua e seus efeitos de sentido em determinadas situações de enunciação, considerados na interação verbal.

Há situações nas quais não se pode dizer tudo Ducrot (1972), fato corrente em contextos mais institucionalizados mais estratificados tais como os relativos aos processos judiciais, nos quais não se pode nem mesmo dizer de qualquer forma o que se deseja afirmar, sob o risco de levar o discurso a uma derrota, ou seja, ser mal julgado por ter corrompido regras de um código de ética profissional cujas consequências podem recair não apenas sobre o advogado mas também sobre seu cliente, que confiou no profissional do direito e que depende, em certa medida, de sua conduta.

O Processo Civil constitui uma sequência interativa de atos provocada por um conflito de interesses entre dois sujeitos, autor e réu, que sustentam dois pontos de vista antagônicos sobre o mesmo fato, o que torna as disputas judiciais um espaço privilegiado para os estudos da argumentação. A relação entre os participantes de um processo judicial baseia-se em uma hierarquia estabelecida e rígida na qual o juiz ocupa uma posição superior à das partes (autor e réu). Em decorrência desse fato, o advogado deve medir suas palavras, dizer sem muito dizer, acusar sem ser violento, tomando todos os cuidados para não romper com o código de ética da Ordem dos Advogados do Brasil, cujo artigo 28 postula que « *Art. 28. Consideram-se imperativos de uma correta atuação profissional o emprego de linguagem escorreita e polida, bem como a observância da boa técnica jurídica* ». A referência à linguagem polida e inclusive à linguagem escorreita nos lembra os dizeres de Negrão (1988), que aconselhava aos jovens estudantes de direito, futuros advogados que

deveria evitar ofensas à parte contrária e ao advogado da parte contrária, sem, no entanto, ser frio, ressaltando a importância de fazer com que o juiz sinta a confiança do advogado na causa defendida por ele. Nesse contexto, tendo em vista o poder decisório do juiz e o antagonismo entre as partes, a dinâmica dos autos é marcada pela preocupação das partes de convencer o juiz, mas não apenas.

Não há dúvida de que cada uma das partes deseja convencer o juiz, mas, para tanto, cada uma precisa refutar, combater e destruir os argumentos da parte oposta. As diferenças existentes entre o estatuto do juiz e das partes estabelecem uma dinâmica particular que regula a atividade enunciativa e as escolhas linguísticas. Cada participante da interação não pode perder de vista os outros uma vez que os objetivos diferem em relação a cada um: as partes têm ambas o objetivo de convencer o juiz e, entre elas, ambas têm intenção de contradizer (Cabral, 2007). Essa diferença de propósitos conduz a comportamentos verbais diversos: cada parte procura enaltecer o juiz e desqualificar a parte oposta. O contexto institucional e a ética profissional impedem, no entanto, que a desqualificação seja mostrada de modo explícito.

Entendemos com Ducrot (1984), que há, por assim dizer, uma argumentação latente nas palavras da língua, o que permite compreender os sentidos muitas vezes não ditos diretamente. Isso quer dizer que, nos textos de processos judiciais, se para o juiz os elogios são explícitos assim como a expressão de polidez, para a parte contrária, os ataques e os atos impolidos ocorrem mais por meio de implícito. Conforme afirmado no início deste resumo, nos processos judiciais, os advogados que representam as partes em oposição não podem dizer tudo com o risco de levar seu cliente a perder a causa. Esse fato nos permite assumir que os documentos extraídos das manifestações das partes em conflito em processos judiciais oferecem corpus produtivo para o estudo dos implícitos. Vale lembrar, com Ducrot (1972), que os implícitos nos protegem de protestos e recusas, o que resguarda nossas nossas intenções. O emprego de conteúdos implícitos tem a ver com a habilidade para utilizar a língua, impondo ao interlocutor uma cumplicidade que ele não escolheu, mas é obrigado a aceitar.

Dito isso, focalizamos neste trabalho o conteúdo pressuposto, “concebido, no ato de discurso, como inerente ao próprio enunciado” (DUCROT, 1987, p.20), ele pertence ao enunciado. A Teoria dos Blocos Semânticos, proposta por Carel (2021) também concorda com o Ducrot que o conteúdo pressuposto não é passível de ser posto em discussão. Ambos concordam que os conteúdos

pressupostos se apoiam sobre o significado das palavras e sobre as construções gramaticais que subjazem a um enunciado (Carel, 2021). Carel propõe, no entanto, dois conceitos distintos: pressupostos argumentativos e os pressupostos co-significados. Os primeiros são ligados ao posto no interior de um encadeamento argumentativo, constituindo com ele apenas um conteúdo. Os segundos tem um conteúdo argumentativo distinto do posto; eles se reagrupam gramaticalmente no interior de um mesmo complexo argumentativo (Carel, 2021, p. 169).

Considerando os posicionamentos teóricos de Ducrot (1972; 1984) e de Carel (2021), este estudo abarca procedimentos que incluem determinar o quadro enunciativo, com vistas a compreender o estatuto dos implícitos no contexto especificado; analisar exemplos que permitam refletir sobre o estatuto dos implícitos nesse contexto, do ponto de vista da proposta de Ducrot (1972 ; 1984) ; analisar os mesmos exemplos do ponto de vista da proposta de Carel (2021). Recorrendo, pois a um quadro teórico que segue os postulados de Ducrot (1972 ; 1984) sobre os conteúdos implícitos e busca um diálogo com os postulados da Teoria dos Blocos Semânticos proposta por Carel (2021), as análises procuram mostrar diferentes perspectivas para a análise de conteúdos implícitos em diversas situações enunciativas.

Palavras-chave: Enunciação; Pressuposição; Processo Civil.

Bibliografia:

Cabral, A. L. T. La présupposition dans l'ADL. In: Behe, L.; Carel, M.; Denuc, C.; Machado, J. C. **Cours de Sémantique Argumentative**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021, p. 147-161 <https://pedrojoaoeditores.com.br/site/cours-de-semantique-argumentative/>

Carel, M. La présupposition dans la TBS. In: Behe, L.; Carel, M.; Denuc, C.; Machado, J. C. **Cours de Sémantique Argumentative**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021, p. 163-173. <https://pedrojoaoeditores.com.br/site/cours-de-semantique-argumentative/>

Ducrot, O. **Dire et ne pas Dire principes de sémantique linguistique**. Paris: Hermann, 1972.

_____. **Le dire et le dit**. Paris : Minuit, 1984.

O POTÊNCIAL ARGUMENTATIVO DO NÚMERO NO DISCURSO E DESDOBRAMENTOS POSSÍVEIS: UMA PROPOSTA REFLEXIVA

Norton Pizzi Manassi

Adriano Rodrigues de Melo

Marco Antônio da Silva Negri

Resumo: Saussure, no *Curso de Linguística Geral* ([1916] 1975), já nos esclareceu que a *linguagem* tem um lado individual (fala) e um lado social (língua) e afirmou, ainda, não ser possível conceber um sem o outro. Ao mesmo tempo, a matemática, como uma forma de linguagem e expressão, insere-se naturalmente no exercício da comunicação, conforme atestam Bechara (2009) e Câmara Jr. (1978) e exerce, portanto, um caráter social que merece atenção.

Pesquisas na área da Educação Matemática indicam que os números dão suporte de sustentação para discursos que influenciam a tomada de decisões na sociedade contemporânea. Em outras palavras, “resultados matemáticos e dados estatísticos são uma referência constante durante debates na sociedade. Eles fazem parte da estrutura de argumentação”. (BORBA, SKOVSMOSE, 1997, p.127).

Para além de uma simples forma de auxílio à língua, aos números é conferida uma autoridade de caráter quase que conclusivo/validativo a uma argumentação. Borba e Skovsmose (1997) também observam que está posta uma crença de que os números são infalíveis, acima do bem e do mal, livre de manipulações e longe da influência humana. O fenômeno que confere o “poder de conter o argumento definitivo atribuído à matemática” é amparado e denominado pelos autores por *ideologia da certeza*.

Esse status conferido aos números, de forma equivocada, como também já fora discutido em Gomes L. et al. (2015), deve exigir uma boa dose de cautela aos leitores, visto que:

[...] não bastassem as suas múltiplas possibilidades de expressão – aritmética, probabilística etc – os números muitas vezes remetem a resultados desconhecidos às vistas do alocutário. Dessa maneira, para não precisarem efetuar pesquisa em relação à sua confiabilidade, as pessoas geralmente acabam aceitando-os como verdadeiros, inclusive pelo grau de credibilidade instaurado, nas sociedades ocidentais, em relação às ciências “exatas”, à

matemática. Daí a afirmação de que, muitas vezes, os números devem ser menos confiáveis do que as próprias palavras. (GOMES, L. et al., 2015, p. 107).

A fim de enfatizar os cuidados subjacentes a leituras dessa natureza, a presente pesquisa se propõe a apresentar alguns enunciados que emergem da sociedade e que se utilizam da matemática, juntamente com a língua portuguesa, e que têm por objetivo defender ideias que, em um primeiro momento, não soam como verdadeiras para os pesquisadores envolvidos neste trabalho. Os enunciados em questão, que foram retirados de peças publicitárias e de discursos políticos, representam o tipo de material que comumente se propaga pelas redes sociais, outdoors, internet de um modo geral e demais meios propagadores físicos ou digitais.

A ideia central da pesquisa foi a de confrontar, de modo interdisciplinar, dois diferentes olhares sob os textos elencados. O primeiro, uma análise do discurso, realizada sob a luz da Teoria dos Blocos Semânticos – TBS e da Argumentação na Língua – ANL, cujo movimento foi realizado com base na interpretação das obras de Carel e Ducrot (2005) e Ducrot (1990). O segundo olhar, uma verificação sob o ponto de vista da matemática aos entes matemáticos expressos pelos textos. Para tanto, os pesquisadores utilizaram alguns conceitos de matemática financeira, sustentados por Puccini (2009), e de matemática básica, a partir sobretudo de DANTE (2008).

A conclusão, apesar de ratificar a primeira impressão dos pesquisadores, não pode ser banalizada, muito menos por parte da comunidade acadêmica. Para Gomes et al. (2015), “muitas vezes, os números devem ser menos confiáveis que as palavras” e, por meio dos experimentos que foram realizados neste trabalho, podemos observar que, de fato, os números são amplamente utilizados como forma de embasar discursos de uma forma geral, tanto os verdadeiros quanto os falaciosos. Assim, é possível observar que nossos pares são expostos a uma vasta quantidade de informações que associam língua – portuguesa, no caso deste trabalho – a conceitos matemáticos, nem sempre dominados. Nessa atmosfera, encontra-se uma gama de materiais que, além de enganosos, vão de encontro aos interesses de seus receptores, ou seja, têm, no campo da desinformação, o seu porque de existir.

Esse fenômeno notadamente tem se proliferado, talvez – e aqui se inicia a fase dos questionamentos – pelo fato de que, talvez, o grupo de pessoas ao qual os discursos em língua de madeira (fr., langue de bois) ou em forma mais direta

de notícias falsas (ing., fake news) se mostram eficientes, não apto para realizar as devidas interpretações para identificar e agir contrariamente à enganação languageira que os caracteriza. Dessa forma, este trabalho, entre outras coisas, objetiva convidar os profissionais da área da educação, sobretudo os colegas linguistas e matemáticos, a uma reflexão acerca das nossas atuações e acerca de nossas possibilidades de atuação contra tais correntes desinformativas presentes em sociedade.

Palavras-chave: Educação Matemática; Análise do Discurso; Fake News; Língua de Madeira.

Bibliografia:

Bechara, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

Borba, M. C.; Skovsmose, O. The ideology of certainty. For the learning of Mathematics , v. 17, n. 3, p. 17-23, 1997.

Câmara, Jr., J. M. **Dicionário de lingüística e gramática**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1978.

Carel, M.; Ducrot, O. **La semântica argumentativa: una introducción a la teoria de los bloques semánticos**. Tradução: María Marta Negroni e Alfredo M. Lescano. Buenos Aires: Colihue, 2005.

Carel, M. **Langue de bois et poésie** (séminaires à l'EHESS), 2018-2019.

Dante, L. R. **Tudo é Matemática**. 3 ed. São Paulo: Ártica, 2008.

Ducrot, O. **Polifonía y Argumentación**. Conferencias del Seminario Teoría de la Argumentación y Análisis del Discurso. Cali: Universidad del Valle, 1990.

Gomes, L. Manassi, N. P. Santos, N. L. Sentidos argumentativos e polifônicos de números no discurso, com base na Semântica Argumentativa. **Letras de Hoje**. Porto Alegre: Edipucrs, 2016.

Puccini, A. L. **Matemática financeira objetiva e aplicada**. 8 ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

Skovsmose, O. **Educação matemática crítica: a questão da cidadania**. 6. ed. São Paulo: Papirus, 2013.



COLÓQUIO INTERNACIONAL ENUNCIÇÃO E ARGUMENTAÇÃO
COLLOQUE INTERNACIONAL ÉNONCIATION ET ARGUMENTATION

A Semântica Argumentativa em diálogo
La Sémantique Argumentative en dialogue

Saussure, F. de. **Curso de Linguística Geral**. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye. Tradução de Antônio Cheline, José Paulo Paes e Izidoro Blinkstein 7. ed. São Paulo: Cultrix, 1975.



7, 8 e 9 de outubro de 2021
Les 7, 8 et 9 Octobre 2021

www.colenarg.paginas.ufsc.br

**A ESTRUTURA DA ARGUMENTAÇÃO POLÍTICA: DIÁLOGOS
ENTRE AS NOÇÕES DE *TOPOS EXTRÍNSECO* NA SEMÂNTICA
ARGUMENTATIVA E A DE *LÓGICAS ARGUMENTATIVAS* NA
RETÓRICA.**

Rodrigo Seixas

Resumo: O tipo de argumentação *A donc C* (A, então C), padrão no raciocínio argumentativo, foi, como se sabe, objeto de estudo da Semântica Argumentativa de Oswald Ducrot nos anos 1970. Opondo-se à perspectiva clássica da argumentação, pela qual se compreendia a passagem entre um argumento A para a conclusão C como de ordem externa à própria língua – atrelada, por exemplo, ao contexto e seus componentes estruturantes (valores, ideologias, participantes, questões situacionais etc), ou de ordem informativa, resumida ao conteúdo proposicional do enunciado –, Anscombe e Ducrot (1976) consideraram que a argumentação deve ser compreendida de modo interno, na e pela própria língua, posto que, para eles, na maior parte dos enunciados, há certos traços que determinam o seu valor pragmático independentemente de seu conteúdo informativo. Em fase teórica posterior de sua original *Teoria da argumentação na língua*, momento que ficou conhecido como *Teoria dos topoï*, Ducrot (1987) e Anscombe (1995) afirmaram que o que garante a passagem de um argumento A para a conclusão C é um topos. Recuperando a ideia de topos Aristotélico, isto é, como lugares argumentativos que servem a legitimar determinado raciocínio, Ducrot (1987) considera existir dois tipos de *topoï*, os *extrínsecos* e os *intrínsecos*. Alvos de bastante instabilidade na teoria ducrotiana, os *topoï extrínsecos* tem como garantia de passagem de A para C dados socioculturais, de ordem axiológica e ideológica. Levando-se em conta a escolha por uma teoria que privilegiasse a suficiência da argumentação na língua, o linguista francês opta por excluir de seu aporte teórico os *topoï extrínsecos* e passa a estudar apenas os *topoï intrínsecos*, tal como “Pedro é rico, logo pode comprar todas as coisas”, em que se é possível chegar à conclusão C (*pode comprar todas as coisas*) a partir do argumento A (*Pedro é rico*) por meio de um topos possível de ser compreendido internamente, afinal no sentido de “rico” está já o sentido de “poder de compra”. Tal perspectiva, entretanto, exclui a possibilidade pragmática mais ampla de levar em conta também o que se considerou, a partir de Perelman e

Olbrechts-Tyteca (2005), como uma *pragmática dos valores*, isto é, uma perspectiva que considere os aspectos valorativos como fundamentais na definição/eficácia das estratégias argumentativas, fundamentais para a definição do acordo (ou do desacordo) e mesmo para a consequente/eventual ação. Com efeito, Emediato (2001) considera, a esse respeito, que a teoria ducrotiana, ao reduzir a argumentação a um estudo da potencialidade semântica da língua de evocar continuações que se assemelham a paráfrases definicionais, esvazia a rica multiplicidade e complexidade do fenômeno argumentativo, incluindo aí o papel dos locutores e interlocutores, dos aspectos conflituais do discurso argumentativo, das intencionalidades dos argumentantes, suas representações imaginárias e ideológicas etc. Em sentido oposto, a partir de uma perspectiva retórico-discursiva (que nomeou de *retórica antilógica*), Angenot (2008), com o intuito de elucidar as razões dos desacordos profundos (*diálogos de surdos*), lança mão da tese das *lógicas argumentativas*, a saber, esquemas ideológicos de raciocínio que legitimam uma determinada conclusão e que sustentam posicionamentos. Para o analista de discurso, tais lógicas argumentativas (ideológicas, resalte-se) não são novas, mas sim atualizadas no decorrer da história dos discursos em cada novo ato de enunciação polêmica. Nesse sentido, essas lógicas argumentativas nada mais são que argumentos dóxicos (porque advêm do conjunto de opiniões, do argumentário e da ideologia dos diferentes grupos) sem os quais não seria possível completar a passagem entre A e C. Vale lembrar que a lei de passagem seria, assim como afirma Emediato (2001), o que constitui o núcleo de toda argumentação. Nesse caso, tais lógicas argumentativas (esquemas de raciocínios estruturantes das diferentes opiniões públicas e políticas), no sentido compreendido por Seixas (2019), funcionariam como leis de passagem, garantias legitimadoras da conclusão, dependendo esta, para tanto, do acordo entre os interactantes acerca de sua validade. Assim sendo, Seixas (2019), ao aproximar a teoria angenotiana a outras perspectivas argumentativas, tais como a de Perelman (2005), Toulmin (2006) e Plantin (2016), tenta propor uma forma de analisar argumentos políticos de tipo justificatório, tal como “o *impeachment* foi *golpe* porque X, Y ou Z”, em que X, Y e Z são argumentos que apenas podem legitimar a conclusão C (o *impeachment* foi *golpe*) se tomamos como garantias (lei de passagem) algumas lógicas argumentativas predominantes no arcabouço discursivo de determinados grupos ideológicos. Pretende-se pensar, portanto, com esta comunicação, as relações possíveis entre ambas as perspectivas, a argumentativa ducrotiana e a argumentativa retórico-discursiva, bem como

lançar novas luzes sobre o conceito de *topos extrínseco* em diálogo com o conceito de *lógicas argumentativas* tal como trabalhado em Angenot (2008) e, de modo mais específico, em Seixas (2019), a fim de compreender um tanto mais a estrutura de algumas argumentações políticas contemporâneas.

Palavras-chave: Argumentação; Retórica; Lógicas argumentativas.

Bibliografia:

ANGENOT, Marc. **Dialogues de sourds** : traité de rhétorique antilogique. Paris : Mille et une nuits/Fayard, 2008.

ANSCOMBRE, Jean-Claude; DUCROT, Oswald. L'argumentation dans la langue. **Langages**, n.42 1976, p. 5-27.

ANSCOMBRE, Jean-Claude. **La théorie des topoï** : sémantique ou rhétorique ?. Hermès, n.15, 1995, p. 185-198.

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Campinas/SP : Pontes, 1987.

EMEDIATO, Wander. Retórica, argumentação e discurso. In: MARI, Hugo et al. (org.). **Análise do discurso: fundamentos e práticas**. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso/FALE-UFMG, 2001.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. Tradução de Maria E. de A. P. Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PLANTIN, Christian. **Dictionnaire de l'argumentation** : une introduction aux études d'argumentation. Lyons : ENS Éditions, 2016.

SEIXAS, Rodrigo. **Entre a retórica do impeachment e a do golpe: análise do conflito de lógicas argumentativas na doxa política brasileira**. 2019. 433 p. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras, Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.



COLÓQUIO INTERNACIONAL ENUNCIÇÃO E ARGUMENTAÇÃO
COLLOQUE INTERNACIONAL ÉNONCIATION ET ARGUMENTATION

A Semântica Argumentativa em diálogo
La Sémantique Argumentative en dialogue

TOULMIN, Stephen E. **Os usos do argumento**. Tradução de Reinaldo Guarany. São Paulo: Martins Fontes, 2006.



7, 8 e 9 de outubro de 2021
Les 7, 8 et 9 Octobre 2021

www.colenarg.paginas.ufsc.br

**AS RELAÇÕES SEMÂNTICO-ARGUMENTATIVAS PARADOXAIS
EM MÍDIA IMPRESSA SOBRE A PANDEMIA DA COVID-19**

Daiane Zamoner

Elaine Ribeiro

Ernani Cesar de Freitas

Resumo: A pandemia do novo coronavírus, causador da Coronavirus Disease 2019 (COVID-19), foi detectado, inicialmente, em Wuhan na China e se espalhou de forma acelerada pelo mundo todo. O vírus chegou ao Brasil no ano de 2020 e vem causando a morte de inúmeros brasileiros, exigindo das autoridades medidas de prevenção extremas e gerando impactos consideráveis na sociedade. Trata-se de um evento atípico na história do mundo contemporâneo e vem repercutindo de forma significativa sobre os sistemas de saúde, a sustentação econômica do país, o acesso a bens essenciais como medicamentos, alimentação, educação, transporte, entre outros. Além disso, a saúde mental da população está sendo afetada pelas medidas de confinamento e pelo medo de contaminação e morte. Nesse cenário, os meios de divulgação de informação passaram a se preocupar em abordar os diferentes aspectos da pandemia, abrindo espaço para publicações voltadas aos efeitos e alterações na vida das pessoas. Entretanto, os enunciados apresentados por esses meios revelam um texto complexo, obscuro, contraditório e carregado de uma heterogeneidade de sentidos possíveis e nem sempre identificáveis. Dessa forma, este estudo, inscrito na perspectiva da Semântica Argumentativa, tem por objetivo analisar a construção de sentido nas relações semântico-argumentativas paradoxais em mídia impressa. A fim de concretizar nosso propósito nesta investigação, buscamos suporte nos preceitos teóricos sobre as relações semântico-argumentativas paradoxais, tendo como base a Teoria da Argumentação na Língua desenvolvida por Jean-Claude Anscombre e Oswald Ducrot (1983, 1987, 1988), mais especificamente no que diz respeito à fase atual, a Teoria dos Blocos Semânticos/TBS, desenvolvida por Marion Carel (1992, 1999, 2005). A TBS tem como premissa que o sentido de uma entidade linguística está constituído por certos discursos que essa entidade evoca, denominados encadeamentos argumentativos unidos por um conector em DC (donc) ou em PT (pourtant). Ducrot e seus colaboradores defendem que a argumentação está inscrita no sistema da

língua, constituindo elemento fundamental para entendimento do sentido dos enunciados. Tratando-se de textos paradoxais, a teoria estabelece que o conceito de paradoxo pode ser determinado por termos puramente linguísticos. Por conseguinte, institui que o paradoxo está implícito no discurso e compreendê-lo dependerá das relações discursivas entre os encadeamentos possíveis de sentido. Devido ao espaço e extensão desta investigação, selecionamos como *corpus* de análise uma capa da revista VEJA, mídia impressa brasileira de periodicidade semanal, a qual tematiza os efeitos da pandemia da Covid-19 e foi veiculada no mês de abril de 2020. A metodologia assumida nesta pesquisa caracteriza-se como exploratória e bibliográfica com abordagem qualitativa. A partir da análise realizada, constatamos que, apesar das implicações negativas, a pandemia poderá ressaltar o que de fato é importante e essencial para os seres humanos, podendo, inclusive, apresentar aspectos positivos. Assim, a TAL/TBS mostram-se eficazes ao auxiliar na descoberta de uma enunciação complexa em mídias impressas, que revelam sentidos paradoxais, nem sempre explícitos ou percebidos facilmente pelo leitor. Acreditamos que essa Teoria pode contribuir de forma significativa para compreensão de outros enunciados, com a mesma ou maior complexidade, comprovando que ela institui como básico o sentido argumentativo, que é aquele construído discursivamente no movimento linguístico observado no texto e regido pela formação de blocos semânticos.

Palavras-chave: Semântica Argumentativa; Paradoxo; Pandemia; Covid-19; Mídia Impressa.

Bibliografia:

Anscombre, J. C.; Ducrot, O. **L'argumentation dans la langue**. Bruxelles Mardaga, 1983.

Anscombre, J. C., & Ducrot, O. **La argumentación en la lengua**. Madrid: Editorial Gredos, 1994.

CAPA REVISTA VEJA. **VEJA**. São Paulo-SP, 2020, v. 2.682, ano 53, n. 16, abr. 2020. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/edicoes-veja/2682/>> Acesso em: 01 maio 2020.

COLÓQUIO INTERNACIONAL ENUNCIÇÃO E ARGUMENTAÇÃO COLLOQUE INTERNACIONAL ÉNONCIATION ET ARGUMENTATION

A Semântica Argumentativa em diálogo
La Sémantique Argumentative en dialogue

Carel, M.; Ducrot, O. **Le problème du paradoxe dans une sémantique argumentative**. In: **Langue française**, n°123, 1999. Sémantique et stéréotype. pp. 6-26; Disponível em: https://www.persee.fr/doc/lfr_0023-8368_1999_num_123_1_6293 . Acesso em: 25 de maio de 2020.

Carel, M. ; Ducrot, O. **La semántica argumentativa: una introducción a la Teoría de los Bloques Semánticos**. Trad. e org. Maria Marta García Negrón e Alfredo M. Lescano. Buenos Aires: Ed. Colihue, 2005.

Ducrot, O. **Polifonía y argumentación**. Cali: Universidad del Valle, 1988.

Ducrot, O. **La pragmatique et l'étude sémantique de la langue**. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 32, n.1, p. 9-21, 1997.

Ducrot, O. Criteres argumentatifs et analyse lexicale, **Languages**, n. 142. Paris: Larousse, p. 22-40, 2001. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/lgge_0458-726x_2001_num_35_142_881. Acesso em: 20 jul. 2020.

Ducrot, O. Os Internalizadores. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 37, n. 3, p. 7-26, set. 2002.

7, 8 e 9 de outubro de 2021
Les 7, 8 et 9 Octobre 2021

www.colenarg.paginas.ufsc.br

**MARCAS ARGUMENTATIVAS NOS TRAÇOS DE DIDATICIDADE
DA DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: UMA ANÁLISE DE DISCURSOS
COMPARATIVA**

Urbano Cavalcante Filho

Resumo: O objetivo do presente estudo, resultado da investigação de pós-doutoramento (FFLCH-USP), é realizar uma análise comparativa das marcas argumentativas e enunciativas presentes nos traços de didaticidade do discurso de divulgação científica em 2 países de culturas e línguas distintas, Brasil e França. O aporte teórico-metodológico do estudo respalda-se na confluência entre a teoria dialógica da linguagem do Círculo de Bakhtin (a chamada Análise Dialógica do Discurso) e os fundamentos da Análise de Discursos Comparativa, vertente teórica nascida no âmbito do *Cediscor* (*Centre de recherche sur les discours ordinaires et spécialisés*) da Université Sorbonne Nouvelle, em Paris, na França. Sob o parâmetro da *comparabilité* ("comparabilidade"), observaremos as regularidades e variações presentes nos diferentes projetos de dizer. O objeto de descrição, análise, interpretação e comparação das culturas discursivas da divulgação científica serão os *traces de didacticité* ("traços de didaticidade") e suas marcas argumentativas e enunciativas materializados linguístico-enunciativamente no gênero discursivo reportagem (que constitui o *tertium comparationis* do estudo) das revistas de divulgação científica *Ciência Hoje* (produção brasileira publicada pela *Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência - SBPC*) e *La Recherche* (produção francesa publicada pela *Société d'éditions scientifiques*).

Palavras-chave: Didaticidade; Marcas argumentativas; Análise de Discursos Comparativa.

Bibliografia:

- Bakhtin, M. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016. p. 11-70.
- Bakhtin, M. O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária. In: **Questões de literatura e estética**. A teoria do romance. Trad. A. F. Bernadini et al. 3. ed. São Paulo: Unesp, 1993.

Bakhtin, M. M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

Cavalcante Filho, U. **A arquetônica da divulgação científica nos enunciados das Conferências Populares da Glória (Séc. XIX)**. (Tese de Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. 2017. 540p. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-19062017-114242/pt-br.php>

Cavalcante Filho, U. La question de la forme (compositionnelle et architectonique) du discours de vulgarisation scientifique: une analyse bakhtinienne des Conférences Populaires de Gloria. **Redis – Revista de Estudos do Discurso**. N. 5, Ano 16. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/14725.pdf>

Claudel, C. et al. **Cultures, discours, langues. Nouveaux abordages**, Limoges, Lambert-Lucas, [SÉP] coll. Linguistique, 2013.

Grillo, S. V. de C. **Divulgação científica: linguagens, esferas e gêneros**. Tese (Livro-Docência) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.

Grillo, S. V.. de C.; Glushkova, M. A divulgação científica no Brasil e na Rússia: um ensaio de análise comparativa de discursos. **Bakhtiniana**. São Paulo, 11 (2). Maio/Ago. 2016. p. 69-92.

Moirand, S. « Autour de la notion de didacticité », **Les Carnets du Cediscor** [En ligne], 1 | 1993, mis en ligne le 28 août 2009. Disponível em: <http://cediscor.revues.org/600>

Mortureux, M.F. « Didacticité et discours « ordinaire » », **Les Carnets du Cediscor** [En ligne], 1 | 1993, mis en ligne le 28 août 2009. Disponível em: <http://cediscor.revues.org/601>

Reboul, S. « Scientifcité et didacticité », **Les Carnets du Cediscor** [En ligne], 1 | 1993, mis en ligne le 28 août 2009. Disponível em : <http://cediscor.revues.org/605>

Von Münchow, P; Rakotonoelina, F. « Avant-propos », **Les Carnets du Cediscor** [En ligne], 9 | 2006, mis en ligne le 08 janvier 2010. Disponível em: <http://cediscor.revues.org/106>.



COLÓQUIO INTERNACIONAL ENUNCIÇÃO E ARGUMENTAÇÃO
COLLOQUE INTERNACIONAL ÉNONCIATION ET ARGUMENTATION

A Semântica Argumentativa em diálogo
La Sémantique Argumentative en dialogue

[Von Münchow, P. L'analyse du discours contrastive : comparer des cultures discursives.](https://cediscor.revues.org/65) <https://cediscor.revues.org/65>



7, 8 e 9 de outubro de 2021
Les 7, 8 et 9 Octobre 2021

www.colenarg.paginas.ufsc.br

ASPECTOS TENSIVOS DA ARGUMENTAÇÃO: A MODULAÇÃO SENSÍVEL

Renata Mancini

Resumo: Ao desvelar a dimensão sensível da palavra de modo operacional e ao propor a perspectiva de um sistema dinâmico, Claude Zilberberg e Jacques Fontanille abriram novos horizontes para a semiótica francesa que realinharam a teoria a desafios contemporâneos que fugiriam do escopo das propostas iniciais. Tomando por base uma visão integrada das duas concepções de enunciação já estabelecidas na teoria - a enunciação tal como concebida por Algirdas Julien Greimas e a práxis enunciativa, em sua formulação tensiva, puxamos o fio condutor do processo de construção de identidade, através do conceito de *junção*, para mostrar como o sujeito da enunciação greimasiano pode se irmanar com a práxis enunciativa tensiva. Propomos estabelecer um paralelo entre as categorias de *pessoa*, *espaço* e *tempo* do nível discursivo do percurso gerativo de sentido com a dêixis perceptiva organizadora dos fluxos tensivos, entendidos sob a forma de profundidades espaço-temporais organizadas a partir da perspectiva de um observador. Propomos estabelecer o rebatimento do *tempo* e *espaço* discursivos com a *temporalidade* e a *espacialidade* tensivas, na medida em que são elementos de demarcação da situação de interlocução, organizada por um *observador* que, no nível discursivo, controla a delegação das vozes e, na arena tensiva, rege “despoticamente” os aumentos e diminuições constitutivas de nossa vivência, os mesmos aumentos e diminuições que, não por acaso, Claude Zilberberg denomina aspecto. A partir desta fundamentação teórica, apresentamos o conceito de *projeto enunciativo*, que nada mais é do que o conjunto de estratégias de textualização, postas em prática pelo sujeito da enunciação, que abrange tanto a interface sensível do texto quanto seus caminhos interpretativos, que determinam o que chamamos de modos de engajamento do enunciado. O *projeto enunciativo* é, portanto, o arcabouço que dá corpo ao texto, e do qual emana o que denominamos *arco tensivo*, um perfil sensível da obra, passível de ser modulado a partir do conjunto de estratégias de textualização de que o enunciador se vale, com suas *cifras tensivas* subjacentes. Com elas, o enunciador faz a gestão das expectativas do enunciatário e habilmente

modula a interface sensível a favor de seu projeto persuasivo. O acontecimento, por exemplo, na abordagem tensiva, é uma quebra radical da expectativa construída pelo enunciador em relação ao fazer interpretativo de seu enunciatário. Obedece, portanto, ao estilo tensivo da concessão, segundo o qual o curso previsto de uma ação é interrompido pela irrupção de uma possibilidade não prenunciada. Essa quebra tonificada ao extremo gera uma comoção no enunciatário, uma experiência pautada pela exacerbação sensível. A quebra de uma expectativa diz respeito ao contrato veridictório estabelecido entre destinador e destinatário, intimamente ligado às estratégias argumentativas empreendidas e sua dimensão retórica. As modalidades veridictórias articulam ser e parecer segundo seus arranjos implicativos, verdade (parece e é) e falsidade (não parece e não é), e também segundo arranjos concessivos, mentira (parece, mas não é) e segredo (não parece, mas é), que trataremos de forma gradual. A escala veridictória compreende os graus de concessão e os graus de implicação, com os quais se estabelece uma superfície sensível do texto, cujo desenho é o arco tensivo.

Palavras-chave: Enunciação Tensiva; Projeto Enunciativo; Arco Tensivo.

Bibliografia:

Barros, D. L. P. de. L'aspectualisation en sémiotique. Histoires et perspectives. In: Lexia. **Rivista di semiotica**. Aspettualità / aspectuality, nº 27-28, p. 85-105. Torino: 2017.

Fiorin, J. L. **As astúcias da enunciação**. São Paulo: Ática, 1999.

Fiorin, J. L. Two concepts of enunciation. **Semiotica**, [S.l.], v. 219, 2017.

Fontanille, J.; Zilberberg, C. **Tensão e significação**. São Paulo: Discurso Editorial: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.

Greimas, Al. J. e Courtés, J. **Dicionário de Semiótica**. São Paulo: Contexto, 2008.

Tatit, L. **Passos da Semiótica Tensiva**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2019.

Zilberberg, C. O duplo condicionamento – tensivo e retórico – das estruturas elementares da significação. **Estudos Semióticos** [online]. Volume 17, número 1. São Paulo, abril de 2021, p. 47-58.

Zilberberg, C. **Elementos de semiótica tensiva**. Tradução de Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit, Waldir Bevidas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.



COLÓQUIO INTERNACIONAL ENUNCIÇÃO E ARGUMENTAÇÃO
COLLOQUE INTERNACIONAL ÉNONCIATION ET ARGUMENTATION

A Semântica Argumentativa em diálogo
La Sémantique Argumentative en dialogue

Zilberberg, Cl. Louvando o acontecimento. In: **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 13, São Paulo: jun. 2007, p.13-28.



7, 8 e 9 de outubro de 2021
Les 7, 8 et 9 Octobre 2021

www.colenarg.paginas.ufsc.br

**A CONSTRUÇÃO DE UM STATUS QUO NA ENUNCIÇÃO: O
APAGAMENTO DO VÍRUS COVID-19 NO DISCURSO
BOLSONARISTA**

Ana Paula Albarell

Ikatiuscia Cristina Santana

Resumo: Com o advento do novo coronavírus, o mundo teve o desafio de lidar com uma nova doença em escala global e as ações dos governos foram essenciais para o controle do vírus. No entanto, alguns líderes mundiais mitigaram a gravidade da doença, sobretudo no Brasil sob a liderança de Jair Bolsonaro. A deslegitimação da crise sanitária no Brasil, que subjaz aos pronunciamentos do presidente Jair Bolsonaro, marcados pelo negacionismo, caracteriza-se pelo uso de implícitos, uma vez que os termos "coronavírus" e "Covid-19" costumam ser evitados. Este trabalho tem como objetivo, assim, analisar o uso de implícitos para a falsa construção de um status quo, por meio de declarações de Bolsonaro para as mídias de fevereiro de 2020 a março de 2021. Para Amossy (2018), há discursos cuja construção e finalidade fundam-se, necessariamente, sobre tácitos propósitos de mobilizar e influenciar aqueles a quem estão destinados, principalmente no que diz respeito ao discurso político. Não obstante, o discurso pode modificar a orientação dos modos de ver e de sentir, já que ele possui uma dimensão argumentativa, segundo a mencionada pesquisadora. Nota-se, por meio do discurso do presidente brasileiro, a desculpabilização de sua figura como líder da nação face à disseminação do vírus e a minimização dos efeitos da doença no país, acusando as mídias como uma das principais responsáveis pelo medo causado pela proliferação do coronavírus. Por meio de suas declarações, Bolsonaro tenta produzir um impacto em seu interlocutor, de modo que o povo brasileiro adira à tese de que o vírus é apenas uma "gripezinha" e de que a mídia constrói uma imagem exagerada da doença. À luz da Análise do Discurso e da Pragmática, busca-se apresentar as principais estratégias linguísticas e discursivas presentes nas declarações do presidente brasileiro, tais como o uso de atenuadores, modalizadores e implícitos, que visam a minimizar a gravidade da doença e influenciar o povo brasileiro contra as mídias. No que concerne ao papel desempenhado pelas evidências compartilhadas como um meio de interpelar o auditório, Amossy (2018)

salienta o fato de o alocutário ser, amiúde, designado por meio do apelo a “crenças, opiniões e valores que o discurso lhe atribui explícita ou implicitamente” (AMOSSY, 2018, p. 62). O auditório, o povo brasileiro, configura-se na instância de recepção da troca argumentativa, a qual se quer influenciar, circunscrevendo-se, portanto, na tessitura do discurso, pelo orador, sob a forma de marcas ou índices de alocação, utilizados de modo a reconstruir a instância do alocutário no texto. Esse meio de reconstituição do alocutário consiste, segundo Amossy (2018), em um modo implícito de convocar o outro, instaurando-se o emprego de pressuposições. Para a análise dos pronunciamentos do presidente Bolsonaro, procede-se à observação dos recursos mediante os quais o locutor inscreve seu interlocutor no evento comunicativo, além do contexto no qual as enunciações se inserem que visam a gerar um efeito no interlocutor, o povo brasileiro. Sob o escopo teórico de Amossy (2018), Kerbrat-Orecchioni (1998), Maingueneau (1990, 2015) e Charaudeau (2018), observa-se que Bolsonaro tenta construir a imagem de um presidente que mantém a situação sob controle, uma pessoa forte, com "histórico de atleta", em detrimento da fragilidade do povo brasileiro, "um país de maricas".

Palavras-chave: Discurso Bolsonarista; Vírus; Análise do Discurso; Implícitos.

Bibliografia:

Amossy, R. **A argumentação no discurso**. São Paulo: Contexto, 2018.

Kerbrat-Orecchioni, C. **L'implicite**. Paris: Armand Colin, 1998.

Charaudeau, P. **Discurso político**. São Paulo: Contexto, 2008.

Maingueneau, D. **Pragmatique pour le discours littéraire**. Paris: Bordas, 1990.

Maingueneau, D. **Discurso e Análise do Discurso**. São Paulo: Parábola, 2015.

A ENUNCIÇÃO TENSIVA NAS PRESENÇAS MUSICAIS E
CÊNICAS DA “*SEQUENZA III*” DE LUCIANO BERIO E CATHY
BERBERIAN

Gustavo Bonin

Resumo: Ao compor as peças para instrumentos solos chamadas de *Sequenzas*, o compositor italiano Luciano Berio criou um cânone dentro da prática de música contemporânea. Iremos nos debruçar sobre a *Sequenza III per voce femminile* (1966), obra criada em parceria com a cantora norte-americana radicada na Itália Cathy Berberian. Esse trabalho de criação colaborativa nos leva, logo de início, a pensar que a enunciação final é fruto do processo percorrido primeiro por berio-berberian e depois pelas interpretações possíveis desta obra. Desse modo, com base na abordagem tensiva da semiótica greimasiana, desenvolvida principalmente por Claude Zilberberg (2001, 2011) e Jacques Fontanille (2001), iremos descrever como se projeta na performance em ato a *presença enunciativa*.

Escolhemos duas performances em vídeo, uma da cantora italiana Laura Catrani (2002) e outra da cantora alemã Sarah Maria Sun (2012). Além das sonoridades e técnicas instrumentais expandidas, experimentalismos comuns a prática de música contemporânea, a obra também trabalha com a presença de elementos cênicos. Procuraremos descrever quais são as estratégias enunciativas que constroem a interação entre as *presenças musicais* e as *presenças cênicas* através da configuração gradativa dos seus modos de contato. Zilberberg (2004) prevê a possibilidade de contatos graduais entre os elementos, que vão do mais próximo ao menos próximo [*fusão – mescla – contiguidade – separação*]. A seleção dos elementos leva em conta também a sua integração nas práticas musicais e/ou cênicas, de modo a não se limitar pelo tipo de canal sensorial envolvido, o que quebra a implicação de que se é sonoro, então é musical, ou se é visual-perfomático, então é cênico. Assim, podemos verificar como se constroem para o sujeito esse objeto que se configura pelas suas presenças híbridas.

Depois de observarmos como as *presenças* da obra *Sequenza III* interagem, partiremos da dêixis tensiva para apresentar as profundidades perceptivas da temporalidade e da espacialidade a partir da perspectiva de um observador sensível. Dito de um outro modo, apresentaremos como a enunciação dos

criadores projeta um campo perceptivo e sensível na obra. A abordagem tensiva propõe uma maneira de gramaticalizar os aspectos sensíveis dos objetos que entram em nosso campo perceptivo. De um lado, levaremos em conta a *profundidade espacial* em relação ao ponto de vista instaurado na peça, ou seja, quais presenças musicais, em contato com as presenças cênicas e verbais, constroem as relações entre um *próximo* e um *distante* do lugar estabelecido pela presença enunciativa dos criadores. E, de outro lado, partiremos da ideia de *mnésia*, uma “versão despsicologizada da memória” (ZILBERBERG; FONTANILLE, 2001), para observar como a *temporalidade* perceptiva é construída a partir da relação entre o *atual*, enquanto uma memória prospectiva, e o *ultrapassado* como uma memória retrospectiva. As duas etapas de análise – os *modos de contato* e a *enunciação tensiva* (MANCINI, 2019a – nos fornecem dados para desenharmos o esboço de um *arco tensivo* (MANCINI, 2019b) definido a partir da organização das *saliências* (passagens sensíveis fortes) e das *passâncias* (passagens sensíveis fracas) ao longo de toda obra. O arco tensivo é um modo de caracterizar como a enunciação de Berio-Berberian estabelece sensivelmente a sua presença enunciativa na obra analisada.

Palavras-chave: Cathy Berberian; Luciano Berio; Sequenza III; Enunciação Musical Tensiva; Modos de Contato.

Bibliografia:

Fontanille, J.; Zilberberg, C. **Tensão e significação**. Tradução de Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Beividas. São Paulo: Discurso Editorial: Humanitas/ FFLCH/USP, 2001.

Mancini, R. A enunciação tensiva em diálogo. **Estudos Semióticos**. [on-line]. Disponível em: www.revistas.usp.br/esse. Volume 15, Edição Especial, São Paulo, abril de 2019a, p. 64–87.

Mancini, R. Os modos de engajamento do leitor: o Grande Sertão: Veredas em quadrinhos. **Quadrinhos: fronteiras e interfaces** - Todas as Letras: revista de língua e literatura, v. 1, n. 1, p. 100-113. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2019b.

Zilberberg, C. **Elementos de semiótica tensiva**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.



COLÓQUIO INTERNACIONAL ENUNCIÇÃO E ARGUMENTAÇÃO
COLLOQUE INTERNACIONAL ÉNONCIATION ET ARGUMENTATION

A Semântica Argumentativa em diálogo
La Sémantique Argumentative en dialogue

Zilberberg, C. As condições semióticas da mestiçagem. In: Cañizal, E. P. & Caetano, K. E. (orgs.) **O olhar à deriva**: mídia, significação e cultura. São Paulo: Annablume, 2004.



7, 8 e 9 de outubro de 2021
Les 7, 8 et 9 Octobre 2021

www.colenarg.paginas.ufsc.br

RESSIGNIFICAÇÕES: O TEMPO EM *SATOLEP*, EM WALTER
BENJAMIN E EM ÉMILE BENVENISTE

Aroldo Garcia dos Anjos

Resumo: A presente discussão é derivada da dissertação intitulada *Lavrar a névoa: o tempo em Satolep, de Vitor Ramil*, defendida no ano de 2020 no Programa de PósGraduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas, sob orientação de Daiane Neumann. Este trabalho filia-se ao campo das investigações acerca de uma antropologia histórica da linguagem, especialmente no que toca à busca de uma reflexão que não separe a linguística e a literatura. Inspirada na aproximação que Giorgio Agamben faz, em *Infância e história: ensaio sobre a destruição da experiência*, de 1979, entre as concepções de linguagem de Walter Benjamin e de Émile Benveniste, a presente discussão tem por objetivo explorar a expressão da temporalidade na obra desses autores, a partir de questionamentos provocados pelo texto literário de Vitor Ramil. Bastante marcada nas reflexões de Walter Benjamin (1984; 1987; 2009) e de Émile Benveniste (2005; 2006), a crítica à instrumentalidade da linguagem traz consigo desdobramentos para a forma como os autores concebem o tempo e a história, qual seja, de modo qualitativo, não simplesmente cronológico. A partir dessa problematização da relação entre linguagem e experiência, proposta por Agamben, serão discutidas e aproximadas noções fundamentais das obras de ambos autores, sobretudo no que diz respeito à construção da temporalidade. Em um primeiro momento, serão apresentados elementos da obra de Benjamin acerca do tempo, em especial do conceito de tempo-agora (*Jetztzeit*), pela crítica ao tempo linear e contínuo e pela consideração do presente como repleto de história. Para melhor compreensão dessa concepção particular de temporalidade, conceitos como os de origem (*Ursprung*) – em oposição aos de gênese (*Entstehung*) e de desenvolvimento (*Entwicklung*) – e o de história serão observados. Em um segundo momento, será apresentada uma leitura de elementos da obra de Émile Benveniste com vistas a explorar a noção de tempo e a ideia de atualização da experiência, tendo em vista a indissociabilidade entre subjetividade e linguagem. Para isso, serão revisitados conceitos como os de categoria de pessoa, dêiticos, expressões de temporalidade, discurso como atividade e enunciação. Nesse percurso, uma atenção especial será dada aos

diferentes tipos de tempo, como apresentados por Benveniste. Toma-se, assim, a obra de Benveniste como uma reflexão maior sobre linguagem enquanto constituidora do humano. Essa reflexão dá-se em sintonia com a leitura que Gérard Dessons faz da obra benvenistiana em *Émile Benveniste, l'invention du discours*, de 2006, com foco no que foi denominado por Henri Meschonnic, em *Critique du rythme*, de 1982, uma “antropologia histórica da linguagem”. Percebemos, no decorrer deste trabalho, que tematizar especificamente a questão do tempo encontra um eco muito produtivo na análise literária. Observar a construção do tempo em *Satolep* nos fez aprofundar a aproximação, feita por Agamben, entre Benjamin e Benveniste, levando-nos ainda a refletir acerca do tempo como categoria e, no limite, acerca dos conceitos de tempo-agora (*Jetztzeit*) e de enunciação. A leitura de *Satolep*, a que nos propusemos, buscou tomar a obra em sua singularidade, por uma concepção de tempo que, como realçamos, nasce com o mundo toda vez que falamos: “cada vez que a palavra expõe o acontecimento, cada vez o mundo recomeça” (BENVENISTE, 2005, p. 31). Como resultado da provocação de *Satolep* e da pesquisa operada nas obras de Benjamin e de Benveniste, pode-se perceber a emergência de uma concepção de linguagem e de tempo que se afasta de pensamentos essencialistas, assim como o fez Saussure ao ponderar sobre a gênese do pensamento: “surpreendemos, em lugar de ideias dadas de antemão, valores que emanam do sistema” (SAUSSURE, 2012, p. 164). Na base da reflexão de ambos os autores, encontra-se a reflexão da atualização como um termo maior. A *actualisation* de Benveniste está intimamente ligada aos domínios semiótico e semântico, sendo um elemento que liga as primeiras reflexões de Benveniste sobre os pronomes até a noção de enunciação, em seus últimos escritos, posto que a língua “é a única atualização da comunicação intersubjetiva” (BENVENISTE, 2006, p. 63). A *Aktualisierung* de Benjamin é o que lhe permite metodologicamente pensar um materialismo histórico que tenha aniquilado em si próprio a ideia de progresso: “Seu conceito fundamental não é o progresso, e sim a atualização” (BENJAMIN, 2009, p. 502). O aspecto labiríntico de *Satolep* nos ajuda, nesse percurso, a observar que toda enunciação é interrupção do aparente fluxo linear cronológico, uma vez que funda um novo tempo-espço, uma nova temporalidade. Em suma, é próprio do homem ressignificar, e podemos falar de subjetividade e de um tempo experienciado, histórico e humano, porque falamos de interrupção do fluxo cronológico, porque falamos justamente de atualização.

Palavras-chave: Vitor Ramil; Walter Benjamin; Émile Benveniste; Tempo.

Bibliografia:

Agamben, G. **Infância e história:** destruição da experiência e origem da história. Tradução: Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008.

Anjos, A. **Lavrar a névoa:** o tempo em *Satolep*, de Vitor Ramil. Dissertação de mestrado. Orientação: Daiane Neumann. Programa de Pós-Graduação em Letras. UFPel, 2020.

Benjamin, W. **Origem do drama barroco alemão.** Tradução, apresentação e notas: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984.

Benjamin, W. **Magia e técnica, arte e política:** ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras Escolhidas, Vol. I. Tradução: Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987.

Benjamin, W. **Passagens.** Tradução: Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

Benveniste, É. **Problemas de Linguística Geral I.** Tradução: Maria Novak e Maria Neri, revisão de Isaac Salum. Campinas: Pontes Editores, 2005.

Benveniste, É. **Problemas de Linguística Geral II.** Tradução: E. Guimarães, M. Escobar, R. Figueira, V. Castro, J. Geraldi, I. Koch, com revisão técnica de E. Guimarães. Campinas: Pontes Editores, 2006.

Dessons, G. **Émile Benveniste:** l'invention du discours. Paris: In Press Eds, 2006.

Meschonnic, H. **Critique du rythme : anthropologie historique du langage.** Lonrai: Éditions Verdier, 2009.

Ramil, V. **Satolep.** São Paulo: Cosac Naify, 2008.

Saussure, F. **Curso de Linguística Geral.** Tradução: Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2012.

ARTE, LITERATURA E DISCURSO

Claudiana dos Santos

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo analisar a relação entre as provas retóricas *ethos*, *pathos* e *logos*, no filme *Divergente* (2014). O arsenal teórico será subsidiado pelos estudos da retórica, argumentação e das neoretóricas, especificamente, nas abordagens de Aristóteles (1991), Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), Reboul (2004), Maingueneau (2008) e Ferreira (2010). No que tange à linguagem cinematográfica, buscamos respaldo nos estudos de Martin (1990). O filme *Divergente* é caracterizado como uma produção cinematográfica de ação, romance e ficção científica cujo background ocorre em Chicago, dividida em cinco facções. Dentre os vários personagens da trama, analisamos o *ethos* da personagem principal, Beatrice Prior, em conjunto com o cultivo das cinco virtudes representativas das facções (abnegação, amizade, franqueza, audácia e erudição). Beatrice Prior é narradora personagem, pertencente a uma família que faz parte da facção da abnegação. Os divergentes eram considerados como uma ameaça, aqueles que não podiam ser manipulados ou persuadidos, ameaçando o sistema estabelecido, por isso, quando o teste de aptidão acusava a existência de múltiplas habilidades, esse sujeito estava condenado a constante perseguição pela facção dominante, a erudição. A sociedade que se forma a partir das facções é moldada por virtudes como o altruísmo, generosidade, sinceridade, coragem e inteligência. Por sua vez, constata-se a supremacia de valores que ocasionavam a divisão de classes e, concomitantemente, a erradicação de males advindos da natureza humana. Beatrice Prior apresentou como resultado do teste a aptidão para três facções diferentes: abnegação, erudição e audácia. Afirmamos que o *ethos* prévio da personagem se confirma como uma jovem obediente aos pais e que zelava pelos princípios familiares. Após o teste de aptidão, Beatrice descobre ser uma divergente, logo, sua escolha não é mais seguir a mesma facção de seus pais, escolhe ser uma audaciosa e assumir uma nova identidade. As escolhas da personagem são determinadas pelas virtudes da coragem, inteligência e altruísmo. Com a chegada de Beatrice na facção da audácia, ela passa a ocupar um lugar que a desloca da posição de medo e constrói um *ethos* de mulher destemida, forte, inteligente e audaciosa. Para Ferreira (2010, p.90), “o *ethos* é a imagem que o orador

constrói de si e dos outros no interior do discurso”, frisamos que esta conceitualização de *ethos* foi adotada pelos estudos neorretóricos. No campo dos estudos discursivos, Maingueneau (2006, p.60) afirma que o *ethos* discursivo, embora se diferencie da tradição retórica, não deixa de concordar com três ideias básicas do *ethos* aristotélico: o *ethos* é (a) uma noção discursiva; um “processo *interativo* de influência sobre o outro”; uma noção *híbrida* (sócio-discursiva). A personagem Beatrice é uma espécie de “arma” contra o sistema opressor das facções. No tocante aos tipos de argumentos, conseguimos localizar como a trama categoriza a totalidade da sociedade em subgrupos, utilizando-se da divisão do todo em partes. Bem como o uso de argumentos da superação, com a finalidade de que cada facção atinja níveis mais notáveis, sem que se entreveja um limite nessa direção e, isso, com um crescimento contínuo de valor. (Perelman e Olbrechts-Tyteca, 2005). Ainda em nosso bojo teórico, consideramos os conceitos de Maingueneau (2008) sobre cena englobante, cena genérica e cenografia. Tendo em vista que a cena englobante corresponde ao tipo de discurso, temos em nosso corpus o discurso cinematográfico configurado em uma cenografia que corresponde às virtudes humanas como valores que lideram a vida em sociedade. Por intermédio da linguagem cinematográfica, constatamos uma reprodução fotográfica de virtudes humanas. Para Martin (1990, p.26), “a originalidade da linguagem cinematográfica é capaz de [...] ressuscitar o passado e atualizar o futuro, de conferir a uma imagem fugitiva maior carga persuasiva do que aquela que é oferecida pelo espetáculo do cotidiano”. Dentre os principais resultados do estudo, constatamos como a arte cinematográfica em pauta foi um canal de estudo das virtudes e relações humanas, embasadas por práticas que englobam a imagem de si e do outro, das emoções e do discurso virtuoso.

Palavras-chave: Ethos; Virtudes; Cinema; Divergente.

Bibliografia:

Aristóteles. **Ética a Nicômano**. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

Ferreira, L. A. **Leitura e persuasão: princípios de análise retórica**. São Paulo: Contexto, 2010.

Martin, M. **A linguagem cinematográfica**. São Paulo, Ed. Brasiliense, (1990). Maingueneau, D. **A propósito do ethos**. In: Motta & Salgado (orgs.). *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 11 – 29.



COLÓQUIO INTERNACIONAL ENUNCIÇÃO E ARGUMENTAÇÃO
COLLOQUE INTERNACIONAL ÉNONCIATION ET ARGUMENTATION

A Semântica Argumentativa em diálogo
La Sémantique Argumentative en dialogue

Maingueneau, D. 2006. **Cenas da Enunciação**. Organizado por Sírio Possenti e Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva, diversos tradutores. Curitiba: Criar Edições. 181p.

Perelman, C.; Olbrechts-Tyteca, L. **Tratado da Argumentação**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

Reboul, O. **Introdução à Retórica**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.



7, 8 e 9 de outubro de 2021
Les 7, 8 et 9 Octobre 2021

www.colenarg.paginas.ufsc.br

LA INSTANCIA ENUNCIATIVA EN UN DISCURSO PRESCRIPTIVO

Elizabeth Miche

Resumen: Analizamos la recomendación de un internauta en un foro público de Internet a través de los instrumentos que nos proporciona la TAP y la TBS con la finalidad de caracterizar el tipo de decir que supone esta recomendación/prescripción. Partimos de la idea de que la legitimidade no tiene ninguna base “real”, sino que es ante todo um fenómeno discursivo.

**O ESTRUTURALISMO ENUNCIATIVO DE OSWALD
DUCROT: DESFAZENDO EQUÍVOCOS SOBRE LÍNGUA,
ESTRUTURA E ENUNCIÇÃO**

Júlio Cesar Machado

Resumo: Esta pesquisa, de cunho teórico, objetiva desfazer dois equívocos sobre a recepção da Semântica Argumentativa no Brasil, a saber: Equívoco 1 – atribuição de um movimento metodológico de fechamento à teoria ducrotiana que ela não possui, uma limitação (dificilmente Ducrot põe limites para se perseguir o sentido, em seus trabalhos), limites esses jamais defendidos pelo linguista, de que o sentido está “fechado” no nível da frase ou do enunciado; e Equívoco 2 – atribuição de certa negatividade ao termo *estruturalismo*, por pensá-lo separado ou contrário à algumas noções discursivas, o que nunca procedeu em Ducrot. Este segundo equívoco desconsidera, principalmente, o conceito de *língua* ducrotiano, que pensa – e isso é basal – o emprego da linguagem na linguagem. Assim o estruturalismo, nas obras de Ducrot, opera principalmente por inclusão de relações (o linguista assume um estruturalismo que opera por inclusão), e não exclusão de relações (o linguista afasta-se explicitamente de um estruturalismo que opera por exclusão). Enquanto método, para desfazer tais equívocos, proporemos um rigor de leitura de três conceitos ducrotianos, desconsiderados por muitos linguistas que criticam Ducrot: *língua*, *enunção* e *estrutura*. Triângulo-chave para se pensar e compreender a dinâmica nunca-fechada do conceito *argumentação*. A base do raciocínio da pesquisa é que, em Ducrot, o estruturalismo é tal que o conceito *língua* possui quatro inseparabilidades: (i) língua + emprego da língua; (ii) língua + normas de dizer a língua; (iii) língua + transformações produzidas pela língua; e (iv) nível explícito da língua + nível implícito da língua. Ao considerar estas quatro constitutividades da língua no estruturalismo ducrotiano, veremos que o preconceito teórico construído por sobre o (ou a falta de domínio do) “estruturalismo” pode começar a ruir pela máxima inicial de que um método estrutural, em Semântica Argumentativa, não objetiva “impedir relações” pelo limite organizacional imposto pelo analista, mas objetiva “perseguir relações”, determinado por essas quatro constitutividades. Isso deflagra nossa hipótese:

afastar-se de um conceito de estruturalismo limitado e que limita, assumindo um estruturalismo dificilmente limitável e que amplia. Este último, fortemente determinado pela enunciação, cujo escopo é uma epistemologia que persegue marcas da enunciação no enunciado. Ou seja: em Ducrot, estruturalismo é vislumbrar em um domínio, certa língua (por exemplo, a construção estrutural em português “*Se eu fosse você não iria*”), vários outros domínios, tais como: deontologias (evitar imperativos “não vá”), leis de discurso (a certos sujeitos, não se dão ordens), conhecimentos anteriores (possíveis negatividades ocasionadas com a ida, que emergem ali nessa espessura linguística), polifonias (uma voz que diz “vá” em conflito com a que diz “não vá”), implícitos (pressupostos do tipo: você pode ir, mas deve?) pressupostos co-significados (não ir portanto estar em segurança), atos jurídicos (a ressignificação dos sujeitos envolvidos pelo/nesse diálogo, minimamente de “transeuntes sem consequências” antes de se dizer, para “transeuntes com consequências”, após a possibilidade de se dizer) e etc, que de alguma forma se relacionam com esta língua e estão, todos esses domínios, “na língua”, toda essa enorme gama de domínios (e outros ainda) estão contidos nesse limitado fragmento linguístico: “*Se eu fosse você não iria*”. Finalmente, enquanto resultados, mesmo que este trabalho possa soar, na França, como uma reflexão ou aprofundamento da epistemologia da Semântica Argumentativa, com foco central nos trabalhos de Ducrot, diferentemente, para algumas universidades do Brasil, tal trabalho poderá produzir o efeito de uma (re)leitura crítica do que se pensava ser estruturalismo em Ducrot, e em Semântica Argumentativa.

Palavras-chave: Língua; Estruturalismo; Enunciação; Argumentação.

Bibliografia:

Ducrot, O. **Qu'est-ce que le structuralisme?**, 1968.

Ducrot, O. **Dire et ne pas dire**. Harmatan, 1972.

Ducrot, O. Estruturalismo e Enunciação. In: Ducrot : **Princípios de Semântica Linguística**. Cultrix, 1977.

Ducrot, O. **O dizer e o dito**. Pontes: Campinas, 1987.

Ducrot, O. Langage et structure. In : Ducrot. **Logique, Structure, Énonciation**. Minuit : Paris, 1989.



COLÓQUIO INTERNACIONAL ENUNCIÇÃO E ARGUMENTAÇÃO
COLLOQUE INTERNACIONAL ÉNONCIATION ET ARGUMENTATION

A Semântica Argumentativa em diálogo
La Sémantique Argumentative en dialogue

Ducrot, O. Terminologie générale de la Semantique Argumentative. In: Behe ;
Carel ; Corentin ; Machado (orgs). **Cours de Semantique Argumentative**,
2021.



7, 8 e 9 de outubro de 2021
Les 7, 8 et 9 Octobre 2021

www.colenarg.paginas.ufsc.br

ESBOÇO DE UMA TIPIFICAÇÃO DOS ARTIFÍCIOS ENUNCIATIVOS RESPONSÁVEIS POR TENSIONAR CONCEPÇÕES

Alvaro Magalhães Pereira da Silva

Resumo: Como determinadas concepções que historicamente gozam de certa estabilidade e prestígio no seio da sociedade são, em momentos de disputa ideológica, tensionadas por enunciados? Essa é a questão de fundo do projeto no qual a comunicação proposta pelo presente resumo está inserida. Como tudo que se enuncia, o problema emerge como reflexo de demandas de seu tempo, tendo sido colocado após tal tensionamento ter sido observado nos discursos do atual presidente brasileiro, Jair Bolsonaro, direcionados a seus seguidores mais fiéis. Relacionada aos eixos temáticos "Construção argumentativa e enunciativa do referente e da subjetividade" e "Estruturas argumentativas e enunciativas dos textos e das interações" e ancorada na Teoria dos Programas, elaborada nos últimos anos por Alfredo Lescano (LESCANO, 2020, no prelo) a partir de certas noções da Teoria dos Blocos Semânticos, apresentada pela primeira vez por Marion Carel em 1992 (CAREL, 1992), a comunicação proposta pelo presente resumo busca, então, conferir *status* técnico às noções de *concepção* (que se aproxima da noção de *significação*, sendo definida como dois termos imbricados), *tensão* (entendida como a redução do grau de aceitabilidade de uma determinada relação entre dois termos) e *artifício* (concebido como o meio pelo qual ocorre a *tensão*), para em seguida, sugerir uma tipificação de tais *artifícios*. Para tanto, procura-se analisar enunciados presentes nas chamadas *Lives de Toda Quinta-feira do Presidente Jair Bolsonaro*, transmissões ao vivo realizadas por Bolsonaro simultaneamente no Youtube e nas redes sociais Facebook e Instagram, sempre às 19h das quintas-feiras. Mais especificamente, busca-se examinar, em tais *lives*, enunciados que tensionam a *concepção* segundo a qual órgãos de imprensa produzem um discurso veraz. A definição, como *corpus*, das chamadas *Lives de Toda Quinta-feira do Presidente Jair Bolsonaro* deve-se ao fato de serem elas um dos mais constantes meios usados pelo presidente para pôr em cena um novo modo de fazer política que tem se convencido chamar de *populismo digital* (CESARINO, 2019). Embora se aproxime em uma série de aspectos do populismo clássico descrito por Laclau (LACLAU,

2005), o *populismo digital* dele se distancia pelo fato de o líder populista não se valer preferencialmente dos meios de comunicação de massa para buscar apoio de um público amplo e, com isso, não necessitar estabelecer uma relação carismática com tal público. Assim, no *populismo digital*, cabe ao líder populista estabelecer um diálogo preferencial com um grupo mais restrito, fazendo desse grupo seu *corpo digital*. É esse *corpo digital* que, por sua vez, assume a responsabilidade de adaptar de diversos modos o discurso do líder populista e difundi-lo, já adequado às heterogeneidades da sociedade, aos mais diferentes grupos sociais. Já a preferência por se observar especificamente a tensão entre enunciados bolsonaristas e o *status* de veraz desfrutado pelo discurso da imprensa foi motivada por tal tensão ocupar uma função estratégica para o *populismo digital*, tendo em vista que, ao abandonar o uso preferencial dos meios de comunicação de massa, o líder populista passa a colher benefícios ao desacreditá-los. Ainda parciais, os resultados da comunicação proposta pelo presente resumo devem ser ampliados até a data de sua realização. De toda forma, as análises desde já sugerem que se pode subdividir os tipos de *artifício* identificados no *corpus* em dois grupos: (a) *artifícios* que decorrem de enunciados que se estruturam por meio de aspectos transgressivos da *concepção* tensionada; (b) *artifícios* que decorrem de enunciados que se estruturam por meio de aspectos normativos de uma *concepção* paradoxal (MACHADO, 2015) à *concepção* tensionada. Pode-se, assim, dizer que a comunicação proposta pelo presente resumo, ao delimitar as noções de *concepção*, *tensão* e *artifício* e procurar tipificar este último conceito, debruça-se sobre a iminência da diacronia, procurando contribuir com os estudos da Semântica Argumentativa ao voltar a atenção sobre a relação entre enunciado e língua.

Palavras-chave: Concepção; Tensão; Artifício; Teorias dos Programas; Teoria dos Blocos Semânticos.

Bibliografia:

Carel, M., 1992. **Vers une formalisation de la théorie de l'argumentation dans la langue**. Tese (doutorado em Linguística). França: École des hautes études en sciences sociales.

Cesarino, L., 2019. Identidade e representação no bolsonarismo: corpo digital do rei, bivalência conservadorismo-neoliberalismo e pessoa fractal. **Revista de Antropologia**, Volume 62, n. 3, pp. 530-557.



COLÓQUIO INTERNACIONAL ENUNCIÇÃO E ARGUMENTAÇÃO
COLLOQUE INTERNACIONAL ÉNONCIATION ET ARGUMENTATION

A Semântica Argumentativa em diálogo
La Sémantique Argumentative en dialogue

Laclau, E., 2005. **On Populist Reason**. Estados Unidos: Verso.

Lescano, A., 2020 (no prelo). **Prolégomènes à une sémantique des conflits sociaux**. França: Ouvrage inédit.

Machado, J. C., 2015. **O paradoxo a partir da Teoria dos Blocos semânticos**. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).



7, 8 e 9 de outubro de 2021
Les 7, 8 et 9 Octobre 2021

www.colenarg.paginas.ufsc.br

UN ANÁLISIS DIALÓGICO-POLIFÓNICO DE LA PRIMERA
SENTENCIA ARGENTINA QUE RECONOCE LA
PLURIPARENTALIDAD EN UN CASO NO REGULADO EN SU
CÓDIGO

María Verónica Dillon

Resumen: El objetivo de este trabajo es analizar el primer fallo dictado en la Argentina sobre pluriparentalidad, en febrero de 2020, en el que se le reconoce a una niña el derecho a que en su certificado de nacimiento figuren una madre y dos padres (el biológico y el de crianza). Cabe aclarar que el artículo 558 del Código Civil y Comercial de la Nación Argentina, vigente desde agosto de 2015, solo reconoce la múltiple filiación en casos de adopción o fertilización asistida, por lo que, en el caso analizado, la magistrada a cargo de este juicio tuvo la necesidad de declarar la inconstitucionalidad de dicho articulado y de recurrir a normativa de índole internacional, como la Declaración de los Derechos del Niño, que respaldara su decisión.

Desde la perspectiva dialógica-argumentativa y polifónica que adoptaremos sostendremos que la posibilidad de hacer efectivo el deseo de la niña en tanto sujeto del discurso (i.e., L-niña) de no elegir entre dos personas a las que refiere sentir como “papás” se muestra en la sentencia no solo motivada por sus dichos, sino también por la argumentación y el posicionamiento subjetivo que frente a sus ellos adopta la jueza responsable de la enunciación de la sentencia (i.e. L-jueza). En este trabajo haremos foco, particularmente, en algunos fragmentos del fallo en los que L-jueza –en sintonía con el movimiento de lenguaje claro, en pleno auge en la actualidad– se dirige a la niña como destinataria directa y utiliza o hace mención (Authier, 1984) de las expresiones de la niña. En otras palabras, nuestra finalidad será demostrar cómo la enunciación y la argumentación de L-jueza está solventada no solo por lo que *dice*, sino indisolublemente ligado a ello, por *cómo lo dice*. Su resultado es un ethos familiar, contenedor, empático y moderno, alejado del ethos jurídico que se espera encontrar en este tipo de género jurídico.

El marco-teórico metodológico del que nos serviremos será el *Enfoque dialógico de la argumentación y la polifonía* (García Negroni, 2016, 2018, 2019, 2021a y b, GN y Libenson, 2020a y b; GN y Hall, 2020), perspectiva que recupera los postulados centrales de la teoría de la polifonía (Ducrot, 1984), y

la teoría de los bloques semánticos (Carel & Ducrot, 2005), para relacionarlos teórica y metodológicamente con los del dialogismo bajtiniano (Bajtín, 1985) y de la teoría de las heterogeneidades enunciativas (Authier, 1984). Desde esta perspectiva teórica, demostraremos que para acceder al sentido completo de ciertos enunciados del corpus seleccionado es necesario incluir en su descripción semántica la caracterización de puntos de vista que ponen de manifiesto la relación dialógica que estos establecen con otros enunciados previos y los posicionamientos subjetivos de respuesta que encadenados argumentativamente condicionan la decisión final. Recurriremos, también, a las nociones de *ethos*, *ethos prediscursivo escenografía*, *escena englobante* y *escena genérica* postuladas por Maingueneau (2002, 2007) en la medida en que estos conceptos nos permitirán dar cuenta de la estructura y la situación de enunciación de esta sentencia.

Palabras clave: Argumentación; Derecho; Dialogismo; Enunciación; Ethos; Escenografía; Marcos del discurso; Polifonía; Puntos de vista; Pluriparentalidad; Posicionamientos subjetivos de respuesta.

Bibliografía:

Anscombre J.-C y Ducrot, O. (1983). **L'argumentation dans la langue**, Bruselas, Mardaga. Traducción al español (versión corregida y aumentada): **La argumentación en la lengua**, Madrid: Gredos, 1994.

Authier-Revuz, J. (1984). "Hétérogénéité(s) énonciative(s)". **Langages**, 73, pp.98-111. Traducción al español "Heterogeneidad(es) enunciativa(s)" realizada por Marcela Constela para la Maestría en Análisis del Discurso, UBA.

Bajtín, M. (1985). **Estética de la creación verbal**, México: Siglo XXI, pp.48-293.

Carel, M. y Ducrot, O. (2005). **La semántica argumentativa: una introducción de los bloques semánticos**. Buenos Aires: Colihue.

Código Procesal y Civil de la Nación (s.f.), Buenos Aires: Fernández Esnaola.

Ducrot, O. (1984). "Esbozo de una teoría polifónica de la enunciación", **El decir y lo dicho**. Buenos Aires: Paidós, pp.175-218.

García Negroni, M.M. (2016). Discurso político, contradestinación indirecta y puntos de vista evidenciales. La multidestinación en el discurso político revisitada. **Revista ALED**, 16(1), pp. 37-59.

_____. (2018). Argumentación y puntos de vista evidenciales citativos. Acerca de la negación metadiscursiva en el discurso político. **Oralia**, 21, pp. 223-236.

_____. (2019). El enfoque dialógico de la argumentación y la polifonía, puntos de vista evidenciales y puntos de vista alusivos. **Rilce. Revista de Filología Hispánica**, 35(2), pp. 521-549.

_____. (2021a) La polifonía en el hablar. En: Loureda, O y Schrott, A. (eds.), **Manual de lingüística del texto**, Berlin: De Gruyter, pp. 201-221.

_____. (2021b) Tiempos verbales y puntos de vista citativos: acerca de los valores citativos del futuro, del condicional y del imperfecto. **Revista Signos** 54 (106), pp. 376-408.

_____.y Hall, B. (2020) Procesos de subjetivación y lenguaje inclusivo. **Literatura y Lingüística Nro.42**, pp. 275-301.

_____.y Libenson, M. (2020a) “¡Al final tenías plata! Acerca de las causas mirativo-evidenciales de la enunciación. En R. Maldonado & J. De la Mora (Eds.), **Evidencialidad. Determinaciones léxicas y construccionales** (pp. 243-264). Ciudad de México: Universidad Nacional Autónoma de México y Universidad Autónoma de Querétaro.

_____.y Libenson, M. (2020b) Aportes del Enfoque dialógico de la argumentación y de la polifonía al estudio del significado evidencial: ¿Y (tono circunflejo)...X? y ¿Así que X? en contraste. En A. Messias Nogueira, C. Fuentes Rodríguez & M. Martí (Coords.), **Aportaciones desde el español y el portugués a los marcadores del discurso. Treinta años después de Martín Zorraquino y Portolés** (pp. 77-97). Sevilla: Editorial de la Universidad de Sevilla.

Maingueneau, D. (2002). Problemas de ethos. **Pratiques**, 113/114, pp. 55-67.

_____. (2007). **Análisis de textos de comunicación**, Buenos Aires: Nueva Visión, pp.77-82.

Ministerio de Justicia del Gobierno de España (2011). **Informe de la Comisión de modernización del lenguaje jurídico**, Barcelona [en línea]. Disponible en: <http://www.mjusticia.gob.es/>.

ANÁLISE SEMÂNTICO-ENUNCIATIVA DO VERBO TER

Leila Patrícia Alves Dantas

Resumo: Este estudo é fruto de leituras e reflexões sobre a descrição e aplicação da Língua Portuguesa e consubstancia alguns pontos importantes no que se refere à linguagem em seu funcionamento. Parte de uma concepção de linguagem construtiva, a qual considera que não há sentido em unidades da língua fora dos seus usos, fora, portanto, dos seus elementos enunciativos. O trabalho busca fazer uma análise semântico-enunciativa do verbo TER, na perspectiva enunciativa da linguagem, tomando como referência a TOPE - Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas, nos postulados defendidos por Culioli (1999) e seguidos por Vogüé; Franckel (2011); Romero (2017), entre outros, dentre os quais considera a linguagem como resultado da ação do sujeito na língua (CULIOLI, 1990; 1999). A análise parte de 10 enunciados retirados da página UOL Blog comentários, em comparação com enunciados manipulados pela pesquisadora, a partir dos enunciados do blog. Os resultados evidenciam que o sentido de uma palavra só pode ser determinado a partir da relação desta com as outras unidades do enunciado, em uso, levando em consideração não apenas a relação entre os elementos lexicais e gramaticais, mas a relação destes com o processo de variação das línguas, fundamentada na sua invariância; ou seja, aquilo que é próprio da linguagem, em comparação com o que é instável (REZENDE, 2008).

Palavras-chave: Sentido; Verbo ter; Teorias das Operações Predicativas e Enunciativas.

Bibliografia:

Culioli, A. **Pour une linguistique de l'énonciation:** opérations et représentations. Paris: Ophrys, 1990.

_____. **Pour une linguistique de l'énonciation:** formalisation et opérations de repérage. Paris: Ophrys, 1999.

Franckel, J.-J. **Da interpretação à glosa: por uma metodologia da reformulação.** In. De Vogüé, S.; Franckel, J.-J.; Paillard, D. (2011)

COLÓQUIO INTERNACIONAL ENUNCIÇÃO E ARGUMENTAÇÃO COLLOQUE INTERNACIONAL ÉNONCIATION ET ARGUMENTATION

A Semântica Argumentativa em diálogo
La Sémantique Argumentative en dialogue

Linguagem e Enunciação: representação, referenciação, regulação. São Paulo: Contexto, 2011.

Jalenques, P. **La synonymie em question dans le cadre d'une sémantique constructiviste**. Pratiques, 2009.

Lima, M.A F. **O artigo no processo de construção referencial: as operações de determinação e indeterminação**. Tese de Doutorado. Unicamp, São Paulo, 1997.

Rezende, L. M. Nominalização: operações predicativas e enunciativas. **Estudos Linguísticos**. São Paulo, n. 37, p. 131-140, 2008.

Romero, M. **Léxico, invariância y actividad de language**. In Garcia-Molins, À. L; Jimenez, D. J. (editores). *Enacción y léxico*. Tirant Humanidades: Valencia, 2017.

Vogué, S. de. L'énonciation dans lelexique. Actualité du concept benvenisti en d'intégration dans la théorie des formes schématiques de l'école culiolienne. In: Brunet, E.; Mahrer, R. (eds) **Relire Benveniste**. Réceptions Actuelles des Problèmes de Linguistique Générale. Louvain-la-Neuve, Collection Sciences du langage: carrefours et points de vue, Academia- Bruylant, pp. 169-195, 2011.

7, 8 e 9 de outubro de 2021
Les 7, 8 et 9 Octobre 2021

www.colenarg.paginas.ufsc.br

OS MODALIZADORES DISCURSIVOS NO GÊNERO RELATÓRIO DE ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO

Thaislane Balbino Ferreira

Francisca Janete da Silva Adelino

Kátia Regina Gonçalves de Deus

Resumo: O gênero relatório de estágio curricular supervisionado tem como função comunicativa registrar a experiência do estagiário, visando apresentar para o interlocutor (professor orientador e o supervisor de estágio) como o locutor realizou as atividades pertencentes a sua prática profissional. Além disso, segundo Adelino (2014) o relatório de estágio é caracterizado por conter um relato minucioso sobre as atividades realizadas, para que a instituição de ensino possa acompanhar e avaliar a experiência vivenciada. Considerando a Teoria da Argumentação na Língua de Ducrot (1988), é possível dizer que a escrita dos relatórios pode conter marcas de subjetividade que expressam a visão crítica dos estudantes, visto que o semanticista defende que a argumentação encontra-se inscrita na própria língua. Essas marcas são empregadas a partir dos elementos linguísticos encontrados na língua, que orientam e empregam sentido no discurso. Dentre os diversos elementos, destacam-se os modalizadores discursivos, que são responsáveis por apresentar marcas das intenções discursivas do locutor no enunciado (NASCIMENTO; SILVA, 2012). Por isso, a presente pesquisa se propõe a investigar a ocorrência e o funcionamento semântico-discursivo e pragmático dos modalizadores discursivos em exemplares do gênero relatório de estágio curricular supervisionado, como estratégia semântico argumentativa. Especificamente, busca: a) Mapear os modalizadores presentes no gênero; b) Catalogar os modalizadores mapeados; c) Identificar o funcionamento argumentativo dos tipos de modalizadores mapeados; d) Analisar o funcionamento argumentativo dos modalizadores identificados no gênero estudado; e) Verificar os efeitos de sentido promovidos pelos modalizadores como recurso de engajamento discursivo no gênero e f) Identificar o estilo linguístico, a estrutura composicional e o conteúdo programático do gênero relatório de estágio curricular supervisionado. A pesquisa baseia-se nos estudos da Semântica Argumentativa e da Semântica Enunciativa, especialmente, na Teoria da Argumentação na Língua, proposta por Ducrot

(1988) e fundamenta-se nos estudos sobre a Modalização Discursiva, a partir de Cervoni (1989), Castilho e Castilho (2002), Neves (2006), Koch (2009, 2018), Nascimento (2009), Nascimento e Silva (2012), entre outros, além de autores que abordam o gênero relatório de estágio, a luz da concepção de gênero de Bakhtin (2011). Em termos metodológicos, a investigação assume uma abordagem qualitativa de caráter descritivo e de base interpretativa, em função da perspectiva do estudo. O *corpus* foi constituído por 10 (dez) relatórios de estágio, coletados na Universidade Federal da Paraíba. Para a seleção dos relatórios, as pesquisadoras definiram os seguintes critérios: 1 (um) relatório de cada curso presencial do campus IV da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e uma escolha por critério pessoal acerca do material textual que julgaram relevante para a investigação. Foram coletados relatórios dos seguintes cursos: Bacharelado em Antropologia, Licenciatura em Ciências da Computação, Bacharelado em Ciências Contábeis, Bacharelado em Design, Bacharelado em Ecologia, Licenciatura em Letras, Licenciatura em Matemática, Licenciatura em Pedagogia, Bacharelado em Secretariado Executivo Bilíngue e Bacharelado em Sistemas da Informação. As análises até o momento revelam a presença de todos os modalizadores, seguindo a classificação de Nascimento e Silva (2012), totalizados 263 trechos modalizados no *corpus*, como podemos observar a seguir: Modalização Epistêmica Asseverativa 15 trechos, Modalização Epistêmica Quase-Asseverativa 28 trechos, Modalização Epistêmica Habilitativa 27 trechos, Modalização Deontica de Obrigatoriedade 44 trechos, Modalização Deontica de Proibição 2 trechos, Modalização Deontica de Possibilidade 05 trechos, Modalização Deontica Volitiva 5 trechos, Modalização Avaliativa 82 trechos, Modalização Delimitadora 46 trechos e Coocorrência de modalizadores 09 trechos. A pesquisa obteve grande quantidade de ocorrência dos modalizadores avaliativos, modalizadores delimitadores e modalizadores deontico de obrigatoriedade. Além disso, foi possível definir o estilo linguístico, o conteúdo temático e a construção composicional do gênero relatório de estágio curricular supervisionado, seguindo os critérios de Bakhtin (2011). Constatou-se sobre o primeiro elemento, o conteúdo temático, que os relatórios de estágio são utilizados com o objetivo de relatar as práticas ou ações realizadas ou vivenciadas no estágio, objetivando apresentá-las de modo positivo ao interlocutor – supervisor de estágio, organização concedente e instituição de ensino. Em relação ao segundo elemento, o estilo linguístico, os relatórios de estágio seguem o estilo linguístico dos gêneros formulaicos e apresentam o uso da norma padrão da língua. Além disso, devido ao seu

objetivo de relatar e registrar fatos ocorridos, os verbos são flexionados no tempo pretérito. Valezi, Abreu-Tardelli e Nascimento (2018) relatam que na escrita dos relatórios há o uso predominante da 3ª pessoa do plural ou do singular, com raras exceções da 1ª pessoa do plural. Já com relação a estrutura composicional, o gênero tem como itens obrigatórios, de acordo com a ABNT (2015), os elementos a seguir: folha de rosto, resumo na língua vernácula, sumário, introdução, desenvolvimento, conclusão e referências. Contudo, foi observado que os relatórios de alguns cursos não possuem o gênero engessado, pois alguns não seguiram a estrutura composicional do gênero e também foi verificado relatórios escritos na 1ª pessoa do singular. Portanto, as análises até o momento comprovam que a argumentatividade está presente no gênero discursivo relatório de estágio, através de diversos tipos de modalizadores, dos quais a modalização avaliativa, modalização delimitadora e modalização deontica de obrigatoriedade foram os mais utilizados como estratégia argumentativa dos locutores.

Palavras-chave: Modalizadores Discursivos; Estudos Argumentativos; Estudos Semânticos.

Bibliografia:

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10719:** informação e documentação: relatório técnico e/ou científico: apresentação. Rio de Janeiro, 2015.

Bakhtin, M. M.h. **Estética da criação verbal**. 6. Ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

Castilho, A.T.; Castilho, C.M.M de. Advérbios modalizadores. In: ILARI, Rodolfo (Org.). **Gramática do português falado**. Vol. II. 4. ed. rev. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2002.

Cervoni, J. **A Enunciação**. São Paulo: Ática, 1989.

Ducrot, O. **Polifonia y argumentacion**: Conferencia Del Seminario Teoría de la Argumentación y Analisis Del Discurso. Cali, Universidad del Valle, 1988.

Koch, I. V. **Argumentação e linguagem**. 12. ed. São Paulo, Cortez, 2009.

Koch, I. V. **A inter-ação pela linguagem**. 11. ed. 3. reimp. São Paulo: Contexto, 2018.



COLÓQUIO INTERNACIONAL ENUNCIÇÃO E ARGUMENTAÇÃO
COLLOQUE INTERNACIONAL ÉNONCIATION ET ARGUMENTATION

A Semântica Argumentativa em diálogo
La Sémantique Argumentative en dialogue

Nascimento, E. P. do. A modalização como estratégia argumentativa: da proposição ao texto. IN: **ANAIS do VI Congresso Internacional da Abralín**. João Pessoa, Editora Idéia, 2009. p. 1369 a 1376 (cd room).

Nascimento, E. P. do; Silva, J. M. da. O fenômeno da modalização: estratégia semântico-argumentativa e pragmática. In: Nascimento, E. P. do (Org). **A argumentação na redação comercial e oficial: estratégias semântico-discursivas em gêneros formulaicos**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012.

Neves, M. H. de M. **Texto e gramática**. São Paulo: Contexto, 2006.

Valezi, S. C. L.; Abreu-Tardelli, L. S.; Nascimento, E. L. O gênero relatório técnico-científico: contribuições para seu ensino. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v.21, n.1, p. 241-272, jan./jun. 2018.



7, 8 e 9 de outubro de 2021
Les 7, 8 et 9 Octobre 2021

www.colenarg.paginas.ufsc.br

A REPETIÇÃO COMO FATOR ESTILÍSTICO-ARGUMENTATIVO

Esther Gomes De Oliveira

Isabel Cristina Cordeiro

Lolyane Cristina Guerreiro de Oliveira

Resumo: Esta comunicação está vinculada ao projeto de pesquisa intitulado “Morfossintaxe no curso de Letras / Português: as relações linguísticas, semânticas e pragmáticas”, desenvolvido no Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas da Universidade Estadual de Londrina. Atualmente, as pesquisas na área da linguagem exploram, de forma prioritária, os questionamentos relativos ao texto (discurso, considerando que os efeitos de sentido são concretizados por meio da interação entre os aspectos cognitivos, históricos, culturais, sociais e linguísticos). Muitos pesquisadores têm se dedicado à área da argumentação, já que ela é inerente à língua, e estudos diversificados e de considerada amplitude focalizam os aspectos acima citados. A língua, no âmbito da perspectiva semântico-pragmática de Oswald Ducrot, é fundamentalmente argumentativa, ou seja, a argumentação não é agregada ao sentido, ela constitui o próprio sentido. Dessa forma, a Semântica Argumentativa ou Teoria da Argumentação na Língua, sistematizada por Jean-Claude Anscombre e Oswald Ducrot, nos anos de 1970, tem como base teórica o pressuposto de que os encadeamentos argumentativos mobilizam escolhas lexicais com o objetivo de conduzir, de forma não coercitiva, o interlocutor a determinada conclusão. Portanto, dentro do quadro enunciativo, o leitor tem a incumbência de agir sobre o texto, ativando os variados tipos de conhecimentos armazenados na sua memória discursiva, ou seja, conhecimento de mundo ou enciclopédico, conhecimento linguístico e conhecimento interacional. No campo da Estilística, as atuais pesquisas salientam não só os gêneros literários como também os mais variados gêneros midiáticos; e são abordados em quatro áreas dos estudos gramaticais: Estilística Fônica (ou Fonoestilística), Estilística Morfológica, Estilística Léxica, Estilística Sintática; e Martins (1989), em sua obra pioneira, já faz um esboço da Estilística da Enunciação, e é no âmbito desta Estilística que a autora coloca o estudo da repetição, não só como uma estratégia persuasiva mas também artístico, com alto grau de expressividade. Dessa forma, o objetivo desta comunicação é demonstrar a argumentatividade

presente nos mecanismos intensificadores da repetição, definidos como recursos altamente dinâmicos para concretizar os efeitos de sentido desejados pelo produtor do texto. Fiorin, em sua obra *Figuras de retórica* (2014), elenca, mais ou menos, trinta figuras referentes ao mecanismo da repetição; e Cherubim, em seu *Dicionário de figuras de linguagem* (1989), registra, mais ou menos, vinte e cinco tipos. Fiorin (2014), base para este trabalho, classifica as figuras de repetição em sete categorias: a) repetição de sons ou morfemas; b) repetição de palavras ou de sintagmas dentro da mesma oração ou verso; c) repetição de uma palavra ou sintagma em outra oração ou verso; d) repetição de uma palavra ou sintagma em outra oração ou verso (II); e) repetição de mais de uma palavra ou sintagma em orações e versos distintos; f) repetição de oração ou versos; g) repetição semântica I; h) repetição semântica II; i) repetição estrutural. Para esta comunicação, selecionamos as seguintes figuras: do grupo a: aliteração, homeoteleuto e rima; do grupo b: reduplicação; do grupo c: anáfora e epístrofe; do grupo d: anadiplose e polissíndeto; do grupo e: quiasmo; do grupo f: palilogia e ritornelo; do grupo g: paronomásia e poliptoto; do grupo h: pleonasma; do grupo i: paralelismo. Outros recursos persuasivos também colaboram para que as figuras de repetição consigam atingir os efeitos de sentido desejados pelo produtor do texto, tais como: adjetivação, modalização, outros processos intensificadores, comparadores, operadores argumentativos, interjeições, reticências, frases nominais, sinonímia, seleção lexical, elementos dêiticos, entre outros. Por conseguinte, pretendemos com este trabalho incentivar estudos de Semântica Argumentativa que dialoguem não somente com a Estilística mas também com a Linguística Textual, com a Análise do Discurso, entre outras áreas.

Palavras-chave: Repetição; Estilística; Recursos Argumentativos.

Bibliografia:

Cherubim, S. **Dicionário de figuras de linguagem**. São Paulo: Pioneira, 1989.

Fiorin, J. L. **Figuras de retórica**. São Paulo: Contexto, 2014.

Martins, N. S. **Introdução à estilística: a expressividade na língua portuguesa**. São Paulo: T.A. Queiroz, Editora da Universidade de São Paulo, 1989.

ARGUMENTAÇÃO E POLÊMICA NO GÊNERO NOTÍCIA COMENTADA

Renata Palumbo

Zilda Aquino

Resumo: A pesquisa tem por proposta tratar da estrutura argumentativa que se estabelece no interior do gênero notícia comentada, em que a seleção do tópico referiu-se ao contexto da pandemia. Os enunciados apresentam-se como objetos de construção dos pontos de vista de participantes do evento discursivo que não se encontram no mesmo contexto de enunciação – um repórter, dois entrevistados (uma promotora, um professor de Direito) e um jornalista apresentador de um noticiário televisivo. Busca-se examinar como a argumentação ocorre nessa construção midiática que nomeamos notícia comentada e que conduz os telespectadores a detectarem um debate que não se efetiva entre os participantes do evento discursivo em si de modo usual. Esses participantes apresentam suas posições em entrevistas isoladas que constituirão partes da notícia comentada em que ocorrem a informação sobre uma notícia e a inserção de quadros com a posição discordante dos entrevistados. Nesse jogo argumentativo, o dinamismo próprio da notícia comentada sob análise permite que a sequência dos fatos seja apresentada de tal maneira que os telespectadores façam a junção dos discursos e detectem ali a presença de um debate que foge ao que usualmente se identifica como esse gênero, correspondendo, pois, ao que se pode denominar debate social. Enfim, ocorre um posicionamento da mídia sobre tema de ressonância da esfera pública, com a condução de questões afeitas à pandemia, portanto do contexto social, que encaminham a discussão. Teoricamente, além da posição de teorias da Argumentação, em que se destacam Perelman & Olbrechts-Tyteca (2002), direcionados às técnicas de argumentação, Amossy (2017), pelas discussões relacionadas à polêmica, tomam-se também os estudos do discurso como práticas sociocultural e historicamente situadas, como discutem os estudiosos da Análise Crítica do Discurso, principalmente Fairclough (1992 e ss). Ao atentar-se para a construção situada de gêneros, entende-se, em concordância com Gomes (2010, p.297) que eles “sofrem alterações e mudanças na medida em que podem se transformar em outros tipos de gêneros”. Nessas ocorrências, há um movimento de criação de um

novo contexto a partir de um contexto dado em que ocorreu determinado evento – denominado recontextualização por Fairclough (1992). Entende-se que nesse movimento dialógico, a notícia vem se alterando significativamente ao longo do tempo, passando-se à inserção de comentários que podem até levar à polêmica, na ocasião em que um dado social é resgatado pela notícia e a ordem da apresentação dos fatos leva a embates de ideias. Os discursos de determinados gêneros (no caso, notícia, entrevistas, notícia comentada), assim, inter-relacionam-se, complementam-se e constituem um novo gênero – o debate social. Trata-se de um movimento intergenérico com consequências específicas, porém, tudo isso é construído pela mídia e pelo movimento dinâmico da produção de leitura que os telespectadores imprimem ao que está sendo transmitido. Nessa direção, tem-se uma performance de uma prática social determinada em que a notícia incorpora a estrutura do debate e sua dimensão argumentativa. Assim, entende-se que gêneros são lugares propícios para agirmos comunicativamente com o outro; é através deles que transformamos, consolidamos, reforçamos certas representações sociais, crenças, modos de ação, persuasão e constituímos identidades. Procedeu-se, metodologicamente, a partir do método qualitativo de observação e análise do corpus selecionado e transcrito que se constituiu de uma notícia sobre o uso de pulseiras, instituído pelos prefeitos de quatro cidades do interior do Estado de São Paulo, para identificar os infectados pelo Covid-19. Essa notícia foi transmitida e comentada pela Rede Globo de Televisão.

Palavras-chave: Argumentação; Discurso da mídia; Gênero debate.

Bibliografia:

Amossy, R. (2017) Por uma análise discursiva e argumentativa da polêmica. **Revista Eletrônica De Estudos Integrados Em Discurso E Argumentação**, (13), 227-244. <https://doi.org/10.17648/eidea-13-152>

Fairclough, N. (1992). **Discourse and social change**. Cambridge: Polity Press.

_____. (2003). **Analysing Discourse: textual analysis for social research**. Londres: Routledge.

**ARGUMENTAÇÃO, LEITURA E CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS:
CONTEMPLANDO OS PRESSUPOSTOS LINGÜÍSTICOS NO
GÊNERO CHARGE**

Marcos Antônio

Resumo: Amparados no fenômeno da Pressuposição Linguística de Anscombre e Ducrot (1994), proposto no interior da Teoria da Argumentação na Língua, nosso objetivo, neste trabalho, é o de analisar alguns elementos ativadores de pressupostos linguísticos no gênero textual/discursivo charge. As charges aqui analisadas, um total de cinco, foram coletadas em abril de 2021 em sites diversos da rede mundial de computadores. Consoante apontamentos apresentados por Ducrot (1987), o pressuposto é apresentado no discurso como pertencendo às pessoas envolvidas na comunicação, ou seja, ao “nós”, o que nos faz pensar, inicialmente, quanto o ouvinte/leitor está envolvido na relação de compartilhamento das informações apresentadas tanto pelo texto quanto pelo falante. Assim sendo, tendo em vista que na formulação da Teoria da Argumentação Ducrot (1994) pontua que a língua é, por natureza, argumentativa, entendemos que sempre que fazemos uso da língua temos em mente algum tipo de intencionalidade. Logo, como o próprio autor (1987, p. 77) assevera, “pressupor não é dizer o que o ouvinte sabe ou se pensa que ele sabe ou deveria saber, mas situar o diálogo na hipótese de que ele já soubesse”. Dessa forma, a pressuposição ou o ato de pressupor apresenta-se como uma estratégia argumentativa para levar o interlocutor a admitir um determinado ponto de vista. Assim, considerando a leitura enquanto um processo de interação entre os contextos de leitura e de produção de textos, entre textos e leitores, conforme pontua Silveira (1998), e, conseqüentemente, como o momento da construção de sentidos para o texto que está sendo lido, entendemos que é de fundamental importância, quando do processo de leitura de um texto, a observação/identificação de informações implícitas no texto, ou seja, dos pressupostos, por meio da percepção das marcas linguísticas responsáveis por esses implícitos. Entendemos ainda que, para além de serem importantes, enquanto auxílio na construção dos sentidos de um texto, o uso dos elementos ativadores de pressupostos revela-se, ainda, uma estratégia argumentativa usada pelo locutor do texto, conforme identificamos em nossas análises, pois é a partir do engajamento com aquilo

que é dito que o leitor alcança, ou não, seus objetivos em suas interações sociais. A partir das análises empreendidas, vimos que a identificação de elementos que ativam pressupostos, na leitura do gênero charge, representa um recurso de extrema importância para a apreensão do/s sentido/s do texto, bem como para as possíveis intenções do locutor diante do seu interlocutor, visto que usamos a linguagem sempre de forma intencional. Para além disso, como foi possível observar nas nossas análises, elementos que são geralmente classificados como puramente gramaticais, como é o caso das estruturas “também”, “novo” ou mesmo o prefixo “re”, na verdade, quando lidos de forma adequada, podem propiciar muito mais do que uma simples decodificação dos signos, ainda que este primeiro passo seja importante. Sendo assim, uma identificação eficaz desses elementos pode contribuir para a construção dos sentidos que revelem, de fato, as intenções do locutor/produtor do texto. No tocante às estruturas ativadoras de pressupostos, ressaltamos que teremos, ainda como suporte teórico, os apontamentos desenvolvidos por Moura (2006) e Espíndola (2010), quando apresentam uma lista de elementos responsáveis pela ativação de pressupostos nos enunciados. Portanto, entendemos que um trabalho efetivo com a leitura deve possibilitar ao aluno/leitor uma maior interação com o texto que está sendo lido, permitindo-lhe, assim, perceber toda a intencionalidade que está marcada - explícita ou implicitamente, por meio de elementos ativadores de pressupostos - no texto.

Palavras-chave: Leitura; Pressuposição; Sentidos.

Bibliografia:

Anscombre, J.C.; Ducrot, O. **La argumentación en la lengua**. Versión española de Julia Sevilha e Marta Tordesillas. Madrid: Editora Gredos, 1994.

Ducrot, O. **O dizer e o dito**. Revisão Técnica da Tradução Eduardo Guimarães. Campinas, SP: Pontes, 1987.

Espíndola, L. C. Implícitos linguísticos e pragmáticos: pressupostos e subentendidos. IN: Aldrigue, A. C. de S. Leite, J. E. R. (Orgs). **Linguagens: usos e reflexões**, vol. 6. João Pessoa: Editora Universitária, 2010.

Moura, H. M. **Significação e contexto**: uma introdução a questões de semântica e pragmática. Florianópolis: Editora Insular, 2006.



COLÓQUIO INTERNACIONAL ENUNCIÇÃO E ARGUMENTAÇÃO
COLLOQUE INTERNACIONAL ÉNONCIATION ET ARGUMENTATION

A Semântica Argumentativa em diálogo
La Sémantique Argumentative en dialogue

Silveira, R. C. P.. Leitura: produção interacional de conhecimentos. In:
Bastos, N. M. B.. (Org.) **Língua Portuguesa** - História, Perspectivas,
Ensino. São Paulo: Cortez, p. 135-152, 1998.



7, 8 e 9 de outubro de 2021
Les 7, 8 et 9 Octobre 2021

www.colenarg.paginas.ufsc.br

**ARGUMENTATION COMMUNAUTAIRE DANS L'EX DIPBA:
CONTRIBUTIONS A UN ETAT DE L'ART SUR
L'ARGUMENTATION.**

Mariano Dagatti

Alex Colman

Résumé : Les études contemporaines sur l'argumentation réalisées à partir des approches de l'argumentation rhétorique – ou néo-rhétorique – (Amossy et Koren, 2002) et de l'argumentation dans la langue (Anscombe et Ducrot 1976, 1994) conduisent à des définitions différentes du processus argumentatif. Pour la perspective rhétorique, l'argumentation suppose une situation ou contexte de communication où il y a un désaccord explicite ou implicite sur une question ou un problème (Plantin, 2004, 2015). Persuader – au sens large: faire à quelqu'un admettre une conclusion et l'inciter à adopter les comportements suggérés, ou influencer, transformer ou renforcer les croyances ou les comportements (conscients ou inconscients) de la (ou des) personnes qui constituent leur objectif – implique de polémiquer, de s'opposer, d'être en désaccord. Pour la perspective linguistique, d'autre part, l'étude de l'argumentation est l'étude des capacités projectives des énoncés, de leur orientation: «l'ensemble des possibilités ou impossibilités de continuation discursive déterminées par leur usage» (Ducrot, 1990: 51). En tant que contribution à l'état de l'art de l'argumentation, cette présentation soutient que pour définir la valeur argumentative de certains actes discursifs il est nécessaire de considérer l'importance de l'élément communautaire: valeurs, connaissances, une affectivo-émotivité latente comme normativité d'un groupe. Nous réfléchissons à ce problème sur la base des arguments de Marc Angenot (2014: 19) sur la nature historique et relative de la persuasion et l'existence de «communautés basées sur la persuasion», un enjeu dont la productivité a également été soulignée par Alejandra Vitale (2017) pour le cas des services du renseignement. En particulier, nous étudierons le phénomène de l'argumentation dans les documents de l'ex Direction des services de renseignement de la police de la province de Buenos Aires (DIPBA), un service de renseignement argentin qui a fonctionné entre 1956 et 1998. Ses archives – déclassifiées et ouvertes à la consultation publique en 2003 – ont été étudiées par différents chercheurs, y compris des spécialistes de l'analyse du

discours, de la rhétorique et de l'argumentation. Ces chercheurs ont mis en évidence l'existence de développements argumentatifs et de séquences critiques dans des genres tels que les reportages sur la censure littéraire et sur le cinéma et les arts du spectacle, entre autres (Bettendorff, 2017; Chiavarino, 2017). Malgré l'exhaustivité et la pertinence de ces approches, il y'a des effets argumentatifs présents dans les documents qui n'ont pas été explorés jusqu'à présent, et qui nous permettent de nous concentrer sur une dimension communautaire de l'argumentation dont l'approche peut conduire à des conclusions pertinentes sur les opérations de persuasion dans une communauté discursive. En analysant un *corpus* de rapports de renseignement sur les étudiants de l'Université nationale de La Plata dans la période 1959-1973, nous étudierons la relation entre les effets d'argumentation présents dans les descriptions, caractérisations et récits sur les étudiants, et la *doxa* et les valeurs qui caractérisent la DIPBA en tant que communauté discursive. Comme résultat préliminaire, nous soutenons dans ce travail que l'argumentation dans l'ex DIPBA présente une dimension communautaire qui ne se confond pas avec l'argumentation dans la langue (car elle se situe institutionnellement et communicativement), et qu'elle ne se limite pas aux séquences d'argumentation, parce que les protocoles de lecture explicite et implicite de la communauté (des manuels d'écriture à son *monde éthique*) garantissent un horizon de sous-entendus. Lorsqu'un espion de la DIPBA dit: "communiste", "marxiste", "péroniste" ou "radical" ou quand il rapporte que les étudiants "ont vécu Perón", il produit l'orientation d'une décision, et cette orientation n'est pas le résultat – ou n'est-ce pas seulement le résultat – d'une instruction purement linguistique ou d'une séquence argumentative prototypique, mais d'un contrat communautaire dans lequel convergent normes et visions du monde (Angenot, 2010): entre autres, celles qui font la représentation de ce qui pourrait être appelé, selon Carl Schmitt (2016), «l'ennemi intérieur».

Mots-clés: Analyse du discours; Argumentation; Communauté Discursive; Archives de la Répression; Services de Renseignement.

Bibliographie :

Amossy, R., Y Koren, R. (2002). **Après Perelman: quelles politiques pour les nouvelles rhétoriques?: l'argumentation dans les sciences du langage.** Paris: Editions L'Harmattan.

Angenot, M. (2010). **El discurso social. Los límites históricos de lo pensable y lo decible**. Buenos Aires: Siglo XXI.

Angenot, M. (2014). “La Retórica como ciencia histórica y social”. En Colman, A, Nacucchio, A., Vitale, M. A. (eds.), **Libro de Actas del III Coloquio Nacional de Retórica y el II Congreso Internacional de Retórica e Interdisciplina** (pp. 18-32). Buenos Aires: Asociación Argentina de Retórica. Disponibles en www.aaretorica.org

Anscombre, J. C., Y Ducrot, O. (1976). “L’argumentation dans la langue”. **Langages** (42), 5-27.

Anscombre, J. C., Y Ducrot, O. (1994). **La argumentación en la lengua**. Madrid: Gredos.

Bettendorff, P. (2017). **El archivo de la Dirección de Inteligencia de la Policía de Buenos Aires (DIPBA) ante los espectáculos “independientes”. Una aproximación retórico-discursiva a la vigilancia a grupos de teatro y cineclubes (1958-1981)**. Tesis de Maestría en Análisis del Discurso, Universidad de Buenos Aires.

Chiavarino, N. (2017). **Estrategias retórico-argumentales en informes de censura literaria de la última dictadura cívico-militar**. Tesis de Maestría en Análisis del Discurso, Universidad de Buenos Aires.

Ducrot, O. (1990). **Polifonía y argumentación**. Cali: Universidad del Valle.

Plantin, C. (2004). “Situation des études d’argumentation: de délégitimations en réinventions”. En DOURY, M. Y MOIRAND, S. (comps.), **L’argumentation aujourd’hui. Positions théoriques en confrontation** (pp. 159-181). París: Presses Sorbonne Nouvelle.

Plantin, C. (2015). **La argumentación**. Barcelona: Ariel.

Schmitt, C. (2016). **Teoría del partisano. Comentario sobre la noción de lo político**. Buenos Aires: Prometeo.

Vitale, M. A. (2017). “La DIPBA y la deliberación en los servicios de inteligencia: ¿ilegalidad para el Partido Comunista?”. En BAREI, S. N. (comp.), **La cultura y sus retóricas. Miradas interdisciplinarias** (pp. 111-119). Córdoba: UNC-UNVM.

**LA ARGUMENTACIÓN COMUNITARIA EN LA EX DIPBA: APORTES
A UN ESTADO DEL ARTE SOBRE LA ARGUMENTACIÓN**

Mariano Dagatti

Alex Colman

Resumen: Los estudios contemporáneos sobre la argumentación realizados desde las perspectivas de la argumentación retórica –o neoretórica– (Amossy y Koren, 2002) y desde la argumentación en la lengua (Anscombe y Ducrot 1976, 1994) conducen a definiciones diferentes del proceso argumentativo. Para la perspectiva retórica, la argumentación supone una situación de comunicación o contexto donde hay un desacuerdo explícito o implícito sobre una cuestión o problema (Plantin, 2004, 2015). Persuadir –en un sentido amplio: hacerle admitir a alguien una conclusión e incitarlo a adoptar las conductas sugeridas, o bien influir, transformar o reforzar las creencias o los comportamientos (conscientes o inconscientes) de la persona o personas que constituyen su objetivo– involucra polemizar, contraponer, disentir. Para la perspectiva lingüística, en cambio, el estudio de la argumentación es el estudio de las capacidades proyectivas de los enunciados, de su orientación: “el conjunto de las posibilidades o de las imposibilidades de continuación discursiva determinadas por su empleo” (Ducrot, 1990: 51). Como un aporte respecto al estado del arte sobre la argumentación, en esta presentación sostenemos que para definir el valor argumentativo de determinados actos discursivos es necesario reponer la importancia del elemento comunitario: valores, saberes, una afecto-emotividad latentes como normatividad de un grupo. Retomamos esta problemática en la línea de las argumentaciones de Marc Angenot (2014: 19) sobre el carácter histórico y relativo de lo persuasivo y la existencia de “comunidades sobre la base de la persuasión”, cuestión cuya productividad también ha sido señalada por Alejandra Vitale (2017) para el caso de las comunidades de inteligencia. En particular, profundizamos en el fenómeno de la argumentación en materiales de la ex Dirección de Inteligencia de la Policía de la Provincia de Buenos Aires (DIPBA), servicio de inteligencia argentino que funcionó entre 1956 y 1998. Su archivo – desclasificado y abierto a la consulta pública en 2003– fue estudiado por distintos investigadores, entre ellos especialistas en análisis del discurso, retórica y argumentación. Estos han destacado de manera específica la

existencia de desarrollos argumentativos y secuencias críticas en géneros como los informes sobre censura literaria y sobre cine y artes del espectáculo, entre otros (Bettendorff, 2017; Chiavarino, 2017). Pese a la exhaustividad y pertinencia de estos enfoques, existen efectos de argumentación presentes en los documentos que hasta el momento no se han explorado y que permiten focalizar en una dimensión comunitaria de la argumentación cuyo abordaje puede conducir –conjeturamos– a conclusiones relevantes sobre las operaciones de persuasión en una comunidad discursiva. Mediante el abordaje de un *corpus* de informes de inteligencia sobre estudiantes de la Universidad Nacional de La Plata en el período 1959-1973, indagamos la relación entre los efectos de argumentación presentes en las descripciones, caracterizaciones y relatos sobre los estudiantes, y la *doxa* y los valores que caracterizan a la DIPBA como comunidad discursiva. Como resultado preliminar, sostenemos en este trabajo que la argumentación en la DIPBA presenta una dimensión de índole comunitaria que no se confunde con la argumentación en la lengua porque es situada institucional y comunicativamente, y que tampoco se restringe a secuencias de argumentación, porque los protocolos de lectura explícitos e implícitos de la comunidad (desde los manuales de redacción hasta su *mundo ético*) garantizan un horizonte de sobreentendidos. Cuando un espía de la DIPBA dice: “comunista”, “marxista”, “peronista” o “radical” o cuando relata que los estudiantes “vivaron a Perón” está produciendo la orientación de una decisión, y esa orientación no es el resultado –o no solo es el resultado– de una instrucción meramente lingüística ni de una secuencia argumentativa prototípica, sino de un contrato comunitario en el que convergen normas y visiones del mundo (Angenot, 2010): entre otras, aquellas que hacen a la representación de lo que podría llamarse, en términos de Carl Schmitt (2016), el “enemigo interno”.

Palabras clave: Análisis del discurso; Argumentación; Comunidad discursiva; Archivos de la represión; Inteligencia policial.

Bibliografía :

Amossy, R., Y Koren, R. (2002). **Après Perelman: quelles politiques pour les nouvelles rhétoriques?: l’argumentation dans les sciences du langage.** París: Editions L’Harmattan.

Angenot, M. (2010). **El discurso social. Los límites históricos de lo pensable y lo decible**. Buenos Aires: Siglo XXI.

Angenot, M. (2014). “La Retórica como ciencia histórica y social”. En Colman, A, Nacucchio, A., Vitale, M. A. (eds.), **Libro de Actas del III Coloquio Nacional de Retórica y el II Congreso Internacional de Retórica e Interdisciplina** (pp. 18-32). Buenos Aires: Asociación Argentina de Retórica. Disponibles en www.aaretorica.org

Anscombre, J. C., Y Ducrot, O. (1976). “L’argumentation dans la langue”. **Langages** (42), 5-27.

Anscombre, J. C., Y Ducrot, O. (1994). **La argumentación en la lengua**. Madrid: Gredos.

Bettendorff, P. (2017). **El archivo de la Dirección de Inteligencia de la Policía de Buenos Aires (DIPBA) ante los espectáculos “independientes”. Una aproximación retórico-discursiva a la vigilancia a grupos de teatro y cineclubes (1958-1981)**. Tesis de Maestría en Análisis del Discurso, Universidad de Buenos Aires.

Chiavarino, N. (2017). **Estrategias retórico-argumentales en informes de censura literaria de la última dictadura cívico-militar**. Tesis de Maestría en Análisis del Discurso, Universidad de Buenos Aires.

Ducrot, O. (1990). **Polifonía y argumentación**. Cali: Universidad del Valle.

Plantin, C. (2004). “Situation des études d’argumentation: de délégitimations en réinventions”. En DOURY, M. Y MOIRAND, S. (comps.), **L’argumentation aujourd’hui. Positions théoriques en confrontation** (pp. 159-181). París: Presses Sorbonne Nouvelle.

Plantin, C. (2015). **La argumentación**. Barcelona: Ariel.

Schmitt, C. (2016). **Teoría del partisano. Comentario sobre la noción de lo político**. Buenos Aires: Prometeo.

Vitale, M. A. (2017). “La DIPBA y la deliberación en los servicios de inteligencia: ¿ilegalidad para el Partido Comunista?”. En BAREI, S. N. (comp.), **La cultura y sus retóricas. Miradas interdisciplinarias** (pp. 111-119). Córdoba: UNC-UNVM.

POUR UNE APPROCHE SEMANTIQUE DE LA CONFLICTUALITE POLITIQUE

Collectif Programma

Résumé : L'évolution d'une situation politique est toujours orientée vers la possibilité ou l'impossibilité de certains discours publics et de certaines actions (Camus & Lescano, 2021). Les partis politiques, les organisations, les militants qui interviennent dans l'arène publique agissent pour que leurs propres discours soient à la fois entendus et progressivement reçus comme « évidents », et que les discours auxquels ils s'opposent apparaissent comme « irrecevables ». Nous pensons que ces processus doivent être analysés d'un point de vue sémantique.

Nous prenons comme point de départ les acquis de la Théorie des Blocs Sémantiques (Carel, 2011) et les étendons au-delà de leurs domaines habituels d'application, au-delà de la signification lexicale, du sens d'un énoncé ou d'un texte, pour étudier des situations politiques (conflits sociaux, assemblées...). Nous supposons que les actions sont rendues disponibles ou indisponibles, dans une situation conflictuelle donnée, sous la forme d'entités sémantiques que les discours cherchent à affaiblir ou renforcer. Pour nous, la dimension sémantique d'une situation politique est faite de possibilités discursives, de leurs connexions créées par les discours effectifs, de leurs évolutions, de leur apparition ou disparition.

À partir de certains cas analysés dans un ouvrage collectif en préparation, notre contribution présentera plusieurs exemples de mécanismes de transformation des possibilités discursives disponibles dans des situations politiques différentes.

On verra que dans le conflit autour d'Europacity (2011-2019), vaste projet d'infrastructure commerciale, de loisir et de culture en banlieue parisienne (Val d'Oise, 95), les promoteurs cherchent immédiatement à rendre leur position malléable au changement et réemploient certaines entités sémantiques caractéristiques du discours de leurs opposants (exemplarité écologique, revendication démocratique, refus du consumérisme) ; c'est ce qui explique, en partie au moins, l'affaiblissement de leur position dans le conflit,

puisqu'ils se retrouvent comme pris au piège de leurs propres contradictions (Corler, 2019).

L'étude du conflit autour du plan de licenciements qui a touché les ouvriers de l'équipementier automobile GM&S mettra en évidence que l'installation, par les salariés défendant leurs emplois, de bonbonnes de gaz sur l'un des silos de l'usine, accompagnées de l'énoncé « On va tout péter » fait apparaître de nouvelles entités sémantiques, ayant des conséquences sur les rapports de force existant dans une lutte sociale inégale, où s'affrontent discours militants et discours hégémoniques (Liisberg, ms. ; Laclau & Mouffe, 1985).

Notre présentation sera l'occasion de montrer que certains éléments « évidents » pour les membres d'un collectif politique sont présents dans l'organisation sémantique d'une assemblée, sans toutefois produire de discours. Leur existence peut cependant être révélée par le surgissement d'un discours senti comme incompatible avec les principes du collectif, révélant alors ce qui n'était pas visible directement. Ce phénomène sera étudié à travers l'extrait d'une réunion de la Candidatura Unitaria de Trabajadores dans le village de Marinaleda (Espagne) en 2015, lors de l'organisation de la campagne électorale municipale (Camus, 2020).

L'analyse de l'urbanisme transitoire, occupation temporaire et légale de friches urbaines initiée à Paris en 2014, révèle l'apparition d'entités sémantiques spécifiques qui rendent possibles, dans ce cadre seul, la convergence de positions habituellement opposées dans la fabrique régulière de la ville. La friche, lieu de résistance, devient un espace a-conflictuel et dépolitisé, qui rend improductive toute opposition à un urbanisme régulier (Tournaire, 2019).

Enfin, nous rendrons compte de l'impact toujours plus étendu de certaines entités sémantiques qui ont surgi au cours du conflit actuel chilien. Si, dans un premier temps, ces entités sémantiques avaient un impact limité au coût des transports publics, elles atteignent par la suite la sécurité publique pour s'étendre finalement à toute la sphère sociale chilienne, remettant en cause la constitution nationale en vigueur (Morales, ms.).

Mots clefs : Sémantique ; Politique ; Discours ; Conflictualité.

Bibliographie :

Camus, Z. & Lescano, A. (2021) « Sémantique argumentative et conflictualité politique : le concept de programme », L. Behe, M. Carel, C. Denuc, J. C. Machado (éds.) **Cours de Sémantique Argumentative**, Pedro e João editores, p. 401-414.

Camus, Z. (2020), **Pour une description sémantique des assemblées citoyennes politiques. Le cas de Marinaleda, du NPA et de Nuit debout**. Thèse de doctorat, EHESS, Paris.

Carel, M. (2011) **L'entrelacement argumentatif**, Paris : H. Champion.

Corler, T. (2019) **Ecologie et néolibéralisme vert : une approche sémantique du conflit autour d'Europacity (2011-2019)**. Mémoire de master, EHESS, Paris.

Laclau, E. & Mouffe, C. (1985) **Hegemony & Socialist Strategy. Towards a Radical Democratic Politics**, New York : Verso.

Liisberg, M. **Interventions transformantes et conflits sociaux. Entre la sémantique et la politique**. Thèse de doctorat en cours, Université d'Aarhus.

Morales, F. **El legado de la transición democrática en las voces de la derecha chilena. Un análisis semántico argumentativo en tiempos de post-revultas de indignación**. Thèse de doctorat en cours, Universitat Pompeu Fabra.

Tournaire, J. (2019) **Écritures de pierre et écritures de papier. La construction discursive des espaces du commun et de l'innovation urbaine**. Mémoire de master, EHESS, Paris.

**L'ARTICULATION DE L'ÉNONCIATION ET DE
L'ARGUMENTATION AU PRISME DE LA PRAGMATIQUE
SOCIOLOGIQUE DE PIERRE BOURDIEU**

Bastien Roques

Résumé : Nous proposons de nous intéresser à l'axe « enjeux pragmatiques » en portant une attention particulière à la pragmatique sociologique que Pierre Bourdieu appelle de ses vœux dans la partie III de *Ce que parler veut dire* (1982). Cette « science des discours »³, encore à investiguer, engage de penser conjointement l'énonciation et l'argumentation dans la mesure où l'articulation de ces notions permet de mettre en application ce que Loïc Wacquant et Aksu Akçaoğlu qualifient de « nœuds conceptuels fondamentaux du travail de Pierre Bourdieu »⁴ ; à savoir l'articulation entre une théorie de la pratique d'une part et une théorie du pouvoir symbolique d'autre part.

La pragmatique sociologique telle que l'évoque Pierre Bourdieu invite à appréhender l'énonciation comme pratique discursive, et donc comme pratique sociale. Par conséquent, l'analyse de toute pratique discursive procède d'abord de l'historicisation de celle-ci via la construction de l'espace au sein duquel elle se matérialise et via l'attention portée au positionnement du locuteur à l'intérieur de cet espace. Le mode de construction topologique alors engagé s'édifie autour du triptyque espace physique, espace social, espace symbolique. L'énonciation ainsi considérée est historicisée par un biais différent de celui d'Anscombe et

Ducrot lorsqu'ils posent dans *L'argumentation dans la langue* que « L'énonciation sera pour [eux] l'activité langagière exercée par celui qui parle au moment où il parle. Elle est donc par essence historique, événementielle, et, comme telle, ne se reproduit jamais deux fois identique »⁵. Les outils qui

3 Bourdieu, Pierre (1982). *Ce que parler veut dire*. Paris. Seuil. Page 118.

4 Wacquant Loïc, Akçaoğlu Aksu (2016). *Pratique et pouvoir symbolique chez Bourdieu vu de Berkeley*. In : Revue de l'Institut de Sociologie, n°86. Université Libre de Bruxelles. Page 36.

5 Anscombe Jean-Claude, Ducrot Oswald (1976). *L'argumentation dans la langue*. In: Langages, 10^e année, n°42. Argumentation et discours scientifique. Page 18.

engagent le processus d'historicisation conduisent à renverser la priorité épistémologique de l'analyse. En outre, ils permettent d'appréhender l'énonciation et l'argumentation à partir du pouvoir symbolique qui est, d'une part nécessaire au locuteur afin de légitimer ce dernier lors de l'énonciation et de l'argumentation et qui, d'autre part, constitue le vecteur des effets produits par cette même énonciation ou argumentation. De ce fait, la pragmatique sociologique octroie la priorité épistémologique à la sociologie et non à la linguistique et envisage non pas de partir du textuel pour aller vers le contextuel mais de procéder de manière inverse. Ce renversement est envisageable à la fois pour l'écrit et pour l'oral qui peuvent respectivement être analysés à partir de cette approche commune si celle-ci se dote des moyens de mettre, dans le même temps, au travail des concepts différents, les uns spécifiques à l'analyse de l'écrit, les autres à l'analyse de l'oral.

Nous envisagerions tout d'abord présenter les apports génériques de la pragmatique sociologique dans l'analyse de l'énonciation et de l'argumentation. Nous voudrions ensuite proposer une perspective théorique spécifique à l'analyse de cette articulation lors des matérialisations écrites. Enfin, nous aimerions engager ce même travail théorique concernant les spécificités liées aux matérialisations orales.

Mots clés : Pragmatique sociologique ; Énonciation et argumentation ; Pouvoir symbolique

Bibliographie sélective :

Anscombe Jean-Claude, Ducrot Oswald. **L'argumentation dans la langue**. In: Langages, 10^e année, n°42, 1976. Argumentation et discours scientifique. pp. 5-27

Bourdieu Pierre (1982). **Ce que parler veut dire**. Paris. Seuil.

Bourdieu Pierre (2014). **Langage et pouvoir symbolique**, Paris, Points. [2001].

Loïc Wacquant et Aksu Akçaoğlu, « **Pratique et pouvoir symbolique chez Bourdieu vu de Berkeley** », Revue de l'Institut de Sociologie [En ligne], 86 | 2016, mis en ligne le 23 juillet 2019, consulté le 24 juillet 2019. URL : <http://journals.openedition.org/ris/380>

LES MORTS EN TANT QUE LOCUTEURS DANS LE DISCOURS POLITIQUE ET ARTISTIQUE EN RUSSIE CONTEMPORAINE

Anastasia Spirenkova

Résumé : Les ancêtres, les vétérans tombés, les personnages historiques, les victimes de la répression et les générations défuntes sont tous des morts, pour lesquels un combat sérieux se déroule dans le domaine politique russe. Les références aux morts et les tentatives de parler en leur nom se retrouvent constamment dans le discours direct des premières personnes de la Fédération de Russie, des mouvements pro-gouvernementaux (*Régiment Immortel*), et des textes officiels (textes de lois, nouveaux amendements à la Constitution). De l'autre côté, les ONGs qui défendent des droits de l'homme (Memorial; Groupe Helsinki de Moscou) et des groupes indépendants tentent de préserver la mémoire des prisonniers politiques assassinés en rappelant les mots des morts au cours de diverses actions civiles (*La dernière adresse; Restitution des noms*). Les morts sont également présents dans le discours quotidien et dans l'humour russes. En absorbant toute l'atmosphère discursive, les artistes engagés dans l'art performatif et l'actionnisme construisent aussi souvent des énoncés au nom des morts. Le Parti de Morts, les groupes féministes construisent leur énonciation artistique en utilisant les morts comme locuteur.

Cette communication porte sur la palette d'outils argumentatifs qui fournit la présence d'un locuteur particulier au discours artistique et politique russes. Pourquoi la figure du locuteur est-elle floue au niveau linguistique, philosophique et social dans ces cas ? De quel type d'action énonciative s'agit-il ? Où les énoncés au nom des morts mènent à l'ironie, ou à l'énonciation témoinante (Carel, Ribard 2019), où il communiquent la trace d'une parole attribuée passée (Carel 2021), l'*exotopie* (Yurchak 2015), l'*effet d'inatteignabilité du passé* (Iampolskij 2018) ? Peut-on interpréter les énoncés au nom des morts, ou avec le préfixe nécro- comme une forme implicite de négation ? Comment se construit discursivement l'espace ouvert pour une action possible ou souhaitée par un tel locuteur ? Et comment la modalité logique (Ducrot, Schaeffer) est-elle utilisée dans ce cas ? S'agit-il toujours de aspects paradoxaux (Carel 2011) dans le cas des morts ?

J'aborderai également le phénomène de diglossie. A travers des exemples, je vais tenter de montrer comment le choix de l'orateur nourrit le pouvoir symbolique (Bourdieu 1982). Comment la parole des morts peut-elle être utilisée comme un acte de menace, ou à l'inverse comme un acte de protection, de restitution (Derrida 1993) et de soin ? Je montrerai les particularités des références linguistiques aux morts, notamment par une analyse comparative avec le discours des années 1920-30, de la période du conceptualisme moscovite (Groys 1984, Iampolski 2014, Yurchak 2005) des années 1970-80 et du nécoréalisme des années 1980 (Agitatsia 2021).

Mots-clés: Pragmatique ; Paradoxe ; Négation ; Exotopie ; Argumentation ; Locuteur ; Pancartes ; Appropriation ; Diglossie ; Action.

Bibliografie:

Agitatsia [Filippova D., Mitenko P., Stebur A., Spirenkova A., Zamyslova V.] (groupe de recherche) "Party of the Dead: Necroaesthetics and Transformation of Political Performativity in Russia During the Pandemic" dans *Art Margins Online*, Santa Barbara, Californie, Etats-Unis, 2021.

Ackerman, G. **Le régiment immortel. La guerre sacrée de Poutine.** Paris : Premier parallèle, 2019.

Arseniev, P. "La Littérature du fait d'énonciation. Un tournant pragmatique inaperçu au cœur de l'avant-garde russe" dans *Ligeia* 2017/2 (N° 157-160), p.146-157.

Bourdieu, P. **Langage et pouvoir symbolique.** Paris : Editions Fayard, 1982.

Bourriaud, N. **Esthétique relationnelle.** Paris : Les presses du réel, 2001.

CAREL Marion, RIBARD Dinah, L'acte de témoigner, *Antares: Letras e Humanidades*, v. 11, n°23, 2019, 3-23.

Carel M., séminaire "L'interprétation dans la langue" à l'EHESS, 2020-2021.

Carel, M., 2011. "Ironie, paradoxe et humour" dans Maria-Dolores Vivero Garcia, **Humour et crises sociales. Regard croisés France-Espagne**, L'Harmattan, Paris, p. 57-75.

DUCROT, Oswald, CAREL, Marion, 1999. “Les propriétés linguistiques du paradoxe : paradoxe et négation”. In: *Langue française*, nº123. Sémantique et stéréotype. pp. 27-40.

DUCROT, Oswald, SCHAEFFER. *Nouveau dictionnaire encyclopédique des sciences du langage*. Paris : Editions du Seuil, 1972, 1995.

DERRIDA, Jacques. *Spectres de Marx*. Paris : éditions Galilée, 1993.

EVSTROPOV, Maxime, 2020. “Le Parti de Morts : du necrorealisme au necroactivisme”, *Houdejestvennij journal*, #113. [“Партия мертвых: от некрореализма к некроактивизму”, *Художественный журнал*, №113, 2020]

FEMEN, avec la collaboration de Galia Ackerman. *Femen*. Paris : Calmann-Lévy, 2013.

GESSEN, Masha. *Words will break cement. The Passion of Pussy Riot*. London : Granta Publications, 2014.

GROYS, Boris, 2017 [1984], « L’explication comme création », *Les premières textes 1976-1990*, Ad Marginem, Musée Garage, Moscou. [Гройс, Борис. “Объяснение как творчество”. Ранние тексты. Ад Маргинем Пресс, Музей современного искусства «Гараж», 2017]

HIRSCH, Marianne. *The Generation of Postmemory. Writing and Visual Culture After the Holocaust*. Columbia University Press, 2012.

IAMPOLSKIJ, Mikhail, 2018, *Le Parc de la culture. La culture et la violence à Moscou aujourd’hui*. Moscou : Nouvelle maison d’édition, 2018. [Ямпольский, Михаил, Парк культуры. Культура и насилие в Москве сегодня, М.: Новое издательство]

IAMPOLSKIJ, Mikhail, 2014, « Le temps du metamorphose » dans Zh. Galieva (dir.), *Prigov et le conceptualisme, Nouvelle revue de littérature*, Moscou, 7-39. [Ямпольский, Михаил, 2014, Время метаморфозы, в сборнике «Пригов и концептуализм», сост. Ж.Галиева, НЛО, стр. 7-39]

LUCENTO, Angelina, 2017. “Care Outside the Comfort Zone”, *Performance Research*, 22:4, 79-88.

PAVLENSKI, Piotr. *Le cas Pavlenski. La politique comme art*. Paris : Louison éditions, 2016.

SERENKO, Daria. #piquetsilencieux. Moscou : AST, 2020.

COLÓQUIO INTERNACIONAL ENUNCIACÃO E ARGUMENTAÇÃO COLLOQUE INTERNACIONAL ÉNONCIATION ET ARGUMENTATION

A Semântica Argumentativa em diálogo
La Sémantique Argumentative en dialogue

SMOLA, Klavdia, “Les espaces d’exotopie : le tournant pragmatique”, *Neprikosnovenni zasap*, #121, 5/2018, 130-142. [Клавдия Смола, «Пространства внеаходимости: прагматический поворот», журнал «Неприкосновенный запас», №121, 5/2018, стр. 130—142].

STEBOUR, Antonina, “Techno-poesie: “Je comprends tout et cela me concerne”, *Крапива* 18.07.2020. [Антонина Стебур, Техно-Поэзия: «Я все понимаю и меня это касается», Крапива]

VAISSIÉ, Cécile, “Monstratsiia once again”, *Doctorat Sauvage En Architecture*, 06.02.2020.

YURCHAK, Alexei, 2014, 2005. **C'était pour toujours jusqu'à ce qu'il ne soit plus. La dernière génération sovetique.**— édition en russe : 2014. *Это было навсегда, пока не кончилось. Последнее советское поколение*, NLO, Moscou (édition complète). – édition en anglais : 2005. **Everything Was Forever, Until It Was No More: The Last Soviet Generation.** Princeton University Press. Princeton, NJ, USA. 352 p.

7, 8 e 9 de outubro de 2021
Les 7, 8 et 9 Octobre 2021

www.colenarg.paginas.ufsc.br

**LES PILIERS DE L'ARGUMENTATION DANS LE DISCOURS
PAMPHLETAIRE : FORCE DES MOTS ET POUVOIR
D'INFLUENCE.**

Siham El Mir

Résumé : Le pamphlet s'est développé en France au XIXème siècle. Le pamphlétaire y développe une rhétorique outrancière pour dénoncer l'imposture, il n'est pas porteur d'une conviction modérée mais d'une évidence qui est de l'ordre de tout ou de rien. De ce fait, le pamphlet se trouve mal à l'aise dans les stratégies ordinaires du dire enthymématique, la vérité n'y est pas progressive mais elle éclate. Etant un genre doxologique et au-delà des moyens rationnelles et des démonstrations, le pamphlétaire peut faire figurer ce qu'on appelle les « marque des passions » pour inciter l'auditoire à agir et le faire sortir de son indifférence. On trouve généralement trois piliers dans l'argumentation pamphlétaire : le constat de la décadence, le mythe de l'âge d'or et le complot. En effet, l'argumentation quoique insuffisante, reste importante. A ce niveau, on remarque la situation paradoxale du pamphlétaire, il se trouve partagée entre évidence et argumentation, le pamphlétaire sait que argumenter c'est encore, d'une certaine manière, prendre en considération les thèses qu'il attaque et mettre en doute sa vérité évidente autrement dit, si la vérité est évidente, pourquoi y aurait-il besoin d'argumenter ? Le but de ce travail est donc d'étudier la stratégie spécifique d'argumentation du pamphlet et de comparer celle-ci dans les différents types de pamphlets (écologique, politique, littéraire). Pour ce faire, nous avons choisi de nous positionner dans l'approche de Ruth Amossy, plus précisément dans l'analyse argumentative qui se réclame à la fois de la rhétorique aristotélicienne et de l'analyse du discours. Nous allons donc de nous concentrer sur les éléments théoriques que l'auteure met en œuvre dans l'analyse argumentative, à savoir l'auditoire, l'orateur et son éthos, les choix lexicaux et le rôle du genre dans l'argumentation. En fait, la question du genre et de l'éthos du pamphlétaire occupe une place importante dans notre travail, ce sont des critères importants à prendre en compte pour étudier l'argumentation. Si les pamphlets ne se soustraient pas tous à des critères définitionnels comme la forme, la longueur, le statut de l'auteur, le thème..., ils se soustraient tous à un éthos commun et à une énonciation sous le signe

de l'agression. Quant aux stratégies argumentatives visent à imposer la position du pamphlétaire, elles sont liées à d'autres stratégies visant à discréditer l'adversaire. Le choix du cadre d'Amossy se justifie par son inscription dans un cadre linguistique qui offre les outils nécessaires pour appréhender l'argumentation à travers son fonctionnement discursif. Cette analyse sera menée à l'aide d'un logiciel de textométrie (statistique textuelle) appelé IRAMUTEQ qui permet de classer le lexique et de définir les thématiques du corpus. Il s'agit d'étudier la structure des co-occurrences des mots dans le corpus. L'étude porte en fait sur les choix lexicaux. Dans le pamphlet, le choix de certains lexèmes porte en soi une orientation argumentative, la sélection d'un mot est chargée d'un poids argumentatif et de sens dans la mesure où il fait partie d'un interdiscours. Au plan syntaxique, le pamphlétaire connote le raisonnement plus qu'il l'effectue. Ainsi, nous nous interrogerons sur le choix du lexique, sa disposition, le rôle des connecteurs, de l'implicite dont le rôle est significatif. L'étude de l'argumentation dans le discours ne consiste pas à répertorier tous les outils logiques mais à montrer les stratégies utilisées.

Mots-clés : Pamphlet ; Lexique ; Stratégie argumentative ; Évidence ; Analyse du Discours, IRAMUTEQ.

Bibliographie :

Amossy, R. (2002). « Nouvelle rhétorique et linguistique du discours », in Ruth Amossy et Roselyne Koren (éds.), **Après Perelman. Quelles politiques pour les nouvelles rhétoriques**, Paris : L'Harmattan, pp. 153–172.

Amossy, R. (2008). « Argumentation et analyse du discours. Perspectives théoriques et dé-coupages disciplinaires », **Argumentation et analyse du discours 1**, [En ligne] Consulté le 18 novembre 2014. URL : <https://journals.openedition.org/aad/200>.

Amossy, R. (2010). **La présentation de soi. Ethos et identité verbale**, Paris : Presses Universitaires de France.

Amossy, R. (2000, éd. 2012). **L'argumentation dans le discours**, Paris : Armand Colin.

Amossy, R. & Koren, R. (2009). « Rhétorique et argumentation : approches croisées », **Argumentation et analyse du discours 2**, [En ligne] Consulté le 18 novembre 2014. URL : <https://journals.openedition.org/aad/561>

Amossy, R. et Herschberg Pierrot, A. 2005 [1997]. **Stéréotypes et clichés. Langue, discours, société** (Paris : Colin)

Angenot, M. (1982), **La parole pamphlétaire. Typologie des discours modernes** (Paris : Payot)

Danblon, E. (dir.) ; Nicolas, L. (dir.). **Les rhétoriques de la conspiration. Nouvelle édition** [en ligne]. Paris : CNRS Éditions, 2010 (généralisé le 17 mai 2021). Disponible sur Internet : <<http://books.openedition.org/editions-cnrs/16202>>. ISBN : 9782271130068. DOI : <https://doi.org/10.4000/books.editions-cnrs.16202>.

Danblon, E. (2002). **Rhétorique et rationalité. Essai sur l'émergence de la critique et de la persuasion**, Bruxelles : Éditions de l'Université de Bruxelles.

Danblon, E. (2005). **La fonction persuasive. Anthropologie du discours rhétorique : Origines et actualité**, Paris : Armand Colin.

Ducrot, O. (éd. 1980). **Dire et ne pas dire, principes de sémantique linguistique**, Paris : Hermann.

Ducrot, O. (1984). **Le dire et le dit**, Paris : Minuit.

Gosselin, L. (2017). « Les modalités appréciatives et axiologiques. Sémantique des jugements de valeur », **Cahiers de lexicologie : Revue internationale de lexicologie et lexicographie** 111, pp. 97–119.

Maingueneau, D. (1999). « Ethos, scénographie, incorporation », in Ruth Amossy (dir.), **Images de soi dans le discours. La construction de l'éthos**, Lausanne-Paris : Delachaux et Niestlé, pp.75–102.

Maingueneau, D.. (2005). « L'analyse du discours et ses frontières », *Marges linguistiques* 9, pp. 64–75.

Maingueneau, D. (2007). « Genres de discours et modes de généricité », **Le français aujourd'hui** 4, pp. 29–35.

**ARGUMENTATION, ENONCIATION ET POSTURES
ENONCIATIVES DANS LE DISCOURS SUR LA FRANCISATION
DES PRENOMS**

Houda Landolsi

Résumé : Dans *Les Terriens du dimanche* sur la chaîne privée française C8 (émission du 16 septembre 2018), Thierry Ardisson reçoit Éric Zemmour qui fait la promotion de son nouveau livre *Destin français*. Interrogé sur sa réaction déplorant le choix de Rachida Dati de prénommer sa fille Zohra, Zemmour affirme regretter, encore et toujours, l'abolition de la loi imposant aux parents de donner à leur enfant un prénom du calendrier des saints. Hapsatou Sy, une chroniqueuse de l'émission, rappelle à l'invité qu'elle s'appelle précisément... Hapsatou, ce à quoi Zemmour répond : *vosre prénom [...] est une insulte à la france*. Cette confrontation suscite plusieurs réactions dans les médias, étant considérée comme susceptible de faire réapparaître le spectre du racisme, et comme une diffamation et une incitation à la division au sein de la communauté.

La confrontation ravive aussi (voire fait renaître) le débat sur la francisation des prénoms et l'a remis sur l'avant-scène. À quelques exceptions près, les séquences traitant de la question des prénoms sont en interaction directe avec ce que les médias ont baptisé le clash Zemmour/Sy et elles s'inscrivent dans le cadre de cette polémique.

Le débat sur les prénoms et sur leur éventuelle francisation révèle l'existence de trois courants idéologiques qui ne partagent pas la même représentation, ni de la société française, ni de l'identité nationale. Cette divergence se reflète dans l'argumentation en faveur/contre l'obligation de restaurer la loi concernant la francisation des prénoms. Les leaders et partisans du Rassemblement National prônent une assimilation des immigrés entre autres par le prénom ; une politique contestée par ceux qui soutiennent la liberté du choix, au nom des principes de la République, mais aussi en considération du multiculturalisme qui caractérise désormais la société française. Entre les uns et les autres, certains opteraient pour une double identité qui assure à l'enfant son intégration dans la société d'accueil, tout en lui permettant de garder ses particularités culturelles et familiales.

Le positionnement des invités et des journalistes par rapport à la polémique sur la francisation des prénoms passe, comme inévitablement, par un commentaire, plus ou moins long, sur les propos de Zemmour : on reformule ses dires, on les commente, on les réfute ou on les adopte intégralement ou partiellement. Les différentes formes de reformulation et de commentaires méta-discursifs, proposées par des journalistes et des invités, légitiment la question de la prise en charge des dires antérieurs sur la question de l'assimilation par le prénom (et donc sur celle des idées véhiculées par ces dires).

Qu'il soit pour ou contre, le locuteur/énonciateur qui revient sur la polémique a un point de vue. Comment le point de vue de ce locuteur/énonciateur peut-il être dégagé de la structure générale du discours et de sa structuration ? Comment se positionne-t-il par rapport au point de vue qu'il rapporte soit en exprimant explicitement son accord/désaccord, soit en essayant ou en feignant de le rapporter en toute objectivité ?

Cadre théorique et problématique

Notre étude s'inscrit dans la lignée des travaux inspirés de la Théorie de l'Argumentation proposée par Oswald Ducrot et Jean-Claude Anscombre. La théorie ducrotienne a été élaborée dans différentes perspectives (Roulet et l'École de Genève ; Nølke et la ScaPoLine,...). Dans l'objectif de montrer que la langue est intrinsèquement argumentative, Ducrot, Anscombre et certains chercheurs qui ont adopté la Théorie de l'argumentation dans la langue, se sont particulièrement intéressés à l'énonciation, aux énonciateurs et aux points de vue.

Ce travail prend appui sur les travaux sur l'énonciation produits dans l'espace francophone. Notre conception a été largement inspirée des travaux d'Alain Rabatel sur l'énonciation et les points de vue. Cette conception a la vertu d'être à la fois pragma-énonciative, discursive et textuelle. Outre qu'elle nous semble pourvue d'une solide cohérence interne, la théorie adoptée a aussi l'avantage d'être applicable sur le corpus et la problématique étudiée et susceptible d'être généralisée à différents genres de textes, écrits ou oraux.

Nous aurons recours aux notions développées par Rabatel, et notamment celles de points de vue et de postures énonciatives de co-, sous- et sur-énonciation.

Notre étude vise à montrer que, dans l'argumentation pour ou contre la politique d'assimilation par le prénom, trois positions énonciatives cohabitent

dans le débat : 1. la discordance discordante ou le total désaccord et la non prise en charge, 2. la discordance concordante ou l'accord factuel et la prise en charge sous la forme d'une sous-énonciation et 3. la concordance discordante ou le désaccord dans l'accord et la prise en charge sous la forme d'une sur-énonciation.

Corpus

L'étude fait partie d'un projet de recherche qui s'intéresse à l'intégration de la minorité arabo-musulmane en France. L'étude est basée sur un corpus composé de textes français oraux mis en ligne sur YouTube (et non pas enregistrés ou originellement diffusés) entre le 17 décembre 2010 et le 25 janvier 2020. Le corpus est composé de 950 textes et d'un nombre total de 455 745 mots.

Nous disposons de 24 séquences-vidéo qui portent explicitement et directement sur l'affaire Zemmour/Sy (soit d'un nombre total de mots de 10 264).

Mots-clés : Francisation des Prénoms ; Points de vue ; Postures Énonciatives.

Bibliographie :

Brugnara F., Falavigna D., Giuliani D., Gretter R., 2012, "Analysis of the characteristics of talk-show TV programs", **Interspeech**, pp. 1388-1391.

Coulmont B., Simon P., 2019, « Quels prénoms les immigrés donnent-ils à leurs enfants en France ? », **Population & Sociétés**, 565.

Ducrot O., 1984, **Le dire et le dit**, Paris, Minuit.

Fourquet J., 2019, **L'archipel français. Naissance d'une nation multiple et divisée**, Paris, Seuil.

Inkova O., éd., 2020, **Autour de la Reformulation**, Droz, Genève.

Landolsi H., Svensson M. et Norén C., éd., 2019, **La reformulation : à la recherche d'une frontière**, Uppsala, Acta Universitatis Upsaliensis.

Lhéroult M., 2006, « Les émissions politiques : réduction ou redéfinition de l'espace de communication télévisuelle ? », **Le Temps des médias**, 7, pp. 191-203.

COLÓQUIO INTERNACIONAL ENUNCIÇÃO E ARGUMENTAÇÃO COLLOQUE INTERNACIONAL ÉNONCIATION ET ARGUMENTATION

A Semântica Argumentativa em diálogo
La Sémantique Argumentative en dialogue

Nølke, H. (1994), **Linguistique modulaire : de la forme au sens**, Louvain – Paris, Peeters.

Norén C., 1999, **Reformulation et conversation – De la sémantique du topos aux fonctions interactionnelles**, Uppsala, Acta Universitatis Upsaliensis.

Pennec B., 2006, **La reformulation en anglais contemporain : indices linguistiques et constructions discursives**, Thèse de doctorat, Université Rennes 2.

Rabatel A., 2009, « Prise en charge et imputation, ou la prise en charge à responsabilité limitée... », **Langue française**, 162, pp. 71-87.

Rabatel A. 2012, « Positions, positionnements et postures de l'énonciateur », **Travaux Neuchâtelois de Linguistique**, 56, pp.23-42.

Rabatel A., 2017, **Pour une lecture linguistique et critique des médias. Empathie, éthique, point(s) de vue**, Limoges, Lambert-Lucas.

Roulet, E. (1987), « Complétude interactive et connecteurs reformulatifs », **Cahiers de Linguistique Française**, 8, p. 111-140.

Roulet, E. (2000), « Une approche modulaire de la complexité de l'organisation du discours », in : Nølke, H. & Adam, J.-M. (éds), **Approches modulaires : de la langue au discours**, Lausanne, Delachaux et Niestlé, p. 178-258.

7, 8 e 9 de outubro de 2021
Les 7, 8 et 9 Octobre 2021

www.colenarg.paginas.ufsc.br

**QUELQUES REMARQUES SUR LA DESCRIPTION DES TERMES
D'ÉVALUATION DANS LE CADRE DE LA TBS**

Tomonori Okubo

Résumé : la présente étude essaie de décrire ce que nous appelons les termes d'évaluation (positive et négative, tels que gentil/méchant, bon/mauvais, etc.) dans le cadre de la TBS. Pour ce faire, nous croyons que notre principale tâche est d'élucider un moyen théorique pour nous passer de recourir à la notion de gradualité, et de frayer la voie pour décrire convenablement le déséquilibre sémantique entre les termes positifs et négatifs ("pas gentil" est quasi synonyme de "méchant", mais ce n'est pas le cas pour "pas méchant" et "gentil").

Mots-clés : Théorie des Blocs Sémantiques ; Termes d'évaluation ; Gradualité .

**INTERPRETATION DE TEXTES PUBLICITAIRES CONTENANT
L'IMPLICITE DANS LE CADRE DE LA THEORIE DES BLOCS
SEMANTIQUES (TBS)**

Mihui Hong

Résumé : Il est devenu ordinaire de rencontrer des publicités à travers divers médias tels que la presse écrite, la télévision et l'internet. Maintenant que la publicité fait partie intégrante de la vie quotidienne de chacun, une question peut se poser : comment arrivons-nous à nous mettre dans le processus de l'interprétation ainsi qu'à comprendre le texte publicitaire malgré la possibilité de différentes interprétations individuelles ? Interprétations variantes d'un individu à l'autre due à la différence de personnalité, statut social, culture, éducation, etc.

Considérée comme discours persuasif dans la plupart des cas, les textes publicitaires ont été étudiés, entre autres, à travers un point de vue greffant la pragmatique sur la rhétorique : selon ce point de vue, la publicité informe/décrit des produits (ou services) à promouvoir pour conduire à l'action d'acheter. Cependant, à nos yeux, il faudrait prendre en compte des associations linguistiques des mots utilisés pour l'interprétation de texte publicitaire sans considérer des facteurs externes comme des états mentaux, des idées personnelles ou des croyances sociales. Ainsi, une étude de la publicité au niveau linguistique, dans la perspective de la sémantique argumentative, semble nécessaire.

Dans les textes publicitaires, plusieurs techniques linguistiques sont utilisées pour attirer l'attention du lecteur. Parmi celle-ci, l'implicite nécessite le processus d'interprétation et c'est pourquoi dans ce travail, nous traiterons plus particulièrement de l'implicite dans les textes publicitaires.

Pour répondre à notre problématique initiale, ce travail a pour but de décrire les relations sémantiques entre ce qui est explicitement dit et ce qui est implicitement communiqué dans la publicité française, en utilisant la Théorie des Blocs Sémantiques (TBS). La TBS a été proposée par Marion Carel (1992), et constitue un prolongement de l'Argumentation Dans la Langue (ADL) d'Anscombe et Ducrot (Anscombe & Ducrot, 1976; Carel, 2017). En effet, la TBS est un outil purement linguistique pour la sémantique argumentative,

permettant de prévoir le sens des énoncés par la signification des mots. Dans ce cadre théorique, selon laquelle tout énoncé n'est ni informatif ni descriptif mais « argumentatif » (Carel, 2017), nous supposons que le langage publicitaire consiste fondamentalement à argumenter, et non simplement à informer et à décrire des produits à promouvoir. Sous cet angle, il semble que les mots utilisés, par leur nature argumentative, peuvent fournir en eux-mêmes un cadre pour l'interprétation (Carel, 2019) ; ce point pourrait permettre d'expliquer pourquoi certains textes publicitaires implicites, pouvant potentiellement être interprétés différemment selon les lecteurs, sont finalement compris de manière similaire.

Afin d'atteindre le but proposé dans ce travail, une analyse de textes publicitaires contenant de l'implicite est réalisée au moyen de la TBS. Le corpus est constitué de publicités apparaissant dans différents magazines majeurs d'actualité hebdomadaires de la presse écrite française sur une période déterminée allant de

2017 jusqu'à 2020. Ce travail pourrait permettre de renforcer l'idée que grâce à la signification des mots, le lecteur peut interpréter des textes publicitaires implicites, et non pas nécessairement grâce à des facteurs extralinguistiques tels que ses croyances sociales (Carel, 2019). Par ailleurs, en proposant un autre point de vue pour l'analyse des textes publicitaires implicites, autre que les perspectives rhétorique et pragmatique, on pourrait constater que la TBS est une théorie applicable non seulement dans le domaine des textes littéraires, mais aussi dans le domaine de la communication publicitaire.

Mots-clés : Théorie des Blocs Sémantiques (TBS) ; Argumentation ; Textes publicitaires ; Implicite ; Interprétation.

Bibliographie :

Anscombre, J.-C., & Ducrot, O. (1976). L'argumentation dans la langue. *Langages*, 10(42), 5-27. <https://doi.org/10.3406/lgge.1976.2306>

Carel, M. (1992). **Vers une formalisation de la théorie de « l'argumentation dans la langue »**. Thèse de doctorat, Paris (EHESS).

Carel, M. (2017). Significação e argumentação. *Signo*, 42(73), 02.

<https://doi.org/10.17058/signo.v42i73.8579>



COLÓQUIO INTERNACIONAL ENUNCIÇÃO E ARGUMENTAÇÃO
COLLOQUE INTERNACIONAL ÉNONCIATION ET ARGUMENTATION

A Semântica Argumentativa em diálogo
La Sémantique Argumentative en dialogue

Carel, M. (2019). Interprétation et décodage argumentatifs. **Signo**, 44(80), 02-15. <https://doi.org/10.17058/signo.v44i80.13661>.



7, 8 e 9 de outubro de 2021
Les 7, 8 et 9 Octobre 2021

www.colenarg.paginas.ufsc.br

ÉNONCIATION OU CONTENU ? LE CAS DE L'IRONIE

Saori Nishiwaki

Résumé : Nous nous intéressons à l'évolution de la notion d'ironie à l'intérieur d'une sémantique argumentative. Il y sera question de deux théories complémentaires, la Théorie des Blocs Sémantiques (TBS) et la Théorie Argumentative de la Polyphonie (TAP). Issue de la théorie de l'Argumentation Dans la Langue (Anscombe & Ducrot 1983), la TBS (Carel 1992, 2011a) s'occupe des questions sur la structure interne du « contenu », qui est de nature argumentative. La TAP (Carel & Ducrot 2009, Lescano 2009, Carel 2011a) s'inscrit, quant à elle, dans le cheminement initié par la théorie de la polyphonie (Ducrot 1984) ; son domaine d'étude est l'« énonciation », à savoir la mise en discours du contenu argumentatif. L'ironie a beaucoup été étudiée en France depuis ces quatre décennies. L'approche dominante est énonciative. Ducrot l'a intégrée, d'abord dans le cadre de la théorie de la polyphonie, puis celui de la TAP (Ducrot 2010). Selon l'auteur, le locuteur ironique expose son propre point de vue à travers son énoncé, et pourtant ce contenu ne saurait être développé dans le discours ultérieur. Il tente ainsi de rendre compte du fait que le locuteur ironique est en train d'énoncer ce qu'il ne pense pas. En termes de TAP, le mode énonciatif du contenu ironique est « conçu », sa fonction textuelle est l'« exclusion ». Carel se propose, pour sa part, de décrire la nature du contenu ironique sous l'angle de la TBS, de manière à compléter l'analyse énonciative ducrotienne (Carel 2011b). Selon l'auteure, l'ironie (*j'adore cette pluie effroyablement forte*) est un cas où un même objet (la pluie) est décrit linguistiquement deux fois (*cette pluie est effroyablement forte* et *j'adore cette pluie*), de deux manières contradictoires. Cette contradiction se produit entre une description de l'objet en tant qu'objet singulier (*cette pluie est effroyablement forte*) et une classification de l'objet dans un groupe plus général (*cette pluie appartient aux temps agréables que l'on adore*). Dans les termes de la

TBS, la contradiction a lieu entre l'enchaînement argumentatif *cette pluie est effroyablement forte donc je l'adore* et le schéma TEMPS AGREABLE DONC CONTENTEMENT dont il est supposé relever. On parle de « décalage absurde ». Mais peut-on dire avec cohérence que le contenu ironique est toujours exclu ? Bien que le locuteur ne croie pas en ce qu'il dit, la parole non-sérieuse ne peut-

elle pas elle aussi attirer une réponse ? De même, pourquoi le contenu ironique serait-il nécessairement conçu ? Serait-il impossible de le présenter avec une locution qui dissimule le point de vue du locuteur, telle que *sans doute* ou *il paraît que* ? Accentuant l'idée de Carel, notre thèse consistera à dire que l'ironie doit être définie seulement par la nature du contenu, par le décalage absurde ; l'attitude psychologique du locuteur ironique vis-à-vis de son contenu n'impose en fait aucun contrainte sur la nature de l'énonciation, saisissable grâce à la fonction textuelle et au mode énonciatif. Dans cette perspective, l'ironie n'est plus un phénomène d'énonciation mais de contenu, puisque son trait définitoire ne relève pas du domaine de la TAP, dérivée de la théorie de la polyphonie, mais de celui de la TBS, lignée de la théorie de l'Argumentation Dans la Langue. La particularité de l'ironie n'est pas dans « le dire » ; elle est dans « le dit ».

Mots-clés : Énonciation ; Contenu ; Ironie.

Bibliographie :

Anscombre J.-C., Ducrot O. (1983). **L'Argumentation dans la langue**. Bruxelles : Mardaga.

Carel M. (1992). **Vers une formalisation de la théorie de "l'argumentation dans la langue"**. Thèse de doctorat, École des hautes études en sciences sociales, Paris.

Carel M. (2011a). **L'entrelacement argumentatif. Lexique, discours et blocs sémantiques**. Paris : H. Champion.

Carel M., Ducrot O. (2009). Mise au point sur la polyphonie. **Langue Française** 164, 33-44.

Carel M. (2011b). Ironie, paradoxe et humour. In : M. D. Vivero García (éd.), **Humour et crises sociales**. Paris : L'Harmattan, 57-74.

Ducrot O. (1984). **Le dire et le dit**. Paris : Minuit.

Ducrot O. (2010). Ironie et négation. In : V. Atayan, U. Wiene (éds), **Ironie et un peu plus – Hommage à Oswald Ducrot pour son 80ème anniversaire**. Berne : Peter Lang,

169-179.

Lescano A. (2009). Pour une étude du ton. **Langue Française** 164, 45-60.

Ironie comme action, ironie comme parole. Mettre à l'épreuve la description énonciative de l'ironie

Emiliano Cavaliere

Résumé : En s'inscrivant dans la ligne interprétative du phénomène de l'ironie verbale développée entre les années 1980 et nos jours notamment par Oswald Ducrot et Marion Carel, cette intervention propose de revenir sur la définition de l'ironie comme polyphonie énonciative élaborée par Ducrot (2010) et approuvée par Carel (2011), essayant d'en vérifier l'efficacité dans l'analyse d'un cas d'ironie stendhalienne tirée de *Le Rouge et le Noir*.

Suivant cette perspective, se plaçant dans la ligne de pensée qui rassemble aussi les contributions de Dan Sperber et Deirdre Wilson et de Alain Berrendonner, l'énoncé ironique est descriptible comme apparaissant sous le mode de présentation du « conçu » ; en outre, le contenu de l'énoncé n'est pas pris en charge par la suite du discours, il est manifestement « exclu ». Cette lecture avait déjà été mise en cause par l'étude de Saori Nishiwaki (2016), qui signalait que l'exclusion du contenu absurde ne se vérifie pas toujours, mais est soumise à une gradation ; elle suggérerait donc de dépasser la description énonciative de l'ironie, se concentrant exclusivement sur ses caractéristiques argumentatives fondées sur le décalage absurde.

Je propose en revanche, de ma part, de ne pas mettre de côté la description énonciative, qui reste à mon avis essentielle pour comprendre le phénomène de l'ironie verbale, ou du moins l'ironie stendhalienne, sur laquelle nous allons nous pencher. A mes yeux, la perspective de Ducrot doit plutôt être étendue et développée qu'abandonnée ; ce que j'essaie de faire appliquant à l'ironie la distinction entre « parole attribuée » et « parole heureuse » que Marion Carel et Dinah Ribard ont mise au point au cours de dernières années à partir de la discussion de la théorie des actes illocutoires d'Austin. Nous constaterons que les exemples ironiques du *Rouge* peuvent bien être décrits et distingués sur la base de leur énonciation : l'ironiste (simple locuteur ou aussi sujet parlant qu'il soit) choisit de s'attribuer son énonciation – faisant ainsi une action dans la langue, c'est-à-dire faisant ce que l'on fait par ce type de discours – ou de ne pas le faire – dans ce cas, son propos reste un jeu à l'intérieur de la pratique langagière.

On arrivera à discerner ainsi une ironie comme action et une ironie comme parole, l'une se caractérisant par l'exclusion immédiate du contenu absurde, l'autre présentant des traits beaucoup plus ambigus et à plusieurs égards oscillants (l'exclusion du contenu absurde ne se vérifie pas ; le mode de présentation est parfois douteux).

Mots-clés : Ironie ; Énonciation ; Polyphonie ; Parole attribuée ; Parole heureuse.

Bibliographie :

Austin, J.L. (1962/1970): **Quand dire, c'est faire**. Paris (Seuil).

Berrendonner, A. (1982): **Éléments de pragmatique linguistique**. Paris (Minuit).

Berrendonner, A. (2002): Portrait de l'énonciateur en faux naïf. **Semen** [En ligne], 15, mis en ligne le 01 février 2007, consulté le 17 septembre 2020. URL: <http://semen.revues.org/2400>.

Carel, M. (2011): Ironie, paradoxe et humour. In: **Humour et crises sociales**. Paris (L'Harmattan), 57-74.

Carel, M. et Ribard, D. (2016): Témoigner en poésie: Le cas de Marc de Larréguy. **Poétique**, 179(1), 39-55.

Carel, M. et Ribard, D. (2019): L'acte de témoigner. **Antares: Letras e Humanidades**, v. 11, n°23, 2019, 3-23.

Carel, M. et Ribard, D. (2021, à paraître): " Gestes et actions avec les mots ". **Linguistique de l'écrit**, vol. 2.

Ducrot, O. (1984): **Le dire et le dit**, Paris (Minuit).

Ducrot, O. (2010): Ironie et négation. In **Ironie et un peu plus – Hommage à Oswald Ducrot pour son 80ème anniversaire**. Berne (Peter Lang), 169-179.

Nishiwaki, S. (2016): **Ironie et argumentation: l'exemple de la campagne présidentielle de 2012**, Thèse de Doctorat, EHESS.

Siminiciuc, E. (2015): **L'ironie dans la presse satirique. Etude sémantico-pragmatique**. Pieterlen (Peter Lang).



COLÓQUIO INTERNACIONAL ENUNCIÇÃO E ARGUMENTAÇÃO
COLLOQUE INTERNACIONAL ÉNONCIATION ET ARGUMENTATION

A Semântica Argumentativa em diálogo
La Sémantique Argumentative en dialogue

Starobinski, J. (1966): La Rochefoucauld et les morales substitutives (I et II).
NRF, n° 163 et 164.

Sperber, D. et Wilson, D. (1978). Les ironies comme mentions. **Poétique**,
n°36, 399-412.

Stendhal, (1830/2013): **Le Rouge et le Noir**. Paris (Flammarion).



7, 8 e 9 de outubro de 2021
Les 7, 8 et 9 Octobre 2021

www.colenarg.paginas.ufsc.br

**L'OPPOSITION AXIOLOGIQUE EN SÉMANTIQUE : LE CAS DE
PRUDENT VS. TIMORE**

Anouch Bourmayan

Résumé : Cette communication entend explorer la sémantique des paires minimales du type prudent vs. Timoré, courageux vs. Téméraire, économe vs. Avare, tolérant vs. laxiste... D'où vient l'apparente opposition axiologique entre les deux termes ? Est-elle à situer dans le contenu ? Est-elle à mettre au compte du versant énonciatif ? Différentes analyses ont été proposées en sémantique argumentative comme dans les approches vériconditionnelles. À partir des enchaînements autorisés par ces termes avec les marqueurs discursifs même et mais, nous défendrons ici une analyse de nature présuppositionnelle selon laquelle seule la dimension évaluative négative du second terme de chaque paire est lexicalisée, non la dimension positive du premier terme.

MAXIMES CONVERSATIONNELLES DE GRICE DANS LES DEBATS EN FRANÇAIS ET EN VIETNAMIEN

Thi Thu Trang Do

Résumé : Si les interactions verbales se voient accorder une place grandissante dans les recherches linguistiques actuelles, force est de constater que ce domaine est relativement peu développé en linguistique vietnamienne. On peut citer, parmi les rares travaux sur cette thématique, ceux de Ngo (2011) et de Tran (2002) sur l'argumentation. Alors que le premier prend majoritairement appui sur des corpus écrits, les données orales étant issues de courts discours politiques, le second tente de montrer à partir d'un débat politique en français et un autre en vietnamien que les interlocuteurs français et vietnamiens ne se comportent pas de la même manière quant à l'application des maximes conversationnelles. En effet, alors que les débatteurs français se reprochent réciproquement de ne pas respecter le principe de coopération et les maximes conversationnelles, les interlocuteurs vietnamiens respectent rigoureusement ces règles, la seule violation de celles-ci au cours du débat étant observée lorsque le débatteur fournit plus d'informations qu'il n'en est requis.

Dans le cadre de cette communication, nous nous proposons d'examiner la manière dont les maximes conversationnelles de Grice sont exploitées et violées dans les débats en français et en vietnamien. L'approche ici adoptée se veut comparative et contrastive. Dans la lignée des réflexions menées par Tran (2002), il nous semble pertinent de vérifier si les conclusions de cet auteur peuvent être étendues à d'autres types de débats et dans quelles mesures elles sont susceptibles d'être réévaluées.

Nous avons construit à cet effet un corpus d'une durée totale de 418 minutes, comprenant huit débats radiophoniques en français et huit débats télévisés en vietnamien sur les différents phénomènes de la société actuelle comme la réforme du marché du travail, la hausse des tarifs des transports en commun à Orléans, les nouveaux riches au Vietnam, la proposition de remplacer la fête du nouvel an lunaire par celle du calendrier solaire, etc.

Comme le contexte socio-politique, le rôle des médias, la culture et les conventions de discussion sont différents d'un pays à l'autre, les thèmes

abordés ne sont pas en parfaite correspondance les uns avec les autres. Il n'en reste pas moins que nous pouvons, par la confrontation des deux langues, faire ressortir quelques convergences et divergences d'ordre interactionnel en nous appuyant sur la théorie de Grice (1975). Plus précisément, nous essayerons de vérifier les hypothèses suivantes :

- i. Les maximes conversationnelles sont souvent violées tant en français qu'en vietnamien.
- ii. Concernant la maxime de quantité, les locuteurs français ont tendance à donner plus d'informations qu'il n'en est requis.
- iii. Quant à la maxime de qualité, les Vietnamiens affirment souvent des propos sans fournir de preuves et en attribuant une valeur généralisante à leur jugement.
- iv. La maxime de relation est plus souvent respectée par les locuteurs vietnamiens que les Français.
- v. En ce qui concerne la maxime de manière, les Vietnamiens ont tendance à tourner autour du pot.

À titre illustratif, voici un exemple de la propension à “généraliser” chez les locuteurs vietnamiens. Certes, le fait d'offrir des cadeaux à la fête du Têt est très fréquent au Vietnam mais cela ne veut pas dire que toute la société le pratique.

1. Tết nhất dường như đã trở thành một cơ hội để toàn xã hội bước vào hoạt động biểu xén, một dịp để bày tỏ tấm lòng của cấp dưới với cấp trên. Với những người làm ăn buôn bán thì đây là một dịp để họ thắt chặt mối quan hệ.

“Le Têt semble être devenu une occasion pour toute la société de se lancer dans l'activité de don, une occasion d'exprimer le cœur des subordonnés aux supérieurs. Pour les hommes d'affaires, c'est l'occasion de resserrer leurs relations.”

La tendance “généralisante” se manifeste ici par l'usage de formes linguistiques à valeur générique. Il s'agit d'un type d'effacement énonciatif au sens de Vion (2001). Nous examinerons les moyens linguistiques à l'œuvre dans ces stratégies communicatives et argumentatives et tenterons de rendre compte des ressemblances et différences observées entre les deux langues, lesquelles pourraient relever d'ordres culturel et/ou relationnel.



COLÓQUIO INTERNACIONAL ENUNCIÇÃO E ARGUMENTAÇÃO COLLOQUE INTERNACIONAL ÉNONCIATION ET ARGUMENTATION

A Semântica Argumentativa em diálogo
La Sémantique Argumentative en dialogue

Mots-clés : Maximes Conversationnelles ; Débats ; Recherche Contrastive
Français - Vietnamien.

Bibliographie :

Grice, H. P. [1975], « Logic and conversation », in **Speech acts**, pp. 41-58, Brill.

Ngo, T. T. H. [2011], **Argumentation et didactique du français langue étrangère pour un public vietnamien**, Thèse de doctorat, Université Lumière Lyon 2.

Tran, T. H. [2002], **La réfutation en français et en vietnamien**, Thèse de doctorat, Université de Rouen.

Vion R. [2001], « 'Effacement énonciatif' et stratégies discursives », in **De la syntaxe à la narratologie énonciative**, De Mattia, Monique et Joly, André (éds), pp. 331-354, Ophrys, Gap, Paris.



7, 8 e 9 de outubro de 2021
Les 7, 8 et 9 Octobre 2021

www.colenarg.paginas.ufsc.br

La TBS et le paradoxe en tant que phénomène textuel

Giorgio Christopulos

Résumé : L'objectif de ce travail est de revenir sur la notion de paradoxe. Afin d'y parvenir, nous rappellerons tout d'abord quelles ont été jusqu'aujourd'hui les descriptions traditionnelles de ce phénomène. Ensuite, nous montrerons sur un exemple – la première strophe du poème de Victor Hugo *L'Expiation* – quelles sont les conséquences textuelles qu'un paradoxe produit. Enfin, nous expliquerons comment, à l'intérieur de ce poème, la présence du paradoxe implique aussi pour le lecteur l'instruction d'aller chercher dans le reste du texte les éléments qui lui permettront de déparadoxaliser le paradoxe et, par-là, d'atteindre une compréhension globale qui, elle, devra nécessairement passer par le sens doxal. Nous concluons donc en observant principalement deux choses. La première, c'est que ce même procédé est aussi un formidable facteur de cohésion, c'est-à-dire une manière fine de regrouper des morceaux textuels autrement éparés – même des éléments à l'apparence anecdotiques ou banalement descriptifs révèlent avoir, dans le cadre de cet important procédé cohésif, un rôle herméneutique fondamental. La deuxième, c'est que le procédé de déparadoxalisation est une étape nécessaire du parcours de compréhension car, comme on verra dans le détail, il n'y a point de compréhension en dehors du sens doxal. Ces observations nous conduiront enfin vers une nouvelle et plus complexe compréhension du paradoxe en tant que forme linguistique. Compréhension qui nous obligera à reconsidérer – et finalement à réfuter – une idée classique, traditionnellement liée à la notion de paradoxe : celle de son pouvoir de subversion. Le paradoxe sera décrit alors non pas comme s'opposant à la doxa, mais en tant que prolongation de celle-ci.

Mots-clés: Paradoxe ; TBS ; Hugo ; Cohésion Textuelle ; Linguistique du Texte.

Bibliographie:

Alexandrescu, V. (1997). **Le paradoxe chez Blaise Pascal**. Bern : Peter Lang.



COLÓQUIO INTERNACIONAL ENUNCIÇÃO E ARGUMENTAÇÃO
COLLOQUE INTERNACIONAL ÉNONCIATION ET ARGUMENTATION

A Semântica Argumentativa em diálogo
La Sémantique Argumentative en dialogue

Carel, M. et Ducrot, O. (1999). Le problème du paradoxe dans une sémantique argumentative. **Langue française**, 123, 6-26.

Carel, M. (1992). **Vers une formalisation de la théorie de l'argumentation dans la langue**. Thèse de doctorat de L'École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris.

Carel, M. (2011). **L'Entrelacement argumentatif. Lexique, discours et blocs sémantiques**. Paris : Honoré Champion.

Carel, M. (2018). **Présupposition et organisation du sens**, dans Biglari, A. et Bonhomme, M. (éds), **La Présupposition entre théorisation et mise en discours**. Paris : Classiques Garnier, 263-287.

Corminboeuf, G. (2015). Le paradoxe comme stratégie raisonnable. **Pratiques** [En ligne], 165-166.

Rastier, F. (1996). Chamfort : le sens du paradoxe, dans : Landheer, R. et Smith, P. J. (éds), **Le Paradoxe en linguistique et en littérature**. Genève : Droz, 117-147.



7, 8 e 9 de outubro de 2021
Les 7, 8 et 9 Octobre 2021

www.colenarg.paginas.ufsc.br

**VERS L'ACTE HISTORIQUE DE PARLER. LE CAS DE LAPHRASE
CHEZ BENVENISTE**

Ernesto Feuerhake

Résumé : Il s'agira pour nous d'examiner la proposition d'introduction, par Benveniste, du concept de « phrase » dans la science linguistique (« les niveaux de l'analyse linguistique », 1962). Cette proposition suppose un appareil méthodologique engageant les notions de « sens » et de « forme », faisant à chaque fois la dynamique propre d'un « niveau » d'analyse - ainsi que les passages de l'un à l'autre -, selon une logique des tous et des parties. Nous nous demanderons pourquoi la phrase nécessite que soit rompue la continuité de l'analyse, entraînant une équivocité du concept de « sens » qui prépare l'opposition célèbre du sémantique et du sémiotique.

**ESCAMOTER POUR DISQUALIFIER: LES POINTS DE
SUSPENSION EN TANT QUE RESSORT ARGUMENTATIF DANS
LES COMMENTAIRES EN LIGNE AU SUJET DES MIGRANTS**

Anabelle Seoane

Angeliki Monnier

Résumé : Nous nous proposons d'aborder les utilisations des points de suspension comme pratiques énonciatives et communicationnelles créant un effet de balancement entre le non-totalement-dit et l'inféré. Les points de suspension, omniprésents dans les réseaux sociaux, signalent une pause, une mise sous silence temporaire ou définitive. Ils sont des indices d'une tension entre dit et non-dit. Notre perspective est celle de l'analyse du discours dite à *la française*, dans laquelle la matérialité langagière se joue dans la jonction entre énonciation et contextualisation.

A partir d'un corpus de commentaires collectés sur Twitter pendant le 1er confinement en France, nous avons croisé la question du (des) discours sur les migrants et la problématique sanitaire, toute nouvelle alors, de la Covid. Corpus, constitué à l'aide Google Twitter Archiver, comporte 2739 tweets comprenant l'hashtag "migrants" recueillis pendant les deux mois du confinement de mars 2020.

Après avoir décrit et typologisé les emplois des points de suspension dans ce corpus spécifique, nous montrerons que ce sont des micro-dispositifs dialogiques et qu'ils permettent à cet égard de suspendre ou au contraire de distendre le message. Nous nous intéresserons en particulier à la relation triangulaire *locuteur haineux / lecteur-internaute co-haineux / tiers haï* qui se construit ici en partie sur cet escamotage apparent du dire, là même où s'accomplit un acte de langage de disqualification. Il s'agit d'impliciter du contenu pour axiologiser, voire idéologiser le discours.

Articulant énonciation et dynamique argumentative, les trois points agissent alors en signaux de métadiscursivité et de connivence, dans la mesure où ils déclenchent une dynamique interprétative de la part du lecteur-internaute. Ils sémiotisent le seuil du dicible, le seuil de la légalité du dire mais également le seuil d'entrée en connivence. Le discours de haine, latent, s'instaure aussi

au creux de cette entente tacite. Décider de faire silence à l'écrit induit donc ici de faire sens, autrement que par du verbal.

Extrait du corpus

« Donc il ne faut pas faire de lien entre les nombreux problèmes signalés à #Calais, et le non #confinement des #migrants auteurs de ces dégradations et délits, "au regard de leur titre de séjour"! C'est plutôt le contraire non, leur situation d'#immigrés semble les protéger! @LCP RT @postier12: C'est quand même extraordinaire ça ..on confine les françaismais on laisse se balader des gens qui envahissent ce pays ...on les nourrit ,on leur donne de l'argent ,on les soigne..mais pas de confinement ...c'est irréaliste ça non ? Sont fous ou quoi ? » (@[TribunDANTON](#), 09/05/2020 21:29, 1245 followers, n°41).

Mots-clés : Discours haineux, Points de suspension ; Connivence.

Bibliographie indicative :

Authier-Revuz, J. (1984) : « Hétérogénéité(s) énonciative(s) », **Langages**, n°73, p. 98-111.

Dahlet, V. (1998) : « La ponctuation et les reprises de l'indicible », **Linx**, n° 10, p. 21-29.

Ducrot, O. (1984) : **Le dire et le dit**, Paris, Minuit.

KERBRAT-ORECCHIONI Catherine (1986) : **L'implicite**, Paris, Armand-Colin.

LALA Marie-Christine (2002) : « L'ajout entre forme et figure : point de suspension et topographie de l'écrit littéraire au XXe siècle », *in* J. Authier-Revuz et M.-Ch. Lala (éds.), **Figures d'ajout : phrase, texte, écriture**, Paris, Presses de la Sorbonne nouvelle, p. 185-193.

LE BOZEC Yves (2004) : « Trois points de suspension... », **L'Information Grammaticale**, n° 103, p. 3-6.

L'HEUILLET Hélène, **Tu haïras ton prochain comme toi-même**, Paris, Albin Michel, 2017.

PAVEAU Marie-Anne (2011) : **Quelles données entre l'esprit et le discours ? Du préconstruit au prédiscours. L'analyse du discours. Notions et problèmes**, Paris, Éditions Sahar.



COLÓQUIO INTERNACIONAL ENUNCIÇÃO E ARGUMENTAÇÃO
COLLOQUE INTERNACIONAL ÉNONCIATION ET ARGUMENTATION

A Semântica Argumentativa em diálogo
La Sémantique Argumentative en dialogue

RAULT Julien (2015) : « Des paroles rapportées au discours endophasique.
Point de suspension : latence et réflexivité », **Littératures**, n° 72, p. 67-83.



7, 8 e 9 de outubro de 2021
Les 7, 8 et 9 Octobre 2021

www.colenarg.paginas.ufsc.br

STRUCTURES ARGUMENTATIVES AUX CROISEMENTS DE DISCOURS

Csüry István

Résumé : S'inscrivant dans le cadre de l'axe « *Structures argumentatives et énonciatives des textes et des interactions* » du colloque (ainsi que, dans une certaine mesure, dans celui de l'axe « *Marques argumentatives et énonciatives* »), la communication proposée a pour objectif d'apporter des éléments de réflexion à l'étude de l'argumentation en tant que facteur de cohérence. Plus particulièrement, elle vise à dresser un aperçu synthétique des prérequis de l'exploration de corpus en vue d'une approche quantitative de cette problématique.

Les entités appelées *mots du discours* et *connecteurs* sont des objets d'étude privilégiés dans les travaux d'Anscombe et Ducrot et ceux qu'ils ont inspirés, et elles n'ont cessé de bénéficier de l'attention soutenue de chercheurs d'horizons différents. Malgré la différence des approches, des classements et des terminologies, il est clair que les facteurs de sens non explicites, la cohérence et l'interaction sont décisifs pour comprendre leur fonctionnement. Or, il semble bien que la cohérence soit là une notion clé pour des raisons théoriques aussi bien que descriptives.

Quoiqu'elle soit une catégorie centrale dans les études du texte/discours, la *cohérence* n'est pas une notion univoque, même s'il y a une tendance marquée à la distinguer des notions soeurs de *connexité* et de *cohésion* en fondant sa définition sur le jugement du sujet interprétant. Néanmoins, son domaine se confond le plus souvent avec celui de la cohésion dans la mesure où, sous l'étiquette de cohérence, on traite de phénomènes textuels/discursifs précodés (dont les « connecteurs » ou « marqueurs de discours ») dont l'emploi relève beaucoup moins de l'interprétation de l'allocutaire que de l'intention du locuteur. Dans notre conception – par conséquence logique, et en vertu d'une économie scientifique –, il convient au contraire d'écarter tout ce qui, dans la structure verbale, assure la « bonne formation » textuelle/discursive, appartenant aux catégories de la connexité et de la cohésion et de ne pas considérer donc la cohérence comme propriété immanente des

textes/discours⁶. Nous la définissons en tant que la relation d'un texte/discours avec son (ses) interprétation(s) et avec la (les) conclusion(s) qui est (sont) tirée(s) à partir de celle(s)-ci. C'est à la lumière de ces relations qu'il est possible d'identifier les faits de discours (les indices langagiers relevés par les sujets interprétants en tant que marques de cohérence) qui jouent un rôle particulier dans l'élaboration du jugement de cohérence, qui s'établit nécessairement à l'issue du traitement des données véhiculées par le texte/discours. Les marques de cohérence ainsi identifiées peuvent aussi appartenir à la catégorie des « connecteurs » ou des « marqueurs de discours », conformément à une tradition bien établie, sans toutefois y être limitées.

Une telle approche est par excellence empirique et suppose l'analyse de corpus bien adaptés à ses visées. En effet, ce type de corpus doit être constitué d'ensembles de discours « de fond », interprétés, accompagnés de discours interprétants (aussi variés que possible, pouvant parfois présenter des divergences sensibles).

Il s'agit de discours indépendamment réalisés aussi bien que co-construits par des interlocuteurs dans les cadres d'échanges de nature conversationnelle. Dans la communication proposée, nous allons donc examiner les principes à observer pour la mise au point d'une méthodologie de *corpus corrélés* pour l'analyse de la cohérence.

L'exploitation de corpus corrélés suppose une annotation complexe à plusieurs niveaux, à réaliser dans l'optique de l'interaction entre discours interprété et discours interprétant. A part l'identification des unités et des propriétés lexico-grammaticales, il est nécessaire d'y repérer :

- les expressions référentielles et les chaînes de coréférence, compte tenu des modifications éventuelles du référent au fil du discours,
- les unités discursives et
- les relations entre ces unités, c'est-à-dire :
 - les instances de l'encadrement du discours et les relations hiérarchiques, ainsi que

6 Corollairement, force serait d'admettre qu'il n'existe pas de texte/discours a priori incohérent, problème hors de notre propos actuel.

- les relations de discours de nature argumentative (ou les « relations de cohérence »).

Un problème d'annotation à part est constitué par les contenus non explicités éventuellement mis au jour dans le discours interprétant, tout comme par les éventuelles séquences auto-interprétatives du même discours. Bien entendu, la multimodalité de la communication ne doit pas être laissée hors de considération : il convient d'envisager, pour les corpus oraux/multimodaux, une annotation phonétique (prosodique) et kinésique-gestuelle qui entrent dans le système relationnel qui vient d'être esquissé.

Nous entendons présenter cette problématique à travers l'exemple de fragments de corpus corrélés, tout en nous interrogeant sur l'adaptabilité des moyens de gestion et d'annotation de corpus existants. En même temps, les conséquences de la diversité des théories du discours devront être évoquées.

Au terme de la communication, il sera démontré comment – et combien – l'objet d'étude ainsi constitué permet l'identification des choix d'interprétants pour établir la cohérence d'un texte/discours, celle des relations argumentatives à différent niveaux (au sens pragmatique aussi bien que rhétorique), ainsi que celle de l'interrelation des argumentations dans l'interaction discursive.

Mots-clés : Cohérence ; Argumentation ; Annotation de Corpus ; Connecteurs ; Marqueurs de discours.

Bibliographie :

Abuczki, Á., Ghazaleh E.B. 2013. An overview of multimodal corpora, annotation tools, and schemes. **Argumentum**, 9: 86–98.

Asher, N. 1993. **Reference to Abstract Objects in Discourse**. Dordrecht: Springer.

Charolles, M. 1997. L'encadrement du discours. Monographie Cahier de Recherche Linguistique, **Landisco, Ura-Cnrs** 1035 Université Nancy 2, n 6., pp.173.

Csúry, I. 2017. A zabolátlan koherencia (= *La cohérence indomptable*). In: Dobi, E., Andor, J. (éds.) **Esettanulmányok a szövegkoherenciáról** (= **Étude de cas sur la cohérence textuelle**) = *Officina Textologica* 20. Debrecen: Debrecen University Press, 11-38.



COLÓQUIO INTERNACIONAL ENUNCIÇÃO E ARGUMENTAÇÃO
COLLOQUE INTERNACIONAL ÉNONCIATION ET ARGUMENTATION

A Semântica Argumentativa em diálogo
La Sémantique Argumentative en dialogue

Dijk, T. A. Van 2014. **Discourse and Knowledge: A Sociocognitive Approach**. Cambridge: Cambridge University Press.

Fischer, K. (Ed.). 2006. **Approaches to Discourse Particles**. Leiden: Brill.

Givón, T. 1995. Coherence in texts vs. coherence in mind. In: Gernsbacher, M. A.– Givón, T. (eds.) **Coherence in Spontaneous Text**. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins, 59–115.



7, 8 e 9 de outubro de 2021
Les 7, 8 et 9 Octobre 2021

www.colenarg.paginas.ufsc.br

GRAMMAIRE DES NOTIONS ET DE LEURS DEFORMATIONS

Françoise Collinet

Résumé : En 2003, substituant au terme d'*argumentation* celui d'*argumentativité*, Ducrot a nettement montré tout ce qui sépare la rhétorique perelmanienne de *L'argumentation dans la langue* (ADL). Peut-être ces théories paraîtraient-elles moins étrangères si l'on activait deux mécanismes prévus par le *Traité de l'argumentation*. Le premier de ces mécanismes consiste à subordonner l'inventaire des techniques rhétoriques à une étude que Perelman (1955) place explicitement sous signe de la sémantique : l'étude des notions et des différents moyens dont l'argumentateur dispose pour les adapter à ses besoins (associations et dissociations). Le second mécanisme à activer concerne le type d'arguments à étudier. La préférence du *Traité* pour les exemples philosophiques n'invalide pas cette remarque liminaire : les techniques argumentatives restent fondamentalement les mêmes que l'on se trouve dans un milieu très spécialisé ou autour d'une table familiale. Même s'il demeure un cas limite, rien n'interdit donc *a priori* d'étudier un énoncé aussi linguistiquement épuré que *Ce restaurant est bon mais cher* sous l'angle de l'aménagement des notions. Partant d'énoncés aussi spartiates, il serait inquiétant que les deux théories aboutissent à des résultats sans commune mesure. La simplicité d'un tel énoncé offre donc un précieux atout : l'éloignement des présupposés se trouvent bornés par la nécessité de coller à l'interprétation de tout locuteur ordinaire ; et notamment de ce locuteur ordinaire que le linguiste porte en soi. Moins qu'une confrontation des présupposés théoriques, ce qui nous intéressera, c'est la possibilité d'utiliser l'ADL pour décrypter des remarques perelmaniennes parfois elliptiques.

Face à l'énoncé *Ce restaurant est bon mais cher*, l'ADL oriente nettement l'attention sur la particule *mais* qui tisse des relations entre des propositions. La nouvelle rhétorique oriente au contraire le regard vers une notion-vedette (*restaurant*) dont l'argumentateur va modeler le sens au moyen de "notions béquilles" (Dupréel). La notion *restaurant* est successivement insérée dans deux classes : les objets du monde qui sont *bons* et ceux qui sont *chers*. On aura intérêt à figurer l'énoncé comme la juxtaposition de deux classements successifs de deux aspects distincts de la notion *restaurant*. La notion (N) se

trouve ainsi subdivisée : il y a le restaurant en tant qu'il est *bon* (*n*) et le restaurant en tant qu'il est *cher* (*n*) mais non en tant qu'il serait à *deux pas* ou qu'il serait *végétarien* (effet de présence ou son absence). L'enjeu de l'argumentation est de modifier la perception que l'auditoire a du restaurant en question, la préférence pour une conclusion du type *allons-y* ou *n'y allons pas* sera vue comme une conséquence de l'aménagement de la notion.

Mais ce découpage notionnel que nous faisons apparaître dans l'énoncé du Ducrot est-il une dissociation argumentative au sens fort du terme ? L'ambiguïté des liens éventuels entre dissociation argumentative et aspectualisation de la notion reste à éclaircir. A notre avis, elle reflète la relation circulaire établie entre "l'argumentation proprement dite" et les "accords préalables à l'argumentation" mais "qui font pleinement partie de l'argumentation". Un point essentiel reste que, dans le *Traité*, ces accords préalables apparaissent souvent comme "sous-jacents au langage". Un autre point crucial est la présence de la définition (ou, du moins, de l'opération de classement) aux trois niveaux de la sémantique argumentative esquissée par le *Traité* : a) la définition implicite sur laquelle repose certains accords préalables ; b) la définition en tant qu'association de notions quasi-logique et c) la définition dissociative.

Quant à l'opposition *énoncé / énonciation* ; convenons-en, elle ne fait guère partie du vocabulaire de la Nouvelle Rhétorique. Cependant, en pratique, comment mesurer les déformations qu'un argumentateur fait subir à une notion sinon en les comparant à d'autres énonciations mettant en scène la même notion-vedette ?

Mots-clés : Argumentation ; Nouvelle Rhétorique ; Grammaire ; Notions ; Énonciation.

Bibliographie :

Ducrot, O. (2004). "Argumentation rhétorique et argumentation linguistique", in : Doury, Marianne et Moirand, Sophie (éds.), **L'Argumentation aujourd'hui. Positions théoriques en confrontation**, Paris, Presses Sorbonne Nouvelle, 17-34.

Perelman, C.2012 (1955), "Les notions et l'argumentation", **Rhétoriques**, Bruxelles, Editions de l'Université, 109-131.



COLÓQUIO INTERNACIONAL ENUNCIÇÃO E ARGUMENTAÇÃO
COLLOQUE INTERNACIONAL ÉNONCIATION ET ARGUMENTATION

A Semântica Argumentativa em diálogo
La Sémantique Argumentative en dialogue

Perelman, C. et Olbrechts-Tyteca, L. 2008 (1958), **Traité de l'argumentation**. La nouvelle rhétorique, Bruxelles, Editions de l'Université.



7, 8 e 9 de outubro de 2021
Les 7, 8 et 9 Octobre 2021

www.colenarg.paginas.ufsc.br

**L'ÉNONCIATION DISSOCIATIVE DANS LE DISCOURS
ELECTORAL : MODALITES DE CONSTRUCTION ET VISEES**

Nanourougo Coulibaly

Résumé : Cette étude est une contribution à la description du fonctionnement langagier de l'argumentation et, spécifiquement, du fonctionnement de la dissociation des notions développée par Perelman comme technique argumentative. La réflexion part d'une opinion de plus en plus dominante chez le citoyen ordinaire qui n'entend plus établir une distinction au sein de la classe politique accusée à tort ou à raison d'être guidée par des logiques autres que celle de l'intérêt général. La conséquence immédiate de cet état des choses c'est le désintérêt et la perte d'estime des populations à l'égard de l'ensemble de la classe politique, des partis politiques classiques et de leurs représentants. Cette crise de légitimité constitue un défi que les acteurs politiques entendent relever à partir de leur production discursive non pas en défendant l'ensemble du personnel politique mais plutôt en essayant, pour chaque acteur, de se distinguer des autres. L'étude en cours entend faire ressortir les modalités d'énonciation de cette singularité. Elle postule que les locuteurs politiques ont recours, entre autres procédés, à la technique de la dissociation énonciative à visée argumentative. Après un exposé du principe de la dissociation des notions, l'étude mettra en évidence des procédés de dissociation telle que la construction de dichotomies, les définitions dissociatives, la polarisation discursive etc. à partir d'un corpus de discours hétérogènes (discours de meetings électoraux et discours issus des débats contradictoires d'entre deux tours au Bénin (2016) et en Côte d'Ivoire (2010)) produits en contexte électoral à Afrique de l'Ouest francophone (Côte d'Ivoire, Mali et Bénin). Pour terminer, elle soulignera le pouvoir argumentatif de la dissociation en contexte de compétition électorale prise comme une situation argumentative et donc propice au déploiement de la dissociation. D'emblée, le cadre théorie de référence reste celui des théories de l'argumentation inspirées de la tradition aristotélicienne et redynamisées par les travaux C. Perelman avec la nouvelle rhétorique mais également par Ruth Amossy sous la forme de l'argumentation dans le discours. Outre la recherche et l'analyse documentaire, il s'agira de faire une analyse des éléments et moyens langagiers convoqués par les locuteurs pour décrire ou



COLÓQUIO INTERNACIONAL ENUNCIÇÃO E ARGUMENTAÇÃO COLLOQUE INTERNACIONAL ÉNONCIATION ET ARGUMENTATION

A Semântica Argumentativa em diálogo
La Sémantique Argumentative en dialogue

présenter des êtres, des choses ou des phénomènes ordinairement confondus et originellement unique et/ou désignés comme tel en éléments distincts dans une perspective disqualifier l'autre et se crédibiliser aux yeux de l'opinion.

Mots-clefs : Dissociation ; Énonciation ; Argumentation ; Discours electoral
Afrique Francophone.



7, 8 e 9 de outubro de 2021
Les 7, 8 et 9 Octobre 2021

www.colenarg.paginas.ufsc.br

**ÉMOTION AU SERVICE DE L'ACTE DE DISQUALIFICATION
INDIRECT. À LA CROISEE DES EFFETS ENONCIATIFS ET
ARGUMENTATIFS**

Jolanta Dyoniziak

Résumé : Nous proposons une réflexion qui s'inscrit dans un axe thématique autour duquel se déroulera le prochain colloque, notamment celui qui portera sur la « construction argumentative et énonciative du référent et de la subjectivité ». L'objectif de notre communication portera sur la description d'un point de contiguïté entre deux plans: énonciatif et argumentatif qui se manifeste dans le discours dès que l'émotion dont parle le locuteur (qui est la sienne ou celle des autres) sert d'un argument valide dans la construction de l'image du référent. Ladite contiguïté peut se manifester sous différentes formes, vu différents plans énonciatifs. Conformément à ce que dit Druetta et Paissa (2020, paragr. 43), notamment s'« il existe des éléments d'affinité entre les dimensions éthotique et posturale (...) » que le locuteur établit lors de l'énonciation sur le plan dialogique, il existe aussi des éléments d'affinités analogiques entre la position énonciative du locuteur et la représentation qu'il (co-)construit sur le plan délocutif. Si dans certains cas, la position énonciative est explicite, validée ou non, dans d'autres, elle prendra une tournure implicite. Nous parlons du cas où le fait de parler de soi sert finalement à parler d'un Autre. Ainsi l'énoncé: *J'ai peur de lui* permet d'avancer, sans le dire littéralement, un contenu assertif sur « il », entre autres : *Il me menace*. Le contenu second est sous-entendu et constitue l'élément d'un jeu intersubjectif entre le locuteur et le récepteur (Ducrot, 1969). Si les catégorisations, les qualifications, la modalité et la modalisation, l'ordre des mots constituent incontestablement des tours significatifs de la position de l'énonciateur par rapport à l'objet du discours (Rabatel, 2012: 24), cette stratégie énonciative n'est pas du tout à négliger, surtout qu'elle garde un potentiel argumentatif. Dans le cas que nous nous proposons d'étudier, le récit que le locuteur fait sur l'émotion (la sienne ou celle des autres) sert indirectement à une mise en scène discursive d'un point de vue (PDV) sur le référent. Si la scène est polyphonique, notamment que plusieurs voix présentent leurs PDV, et si selon les PDV, les énonciateurs sont réunis dans un consensus, l'image co-construite en co-énonciation aboutit, en effet d'une catégorisation itérative, à l'attribution d'un ethos. Le plan énonciatif se croise

avec le plan argumentatif, les émotions ressenties par le locuteur face à la personne délocutée (son état et/ou son faire) sert d'un argument de pathos et contribuent à une dévalorisation implicite du référent (acte de disqualification indirect) (Vincent, Barbeau, 2012). Le phénomène sera illustré à l'exemple d'un reportage réalisé par la chaîne de télévision Arte intitulé *Les décisions de Trump*, diffusé en tant que premier épisode dans le cadre d'une série documentaire de Norma Percy: *America first, le bilan* (France, 2019). La position énonciative de Donald Trump (DT) face à l'accord climatique de Paris, ses revendications au sein de l'OTAN seront commentées lors des récits « d'acteurs clés et de témoins », notamment des dirigeants européens, qui entrent en scène énonciative en tant que co-énonciateurs (scène polyphonique). Leurs positions homogènes, en accord sur les PDV, manifestent une stupéfaction (de stupeur jusqu'au tremblement) face à un faire de DT, ce qui implicitement contribue à une co-construction de l'ethos de perturbateur (DT devenu perturbateur) sur la scène médiatique. L'analyse se situe sur le plan interactionnel (acte indirect) et également argumentatif. Le discours suit le paradigme argumentatif qui le situe parmi les énoncés polémiques (« dimension argumentative », Amossy, 2006: 33).

Mots-clés : Argumentation ; Emotions ; Disqualification.

Bibliographie :

Amossy, R. (2006). **L'argumentation dans le discours**, Paris: Armand Colin.

Amossy, R. (2008). Dimension rationnelle et dimension affective de l'ethos. In M. Rinn (Ed.), **Émotions et discours. L'usage des passions dans la langue** (pp. 113-125). Rennes : Presses universitaires de Rennes, DOI : 10.4000/books.pur.30405

Charaudeau, P. (2008). Pathos et discours politique. In M. Rinn (Ed.), **Émotions et discours. L'usage des passions dans la langue** (pp. 49-58). Rennes : Presses universitaires de Rennes, DOI : 10.4000/books.pur.30405

Druetta, R., Paissa, P. (2020). Éthos discursif, éthos préalable et postures énonciatives, **Corela**, HS-32, DOI : <https://doi.org/10.4000/corela.12457>

Ducrot, O. (1969). Présupposés et sous-entendus, **Langue française**, 4, pp. 30-43. DOI : <https://doi.org/10.3406/lfr.1969.5456>

COLÓQUIO INTERNACIONAL ENUNCIÇÃO E ARGUMENTAÇÃO COLLOQUE INTERNACIONAL ÉNONCIATION ET ARGUMENTATION

A Semântica Argumentativa em diálogo
La Sémantique Argumentative en dialogue

Laforest, M., Moïse, C. (2013). Entre reproche et insulte, comment définir les actes de condamnation ? In Fracchiolla B., Moïse, C, Romain C. et Auger N (Ed.) **Violences verbales**. Analyses, enjeux et perspectives (pp. 85-105). Rennes: Presses Universitaires de Rennes.

Maingueneau, D. (2014). Retour critique sur l'éthos. **Langage et société**, 3(3), p. 31-48, DOI : <https://doi.org/10.3917/ls.149.0031>

Moïse, C. (2012). Argumentation, confrontation et violence verbale fulgurante, **Argumentation et Analyse du Discours**, 8, [En ligne] <file:///C:/Users/lenovo/Downloads/aad-1260.pdf>, consulté le 17.11.2020.

Rabatel, A. (2012). Positions, positionnements et postures de l'énonciateur, **Travaux neuchâtelois de linguistique**, 56, p. 23-42.

Vincent, D., Barbeau, G. B. (2012). Insulte, disqualification, persuasion et tropes communicationnels : à qui l'insulte profite-t-elle ?, **Argumentation et Analyse du Discours**, 8, DOI : <https://doi.org/10.4000/aad.1252>

7, 8 e 9 de outubro de 2021
Les 7, 8 et 9 Octobre 2021

www.colenarg.paginas.ufsc.br

**ÉNONCIATION, ARGUMENTATION ET CONNECTEURS
CONCESSIFS : CELA DIT, CECI DIT ET QUOI QU'ON DISE**

Emma Alvarez Prendes

Résumé : La concession s'avère un champ d'étude particulièrement intéressant pour l'énonciation et l'argumentation. Si bien certains connecteurs concessifs (comme *mais*, *cependant*, *pourtant*, *quand même*, *toutefois*, *néanmoins*, etc.) ont fait l'objet de bon nombre d'études, nous nous proposons dans cette communication d'aborder trois connecteurs concessifs un peu moins bien connus : *cela dit*, *ceci dit* et *quoi qu'on dise*.

Outre le fait d'être bâtis sur des formes du verbe *dire* (Steuckardt, 2005 ; Anscombre et Rouanne, 2018 et 2020), ces trois connecteurs partagent la possibilité d'instruire une interprétation contre-argumentative – et plus précisément, de type concessif logique, direct ou ternaire – des énoncés dans lesquels ils s'inscrivent. Par ailleurs, les trois connecteurs exhibent un sujet sous-déterminé (*cela dit* ou *ceci dit*) ou indéfini (*quoi qu'on dise*), qui trouve son référent dans le contexte linguistique antérieur explicite (*cela dit*, *ceci dit*) ou implicite (*quoi qu'on dise*) ; dans le premier cas nous aurons affaire à une anaphore résomptive ou conceptuelle, tandis que dans le deuxième cas nous serons face à une anaphore indirecte ou inférentielle. Dans le premier cas nous assistons à la reprise de contenus ayant été énoncés par le locuteur lui-même (*ceci dit*, *cela dit*) ou exceptionnellement par un interlocuteur (*cela dit*) ; dans le deuxième, à la reprise de contenus attribués à un on-locuteur (Berrendonner, 1981 ; Anscombre, 2005) (*quoi qu'on dise*). Nous sommes, en somme, devant trois marqueurs formés sur le verbe *dire* anaphoriques, polyphoniques et susceptibles d'être concessifs.

Dans cette communication nous nous donnons pour but d'élucider initialement les différents emplois que connaissent ces trois connecteurs concessifs, ainsi que leurs propriétés, pour ensuite aborder les concomitances et divergences existant entre ces différents emplois et entre les connecteurs eux-mêmes.

Pour ce faire, nous nous situerons dans le cadre de la pragmatique intégrée au sens de Anscombre et Ducrot (1983) et de la théorie de la polyphonie telle que développée par Anscombre (2013) ou Donaire (2006), entre autres.

Dans l'approche de la pragmatique intégrée, la pragmatique est vue comme une discipline de la linguistique, c'est-à-dire, intégrée à la linguistique comme le sont la phonétique, la syntaxe ou la sémantique ; plus spécifiquement, « la pragmatique intervient dans l'interprétation des énoncés pour prendre le relais de la sémantique lorsque celle-ci a achevé son rôle et épuisé ses possibilités » (Bracops, 2010 : 161-162).

Quant à la polyphonie, nous en adoptons une version telle qu'exposée dans Anscombe (2013), pour qui « tout énoncé est polyphonique, et ce, dès son niveau profond » (Anscombe, 2013 : 12). Concernant les « acteurs linguistiques » intervenant dans la production d'un énoncé, le locuteur (c'est-à-dire « l'être discursif que l'énoncé lui-même présente comme son auteur, comme le responsable de sa production », Anscombe, 2013 : 12) met en scène d'autres acteurs, ceux que « certains appellent les énonciateurs » et qui « sont responsables des points de vue » (Anscombe, 2013 : 13). L'interprétation de tout énoncé découlera de l'attribution de rôles discursifs aux personnages du discours.

Mots-clés : Enonciation ; Argumentation ; Concession ; *Cela dit ; Ceci dit ; Quoi qu'on dise.*

Bibliographie :

Anscombe, J.-C. (2005), « Le on-locuteur : une entité aux multiples visages », in Bres et al, **Dialogisme et polyphonie**, De Boeck, Bruxelles, 75-94.

Anscombe, J.-C. (2013), « Polyphonie et représentations sémantiques : notions de base », in Anscombe, J.-C. et al., **Opérateurs discursifs du français. Éléments de description sémantique et pragmatique**, Peter Lang, Berne, 11-32.

Anscombe J.-C. et Ducrot, O. (1977), « Deux *mais* en français », **Lingua**, 43, 23-40.

Anscombe J.-C. et Ducrot, O. (1983), **L'argumentation dans la langue**, Madariaga, Bruxelles.

Anscombe, J.-C. et Rouanne, L. (2018), **Histoires de dire. Petit glossaire des marqueurs formés sur le verbe dire**, Peter Lang, Berne.

Anscombe, J.-C. et Rouanne, L. (2020), **Histoires de dire 2. Petit glossaire des marqueurs formés sur le verbe dire**, Peter Lang, Berne.

Authier-Revuz, J. (2003), **Parler des mots. Le fait autonymique en discours**, Presses Sorbonne Nouvelle, Paris.

Berrendonner, A. (1981), **Éléments de pragmatique linguistique**, Minuit, Paris.

Bracops, M. (2010), **Introduction à la pragmatique**, DeBoeck-Duculot, Bruxelles.

Donaire, M. L. (2006), « Les dialogues intérieurs à la langue », **Le français moderne**, 24/1, 61-73.

Ducrot, O. (1972), **Dire et ne pas dire**. Principes de sémantique linguistique, Hermann, Paris.

Ducrot, O. (1973), **La preuve et le dire**, Mame, Paris.

Ducrot, O. (1980), « Analyses pragmatiques », **Communications**, 32, 11-60.

Ducrot, O. (1985), **Le dire et le dit**, Minuit, Paris.

Ducrot, O. et al. (1980), **Les mots du discours**, Minuit, Paris.

Rossari, C. (2004) « Les connecteurs face aux questions totales », in Rossari, Co. (éd.), **Autour des connecteurs. Réflexions sur l'énonciation et la portée**, Peter Lang, Berne, 73-121.

Rossari, C. (2005), « *Cela dit* : un marqueur de prise de conscience », in Steuckardt, A. et Niklas-Salminen, A. (éds), **Les marqueurs de glose**, Publications de l'Université de Provence, Aix-en-Provence, 87-102.

Steuckardt, A. (2005), « Les marqueurs formés sur *dire* », in Steuckardt, A. et Niklas-Salminen, A. (éds), **Les marqueurs de glose**, Publications de l'Université de Provence, Aix-en-Provence, 51-66.

Analyse argumentative de la focalisation prosodique: approches empirique et expérimentale

François Nemo

Gilles Cloiseau

Fanny Krimou

Zaineb Bouzaienne

Résumé : Nous rappellerons d'abord que la focalisation prosodique, autrement dit les effets interprétatifs associés au fait que certains éléments d'un énoncé soient prosodiquement saillants, a donné lieu en sémantique à de très nombreux travaux centrés autour de l'idée qu'elle avait pour effet d'associer à la phrase des « alternative sets » spécifiques (Rooth, 1985, 1995) et de construire des « question under discussion » différenciées (Roberts 1996). Dans la version la plus simple, la focalisation prosodique notée par des majuscules associe ainsi à une même phrase au sens syntaxique (*John went to Norway*) différentes formes de réalisation prosodique (*JOHN went to Norway* vs *John went to NORWAY*) de la phrase énoncée correspondante

Après avoir rappelé aussi qu'il existe dans la tradition de la linguistique argumentative issue des travaux d'Oswald Ducrot, une approche qui sous le nom d'image du possible (ou encore de cadre modal ou d'espace de comparaison) a introduit une forme implicite d'amont jouant un rôle clef dans la détermination de l'orientation argumentative mais aussi de la force argumentative des énoncés, nous la comparerons avec les notions d'*alternative set* et de *QUD*, en montrant que les secondes sont en réalité incluses dans la première, celle-ci ajoutant en somme que l'énoncé ne se contente pas d'introduire des alternatives (et la question strictement propositionnelle qui les inclut) mais doit répondre à la question de savoir « quelle différence cela fait-il par rapport à r (la question en discussion) que telle ou telle alternative soit réalisée », la réponse à cette question étant précisément la valeur argumentative de l'énoncé au sens de la Théorie de l'Argumentation dans la langue.

Ces courts rappels effectués, nous présenterons les résultats de travaux sur la focalisation prosodique basée soit sur des données empiriques issues de corpus authentiques soit sur des données empiriques obtenues par

COLÓQUIO INTERNACIONAL ENUNCIÇÃO E ARGUMENTAÇÃO COLLOQUE INTERNACIONAL ÉNONCIATION ET ARGUMENTATION

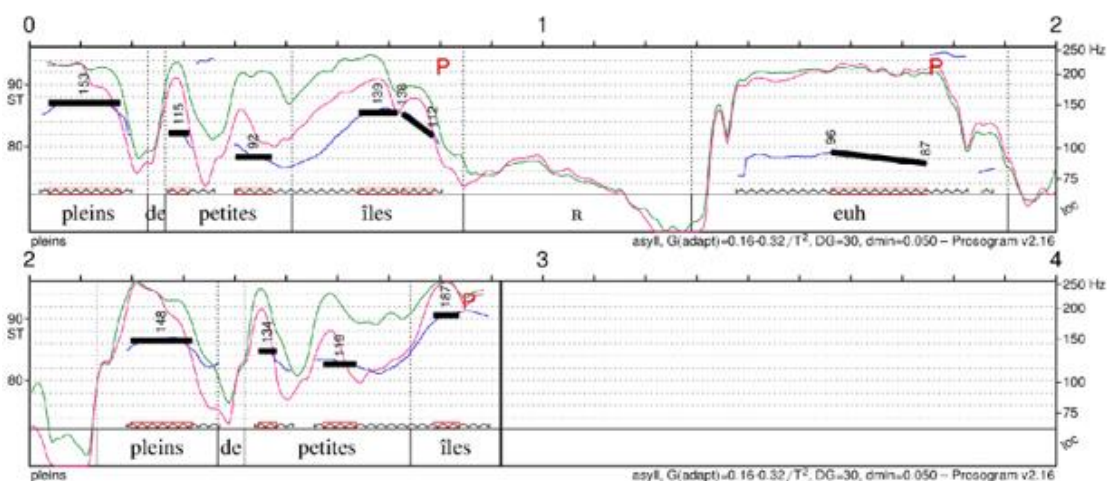
A Semântica Argumentativa em diálogo La Sémantique Argumentative en dialogue

manipulation expérimentale de la question en discussion, autrement dit du contexte argumentatif, travaux qui mobilisent dans les deux cas des outils d'analyse de la forme prosodique exacte de réalisation du focus.

Nous montrerons dans les deux cas qu'il existe en réalité différentes formes de réalisation prosodique du focus prosodique, donnant lieu à des interprétations différenciées d'un point de vue argumentatif comme du point de vue des alternatives introduites. Nous défendrons l'idée qu'en matière d'observables, les données empiriques comme expérimentales imposent de remettre en cause l'idée que la focalisation prosodique soit prosodiquement homogène et qu'il soit possible d'ignorer les causes et effets interprétatifs des différences observées. Nous proposerons un nouveau modèle de représentation des QUD associées à une focalisation prosodique, à même de décrire la relation directe entre la façon de réaliser la focalisation prosodique et l'interprétation argumentative et pragmatique.

Nous décrirons aussi différentes données où la focalisation prosodique est associée à une interprétation polyphonique, comme dans l'exemple suivant où deux focalisations distinctes sont réalisées successivement sur l'élément « *plein* » :

On se dit, oh oui, l'Asie du Sud-est, c'est loin là-bas, il y a PLEIN de petites îles. euh, plein de petites îles oui, mais si vous faites une petite comparaison toute simple comme ça, ici vous avez l'Asie du sud-est, on voit que cela fait la taille de l'Europe.



Nous aborderons en conclusion la question plus générale pour les sémantiques argumentatives (Behe & alii, 2021) du rôle de la prosodie comme

COLÓQUIO INTERNACIONAL ENUNCIÇÃO E ARGUMENTAÇÃO COLLOQUE INTERNACIONAL ÉNONCIATION ET ARGUMENTATION

A Semântica Argumentativa em diálogo
La Sémantique Argumentative en dialogue

contrainte pleinement linguistique dans la construction de la valeur argumentative, mais aussi de la façon dont ce rôle impose de repenser la distinction entre phrase et énoncé.

Mots-clefs: Focalisation prosodique ; Image du possible ; Orientation et Force Argumentative ; Polyphonie ; Alternative sets ; Question en discussion (QUD).

Bibliographie:

Behe, L. CAREL, M., DENUC, C., MACHADO, J. (eds) **Cours de Sémantique Argumentative**, Pedro e João editores, 2021

DUCROT, O. **Dire et ne pas dire**. Paris: Hermann, 1991 [1972].

Roberts, C. "Information structure: Towards an integrated formal theory of pragmatics"; In Jae-Hak Yoon & Andreas Kathol (eds.), **Papers in semantics** (Working Papers in Linguistics 49). The Ohio State University.

Rooth, M. A Theory of Focus Interpretation; **Natural Language Semantics** 1(1) April 1992. 75-116.

Rooth, M. **Association with focus**. PhD Thesis. University of Massachusetts, 1985.

7, 8 e 9 de outubro de 2021
Les 7, 8 et 9 Octobre 2021

www.colenarg.paginas.ufsc.br

**LES ECHELLES ARGUMENTATIVES D'OSWALD DUCROT : LA
TRADUCTION EN ITALIEN DE “MEME”**

Salvatore Pistoio Reda

Nicoletta Armentano

Résumé : À l’occasion de la première traduction en italien de *Les échelles argumentatives* – titre de l’essai d’Oswald Ducrot paru en édition séparée en 1980 – nous nous proposons de nous pencher sur son critère de même, notamment par le biais d’une réflexion sur la traduction en italien du terme « même ». Ce dernier est en effet à l’origine de sa théorie de l’argumentation et des échelles argumentatives. Or, notre expérience traductive corrobore l’évidente asymétrie entre la signification de même et celle de perfino - son équivalent affirmatif en italien. Plus précisément, les différentes occurrences de même, au cas par cas, ont donné lieu aux suivantes traductions en italien : perfino (avec un sens scalaire additionnel qui prend en considération la force de l’énoncé), anche solo (avec un sens scalaire additionnel qui prend en considération la faiblesse d’un énoncé affirmatif), nemmeno (avec un sens scalaire additionnel qui prend en considération la faiblesse d’un énoncé négatif), anche (avec un sens additionnel non-scalaire). Le cas échéant, nous signalons aussi l’opportunité de traduire même par addirittura qui a manifestement un sens scalaire non-additionnel. Nous considérons, ainsi, cette remarque comme une évidence, ne serait-ce que partielle et tout de même à confirmer, pour envisager un approfondissement – voire une révision – de ce cas de figure. Car il se peut que même possède aussi bien une interprétation non-additionnelle et par ailleurs, cela serait tout à fait convenable pour la théorie de Ducrot qui, disons-le sans détour, considère le niveau informatif comme accessoire.

Mots-clés : Échelles argumentatives ; Énonciation ; Traduction en italien de *même*.

Bibliographie :

O. Ducrot. *Les échelles argumentatives*. Les Éditions de Minuit, Paris, 1980 (*Le scale argomentative*. Carocci, Roma 2019).



COLÓQUIO INTERNACIONAL ENUNCIÇÃO E ARGUMENTAÇÃO
COLLOQUE INTERNACIONAL ÉNONCIATION ET ARGUMENTATION

A Semântica Argumentativa em diálogo
La Sémantique Argumentative en dialogue

V. Gast and J. van der Auwera. Scalar additive operators in the languages of europe. **Language**, 87(1):2–54, 2011.



7, 8 e 9 de outubro de 2021
Les 7, 8 et 9 Octobre 2021

www.colenarg.paginas.ufsc.br

DE LA PORTEE ARGUMENTATIVE DES CONSTRUCTIONS SI P, Q NON HYPOTHETIQUES

Bauvarie Mounga

Résumé : La conjonction *si* permet d'introduire une hypothèse. Cependant dans certaines situations, elle introduit des subordonnées dont le caractère hypothétique n'est pas évident : c'est notamment le cas des *si P* factuelles. C'est ainsi que l'on trouve des systèmes *si P, Q* concessif, adversatif, additif, emphatique. Toutefois, il faut souligner qu'il y a un débat autour du caractère non hypothétique des *si P* factuelles.

Examinons l'exemple suivant afin de mettre en exergue la complexité que revêt l'étude des propositions *si P* factuelles :

(1) Si la néologie est, d'un point de vue strictement théorique, un vrai concept -c'est une innovation au sein du lexique-, l'identification des néologismes se heurte concrètement à quelques difficultés. (Paul Gruaz, *A la recherche du mot : de la langue au discours*, 2006, p.143)

Dans cet énoncé, le locuteur emploie un *si* adversatif, donc en principe *si* introduit une proposition factuelle, sauf que pour certains linguistes comme Vairel (1982 : 8), avec le système *si P, Q*, « *si A exprime toujours la supposition de la réalité de la situation dénotée.* » Certes, Vairel admet que *si P* peut exprimer des faits tels que la concession, l'adversité, etc, mais l'hypothèse est également toujours présente ; ce serait une illusion de croire qu'il puisse en être autrement.

Le système *si P, Q* ci-dessus est adversatif, mais selon la théorie de Vairel, il pourrait être aussi hypothétique. Car, ce qui est spécifié par *si P*, c'est uniquement la supposition de la réalité de P. L'énoncé peut être reformulé ainsi qu'il suit :

(1') Admettons que si la néologie est, d'un point de vue strictement théorique, un vrai concept -c'est une innovation au sein du lexique-, l'identification des néologismes se heurte concrètement à quelques difficultés.

Si P est présenté comme une hypothèse, et ne saurait être considéré comme faisant partie de l'ordre du réel. Il est question d'une supposition du réel, et non du réel lui-même.

Il est question, dans cette communication, d'analyser les effets argumentatifs des constructions *si P, Q* non hypothétiques ; cette étude est basée sur un corpus composé d'éditoriaux de la presse écrite (française et suisse), des ouvrages scientifiques et des essais. Ce faisant, notre étude est soumise à la problématique suivante : déterminer l'image que le locuteur construit de lui-même lorsqu'il emploie un *si* non hypothétique ainsi que les postures énonciatives sous-jacentes. La problématique énoncée entraîne les questions suivantes : quel est le fonctionnement des *si P* factuelles dans notre corpus ? Quels sont les effets argumentatifs générés par l'emploi des constructions *si P, Q* non hypothétiques ? Pour apporter des réponses à toutes ces questions, nous posons deux hypothèses de base :

-Si *si P, Q* est posé comme réel, on bascule dans le domaine de la certitude, et cela apporte ipso facto une plus-value au discours du locuteur

- Les constructions *si P, Q* non hypothétiques permettent au locuteur de construire une image de soi positive. Afin de vérifier ces hypothèses, nous allons faire appel aux approches de Rabatel (2004, 2007, 2012) pour les postures énonciatives et de Maingueneau (1987, 1999, 2002, 2014) pour la présentation de soi. Notre communication sera ainsi structurée en trois parties : les interrogations autour de la factualité des *si P* factuelles, et enfin la valeur argumentative des constructions *si P, Q* non hypothétiques.

Mots-clés : *Si* ; Hypothèse ; Argumentation ; Factualité ; Énonciation.

Bibliographie :

Corminboeuf, G.(2013), « Factualité et conditionnalité », Coco Norén et al. (éds.). **Modalité, évidentialité et autres friandises langagières**. Berne : Peter Lang, 41-60.

Maingueneau, D. (2014), « Retour critique sur l'éthos », Éditions de la Maison des sciences de l'homme | **Langage et société** 2014/3 n° 149 | pages 31 à 48.

Maingueneau, D. (2002), Problèmes d'éthos. In: **Pratiques** : linguistique, littérature, didactique, n°113-114, pp. 55- 67; doi :

<https://doi.org/10.3406/prati.2002.1945> https://www.persee.fr/doc/prati_0338-2389_2002_num_113_1_1945

Maingueneau, D. (1999), « Ethos, scénographie, incorporation » in Amossy, p.75-100.

Maingueneau, D. (1987), **Nouvelles tendances en analyse du discours**, Paris, Hachette.

Monte, M. (2009), « Si marqueur d'altérité énonciative dans les si P extrapredicatives non conditionnelles », **Langue française** 163, 99-119.

Stage, L. (1991), « Analyse syntaxique et sémantique de la conjonction si dans les propositions factuelles », **Revue romane** 26/2, 163-205.

Rabatel, A. (2012), Positions, positionnements et postures de l'énonciateur. **TRANEL. Travaux Neuchâtelois de Linguistique**, Institut des sciences du langage et de la communication (Neuchâtel, Suisse), 56, pp.23-42.

Rabatel, Al. (2007), Les enjeux des postures énonciatives et de leur utilisation en didactique. **Éducation & Didactique**, Presses Universitaires de Rennes, pp.87-114.

Rabatel, A. (2004), Stratégies d'effacement énonciatif et posture de sur-énonciation dans le Dictionnaire philosophique de Comte-Sponville. **Langages**, Armand Colin (Larousse jusqu'en 2003), pp.18-33.

L'ARGUMENTATION DANS LA LANGUE : APPLICABLE AUX TERMES CHROMATIQUES ?

Carmen Quintero

Résumé : Quand on réfléchit aux adjectifs de couleurs, on pense spontanément à des qualités qu'on attribue à des objets, à des référents du monde : *Ma voiture est noire, la maison de Laure est bleue, les jonquilles sont jaunes*, etc. On pourrait penser que nous employons les couleurs pour donner des définitions précises, pour approfondir dans la description d'un objet ou d'un paysage, par exemple. Mais, ne pourrions pas considérer que les termes chromatiques ne sont pas là pour décrire un référent ou pour apporter une information ? Qu'apporterait en effet à un niveau informatif l'énoncé – *Le ciel est bleu* – ou que serions-nous en train de décrire exactement ? La bleuté du ciel ? Nous pensons plutôt que les couleurs possèdent avant tout une charge argumentative. Dans ce sens-là, notre but est d'apporter une définition linguistique des COULEURS, en partant des enchainements possibles selon le terme chromatique choisi.

L'emploi d'un terme de couleur en tant qu'argument explique la pertinence des énoncés de ce type :

Locuteur A : Viens tout de suite !

Locuteur B : Le feu est rouge !

Dans cet exemple, l'énoncé de B sert d'argument vers la conclusion « je ne peux pas y aller tout de suite ». Si, au contraire, nous prenons l'énoncé littéralement sans tenir en compte ce qui y est implicite, on aurait l'impression de trouver une suite d'énoncés sans aucun rapport, pouvant ainsi représenter une sorte de pièce de théâtre comique sur l'absurde. Cependant, dans cette situation d'énonciation imaginaire, nous pourrions ensuite imaginer un contreargument à l'énoncé « le feu est rouge » :

Locuteur A : « Oui, c'est rouge, mais il n'y a aucune voiture ! ».

Revenant à l'exemple de *Le ciel est bleu*, on pourrait dire qu'il s'agit d'une phrase générique analytique. Certes c'est une possibilité, mais quand cette phrase est employée en discours, il ne s'agira pas nécessairement d'une phrase générique de ce type. En effet, dans un énoncé comme *Le ciel est très*

bleu aujourd'hui, mais je suis fatigué, le ciel bleu serait un argument vers la conclusion « sortons nous promener » et la fatigue l'argument plus fort vers la conclusion contraire « ne sortons pas » introduit par le « mais » qui indiquerait ce changement d'orientation. Si l'on considère que l'énoncé est purement descriptif, l'enchaînement antérieur n'aurait pas de sens, car il n'y aurait pas de rapport entre la description de la couleur du ciel et le fait d'être fatigué. En revanche, le fait que cet énoncé soit tout à fait naturel appuie notre idée sur l'argumentativité des termes de couleur.

Pour mener à bien cette étude, nous recueillons des énoncés (en français et en espagnol) des réseaux sociaux comme Twitter et Facebook ainsi que des occurrences proposées dans Frantext, Sketchengine, et CORDE et CREA (pour l'espagnol). Ceci pourra nous donner une première idée des enchaînements possibles pour les différentes couleurs de notre corpus (blanc, noir, rouge, bleu, vert, jaune, marron, rose, gris, orange, violet) et défendre ainsi la valeur argumentative des termes chromatiques.

Mots-clés : Argumentation ; Ascriptivisme ; Couleurs.

Bibliographie :

Anscombre, J.C. (1994). Proverbes et formes proverbiales : valeur évidentielle et argumentative». **Langue française**, 102, 95-107. DOI : <https://doi.org/10.3406/lfr.1994.5717>.

Anscombre J.C., Ducrot O. (1983). **L'argumentation dans la langue**, Bruxelles-LiègeParis, Mardaga.

De Saussure L. de (2011). Hypothèses pragmatiques sur quelques manifestations morphologiques synchroniques de la division des termes de couleurs en français. Dans Amiot D., W. De Mulder, E. Moline & E. Stosic (éds), **Ars Grammatica hommages à Nelly Flaux (Sciences pour la communication vol. 95)**. Berne, Suisse: Lang, 119-138.

De Saussure, L. (2018). A pragmatic promenade in the French landscape of colours. Dans Saint-Germier, P. (éd.). **Language, Evolution and Mind Essays in Honour of Anne Reboul**, 77-85. Londres, Royaume Uni: College Publications.

Ducrot, O. (1972). **Dire et ne pas dire : Principes de sémantique linguistique** (Collection savoir). Paris, France: Hemann.

COLÓQUIO INTERNACIONAL ENUNCIACÃO E ARGUMENTAÇÃO COLLOQUE INTERNACIONAL ÉNONCIATION ET ARGUMENTATION

A Semântica Argumentativa em diálogo
La Sémantique Argumentative en dialogue

Ducrot, O. (1984). **Le dire et le dit**. Paris, France : Les éditions de minuit.

Ducrot, O. (2000). **Le sens**. Conférence. Université de tous les savoirs (utl).
Disponível sur https://www.canal-u.tv/video/universite_de_tous_les_savoirs/le_sens.873

Gómez-Jordana Ferary, S. (2021), “El hablar como argumentación”. Dans Loureda, O. et Schrott, A. (éds.). **Manual de lingüística del texto. Manuals of Romance Linguistics (MLR)**. Berlin, Allemagne: Walter de Gruyter, pp.117-136.

Kerbrat-Orecchioni (2009). **L'énonciation**. Paris, France : Armand Collin.

Kleiber, G. (2007). Adjectifs de couleur et gradation : une énigme... très colorée. **Travaux de linguistique**, 55, 2, 9-44. DOI : doi:10.3917/tl.055.0009.

7, 8 e 9 de outubro de 2021
Les 7, 8 et 9 Octobre 2021

www.colenarg.paginas.ufsc.br

LES NOMS HISTORIQUES ET L'ÉVOCATION DE POINTS DE VUE DIALOGIQUE-ARGUMENTATIFS

Soledad Montero

Résumé : L'objectif de cette communication est de définir et d'analyser le fonctionnement dialogique-argumentatif des *noms historiques*. Les *noms historiques* sont des syntagmes nominaux circulant dans la presse et dans les discours politiques qui visent à nommer une période historique (Montero, sous presse), à l'occasion la dernière dictature militaire argentine: *Processus de Réorganisation Nationale, coup militaire, guerre sale, terrorisme d'État, dictature civile-militaire, la tragédie des années 70 et interruption de l'ordre démocratique*, parmi d'autres.

Étant donné que les dénominations sont des moyens d'ancrer les événements à la mémoire discursive (Moirand, 2007; Véniard, 2013; Calabrese, 2013) et qu'elles représentent l'énonciation comme renvoyant à des évidences incontestables et anhistoriques, nous nous intéressons à systématiser, d'après l'approche dialogique de l'argumentation et de la polyphonie (EDAP) (García Negroni, 2016, 2019), les mécanismes par lesquels la question du passé fut thématisée dans l'espace public argentin: les points de vue dialogique-argumentatifs que les noms historiques évoquent, les chaînes argumentatives dans lesquelles ils s'inscrivent et les polémiques dans lesquelles ils s'insèrent. Je me concentrerai sur la manière dont cet événement a été nommé à partir de l'analyse des paradigmes dénominatifs employés dans quelques discours et documents canoniques qui ont contribué à stabiliser des sens sur la dernière dictature militaire.

Mots-clés : Nom historique; Point De Vue, Mémoire discursive.

Bibliographie :

Calabrese, L. (2013). **L'événement en discours. Presse et mémoire sociale.** Paris: L'Harmattan.

García Negroni, M.M. (2016). "Discurso político, contradestinação indirecta y puntos de vista evidenciales. La multidestinação en el discurso político



COLÓQUIO INTERNACIONAL ENUNCIÇÃO E ARGUMENTAÇÃO
COLLOQUE INTERNACIONAL ÉNONCIATION ET ARGUMENTATION

A Semântica Argumentativa em diálogo
La Sémantique Argumentative en dialogue

revisitada”. **Revista ALED** 16 (1), 37-59.

García-Negróni, M.M. (2019). “El enfoque dialógico de la argumentación y la polifonía, puntos de vista evidenciales y puntos de vista alusivos”. **Rilce. Revista de Filología Hispánica**. 35 (2), 521 – 49.

Moirand, S. 2007. **Les discours de la presse quotidienne**. Paris: L’Harmattan.

Véniard, M. 2013. **La nomination des événements dans la presse. Essai de sémantique discursive**. Besançon: Presses Universitaires de Franche-Comté.



7, 8 e 9 de outubro de 2021
Les 7, 8 et 9 Octobre 2021

www.colenarg.paginas.ufsc.br

LES ÉNONCÉS GÉNÉRALISANTS ENTRE ON-LOCUTEUR ET IRRÉFUTABILITÉ

Anne-Laure Daux-Combaudon

Résumé : Dans un corpus de langue allemande, nous proposons d'analyser la spécificité énonciative des énoncés généralisants, qui les rend irréfutables. L'énoncé généralisant est défini comme un énoncé non réfutable d'un on-locuteur (Anscombe 2005) qui repose sur une opération de parcours (cf. la Théorie des opérations énonciatives d'Antoine Culioli) lors de laquelle toutes les occurrences d'une classe sont considérées, c'est-à-dire que toutes les positions sémantiques de cette classe sont parcourues sans que le curseur ne s'arrête sur aucune en particulier. Deux points sont centraux dans cette définition : 1) le critère énonciatif (la source responsable de l'énoncé ne peut pas l'avoir produit, car il s'agit de la doxa, l'opinion publique, une rumeur, une loi, un groupe donné de la société etc.) et 2) la validité pour une infinité de situations différentes (et non pas une situation particulière). Ce qui permet de parler aussi d'énonciation aphoristique (Maingueneau 2013). À titre d'exemples, on peut considérer les énoncés généralisants suivants :

1) *Erfahrung ist die wertvollste Orientierung.*

[L'expérience est la meilleure orientation]

2) *Moderne Technik steht jedem gut.*

[Une technique moderne va bien à tout le monde]

3) *Naturkatastrophen kann man nicht verhindern.*

[On ne peut pas empêcher les catastrophes naturelles]

4) *Nur wer für jeden Einzelnen da ist, kann für alle da sein.*

[Seul celui qui est là pour chacun peut être là pour tous]

5) *Manchmal reichen gute Gründe halt nicht.*

[Parfois les bonnes raisons ne suffisent pas]

6) *Auch als Single kann man glücklich sein.*

[Un célibataire aussi peut être heureux]

Leur irréfutabilité repose sur le critère énonciatif définitoire. Comme le souligne Ali Bouacha (1993) « tenir un contre-discours dans ces conditions oblige à des prises de position argumentativement marquées ». Ainsi, pour réfuter l'énoncé généralisant

7) Des frères, ça s'aide !

on pourrait imaginer

8) Des frères, c'est bien connu, ça ne s'aide pas !

9) Ils ont beau être frères, ils ne s'aident pas.

Les énoncés seront traités dans leur contexte afin de spécifier le statut du on-locuteur derrière les énoncés généralisants et de mettre en évidence leur dimension polyphonique. On s'intéressera notamment au décrochement énonciatif qui caractérise les énoncés généralisants en contexte et qui en fait des énoncés non réfutables et aux marqueurs de ce décrochement énonciatif. Un autre objet de la communication visera à préciser l'irréfutabilité des énoncés généralisants. À quelles conditions un énoncé généralisant peut-il être réfuté ? Qu'est-ce que cela implique pour le locuteur ? À quelles fins recourt-il à un énoncé généralisant ? Ces interrogations s'appuieront sur les fonctions textuelles identifiées pour les énoncés généralisants, à savoir éviter certains sujets, anticiper une opinion négative de l'interlocuteur, construire une cohérence thématique, assurer la compréhension (Daux-Combaudon 2012 et Daux-Combaudon 2014) – quatre fonctions à valeur fortement intersubjective.

Mots-clés : Énoncé généralisant ; On-locuteur ; Polyphonie ; Réfutation ; Irréfutabilité ; Intersubjectivité

Bibliographie indicative :

Ali Bouacha, A. 1993b, « L'énoncé généralisant : statut et enjeux », in Ch. Plantin (dir.), **Lieux communs, topoi, stéréotypes, clichés**, Paris, Kimé, 312-322.

Anscombre, J.-C., 2005 « Le on-locuteur : une entité aux multiples visages », in J. Bres *et al.* (dir.), **Dialogisme et polyphonie**. Approches linguistiques, Bruxelles, De Boeck Supérieur, 75-94.

Culioli, A. 1999. **Pour une linguistique de l'énonciation. Tome 3: Domaine notionnel**, Paris, Ophrys.



COLÓQUIO INTERNACIONAL ENUNCIÇÃO E ARGUMENTAÇÃO
COLLOQUE INTERNACIONAL ÉNONCIATION ET ARGUMENTATION

A Semântica Argumentativa em diálogo
La Sémantique Argumentative en dialogue

Daux-Combaudon, A.-L., 2012. « Verallgemeinernde Äußerungen zwischen Verständnissicherung und Unterhaltsamkeit », *in* A. Larrory-Wunder (dir.), **Intersubjektivität und Sprache. Zu Angleichungsphänomenen in der Kommunikation**, (= Eurogermanistik), Tübingen, Stauffenburg, 67-89.

Daux-Combaudon, A.-L., 2014. « Verallgemeinernde Äußerungen als Indizien von Dialogizität », *in* Berdychowska, Zofia / Janicka, Joanna / Vogelgesang-Doncer, Agnieszka (dir.), *Texte – Textsorten – Phänomene im Text*, (= Studien zur Text- und Diskursforschung ; 7), Francfort sur le Main, Peter Lang, 27-42.

Maingueneau, D. 2013. « Aphorisation et cadrage interprétatif », *in* **Redis: revista de estudos do discurso**, nº 2, 100-116.



7, 8 e 9 de outubro de 2021
Les 7, 8 et 9 Octobre 2021

www.colenarg.paginas.ufsc.br

ENTRE VÉRITÉ ET JUSTESSE : DU MORPHÈME
POLYFONCTIONNEL *ĐÚNG* AUX MARQUEURS D'ATTITUDE
ÉNONCIATIVE *ĐÚNG LÀ* ET *ĐÚNG RÒI* EN VIETNAMIEN PARLÉ.
REGARD CROISÉ AVEC *JUSTE* EN FRANÇAIS.

Dao Huy Linh

Résumé : Dans le cadre de cette étude, nous proposons une caractérisation sémanticopragmatique fine de *đúng là* et *đúng rồi* en vietnamien parlé, tous deux construits sur la base du morphème polyfonctionnel *đúng*. Ce dernier, qui peut être rendu en français par *exact, juste, exact, précis*, est susceptible de figurer dans une vaste gamme de contextes syntaxiques. En effet, *đúng* peut fonctionner comme un adjectif (épithète ou attribut) (1) ou un adverbe de constituant (modifieur de verbe, adverbe focalisateur ou paradigmatissant) (2). Il peut même servir de réponse courte à une question totale (3).

- (1) a. *Một câu trả lời hoàn toàn đúng.*
Un CL répondre totalement DUNG
'Une réponse entièrement vraie/tout à fait juste'
- b. *Câu trả lời của Marie không đúng.* CL répondre POSS
Nprop NEG DUNG
'La réponse de Marie n'est pas exacte/correcte.'
- c. *Marie đã đến lúc sáu giờ đúng.*
Nprop PERF arriver moment six heure DUNG
'Marie est arrivée à six heures exactes/précises/juste.'
- d. *Ti không bao giờ đúng giờ.* Nprop NEG
quand DUNG heure
'Ti n'est jamais ponctuelle/n'arrive jamais à l'heure.'
- (2) a. *Anh đã đoán đúng : Marie là thủ phạm.*
2SG PERF deviner DUNG Nprop être coupable
'Tu as deviné juste : Marie est le coupable.'
- b. *Marie là giáo sư nhưng không viết đúng chính tả.* Nprop
être professeur mais NEG écrire DUNG orthographe
'Marie est professeur mais elle fait des fautes d'orthographe.'
- c. *Marie ăn đúng hai cân thịt mỗi bữa.*
Nprop manger DUNG deux kilo viande chaque repas
'Marie a mangé juste/exactement deux kilogrammes de viande
par repas.'

d. *Marie về Pháp đúng dịp Covid-19 bùng phát.* Nprop
rentrer France DUNG moment Covid-19 éclater
'Marie est rentrée en France juste au moment où l'épidémie
Covid-19 a éclaté.'

(3) A: *Anh thích mùa thu ở Pháp, đúng không?*

2SG aimer saison automne LOC France DUNG NEG

'Tu aimes l'automne en France, est-ce bien cela?'

B: *Đúng!*

DUNG

'Oui/exact!'

Nous examinerons plus en détail les expressions *đúng là* (4) et *đúng rồi* (5) et montrerons qu'elles présentent des propriétés d'adverbes de phrase (Molinier 1990, 2009 ; Molinier & Levrier 2000 ; Anscombe 2009 et réf., Anscombe *et al.* 2009, entre autres). Si le premier peut être analysé comme un adverbe exprimant un commentaire du locuteur sur la formulation de l'énoncé, le second semble fonctionner comme un adverbe conjonctif ou connecteur avec une portée rétrospective sur le contexte gauche.

(4) a. *Nó đúng là ngu xuẩn!*

3SG DUNG LA stupide

'Il est vraiment stupide!'

b. *Đúng là nó ngu xuẩn.* DUNG LA 3SG stupide

'C'est vrai qu'il est stupide.'

c. *Nó đúng là chẳng hiểu gì! Nhưng thôi, bỏ qua!*

3Sg DUNG LA NEG saisir quoi Mais cesser passer

'Il ne comprend rien à rien! Mais bon, passons!'

d. *Đúng là nó chẳng hiểu gì. Nhưng thôi, bỏ qua!*

DUNG LA 3SG NEG saisir quoi Mais cesser passer

'C'est vrai qu'il ne comprend rien. Mais bon, passons!'

(5) a. A: *Câu trả lời này đã đúng chưa?*

CL répondre DEM PERF DUNG NEG

'Cette réponse est-elle bonne/correcte/juste?'

B: *Đúng rồi!*

DUNG ROI

'Oui (c'est correct/juste/bon)'

b. *À, đúng rồi, khi nào thì anh đi Pháp?* Ah, DUNG ROI

quand TOP 2SG aller France

‘Ah oui, au fait, quand est-ce que tu partiras pour la France ?’

Suivant Anscombre (2009 et réf.), nous tenterons de montrer que *đúng là* et *đúng rồi* sont des marqueurs d’attitude énonciative. L’analyse avancée s’articule autour de deux niveaux. Au premier niveau, nous partons de l’hypothèse selon laquelle l’invariant sémantique traversant tous les emplois de *đúng*, et donc de *đúng là* et *đúng rồi*, réside dans l’idée de la conformité, voire de l’identité, par rapport à un standard et, de manière plus générale, à un repère dont l’existence est présupposée. Au second niveau, nous défendons l’idée que *đúng là* et *đúng rồi* véhiculent deux attitudes énonciatives distinctes, divergence que l’on pourrait attribuer au à la contribution sémantique de *là* et de *rồi*. Si *là* est analysable comme un marqueur de focus à portée prospective (Dao 2019), *rồi*, en raison de son sémantisme perfectif et conclusif, sert à clôturer l’événement dénoté par le constituant à sa gauche, tout en permettant la transition avec une éventuelle séquence discursive à sa droite.

Ainsi, alors que *đúng rồi* traduit une attitude énonciative de disjonction thématique (cf. Flament-Boistrancourt 2009 sur *sinon*), *đúng là* correspond à une attitude d’assentiment, d’engagement et de prise de responsabilité. Au cœur de ces attitudes énonciatives se situe les notions de *pertinence* et de *justesse*. En effet, en employant *đúng rồi*, le locuteur L signale que ce qui lui apparaît pertinent et juste est le sujet qui suit, sujet qu’il considère comme plus important que ceux précédemment traités. Il convient de distinguer les cas où *đúng rồi* sert de réponse à une question d’information (5a) de ceux où il se comporte comme un adverbe de disjonction thématique (5b). Avec *đúng là*, L montre que son point de vue est conforme à ce qui a été présenté avant ou à la conclusion qui s’en dégage, qu’il s’agisse d’une proposition énoncée par un précédent énonciateur (4b,d) ou d’une conclusion à laquelle L est arrivé lui-même au travers d’expériences directes (4a,c). Nous montrerons que la position médiane (4a,c) (vs. frontale dans (4b,d)) de *đúng là* est corrélée avec un plus haut degré d’engagement ou de prise en charge énonciative de L, auquel cas cette expression pourrait s’analyser comme un marqueur exclamatif.

Vu sous cet angle, *đúng là* se rapproche de *juste* en français (cf. Dao, Do-Hurinville, Lafontaine 2020), ce dernier étant traité comme un adverbe de double modalisation, portant sur le dit et sur le dire : le terme sur lequel

portent *juste* et *đúng là* est le plus précis, le plus exact pour caractériser ce dont on parle et donc, il faut s'en contenter au lieu de chercher au-delà.

Abréviations : 2SG : 2^e personne, singulier ; 3SG : 3^e personne, singulier ; CL : classificateur ; DEM : démonstratif ; LOC : locatif ; Nprop : nom propre ; NEG : négation ; PERF : perfectif ; POSS : possessif ; TOP : topicaliseur.

Mots-clés : Marqueur d'attitude énonciative ; *đúng là*, *đúng rồi*, Vietnamien parlé ; *Juste* ; Adverbe d'énonciation ; Sémantique énonciative et instructionnelle.

Bibliographie :

Anscombre J.-C. (2009), « Des adverbes d'énonciation aux marqueurs d'attitude énonciative : le cas de la construction *tout* + Adjectif », **Langue française**, 161, pp. 59-80.

Anscombre J.-C., Rodríguez Somolinos A., Arroyo A., Rouanne L., Foullioux C., Saló M^a J., GómezJordana Ferary S. (2009), « Apparences, indices et attitude énonciative : le cas de apparemment », **Langue française**, 161, pp. 39-58.

Dao H.-L. (2019), « Dénouer la complexité de la périphérie gauche de l'énoncé vietnamien : aspects syntaxique et sémantique », in I. Burov & G. Fiorentino (éds), **Complexité des structures et des systèmes linguistiques : le cas des langues romanes**. Sofia, CU Romanistika, pp. 219-240.

Dao H.-L., Do-Hurinvillle D.-T., Lafontaine F. (2020), « Syntaxe et sémantique d'un nouvel emploi de *juste* : c'est juste inouï », in Dostie G., Desmoz F., Lefeuvre F. & Hadermann P. (éds.), **Le français innovant**, Peter Lang, collection "Sciences pour la communication", pp. 205-222.

Flament-Boistrancourt D. (2009), « *Sinon* marqueur énonciatif pour parler salaires et plus si affinités », **Langue française**, 161, pp. 81-96.

Molinier C. (1990), « Une classification des adverbes en *-ment* », **Langue française**, 142, pp. 28-40.

Molinier C. (2009), « Les Adverbes d'énonciation. Comment les définir et les sous-classifier ? », **Langue française**, 161, pp. 9-21.

Molinier C. & Levrier F. (2000), **Grammaire des adverbes. Description des formes en *-ment***, Genève:Paris, Droz.

LES CONSTRUCTIONS FRANÇAISES FONDAMENTALES : UNITÉ DE LANGUE ET DE DISCOURS ?

Yaiza Irene Hernández Muñoz

Résumé : Cette communication, issue d'un travail de thèse soutenu récemment, s'inscrit dans le domaine de la linguistique discursive et les travaux de la théorie argumentative de Anscombe et Ducrot (1983) ainsi que les travaux de Mel'čuk (2011). Les constructions françaises fondamentales sont des unités de langue qui se caractérisent par leur fort degré de figement et leur sémantique compositionnel, ce qui nous permet de formuler l'hypothèse qu'elles pourraient faire partie du domaine phraséologique. En 2017, le numéro de Langue Française intitulé : *Les constructions comme unités de la langue : illustrations, évaluation, critique*, est consacré à ces unités. Dès les premières pages, il est évoqué la nécessité d'une étude de ces unités en langue française. Ces unités qui suscitent un grand intérêt, preuve est la nombreuse littérature publiée récemment à ce sujet principalement en langue anglaise (Goldberg, 2006,2019), nous mènent à nous interroger aujourd'hui sur la relation entre ces unités en langue française et les domaines comme l'argumentation et la polyphonie. Notre objectif est celui de montrer de quelle manière la théorie argumentative est présente dans ces constructions françaises fondamentales à partir de l'analyse des exemples tirés de notre corpus : « Je suis Charlie », « Touche pas à mon pote » ; « Tout sauf Macron » ; « Je ne peux pas, j'ai piscine » ; « Il ne fallait pas l'inviter » ; « Je vous ai un peu compris ». Nous aurons l'occasion de voir que toutes ces constructions véhiculent des informations inférées malgré leur caractère compositionnel. Mais, quel type de mécanisme argumentatif est derrière l'énoncé « Je vous ai un peu compris » de Macron ? Est-ce le même schéma que pour la construction « Il ne fallait pas l'inviter » ou encore « Je suis Charlie » ? Notre intérêt sera de nous interroger sur les schémas argumentatifs des constructions qui pourraient nous diriger vers deux typologies de constructions différenciées : celles qui comportent un argument dit de « sentence » ou « sentencieux », et celles qui comportent un principe argumentatif qui donnent lieu à des enchainements particuliers, arguments, dans les deux types, qui pourraient persister dans les constructions moules (Hernández Muñoz, 2019). Nous traiterons également les constructions et ses

arguments en relation avec la notion de « culturème » et « identitème » (Boyer, 2016) dans les constructions comme « Je suis Charlie » ; « Je vous ai compris » ou « tout sauf Macron ». De quelle manière les arguments présents dans « Je suis Charlie » ; « Tout sauf Macron » et « Je vous ai un peu compris » permettent la création de la notion d'« identité » ? Finalement, au cours de cette communication, nous nous interrogerons à la manière dont l'étude de ces unités nous aideraient à repenser le domaine phraséologique, linguistique et d'enseignement du FLE étant donné leur nature d'unité de la langue à part entière et le rôle primordiale de la polyphonie dans les constructions. En définitive, nous sommes face à une unité de langue qui en accord avec le numéro 194 de langue française 2017 reste encore « inconnu » dans les théories en langue française, d'où l'importance de ce travail pour permettre d'ouvrir de nouveaux chemins de recherche.

Mots-clés : Constructions françaises fondamentales ; Figement ; Sémantisme ; Phraséologie ; Argumentation ; Discours, FLE.

Bibliographie :

Anscombre, J.-C. et Salah, M. (dir). (2011). **Le figement linguistique : la parole entravée**. Honoré Champion.

Anscombre, J.-C. (dir.). (1995). **Théorie des topoï**. Kimé.

Anscombre, J.-C. et Ducrot, O. (1983). *L'argumentation dans la langue*. Mardaga. Boyer, H. (2016). **Faits et gestes d'identité en discours**. L'Harmattan.

Ducrot, O. (1969). **Présupposés et sous-entendus**. Larousse.

Ducrot, O. (dir.). (1980). *Les mots du discours*. Les Éditions de Minuit.

Goldberg, A. (2019). **Explain me this: creativity, competition and the partial productivity of constructions**. Princeton university press.

Goldberg, A. (2006). **Constructions at work: The nature of Generalization in Language**. Oxford University Press.

Hernández Muñoz, Y. (2020). Les constructions françaises fondamentales : quelle place dans l'univers phraséologique ? Dans Salah, M., Meneses-Lerin, L. et Buffard-Moret, B. (dir.), **La phraséologie française en questions** (p.381-391). Hermann. Hernández Muñoz, Y. (2019). **Las construcciones francesas fundamentales: definición y aplicación de una nueva**



COLÓQUIO INTERNACIONAL ENUNCIÇÃO E ARGUMENTAÇÃO
COLLOQUE INTERNACIONAL ÉNONCIATION ET ARGUMENTATION

A Semântica Argumentativa em diálogo
La Sémantique Argumentative en dialogue

unidad fraseológica. [Thèse de Doctorat]. Université Complutense de Madrid.

Legallois, D. et Patard, A. (dir.). (2017). **Les constructions comme unités de la langue : illustrations, évaluation, critique.** Armand Colin.



7, 8 e 9 de outubro de 2021
Les 7, 8 et 9 Octobre 2021

www.colenarg.paginas.ufsc.br

**QUAND ECRIRE, C'EST FAIRE ? REDACTION JOURNALISTIQUE,
RECEPTION MEDIATIQUE, ET SAVOIRS SITUES AU PRISME DE
L'ENONCIATION**

Saveria Mendella

Résumé : A partir de l'étude énonciative d'un article du magazine Vogue Paris (Janvier 1940), l'intervention se concentrera sur les rôles des acteurs de l'énonciation médiatique et la spécificité matérielle et textuelle, soit discursive, des énoncés de presse écrite.

La construction du sens d'un texte médiatique, et donc médiatisé, ne peut s'interpréter au niveau du seul sujet écrivant. Pour des raisons matérielles, explicitées par le fonctionnement des rédactions de presse qui impliquent une (ré)écriture à plusieurs (journaliste, secrétaire de rédaction, rédacteur en chef), ainsi que pour des raisons textuelles. En effet, il s'agira de se demander si l'acteur parlant ne serait pas plutôt, avec les écrits de presse, l'acteur-en-lisant, ce dernier achevant de manière autonome le sens du texte médiatisé : 1) par la lecture, impliquant la modification de sa vision du monde (première phase évènementielle (Goffman, 1974)), 2) par l'action potentielle dans le monde suite à la lecture. La lecture, et plus précisément le récepteur réel, achève matériellement l'existence du texte de presse, sans laquelle le sujet écrivant n'obtiendrait pas son rôle de journaliste.

Au niveau sémantique, la nécessaire médiatisation d'un texte de presse pour légitimer son existence en tant que tel incite à introduire la notion de « lecteur mythique » qui coconstruirait le sens avec cet autre être du discours qu'est le locuteur.

Ainsi, en me basant sur les travaux de Donna Haraway (Savoirs Situés, 1988) la « vision » métaphorisée et médiatisée, devient ici la « rédaction » : seule voie accessible pour l'analyse sémantique et pour l'analyse de l'action avec les mots. Si le récepteur effectif devient un acteur potentiel, la construction du sens du discours rend également acteur du sens le lecteur mythique.

Situer au sein même de l'énoncé le rôle du lecteur mythique avec ou par opposition au locuteur permet ainsi de catégoriser les types d'énonciations.

Lorsque, en 1940, un journaliste du Vogue écrit : « Nous le savons, la mode doit être sobre et modeste », le pronom *nous* ne marque pas l'effacement

énonciatif du locuteur mais présuppose un accord antérieur entre le locuteur et le lecteur mythique, communément partagé par une certaine connaissance du monde (la seconde guerre mondiale). Cette connaissance du monde, nécessaire à l'interprétation, dépend en amont de la situation énonciative du lecteur mythique, auquel le locuteur fait appel pour valider son énonciation quasi historique. Le *nous* énoncé par le locuteur présuppose donc un lien avec cet autre être de discours : le lecteur mythique, qui est alors un acteur incorporé, par l'action énonciative du locuteur, ce dernier jouant alors le rôle d'acteur incorporant. Dans les textes médiatiques relatifs au secteur de la mode, la détermination du mode des énoncés au sein desquels interviendraient un certain ton (Lescano, 2009) permettent d'analyser les variations entre acteur incorporant ou acteur incorporé que s'appliquent respectivement le locuteur et le lecteur mythique selon le type d'énonciation.

La question se pose de savoir si le lecteur mythique intervient davantage (et est donc acteur incorporant) dans les énonciations historiques ou bien dans les énonciations discursives. Mais, en accord avec le fait que le texte contraint l'interprétation, il crée aussi un lien sémantique entre ses acteurs, ses êtres du discours, qu'il s'agit de définir.

Mots-clés : Énonciation ; Discours ; Presse

Bibliographie :

Austin, J-L. 1962/1970, **Quand dire c'est faire**, Austin John, Paris, Seuil.

Austin, J-L. 2007, **Le langage de la perception**, Vrin.

Bakhtine, M. & Voloshinov, V. 1972, **Marxisme et philosophie du langage**, Paris, Minuit.

Benveniste, E. 1966, **Problèmes de linguistique générale**, I, Paris, Gallimard.

Benveniste, E. 1972, **Problèmes de linguistique générale**, II, Paris, Gallimard.

Carel, M. 2013, « Énonciation et attribution de point de vue. Contre la théorie des énonciateurs-sources », In : D. Pirazzini, A. Schieman (éds), **Dialogizität in der Argumentation**. Berne : Peter Lang, p.53-67.

Carel, M. & Ducrot, O. 2009, « Mise au point sur la polyphonie », **Langue française**, n°164, p. 33-44.

Carel, M. & Ribard, D. 2019, « L'Acte de témoigner », **Antares**, volume 11, n°23, p. 3-23.

Carel, M. & Ribard, D. 2021, « Geste et actions avec les mots », à paraître.

Ducrot, O. 1984, **Le dire et le dit**, Paris, Minuit.

Foucault, M. 1966, **Les mots et les choses**, Paris, Gallimard.

Genette, G. 1972, **Figures III**. Paris : Seuil.

Goffman, E. 1974, **Les rites d'interaction**, Paris, Minuit. [L
SEP]

Haraway, D. 1988, « Situated Knowledges : The science Question in Feminism and the Privilege of Partial Perspective » in : *Feminist Studies*, n°3, pp.575-599, traduit par XXXX, sous le titre « Savoirs Situés » in : **Manifeste Cyborg et autres essais**. Science - Fiction - Féminisme. Broché, 2007, 333p.

Haraway, D. 2019, **Manifeste des espèces compagnes**, Flammarion.

Lescano, A. 2009, « Pour une étude du ton », **Langue Française** n° 164, 45-60.

Lescano, A. 2016, « Le sujet dans la langue. Théorie argumentative de la polyphonie et théorie sémantique », **Verbum** 38 n°1-2, p.3-29.

Marnette, S. 2004, « L'effacement énonciatif dans la presse contemporaine », **Langages** n°156, 51-64.

Rabatel, A. 2004, « L'effacement énonciatif dans les discours rapportés et ses effets pragmatiques », *Langages* n°156, 3-17.

Rabatel, A. 2006, « La dialogisation au coeur du couple polyphonie/dialogisme chez Bakhtine », **Revue Romane** n°41, 55-80.

**EDITORIAL ET CONSTRUCTION ÉNONCIATIVE DU SUJET
PARLANT : L'EXEMPLE DE LA DIMENSION ARGUMENTATIVE
DE L'ÉNALLAGE PRONOMINAL**

Valentin Pradelou

Résumé : Ducrot et Anscombe (1983) ont inscrit l'argumentation comme inhérente à la langue. Nous nous intéressons ici au genre de l'éditorial et à la dimension argumentative (Amossy 2018) que l'énallage (Kerbrat-Orechionni 1980) des pronoms personnels permet. L'énallage est à comprendre comme un décallage de valeurs à partir d'un sens usuel, chez Kerbrat-Orechionni (1980), permettant au locuteur de se muer en porte-parole de communautés plus ou moins élargies. Le concept de dimension argumentative chez Amossy renvoie au fait que l'argumentation se trouve en filigrane, à l'inverse d'une visée argumentative où le but de l'énonciateur apparaîtra clair par différents indices, notamment rhétoriques. Ceci rejoint les postulats de Ducrot et Anscombe (1983) suivis par Pop (2010), définissant l'argumentativité comme essentielle à la langue.

Nous proposons d'appliquer ce cadre théorique au genre fondamentalement argumentatif de l'éditorial dans la presse écrite. Cet article s'appuie sur un sujet d'actualité considéré comme important (Antoine et al. 1995 : 105-106) et en déploie un argumentaire, une interprétation, débouchant sur une morale. L'ancrage argumentatif du genre est notable dans son appartenance au pôle journalistique du commentaire (Herman et Jufer 2001). Cet article visant une interprétation argumentative d'un évènement d'actualité sert de vitrine idéologique du journal (*Ibid.*). L'éminence du genre de l'éditorial dans une rédaction est également à noter, normalement écrit par une personnalité importante du journal duquel il émane.

Dans son importance et dans sa visée argumentative inhérente, l'éditorial relève d'une propension à user de l'effacement énonciatif tel que défini chez Rabatel (2004) et Vion (2006) notamment, autrement dit la volonté pour le locuteur de s'effacer de son discours afin de le faire apparaître comme objectif. Ceci se remarque dans l'utilisation des pronoms dans le genre de l'éditorial : les pronoms tels JE ou VOUS, personnalisants et instaurant une tension forte entre locuteur et interlocuteurs (Lee 2003), sont évités au profit d'occurrences inclusives de NOUS ou de ON dans la dynamique de l'énallage chez Kerbrat-

Orecchioni (1980). Ceci se réalise dans le but de former le récepteur du message dans une mobilisation de la doxa (Lee 2003), témoignant d'une dimension argumentative, d'une volonté sous-jacente de faire adhérer le lecteur aux propos défendus. Cette volonté d'effacement énonciatif, voulant faire apparaître le discours comme objectif ne reste qu'un simulacre (Rabatel 2004) et témoigne d'une visée/dimension argumentative claire, dans le but d'inclure les interlocuteurs dans la démonstration. Le but étant d'agir argumentativement sur les interlocuteurs en leur faisant implicitement accepter le propos.

L'éditorial est également un genre particulièrement important qui, comme nous l'avons dit plus haut, représente la vitrine idéologique du journal dans lequel il est écrit (Herman et Jufer 2001). Plus que la simple subjectivité portée par l'écriture de l'article par l'éditorialiste, le genre de l'éditorial est à considérer comme appuyé par une rédaction, voire ses lecteurs. Le locuteur détient alors une légitimité et devient le détenteur du *skeptron*, chez Bourdieu (1982 : 111) cité par Lee (2003 : 155), c'est-à-dire « le sceptre (...) que, dans certaines sociétés, on passe à celui qui doit prendre la parole pour manifester qu'il est autorisé à le faire ». Le journaliste est alors légitime à représenter la rédaction, à mobiliser la doxa et à constituer le sujet énonciatif doxique (Lee 2003 : 72) par le biais de l'énullage des marques pronominales. L'éditorialiste devient le porte-parole d'une rédaction, et son texte détient une aura contextuelle supportant l'énullation et l'argumentation.

Cette communication aura ainsi pour but de dépeindre les dimensions énonciatives et argumentatives dans le genre de l'éditorial, avec pour vue d'ensemble la construction argumentative du point de vue explicité par l'énullage des marques pronominales attestées dans notre cadre théorique.

Mots-clés : Editorial ; Enallage ; Énullation ; Argumentation ; Dimension Argumentative.

Bibliographie :

Amossy, r., 2018 : « Introduction : la dimension argumentative du discours - enjeux théoriques et pratiques », **Argumentation et Analyse du Discours** [En ligne], 20. URL : <http://journals.openedition.org/aad/2560> ; DOI : 10.4000/aad.2560.

Anscombre, J.-C., Ducrot, O., 1983 : **L'argumentation dans la langue**, Mardaga, Coll. Philosophie et langage, 184p.

Antoine, F. et alii, 1995 : **Écrire au quotidien. Pratiques du journalisme**, Louvain-laNeuve, EVO-Communication.

Herman, T. ; Jufer, N. 2001 : « L'éditorial, « vitrine idéologique du journal » ? » Semen. **Revue de sémio-linguistique des textes et discours**, 13, Article 13. <https://doi.org/10.4000/semen.2610>

Kerbrat-Orecchioni, C. 1980 : **L'énonciation de la subjectivité dans le langage**, Paris, Armand Colin.

Lee, N.-S., 2003 : **Identité langagière du genre** ; analyse du discours éditorial, Éditions L'Harmattan. 220 pages. Collection Espaces discursifs

Pop, L. 2010 : « L'orientation dialogale : jusqu'où peuvent aller les discours médiatiques? », **Signes, Discours et Société, Discours et Institutions**, n°6.

Rabatel, A., 2004 : « Effacement énonciatif et effets argumentatifs indirects dans l'incipit du Mort qu'il faut de Semprun », **Semen** [En ligne], 17 | URL : <http://journals.openedition.org/semen/2334>

Vion, R., 2006 : « Reprise et modes d'implication énonciative », **La linguistique**, 2006/2 (Vol. 42), p. 11-28. DOI : 10.3917/ling.422.0011. URL : <https://www.cairn.info/revue-lalinguistique-2006-2-page-11.html>.